

ORGANIZADORAS  
Beatriz Aparecida Alencar  
Daniela de Souza Silva Costa

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA



ORGANIZADORAS  
Beatriz Aparecida Alencar  
Daniela de Souza Silva Costa

# VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA





**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MATO GROSSO DO SUL**

**Reitora**

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

**Vice-Reitor**

Albert Schiaveto de Souza

**Obra aprovada pelo**

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS  
RESOLUÇÃO nº 269-COED/AGECOM/UFMS,  
de 22 de JANEIRO de 2025.

**Conselho Editorial**

Rose Mara Pinheiro - Presidente  
Elizabete Aparecida Marques  
Alessandra Regina Borgo  
Maria Lígia Rodrigues Macedo  
Andrés Batista Cheung  
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz  
Maria Lígia Rodrigues Macedo  
Cid Naudi Silva Campos  
Andrés Batista Cheung  
Ronaldo José Moraca  
Fabio Oliveira Roque  
William Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Coordenadoria de Bibliotecas – UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

---

Varição linguística em perspectiva [recurso eletrônico] / organizadoras: Beatriz Aparecida Alencar,  
Daniela de Souza Silva Costa. – Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2025.  
377 p. : il. (algumas color.)

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>  
ISBN 978-85-7613-697-2  
Inclui bibliografia.

1. Linguística. 2. Linguagem e Línguas - Variação I. Alencar, Beatriz Aparecida. II. Costa, Daniela de Souza Silva. III. Título.

CDD (23) 469.709

---

Bibliotecário responsável: Valdeir da Silva Severino – CRB 1/3.044

ORGANIZADORAS  
**Beatriz Aparecida Alencar**  
**Daniela de Souza Silva Costa**

# **VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM PERSPECTIVA**

Campo Grande - MS  
2025



**© das organizadoras:**

Beatriz Aparecida Alencar  
Daniela de Souza Silva Costa

1ª edição: 2025

**Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica**

TIS Publicidade e Propaganda

**Revisão**

A revisão linguística e ortográfica  
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

**Direitos exclusivos para esta edição**



**Secretaria da Editora UFMS - SEDIT/AGECOM/UFMS**

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário  
Campo Grande - MS, 79070-900  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Fone: (67) 3345-7203  
e-mail: sedit.agecom@ufms.br

**Editora associada à**



ISBN: 978-85-7613-697-2

**Versão digital:** janeiro de 2025.

Obra contemplada no Edital AGECOM nº 07/2023

Seleção de Propostas para Apoio a Publicação de Livros Científicos em Formato Digital pela Editora UFMS – Publica UFMS/2023.



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais. [br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

# SUMÁRIO

|   |     |
|---|-----|
| <b>APRESENTAÇÃO</b> .....   | 08  |
| <b>CONTATO, VARIAÇÃO, MUDANÇA E ENSINO DE LÍNGUA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ DE MATO GROSSO DO SUL</b><br>Andérbio Márcio Silva Martins.....  | 12  |
| <b>VARIAÇÃO LEXICAL PARA ESTRELA D’ALVA E VIA LÁCTEA NAS COMUNIDADES INDÍGENAS DO POVO KARIPUNA DO AMAPÁ</b><br>Romário Duarte Sanches.....   | 41  |
| <b>O LÉXICO DAS BEBIDAS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: DISCUTINDO DADOS A RESPEITO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS</b><br>Oséias de Queiroz Santos e<br>José de Ribamar Mendes Bezerra ..... | 60  |
| <b>BILINGUISMO TALIAN-PORTUGUÊS NA ANTIGA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL</b><br>Camila Barili e Elisa Battisti .....   | 83  |
| <b>LÍNGUA MINORITÁRIA ALEMÃ NO NORTE DE MATO GROSSO: PERCEPÇÕES E ATITUDES DE INFORMANTES SOBRE SUA BILINGUALIDADE</b><br>Neusa Inês Philippsen .....                                 | 115 |
| <b>O CONTATO LINGUÍSTICO INTERVARIETAL DO PORTUGUÊS DE MIGRANTES DO SUL NO NORDESTE DO BRASIL</b><br>Márcia Meurer.....   | 141 |

**NOMES DAS “BANANAS QUE NASCEM GRUDADAS”:  
VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM  
CONTATO COM O ESPANHOL E O GUARANI**

Regiane Coelho Pereira Reis..... 168

**APAGAMENTO DOS RÓTICOS EM SERGIPE:  
UM PANORAMA INICIAL**

Ana Paula Silva ..... 200

**A SÍNCOPE DE VOGAIS POSTÔNICAS NO ESTADO  
DO PARÁ: SEDE DE MUNICÍPIOS E  
COMUNIDADES QUILOMBOLAS**

Jamille Cardoso e Cardoso ..... 217

**LÉXICO E DESENVOLVIMENTO DA NORMA CULTA**

Renan do Socorro dos Santos Borges ..... 244

**PALAVRAS, VARIAÇÃO E DIVERSÃO COM O CORPUS ALIB**

Alba Valéria Tinoco Alves Silva ..... 265

**BRINCADEIRAS INFANTIS NO ESTADO DE SÃO PAULO:  
UM ESTUDO DIATÓPICO E LÉXICO- SEMÂNTICO DE  
DENOMINAÇÕES PARA O ‘LENÇO-ATRÁS’**

Beatriz Aparecida Alencar ..... 286

**A CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME NÓS  
NA FALA MARANHENSE**

Elimária Oliveira Lima ..... 317

**ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS  
(ALRT): ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS,  
ESTRUTURAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

Amanda Chofard ..... 336

**DESAFIOS À LINGUÍSTICA POPULAR NO ESPAÇO-TEMPO**

Marcelo Rocha Barros Gonçalves ..... 354

**MINICURRÍCULO DOS AUTORES** ..... 371



## APRESENTAÇÃO

*Variação linguística em perspectiva* é um dos profícuos resultados do VI CIDS - Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística, que em 2022 foi sediado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. O referido Congresso versou sobre a variação linguística sob diversos enfoques, contemplando os diferentes saberes das disciplinas que lhe nomeiam.

Este livro, pois, traz textos selecionados dentre os trabalhos apresentados no VI CIDS que estudam contatos linguísticos, bilinguismo, variação linguística nos níveis fonético-fonológico, morfológico, lexical e sintático da língua, bem como o ensino de Língua Portuguesa.

Ele abriga 15 capítulos organizados dentre as áreas já mencionadas. *Contato, variação, mudança e ensino de língua entre os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul*, por exemplo, versa sobre determinantes extralinguísticos que atuam sobre as línguas, pensando na responsabilidade do professor indígena no que tange ao ensino da língua indígena, especialmente tratando a região do cone sul de Mato Grosso do Sul, que abriga as etnias Kaiowá e Guarani.

Também se referindo a línguas indígenas, o segundo capítulo, intitulado *Variação lexical para estrela d'alva e via láctea nas comunidades indígenas do povo Karipuna do Amapá*, estuda a nomeação de corpos celestes em língua portuguesa e em kheuól, considerada uma língua crioula de base francesa que é falada naquela região.

*O léxico das bebidas em São Luís do Maranhão: discutindo dados a respeito da Língua Brasileira de Sinais*, por sua vez, discute os nomes atribuídos a bebidas alcoólicas e não alcoólicas no léxico da Libras, língua oficial brasileira, por meio do estudo dos sinais utilizados na capital maranhense.

As autoras do quarto capítulo, *Bilinguismo talian-português na antiga região de colonização italiana do Rio Grande do Sul*, estudam o

bilinguismo, o contato linguístico e as dimensões do uso do talian em Garibaldi, cidade sul-rio-grandense, cotejando a partir de relatos e entrevistas dados linguísticos, compreendendo-os a partir de fatores extralinguísticos e demonstrando a vivacidade ainda dessa língua mesmo na área urbana, mantendo-se também tradições culturais.

Ainda sobre bilinguismo, *Língua minoritária alemã no Norte de Mato Grosso: percepções e atitudes de informantes sobre sua bilingualidade* estuda a manutenção e as impressões dos falantes sobre as variedades da língua alemã ainda faladas em Sinop, no Mato Grosso, a partir de entrevistas com descendentes de alemães, e como essa realidade ocorre em terras mato-grossenses. Também sobre contatos intervietais, *O contato linguístico intervietal do português de migrantes do sul no Nordeste do Brasil*, apresenta-nos, por seu turno, marcas regionais da língua relacionada a fatores que favorecem a manutenção, substituição ou alternância de variantes linguísticas, assim como os significados sociais que subjazem a esses usos em Balsas, no estado do Maranhão.

*Nomes das bananas que nascem grudadas: variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani* é nosso sétimo capítulo e versa sobre o contato entre línguas na fronteira Brasil-Paraguai a partir dos nomes para uma fruta bastante conhecida pelos brasileiros.

Já nosso oitavo capítulo representa os estudos fonético-fonológicos do Português do Brasil a partir da análise de parte do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil para compreender o *Apagamento dos róticos em Sergipe: um panorama inicial*. Também *A síncope das vogais postônicas no Estado do Pará: sede de municípios e comunidades quilombolas*, de Jamille Cardoso e Cardoso, contribui para essa área de investigação ao analisar o referido fenômeno no que tange às comunidades quilombolas da região Norte do país sob a perspectiva da Geossociolinguística.

Partindo para o nível lexical da língua, *Léxico e desenvolvimento da norma culta* nos convida para uma reflexão sobre o lugar do reper-

tório lexical no ensino de Língua Portuguesa, analisando o que precognizam os documentos oficiais e a realidade escolar no que diz respeito ao ensino da norma culta. Também sobre ensino do léxico, *Palavras, variação e diversão com o corpus ALiB* traz notícias de projeto que pensa sobre a compreensão do léxico, seu funcionamento e como este é trabalho em livros didáticos e em dicionários, inclusive com uma amostra de atividades elaboradas para sala de aula.

Estudando também léxico e diversão, *Brincadeiras infantis no estado de São Paulo: um estudo diatópico e léxico-semântico de denominações para o 'lenço-atrás'* analisa os nomes da referida brincadeira infantil documentados na fala de paulistas, apresentando-nos aspectos sobre a ocorrência dos designativos e sua motivação por meio de um estudo dialetológico e geolinguístico.

Representando a sintaxe, *A concordância verbal com o pronome nós na fala maranhense mostra como falantes da capital maranhense, São Luís, e da cidade de Barra do Corda, também no Maranhão, utilizam a concordância verbal a partir de estudo que considerou variáveis sociais e linguísticas para essa interpretação.*

*Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT): aspectos teórico-metodológicos, estruturação e desenvolvimento da pesquisa*, por sua vez, traz informações sobre o desenvolvimento de um atlas linguístico de pequeno domínio e suas etapas iniciais, demonstrando a importância de se estudar o Tropeirismo e sua influência na Região Sul, levando em consideração distintos processos migratórios, históricos e econômicos que contribuíram para a formação do Brasil.

Já nosso último capítulo, *Desafios à Linguística Popular no espaço-tempo*, como o próprio título antecipa, traz para o centro do debate linguístico a contribuição de não linguistas para o conhecimento e o entendimento das línguas, traçando um panorama geral das principais questões que norteiam essa abordagem teórica.

Enfim, *Variação linguística em perspectiva* se trata de uma obra que lança luz sobre estudos que se valem da Dialetologia e da Sociolinguística sob diferentes aspectos teóricos e metodológicos, ora tendo como foco essas disciplinas, ora conversando com elas para mostrar novos caminhos que as pesquisas podem trilhar, sempre em busca da compreensão da língua como um patrimônio cultural, que se transforma e se molda, não da mesma forma, mas caminhando junto às sociedades.

Esperamos, dessa forma, que nosso livro contribua para pesquisadores, estudantes e apaixonados em geral pela língua, aqui representada pelos temas tratados pelos capítulos escritos por pesquisadores de Norte a Sul do país.

Aproveitem a leitura!

As organizadoras

# CONTATO, VARIAÇÃO, MUDANÇA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA ENTRE OS GUARANI E KAIOWÁ DE MATO GROSSO DO SUL

*Andérbio Márcio Silva Martins*

## **Introdução**

As línguas indígenas brasileiras têm sido descritas e comparadas. As descrições têm dado conta de nos mostrar a estrutura e o funcionamento delas em determinado tempo e espaço, e as comparações têm nos possibilitado verificar como se comportam, em termos de conservação e mudança ao longo do tempo. Cabe observar, contudo, que estudos que tratam de variação linguística em línguas indígenas ainda são pouco desenvolvidos, o que tem chamado atenção de estudantes em cursos de formação de professores indígenas, que se deparam com variações de uso da língua em seus territórios, principalmente em situação de contato linguístico.

Neste capítulo, procuramos apresentar alguns fenômenos históricos, sociais e culturais que resultam em variações e mudanças linguísticas, sobre os quais o professor indígena pode refletir no seu dia a dia ao assumir a responsabilidade do ensino da língua na escola indígena. Para isso, tomamos como experiência o ensino do Kaiowá e do Guarani no cone sul de Mato Grosso do Sul.

O objetivo principal é apontar a realidade sociolinguística das áreas indígenas habitadas pelos Guarani e Kaiowá e como tal situação complexifica o ensino da língua. Chamamos ainda a atenção para a concepção intuitiva de língua e seu papel na organização social desses povos. Nesse sentido, se por um lado a fala dos mais jovens é compreendida pelos mais velhos como uma manifestação “corrompida” da

língua; por outro lado, a fala dos mais jovens indica o estado atual de sua condição como indígena em um ambiente intercultural sob forte influência de outras línguas, especialmente da língua portuguesa.

Advogamos, portanto, que esse conflito linguístico intergeracional corrobora o surgimento de preconceitos linguísticos no interior das áreas indígenas, o que somente nos últimos anos passa a ser alvo de reflexão por parte de professores guarani e kaiowá do cone sul de Mato Grosso do Sul.

## **1. Os Guarani e os Kaiowá de Mato Grosso do Sul**

De acordo com Chamorro (2015) e Cavalcante (2016), os Guarani e os Kaiowá de Mato Grosso do Sul estão distribuídos em diversos *tekoha kuéra* (territórios): são oito reservas indígenas, criadas entre 1915 e 1928 pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI), vinte e duas Terras Indígenas (TI), reconhecidas e demarcadas a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, e cerca de quarenta acampamentos (*tekojarã*). Conforme o Censo do IBGE de 2010 (IBGE, 2012), os Guarani e os Kaiowá do sul de Mato Grosso do Sul constituem uma população de 51.801 indivíduos. Desse total, segundo Cavalcante (2016), 38.525 vivem nas reservas; 10.646 nas TI e mais de dois mil vivem em acampamentos.

As reservas indígenas criadas pelo SPI são as seguintes: Amambai, Dourados, Caarapó, Porto Lindo, Taquaperi, Sassoró, Limão Verde e Pirajuí. Dessas, seis estão localizadas em áreas consideradas tradicionalmente kaiowá (Amambai, Dourados, Caarapó, Taquaperi, Sassoró e Limão Verde) e duas localizadas em áreas consideradas tradicionalmente guarani (Porto Lindo e Pirajuí). No entanto, nas reservas em áreas kaiowá, a presença de Guarani é muito comum, sobretudo na Reserva Indígena de Dourados (RID), composta por duas aldeias (Jaguapiru e Bororó). Na RID, além de Kaiowá e Guarani, há uma expressiva população Terena, desde a sua criação, em 1917, ou seja, são mais de cem anos de contato entre indígenas de diferentes etnias nessa reserva.

Pereira (2015) destaca que o território ocupado pelos Guarani antes da ocupação colonial ficava situado na margem direita do rio Iguatemi, mais próximo da atual fronteira com o Paraguai. Com a exploração da erva mate, iniciada a partir da penúltima década do século XIX, diversos processos de migração de várias comunidades da etnia Guarani ocorreram. Nesses deslocamentos, muitas famílias transferiram-se para a margem esquerda do rio Iguatemi, adentrando o território de ocupação tradicional kaiowá.

Com a criação da reserva de Dourados, por exemplo, em território kaiowá, os Guarani já estavam presentes na região e já interagiam com os Kaiowá em acampamentos de coleta de erva mate, acompanhando também os deslocamentos de famílias kaiowá para o interior das reservas. Algo semelhante ocorreu com famílias terena que se encontravam na região, inseridas nas formas de ocupação econômica introduzidas pelas frentes de expansão da sociedade nacional. Foram chegando à região no final do século XIX (após a Guerra do Paraguai contra a Tríplice Aliança) e nas primeiras décadas do século XX, auxiliando na implantação de redes de telégrafos. Com o fim dessa atividade, muitos Terena passaram a trabalhar nas fazendas que estavam sendo implantadas na época. É sabido que a aldeia Jaguapiru tem sido reconhecida como uma área dirigida pelos Terena, e a Bororó pelos Kaiowá. Embora haja Guarani nas duas aldeias, a sua presença na Jaguapiru é mais expressiva, não havendo um espaço de aldeia reconhecido como exclusivo para os Guarani.

Devido aos diversos problemas, resultantes principalmente da superlotação das reservas e também da complexa situação das aldeias mais antigas, muitas famílias vêm constituindo novos assentamentos/acampamentos, os quais têm sido chamados pelos indígenas de *tekoharã* (o que será *tekoha*, isto é, o que será o lugar de viver). Pereira (2006; 2010) relata que os acampamentos estão localizados na beira de rodo-

vias, na periferia das cidades próximas às antigas reservas e às terras indígenas, além de se situarem também próximos às terras reivindicadas pelos Guarani e Kaiowá. Em sua concepção, há quatro tipos de acampamento guarani e kaiowá: (1) os de retomada, que estão dentro das áreas reivindicadas; (2) os de beira de estrada, formados por famílias que já reocuparam suas antigas terras, mas foram expulsos; (3) os de periferia de cidades, constituídos por famílias que saíram de reservas, fugindo de conflitos e em busca de melhores condições de vida; e (4) os de fundo de fazenda, formando grupos que permanecem trabalhando nesses locais, regiões antes habitadas apenas por indígenas.

Conforme Benites e Pereira (2021), diversos conflitos ocorrem no espaço-tempo atual dos Guarani e Kaiowá, como consequência das perdas territoriais decorrentes da progressiva ocupação das terras por não indígenas desde o fim do século XIX. Os autores destacam dois períodos históricos e memoráveis para esses povos: *ára ymaguare* (tempo/espaço antigo) e o *ára pyahu* (tempo/espaço novo). Basicamente, o início do segundo período é o fim do primeiro, o que se dá a partir do contato mais intenso com os não indígenas na região durante o século XX.

O *ára pyahu* é marcado pela criação das reservas e por lutas constantes por demarcação de terras, além da realização de casamentos interétnicos e da busca por trabalhos fora das áreas indígenas. Nesse período é ampliada fortemente a dependência das cidades e do comércio local. É no *ára pyahu* que surgem as escolas em áreas indígenas, na perspectiva de constituição de uma Educação Escolar Indígena Guarani e Kaiowá. Nesse cenário, e mais recentemente, amplia-se o acesso a mídias e às novas tecnologias de comunicação e informação, acentuando também a necessidade de domínio da língua portuguesa.

Desse modo, no *ára pyahu* os Guarani e Kaiowá se encontram em um conflito permanente entre o *ava reko* (modo de vida indígena) e o *kari reko* (modo de vida não indígena) e frequentemente são levados a refletir sobre as nítidas diferenças entre o *ava reko ymaguare* (modo



de vida indígena tradicional, em referência ao passado) e o *ava reko pyahu* (modo de vida indígena atual, sob forte influência do modo de vida não indígena). Soma-se a isso o fato de que os territórios atuais são constituídos por famílias extensas distintas, o que leva à coexistência de modos de viver distintos (*teko kuéra*) e, em algumas dessas áreas, é comum a presença de famílias pertencentes a etnias diferentes.

Um exemplo dessa realidade é observado na RID, onde há, predominantemente, Kaiowá, Guarani e Terena, além de indígenas de outras etnias e também de não indígenas que passam a morar na região por se casarem com indígenas. E no que diz respeito exclusivamente aos Guarani e Kaiowá, por compartilharem de territórios em algumas áreas, torna-se comum também o casamento interétnico. Destaca-se, além disso, a migração de indígenas e de não indígenas oriundos do Paraguai e, em algumas vezes, famílias nucleares inteiras, para áreas habitadas por Guarani e Kaiowá no sul de Mato Grosso do Sul.

No que diz respeito à realidade socioeconômica nas áreas indígenas guarani e kaiowá, pode-se afirmar que esta é bastante diversificada. Muitas famílias dependem exclusivamente de benefícios sociais do governo; outras ainda se dedicam à produção de roça, cultivando alguns alimentos e, em áreas em que é possível a realização de caça e a prática da pesca, a alimentação, em alguma medida, provém dessas atividades. Ressalta-se que algumas famílias conseguem manter criações de animais de pequeno porte, como galinhas e porcos. Ademais, uma pequena parcela de indígenas dessas comunidades são servidores públicos. Os setores de maior empregabilidade dentro das áreas indígenas são o educacional e o de saúde. Em áreas que possuem escolas, temos a presença de professores indígenas e de outros funcionários, como secretário, cozinheiro, porteiro e outros que realizam serviços gerais, como o de limpeza e de manutenção. Na área da saúde temos também servidores vinculados à Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), atuando nos postos de saúde em áreas indígenas. Com esse retrato socioeconômico, nota-se que a proxi-

midade com a língua portuguesa está intimamente relacionada ao poder de consumo dos indígenas e ao acesso a bens e serviços.

Depreende-se, portanto, que a presença de Guarani e Kaiowá no mesmo território em um período de tempo considerável, o contato frequente com falantes de Guarani Paraguaio em determinadas regiões, a realização de casamentos interétnicos, a presença de não indígenas em áreas Guarani e Kaiowá e a necessidade de domínio da língua portuguesa, resultando em falantes bilíngues, produzem, muito provavelmente, fenômenos linguísticos interessantes nas línguas maternas dos Guarani e Kaiowá. Nesse sentido, estudos sobre línguas em contato, variação e mudança linguísticas poderiam ocupar um lugar importante no ensino de língua materna no âmbito da Educação Escolar Indígena, sobretudo nos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio de escolas indígenas guarani/kaiowá, mas, para isso, é necessário ainda ampliar o desenvolvimento de pesquisas linguísticas que possam, inclusive, subsidiar a formação de professores dessas etnias e, conseqüentemente, fundamentar a própria produção de materiais didáticos voltados para o ensino de língua indígena nos níveis de ensino em que ela é ofertada enquanto disciplina.

## **2. Línguas e dialetos “Guarani”: os estudos linguísticos e a realidade sociolinguística dos Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul**

Os estudos linguísticos da língua Kaiowá são desenvolvidos desde a segunda metade do século XX, com a atuação de linguistas missionários norte-americanos ligados ao SIL (Associação Internacional de Linguística). Em consulta ao site da instituição<sup>1</sup>, pode-se verificar a

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.silbrasil.org.br/resources/search/language/kgk>. Acesso em: 10 set. 2022.

existência de 76 produções acerca da língua e de aspectos culturais do povo Kaiowá, realizadas entre os anos de 1958 e 2010, com destaque para as áreas de Linguística, Antropologia e Educação.

Com a atuação dos primeiros estudiosos dessa língua, é estabelecida a primeira proposta de escrita prática, certamente com base nas análises fonológicas preliminares de Bridgeman (1960; 1961), de Harrison & Taylor (1958; 1971) e de estudos gramaticais realizados pelo casal John Michael Taylor e Audrey Helen Taylor (1966). A atuação desses missionários possibilitou a tradução da Bíblia. A publicação da tradução do Novo Testamento se deu em 1986 e de toda a Bíblia em 2013. Vale a pena mencionar ainda outros trabalhos realizados nessa primeira fase de estudos, como o de Bridgeman (1981), que faz uma explanação sobre a estrutura de discursos orais de diversas situações discursivas (doutrinários, instrucionais e conversacionais) e os de Taylor (1984a) e (1984b), sendo que o primeiro trata da marcação temporal na língua Kaiowá, e o segundo é sobre a interrogação nessa língua. Para além desses estudos, trabalhos com fins pedagógicos também foram elaborados, com o objetivo de facilitar o aprendizado da língua Kaiowá por outros missionários que viriam a trabalhar com o povo, como a “Gramática Pedagógica da Língua Kaiuá”, de J. Taylor e A. Taylor (s/d); e o de Bridgeman (2001), “Dicas sobre a língua Kaiowá”.

Os estudos linguísticos da língua Kaiowá prosseguem nos anos 2000, sendo realizados por pesquisadores com propósito exclusivamente acadêmico. É o caso de Cardoso, por exemplo, que produz uma dissertação de mestrado intitulada “Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani”, defendida em 2001. Em 2008, a pesquisadora defende sua tese de doutorado: “Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)”. Neste último trabalho, apresenta uma proposta de descrição das classes de palavras, dos tipos de predicado e da morfossintaxe de orações independentes e dependentes. Além disso,

Cardoso publicou inúmeros artigos sobre aspectos da língua Kaiowá, tanto em periódicos (2005a; 2006; 2008; 2009; 2010a; 2010b; 2014a) quanto em livros (2005b; 2010c; 2011; 2013; 2014b; 2014c; 2014d). No ano de 2015 publicou os resultados de sua tese em um livro intitulado “Descrição Gramatical do Kaiowá (Guarani)”.

Em 2011, Silva defende sua dissertação de mestrado intitulada “O uso de neologismos por empréstimo em Kaiwá: um estudo preliminar da versão do Novo Testamento Bíblico”. Em 2014, Barros defende a dissertação de mestrado intitulada “Dicionário Bilíngue Kaiwá-Português”. Ainda em 2014, Martins publica um artigo sobre a presença do prefixo correferencial de terceira pessoa em Kaiowá.

Em 2017 temos a publicação de um artigo sobre os prefixos relacionais em Kaiowá, escrito por Martins, Cabral, Mejia e Viegas. No mesmo ano, duas dissertações de mestrado sobre aspectos gramaticais da língua Kaiowá são defendidas: a de Mejia, que se trata de uma descrição morfológica dos verbos; e a de Viegas, que é uma proposta de descrição dos nomes e dos predicados nominais em Kaiowá.

Em 2018, Carvalho defende sua dissertação de mestrado intitulada “Análise Morfológica da Língua kaiowá: fundamentos para uma gramática e um dicionário bilíngue”. Destaca-se que se trata de autoria indígena, pois a mesma pertence ao povo Kaiowá e é falante nativa. No mesmo ano, em parceria com Marina Guajajara, Carvalho publica um artigo sobre a ocorrência da voz causativa-comitativa em Kaiowá e em Guajajára.

No ano de 2022, foi publicado, em formato digital, o primeiro dicionário Kaiowá-Português, elaborado por Graciela Chamorro. A versão impressa, revista e ampliada foi publicada em 2023. Trata-se de uma obra que reúne um conjunto expressivo do léxico da língua Kaiowá, com informações linguísticas e culturais importantes para a compreensão da visão de mundo desse povo.

É claro que outros estudos linguísticos foram realizados durante o período de 1958 a 2023 sobre a língua Kaiowá, mas os já citados nos dão uma base do quanto a língua tem sido seriamente estudada. São 65 anos de contribuição de diversos estudiosos ocupados com o registro, a análise e a descrição dessa língua. Entretanto, nota-se que estudos sobre variação e mudança linguística, especificamente nesta língua, ainda não receberam a atenção devida. Isso se torna um problema quando tratamos do ensino da língua indígena em ambiente escolar, como pode ser visto na próxima seção deste capítulo.

Para o Guarani falado em Mato Grosso do Sul, a realidade de estudos descritivos já não é a mesma. Os poucos estudos existentes foram realizados muito recentemente. Tudo indica que a falta de motivação para estudar essa língua é por causa da existência de estudos do Guarani falado em São Paulo e no Paraná. Além disso, por ser o Guarani falado em regiões de Mato Grosso do Sul que fazem fronteira com o Paraguai, o contato frequente e cada vez mais intenso com o Guarani Paraguaio tem contribuído com a diminuição das diferenças entre essas duas línguas, a ponto de serem, muitas vezes e equivocadamente, compreendidas como se fossem apenas uma, com suas variações dialetais. Nesse sentido, o Guarani de Mato Grosso do Sul passa a se diferenciar do Guarani falado em São Paulo e no Paraná e a se assemelhar ao Guarani Paraguaio, uma das línguas oficiais do Paraguai desde 1992, da qual se encontram falantes em território brasileiro e com os quais muitos indígenas mantêm algum tipo de relação.

Como o Guarani Paraguaio tem diversos estudos linguísticos, gramáticas e dicionários, além de intensa produção de materiais didáticos para o ensino da língua, parte desse material acaba chegando nas áreas indígenas guarani de Mato Grosso do Sul, servindo de fonte de consulta e até mesmo de parâmetro para o ensino da língua. Destaca-se que, diferentemente do que ocorreu com a inserção de linguistas mis-

sionários em áreas Kaiowá, os missionários que atuaram entre os Guarani do sul de Mato Grosso do Sul, a partir da segunda metade do século XX, não se ocuparam da descrição da língua, sendo sua fonte de estudos linguísticos o próprio Guarani Paraguaio e a interação com os Guarani na região sul mato-grossense, o que tem contribuído fortemente para se considerar o Guarani como uma única língua, sendo rotulada de Guarani Paraguaio no Paraguai e Guarani no sul de Mato Grosso do Sul.

Caso ainda não tenha ficado claro até aqui, há dois povos fortemente relacionados cultural e linguisticamente no sul de Mato Grosso do Sul e que, nos últimos cem anos, têm compartilhado de muitos de seus territórios. Trata-se do povo Kaiowá e do povo Guarani Ñandéva ou, simplesmente, Guarani, como se autodenominam. Entretanto, o termo “Guarani” é utilizado, muitas vezes, no sentido mais genérico, no qual é incluído também o povo Kaiowá. Essa generalização é muito comum na mídia local e por parte da população que desconhece ou ignora as diferenças linguísticas, culturais, históricas e territoriais entre as duas etnias. Do ponto de vista linguístico também há uma certa confusão: como se houvesse uma única língua, denominada Guarani, falada tanto pelos Kaiowá quanto pelos Guarani, sendo suas formas próprias de falar apenas dialetos de uma mesma língua.

Felizmente, aos poucos, isso tem sido desconstruído através de estudos mais recentes sobre a língua Kaiowá, como é o caso de Martins (2014), Martins, Cabral, Mejia e Viegas (2017), Martins, Catão, Vilhalva e Silva (2017), Martins e Viegas (2018; 2019), Mejia (2017), Viegas (2017), Carvalho (2018) e Chamorro (2022), fundamentados, sobretudo, em Rodrigues (1984/1985). Para este autor, Guarani Antigo (descrito no século XVII), Guarani Ñandéva, Kaiowá, Guarani Paraguaio, Mbyá, Xetá, Chané, Chiriguano, Tapieté e Isoceño constituem o sub-ramo I da família Tupí-Guaraní. A compreensão é de que se trata de línguas irmãs, que tiveram uma mesma origem. Esse

conjunto de línguas tem sido conhecido por ramo Guarani. Rodrigues (1984/1985) sugere que do Guarani Antigo procede o Guarani Paraguaio e o Ñandéva. Nesse sentido, é provável que o Kaiowá derive também do Guarani Antigo, conservando características, mas compartilhando inovações presentes no Guarani Ñandéva e no Guarani Paraguaio e, sem dúvida alguma, realizando suas próprias inovações. Contudo, para termos uma melhor compreensão das semelhanças e diferenças entre o Guarani Paraguaio, o Guarani Ñandéva e o Kaiowá, estudos comparativos que se encontram em andamento devam ser realizados de forma sistemática e substancial, já que análises superficiais e panorâmicas podem apontar para conclusões equivocadas.

Conhecendo a realidade sociolinguística dos Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul atual, não apenas por aplicações de questionários nas áreas indígenas, mas também pela própria convivência com falantes desses povos ao longo de um pouco mais de uma década, nos é permitido afirmar que a situação hoje é bem diferente daquela do início dos estudos linguísticos realizados a partir da segunda metade do século XX. Nota-se que, pela crescente intensidade de contato com a sociedade envolvente, o número de indivíduos bilíngues tem crescido gradativamente. Embora haja idosos monolíngues sem domínio da língua portuguesa, a parcela existente de jovens e adultos pode ser considerada bilíngue, tendo em vista que o português passou a ser necessário como forma de sobrevivência, uma vez que os habitantes das áreas indígenas dependem cada vez mais das cidades circunvizinhas por motivos econômicos e sociais. Entretanto, a língua aprendida no seio familiar continua sendo, predominantemente, a língua indígena. Dessa forma, as crianças, em grande medida, chegam monolíngues na escola e, a partir do sistema educacional formal, aprendem a língua portuguesa, tornando-se bilíngues durante o processo de escolarização, até atingir a adolescência.

O que temos, portanto, nas áreas indígenas guarani e kaiowá, são velhos monolíngues; adolescentes, jovens e adultos bilíngues; crianças monolíngues que entram em contato com a língua portuguesa na escola e, em alguns casos, aprendendo a língua portuguesa no ambiente familiar, por decisão dos pais. É claro que a aquisição de rádios, TV, celulares e o acesso à internet e às redes sociais têm contribuído com o aprendizado acelerado do português, principalmente entre os jovens, fascinados pela tecnologia, assim como todos nós.

Contudo, o contato linguístico entre línguas indígenas e o português não é uma novidade. Sabemos também que o português é uma língua dominante. Diante disso, ser bilíngue não é uma opção, mas uma necessidade. O mais interessante é que outros fenômenos de contato linguístico estão ocorrendo entre os Guarani e Kaiowá e estes ainda não foram alvos de estudos mais sistemáticos. Observa-se, claramente, que a língua portuguesa influencia o Kaiowá e o Guarani Ñandéva, e que o Guarani Paraguaio é influenciado pelo espanhol. Mas é importante também nos atentarmos para o fato de que o Guarani Paraguaio tem influenciado o Guarani Ñandéva e o Kaiowá, e que o Guarani Ñandéva, por sua vez, tem influenciado o Kaiowá. Essas influências se dão em contexto escolar e não escolar. É sabido, contudo, que as influências podem ocorrer de forma mútua, mas não parece ser este o caso.

Isso tem gerado variações linguísticas ainda não discutidas e refletidas, mas tem propiciado o desenvolvimento de posicionamentos pré-concebidos por parte de indígenas e não indígenas. O resultado disso é a concepção de “línguas misturadas”, tomando como princípio a existência de “línguas puras”, que estão se tornando “impuras”; “língua do passado” e “língua do presente”, que tem deslocado e restringido o uso de uma variedade linguística mais conservadora em detrimento de um uso “mais moderno” da língua. Diante disso, parece ser adequado que, no ensino de língua indígena, discussões acerca de contato, varia-



ção e mudança linguística sejam desenvolvidas. Conhecer a natureza das línguas pode ser também uma forma de se construírem políticas linguísticas cada vez mais acertadas em prol da sobrevivência e manutenção das mesmas, reconhecendo e respeitando a diversidade existente, decorrente das diferenças que as tornam únicas.

### **3. Contato, variação, mudança e ensino da língua materna entre os Guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul**

Como é sabido, as línguas variam no espaço e mudam com o tempo. Tanto as variações quanto as mudanças linguísticas ocorrem no nível fonológico, na gramática e no léxico de uma língua, normalmente impulsionadas por fatores cognitivos e socioculturais. O fato é que, por mais que se busquem mecanismos de controle, como o ensino da língua em ambientes formais de educação ou a sacralização da língua devido ao seu uso em rituais e práticas religiosas, não se apresentar de uma única forma no espaço-tempo parece ser a principal característica das línguas, isto é, variar e mudar são fenômenos inerentes a elas.

Do ponto de vista linguístico, avançamos quando aceitamos o caráter não estático e homogêneo de uma língua, mas estagnamos, muitas vezes, no ponto de vista social, quando não reconhecemos, respeitamos e valorizamos as variações linguísticas existentes. Isso decorre da falta de reflexão, entendimento e compreensão dos fatores que determinam a realidade sociolinguística de um povo.

Vimos na seção anterior que a língua Kaiowá e a língua Guarani provêm de uma única língua existente no passado. Isso quer dizer que, em princípio, o que possuem de características comuns são heranças de sua língua mãe. Nesse sentido, conservar é também uma propriedade das línguas. Isso quer dizer que as línguas, ao mesmo tempo, são conservadoras e inovadoras. Em um estudo sincrônico, ve-

mos como se comportam no momento da observação. Em um estudo diacrônico, vemos como se comportam ao longo de um determinado tempo, ou seja, o que elas conservam e o que nelas foi alterado. Contudo, em relação à língua Kaiowá e à língua Guarani, é possível que, em algumas regiões, compartilhem também características comuns via contato linguístico recente, uma vez que falantes de determinadas áreas passaram a conviver, de forma mais intensa, nos últimos cem anos.

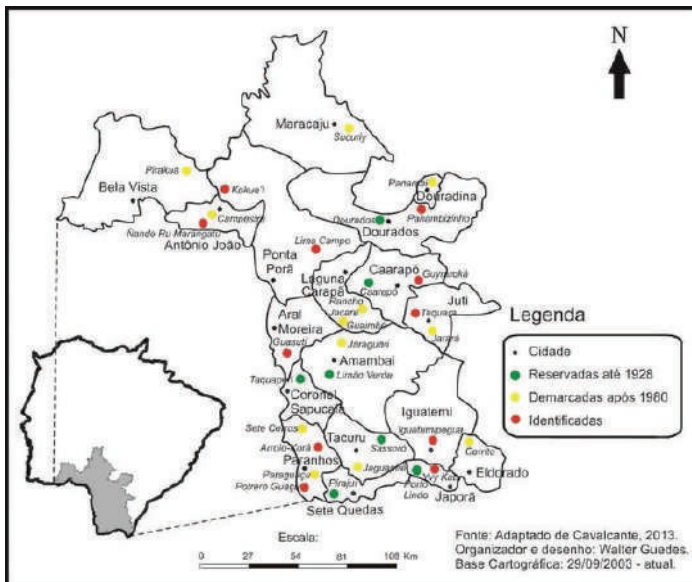
No caso das línguas Kaiowá e Guarani, cujos registros escritos mais sistemáticos só passaram a ocorrer muito recentemente, temos a dimensão dos processos de mudanças graças aos estudos histórico-comparativos já realizados até então e que envolvem as línguas da família Tupí-Guaraní e do próprio tronco Tupí, mas vamos precisar ainda do desenvolvimento de uma tradição escrita dessas línguas e de registros orais, para que, daqui a um século ou mais, por exemplo, possamos visualizar, em cada uma delas, de forma independente, que mudanças ocorreram nesse curto espaço de tempo.

Diferentemente das mudanças, as variações são facilmente observadas no estado atual das línguas: (a) a fala dos mais velhos se distingue da fala dos mais novos em alguns aspectos; e (b) a fala dos Kaiowá jovens em áreas em que predominam falantes kaiowá se distingue, em alguma medida, da fala dos Kaiowá jovens que se encontram em áreas compartilhadas com Guarani. É possível ainda que haja diferença entre falantes que habitam reservas e falantes que habitam Terras Indígenas e acampamentos. Além disso, por serem áreas descontínuas e por conta de uma diminuição dos fluxos migratórios entre as áreas, é provável que surjam (ou até mesmo que já existam) variações dialetais.

Seria interessante, por exemplo, comparar o Guarani Ñandéva falado na Reserva de Pirajuí, localizada no município de Paranhos-MS, com o que é falado na Reserva de Porto Lindo, localizado no município de Japorã-MS, cerca de 160 km de distância; ou mesmo o Kaiowá fala-

do em Panambizinho, localizado no município de Dourados-MS, com o que é falado em Pirakuá, localizado no município de Bela Vista-MS, cerca de 240 km de distância. O mapa extraído de Silva (2016) nos dá uma dimensão da distribuição territorial da maior parte das áreas guarani e kaiowá do cone sul de Mato Grosso do Sul. Nesse sentido, parece muito apropriado e necessário o desenvolvimento de estudos dialetológicos consistentes das línguas faladas pelos Guarani e Kaiowá dentro desse recorte territorial.

**Mapa 1:** Territórios guarani e Kaiowá de Mato Grosso do Sul



**Fonte:** Silva (2016).

É importante observar que, para os Guarani e Kaiowá, a língua é sagrada. É a verdadeira expressão da alma. Assim como se acredita que a alma veio de patamares superiores, a língua transcende esse mundo físico. Desse modo, é como se ela surgisse com a criação do cosmo

ou fosse mesmo anterior à criação, como se fizesse eterna e, portanto, atemporal. Com esse entendimento, não é tranquilo aceitar que mudanças linguísticas com o passar do tempo possam ser naturais e que as variações sejam também resultados da própria natureza linguística.

Na disciplina de Fundamentos Linguísticos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu* –, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), curso específico para os Guarani e Kaiowá do cone sul de Mato Grosso do Sul, cujo objetivo é formar professores para atuarem nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, prioritariamente em áreas indígenas, os estudantes em formação são levados a refletir sobre a constituição do Tronco Tupí e da família Tupí-Guaraní. É um verdadeiro choque cultural. Não é intuitiva a noção de diversificação linguística a partir de uma língua mãe, da qual descendem outras línguas com o passar do tempo.

Nesse sentido, variações linguísticas (responsáveis pelas mudanças linguísticas) são vistas como um acidente de percurso, uma vez que as observações mais evidentes de variação decorrem do contato com a língua portuguesa, da qual se tomam palavras emprestadas, inclusive para fazer referência a elementos que já fazem parte da própria cultura guarani e kaiowá no estado atual de uso dessas línguas. Enfim, uma língua que apresenta variações e mudanças parece se encontrar em um estado de grande fragilidade e enfraquecimento. Diante disso, busca-se fortalecer a língua, assumindo a ideia do retorno, de (re)aprender a língua do passado, ainda falada pelos mais velhos. Trata-se do ideal de “língua pura”, na qual não se observa claramente influência de outras línguas com as quais os velhos também entraram em contato no passado, e de “língua imutável”, como se ela devesse ter sempre a mesma aparência. Entretanto, sabemos que tanto o Kaiowá quanto o Guarani são reflexos de uma língua ancestral e que, em algum momento, sofreram maior influência do espanhol no passado, por exemplo, pois,

na fala dos mais velhos, esses indícios se fazem presentes, conforme pode ser verificado no dicionário Kaiowá-Português, organizado por Chamorro (2022), em que abundam exemplos de palavras oriundas do espanhol, adaptadas fonológica e gramaticalmente ao Kaiowá.

Por ser a língua perfeita e imutável para os Guarani e Kaiowá, mudanças fazem referência a períodos de crise, o que gera a necessidade de identificar as causas e buscar soluções para os problemas. O contato com a língua portuguesa, nesse caso, ameaça a existência e a manutenção da língua indígena, tal qual foi transmitida pelos antepassados. É preciso buscar estratégias para frear as influências. Uma delas é o ensino da língua materna em ambiente escolar desde os anos iniciais. A ideia é ser alfabetizado primeiramente na própria língua e dar continuidade ao ensino da língua nos anos seguintes. Em escolas indígenas guarani e kaiowá cujo Ensino Fundamental completo (e, em alguns casos, até mesmo o Ensino Médio) é ofertado, há uma disciplina de língua indígena, usada para fortalecer o seu uso com a transmissão de conhecimentos tradicionais. É um momento de valorização do passado e de presentificação na condução do ensino da língua por parte dos professores guarani e kaiowá. Dessa forma, é vista como ameaçadora da sobrevivência de uma língua indígena apenas a língua do não indígena.

Entretanto, se problematizarmos mais a questão do contato linguístico, verificamos que a língua Kaiowá em territórios compartilhados por Guarani ou que se encontram em regiões de fronteira com o Paraguai parece atuar em situações cada vez mais restritas, sendo o seio familiar o lugar mais confortável de usar a língua que se aprendeu com seus pais ou, em muitos casos, com seus avós, pois, ao chegar à escola, deparam-se com outras formas de falar diferentes da sua. Para se adequar ao novo ambiente e se sentir pertencente ao grupo, é necessário se esforçar para diminuir as diferenças linguísticas, o que possivelmente evita sofrer preconceitos linguísticos.

Basicamente, para muitas crianças e adolescentes dessas áreas, a língua Kaiowá é uma variação linguística que identifica os velhos, pois se trataria de uma língua do passado, uma língua antiga. Não é intuitivo que se trata de uma língua viva e funcional e que seu uso predomina em áreas sob o domínio exclusivo dos Kaiowá. É justamente, portanto, nas áreas em que há a interação entre Guarani e Kaiowá que se deveria refletir mais sobre língua, dialeto, variações e mudanças, e a disciplina de língua indígena nessas áreas poderia abrir um pouco de espaço para isso, já que, muitas vezes, o que se nota é o foco na diferença da escolha de letras para escrever determinadas palavras. Isso se dá pelo fato de que, nos territórios guarani e kaiowá, sobrepõe-se o uso da escrita criada pela Missão Caiuá para a língua Kaiowá e o uso da escrita oriunda do Guarani Paraguaio para representar a língua Guarani. No final das contas, o que se tem é uma discussão mais política e identitária do que propriamente linguística.

Por fim, para resolver o conflito “não puramente linguístico”, em alguns casos, adota-se um modelo de escrita consensuada entre os professores indígenas, padronizando a forma de escrever, o que evita também confusão entre os alunos, mas as diferenças linguísticas persistem na fala dos Guarani e Kaiowá, e estas não parecem ser ainda alvo de reflexão no ensino da língua materna que, de forma mais apropriada nessas situações, deveria ser considerado no plural: o ensino das línguas maternas, considerando a presença de alunos kaiowá, que trazem de casa o domínio da língua aprendida com os pais ou avós; e a presença de alunos guarani, cuja aquisição linguística também se deu no seio familiar, podendo, inclusive, ampliar a reflexão linguística para os casos em que se tem a presença de alunos que são frutos de casamentos interétnicos. No mais, essa realidade tem apontado para o surgimento de uma espécie de Guarani *Standard*, como sugerem Martins e Chamorro (2018). Eis aí mais um motivo para que sejam aprofundados os estudos de contato linguístico entre os Guarani e Kaiowá da região sul

de Mato Grosso do Sul, pois uma escrita consensuada apenas mascara a diversidade linguística ainda em evidência.

Agora, partindo do princípio de que existam duas línguas: Guaraní e Kaiowá, e que ambas variam, nota-se uma relação de prestígio social em alguns contextos de interação e uma neutralidade de prestígio em outros contextos. Entre falantes de Kaiowá, é importante que se mantenham os traços que delineiam essa língua, do mesmo modo ocorre entre os Guaraní. Quando os Kaiowá são minoria numa interação entre os Guaraní, nota-se o maior prestígio da língua Guaraní e vice-versa. Em reuniões ampliadas, cuja presença de lideranças indígenas guarani e kaiowá são indispensáveis, as falas de maiores prestígios são as que ocorrem sem empréstimos do português e que podem, em certa medida, serem compreendidas tanto por Guaraní quanto por Kaiowá, mas quando se trata de assuntos que fazem referência ao mundo não indígena e que precisam ser compreendidos por indígenas, os empréstimos do português na fala dos interlocutores demonstram domínio do mundo não indígena e transmitem maior segurança aos ouvintes, pois passam a ideia de que eles estão transitando entre os dois mundos. Vemos, dessa forma, que língua é poder e que seu domínio nas mais diversas situações resulta em prestígio social.

Além disso, ao retornarmos à concepção de que a língua é sagrada para os Guaraní e Kaiowá, vemos, de forma unânime, o respeito pelo domínio linguístico dos mestres tradicionais masculinos, chamados de *Ñanderu* (rezador, literalmente “nosso pai”) e das mestras tradicionais, chamadas de *Ñandesy* (rezadora, literalmente “nossa mãe”). Trata-se de pessoas de alto desenvolvimento espiritual e de relacionamento constante com os seres divinizados. Dominam as rezas/cantos, que é o *ñeñ tee*, ou seja, a língua verdadeira. É no canto/reza que verificamos o uso mais conservador dessas línguas, chegando a ser incompreensível para muitos jovens falantes. Seu aprendizado é destinado àqueles que são

preparados para dar continuidade aos rituais, portanto, para eles são transmitidos os conhecimentos tradicionais, que os mantêm vivos e que sustentam esses povos. Dessa forma, *Ñanderu* e *Ñandesy* são os maiores detentores dos conhecimentos tradicionais e os que possuem domínio linguístico de maior prestígio, pois não apenas sabem se comunicar com os demais indígenas, mas também com os seres divinizados que habitam patamares superiores e que possuem plenos poderes para manterem a vida aqui na terra.

Infere-se, dessa realidade, que a fala dos jovens indígenas guarani e kaiowá, sob forte influência da língua portuguesa, está na contramão do domínio linguístico de maior prestígio, pois revela sua forte aproximação e apropriação do modo de ser do não indígena e, em alguma medida, o seu distanciamento do modo de ser tradicional. Estão cada vez mais sob o efeito do encantamento proporcionado pelo que se pode usufruir da relação com os não indígenas. Desse modo, suas falas carregadas de vocabulário proveniente da língua portuguesa os levam a ser vítima de preconceito linguístico por parte daqueles mais ligados à tradição. Indubitavelmente, o domínio linguístico ideal é aquele que busca o equilíbrio, ou seja, que domina a maior variedade linguística possível e saiba fazer uso de uma ou outra nas situações adequadas. Eis aí o maior desafio do ensino de língua materna para os Guarani e Kaiowá. É a existência real de variedades linguísticas no contexto guarani e kaiowá que torna o ensino de língua materna complexo, e é contra o preconceito linguístico, resultante da ideia de uma “língua pura” e do surgimento de uma “língua misturada” que professores indígenas precisam lutar, para que haja mais harmonia na convivência entre os mais apegados à tradição e os que têm se distanciado dela, mas que se assumem também como Guarani e Kaiowá verdadeiros.

Nesse sentido, o ensino da língua materna não precisa se restringir ao ensino da escrita, à transmissão de conhecimentos tradicionais e à ad-



vertência quanto ao uso de empréstimos de palavras e expressões oriundas da língua portuguesa, mas pode incluir reflexões linguísticas que levam à conservação, à variação e à mudança linguísticas, através de estudos sistemáticos sobre a estrutura, o funcionamento e o uso da língua nas mais diversas situações existentes, sobretudo situações de contato linguístico evidente. Para isso, deve contribuir bastante a formação linguística dada na área de Linguagens do curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu* - e a inserção de indígenas Guarani e Kaiowá em Programas de Pós-Graduação em Linguística para estudar as suas próprias línguas, algo que vem se dando somente a partir do final da década passada. Por fim, muito importante ainda é o desenvolvimento de estudos que evidenciam as diferenças linguísticas existentes entre a língua Kaiowá e o Guarani Nandéva, no âmbito da fonologia, da gramática e do léxico, o que pode, inclusive, ser feito com muita propriedade por indígenas dessas etnias, desde que obtenham uma formação linguística para isso.

## **Conclusão**

Neste capítulo priorizamos a discussão sobre o ensino da língua materna no contexto guarani e kaiowá do cone sul de Mato Grosso do Sul a partir de fenômenos históricos, sociais e culturais que levam à existência de variações linguísticas nas áreas indígenas, sendo parte delas reflexo do contato linguístico inevitável. Partimos do pressuposto de que tanto o Kaiowá quanto o Guarani são línguas autônomas, mas que podem estar sofrendo uma espécie de fusão nas áreas em que Kaiowá e Guarani se encontram em maior interação. Como tal, torna-se necessário refletir sobre o ensino de língua materna em territórios compartilhados tanto por Kaiowá quanto por Guarani, para que as duas línguas tenham espaço na escola, sem que uma seja alçada ao *status* de dialeto antigo e outra ao de um dialeto moderno de uma mesma língua.

O contato linguístico do Kaiowá com o Guarani e este, por sua vez, com o Guarani Paraguaio nos territórios guarani/kaiowá, pode resultar em diminuição das diferenças entre as línguas, devido à necessidade de ajustes comunicativos entre os falantes. Nesses casos, a língua que mais se diferencia, o Kaiowá, pode, com o tempo, sofrer apagamentos de suas características próprias, em prol de um Guarani *Standard*. Diante dessa questão, o ensino da língua materna poderia ser compreendido de forma mais plural: o ensino das línguas maternas, colocando em evidência as diferenças linguísticas existentes entre o Guarani e o Kaiowá e a necessidade de adequação do uso das línguas nas mais diversas situações, considerando cada uma delas com suas respectivas variações linguísticas.

Buscamos apontar também que a fala dos Guarani e Kaiowá bilíngues pode ser enriquecida com o aprendizado de outras variedades linguísticas que ainda não dominam. É comum o uso da língua por jovens guarani e kaiowá sob forte influência da língua portuguesa nos dias de hoje, sendo esta variedade com menor prestígio social, na visão dos mais velhos. Portanto, torna-se importante o aprendizado da variedade de maior prestígio, que é a variedade linguística ancestral. Diante disso, a escola guarani e kaiowá tem investido no ensino da língua a partir da transmissão de conhecimentos tradicionais, para além do processo de alfabetização em língua materna. Sugerimos, contudo, que no ensino se tenha espaço também para reflexões linguísticas, que põem em relevo as estruturas, as formas de funcionamento, as variações e as mudanças linguísticas. Desse modo, pode-se compreender melhor a língua como algo dinâmico e heterogêneo, afastando-se de preconceitos linguísticos já existentes e evitando a formação de conflitos linguísticos internos.

Por fim, destacamos a necessidade de ampliação e aprofundamento das pesquisas linguísticas das línguas Kaiowá e Guarani, sobre-

tudo estudos dialetológicos, levando em consideração a distribuição territorial desses povos no cone sul de Mato Grosso do Sul, além de estudos comparativos que possam evidenciar as semelhanças e diferenças existentes entre essas línguas. Nesse sentido, é fundamental que sejam ampliados os estudos do Guarani Ñandéva falado nessa região. Para isso, contamos agora, mais do que nunca, com o protagonismo de indígenas dessas etnias, que começam a ocupar espaço nas discussões linguísticas acerca de suas próprias línguas nas universidades brasileiras.

## Referências

BARROS, Eliane Berendina Loman de. 2014. 242f. **Dicionário bilíngue Kaiwá-Português**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2014.

BENITES, Eliel; PEREIRA, Levi Marques. Os conhecimentos dos guardiões dos modos de ser – teko jára, habitantes de patamares de existência tangíveis e intangíveis e a produção dos coletivos Kaiowá e Guarani. **Tellus**, Campo Grande, MS, ano 21, n. 44, p. 195-226, jan./abr., 2021.

BRIDGEMAN, Loraine Irene. A note on stress in Kaiwá. **Arquivo Linguístico no 225**. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistic, 1960.

BRIDGEMAN, Loraine Irene. Kaiwa (Guarani) phonology. **International Journal of American Linguistics**, Chicago, 27, 1961, p. 329-334.

BRIDGEMAN, Loraine Irene. **O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani**. Brasília-DF: Summer Institute of Linguistics, 1981.

BRIDGEMAN, Loraine Irene. Dicas sobre a língua Kaiowá. **Sociedade Internacional de Linguística** – SIL, Brasília, 2001.

CARDOSO, Valéria Faria. 2001. 115f. **Um estudo de categorias sintagmáticas da língua Kaiowá/Guarani**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas-MS, 2001.

CARDOSO, Valéria Faria. Estudo Preliminar da Morfossintaxe Verbal da Língua Kaiowá-Guarani. *Estudos Lingüísticos GEL*, v. XXXIV, p. 714-719, 2005a. Disponível em:

<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/estudo-preliminar-da-morfossintaxe-1216.pdf?/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/estudo-preliminar-da-morfossintaxe-1216.pdf>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2022.

CARDOSO, Valéria Faria. Categorias Sintagmáticas Lexicais da Língua Kaiowá-Guarani. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Identidade Cultural e Linguagem**. Campinas - Cáceres: Pontes e Unemat editora, 2005b, p. 83-93.

CARDOSO, Valéria Faria. Marcadores de Pessoa em Kaiowá/Guarani. **Ave Palavra** (UNEMAT), Alto Araguaia, v. 1, p. 15-30, 2006.

CARDOSO, Valéria Faria. 2008. 279f. **Aspectos Morfossintáticos da Língua Kaiowá (Guarani)**. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas-SP, 2008a.

CARDOSO, Valéria Faria. Negação em Kaiowá (Guarani). **Ave Palavra** (UNEMAT), Alto Araguaia, v. 10, p. 1-7, 2008b.

CARDOSO, Valéria Faria. Sistematização da Fonologia Kaiowá: nasa-lização e/ou oralização. **Sínteses** (UNICAMP. Online), v. 14, p. 31-72, 2009.

CARDOSO, Valéria Faria. Inversión semántica en Kaiowá. **Lengua y Literatura Mapuche**, Temuco, v. 14, p. 20-32, 2010a.

CARDOSO, Valéria Faria. O idioma guarani e suas variações. **IHU On-Line** (UNISINOS. Impresso), São Leopoldo, v. x, p. 25-26, 2010b.

CARDOSO, Valéria Faria. A língua guarani e o português no Brasil. In: NOLL, Volker; Wolf Dietrich. (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo-SP: Editora Contexto, 2010c, p. 155-166.

CARDOSO, Valéria Faria. Gramática Kaiowá: estratégias de marcação de caso. In: OLIVEIRA, D. P. de. (Org.). **Estudos linguísticos** - gramática e variação. Campo Grande-MS: Ed. UFMS, 2011, v. 1, p. 75-90.

CARDOSO, Valéria Faria. Sujeito bilíngue em situação de contato: o português e o guarani. In: MALUF-SOUZA, O.; SILVA, V.; ALMEIDA, E. de; BISINOTO, L. S. J. B. (Orgs.). **Discurso, sujeito e memória**. Campinas-SP: Pontes, 2013, v. 0, p. 21-31.

CARDOSO, Valéria Faria. Contato de línguas: o português e o kaiowá/guarani. **III Encuentro de Lenguas Indígenas Americanas**, Viedma, v. 1, p. 79-90, 2014a.

CARDOSO, Valéria Faria. O português de contato dos Kaiowá (Guarani). In: FERREIRA, R. V.; SÁ AMADO, R. de; CRISTINO, B. P. (Orgs.). **Português Indígena: novas reflexões**. München - Alemanha: LINCOM Studies in Romance Linguistics, 2014b, v. 1, p. 50-70.

CARDOSO, Valéria Faria. A variedade kaiowá (guarani) e seu contexto multilíngue. In: PRIA, A. D.; MORALIS, E. G.; CARDOSO-CARVALHO, V. F.; CARVALHO, G. A. de. (Org.). **Linguagem e línguas:**

invariância e variação. Campinas-SP: Pontes, 2014c, v. 1, p. 59-70.

CARDOSO, Valéria Faria. Contato de língua o português e o Kaiowá (guarani). In: MALVESTITTI, M.; DREIDEMIE, P. (Orgs.). **III Encontro de Línguas Indígenas Americanas**. Libro de Actas. Bariloche-AR: Viedma, 2014d, v. 1, p. 79-90.

CARDOSO, Valéria Faria. **Descrição Gramatical do Kaiowá (Guarani)**. Reino Unido e Alemanha: NEA - Novas Edições Acadêmicas, 2015. v.1.

CARVALHO, Rosileide Barbosa de. 2018. 116f. **Análise Morfológica da Língua Kaiowá**: fundamentos para uma gramática e um dicionário bilíngue. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

CARVALHO, Rosileide Barbosa de; GUAJAJÁRA, Marina Cintia da Silva. Notas sobre a voz causativa-comitativa em Kaiowá e Guajajára. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v.10, n. 2, dezembro de 2018, p. 335-345.

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. **Colonialismo, Território e Territorialidade**: a luta pela terra dos Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

CHAMORRO, Graciela. **História Kaiowa**: Das Origens aos Desafios Contemporâneos. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2015.

CHAMORRO, Graciela. **Dicionário Kaiowá-Português**. Belo Horizonte: Editora Javali, 2022.

HARRISON, Carl; TAYLOR, John. Kaiwá phonemes and syllable structure. **Summer Institute of Linguistics**, 1958.

HARRISON, Carl; TAYLOR, John. Nasalization in Kaiwá. In: BEN-

DOR-SAMUEL, D (org.). **Tupi Studies 1**, University of Oklahoma, Norman, 1971, p. 15-20.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Os indígenas no censo demográfico de 2010**: primeiras considerações com base no quesito raça ou cor. Rio de Janeiro: IBGE, 2012, p. 4-31. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena\\_censo2010.pdf](https://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf). Acesso em: 05 de fevereiro de 2022.

MARTINS, Andérbio Márcio Silva. A presença do prefixo correferencial de terceira pessoa em uma variedade da língua Kaiowá. In: PRIA, Albano Dalla *et al.* (Orgs.). **Linguagem e línguas**: invariância e variação. Campinas-SP: Pontes, 2014, p. 45-58

MARTINS, Andérbio Márcio Silva; CABRAL, Ana Suelly Arruda; MEJIA, Blanca Flor Demenjour Munoz; VIEGAS, Livia Ribeiro. Prefixos Relacionais em Kaiowá. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília, v. 9, p. 71-105, 2017.

MARTINS, Andérbio Márcio Silva; CATAO, Hemerson Vargas; VILHALVA, Felizberto; SILVA, Eldo. Argumento e predicado em Kaiowá: uma proposta de análise linguística para o ensino de verbos e nomes nas escolas indígenas guarani e kaiowá. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 8, p. 15-45, 2017.

MARTINS, Andérbio Márcio Silva; CHAMORRO, Graciela. Diversidade Linguística em Mato Grosso do Sul. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (Orgs.). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: história, cultura e transformações sociais. Dourados: Editora UFGD, 2018, v. 1, p. 729-744.

MARTINS, Andérbio Márcio Silva; VIEGAS, Livia Ribeiro. Predicados Nominais em Kaiowá. **Moara**, Belém, v. 2, p. 38-51, 2018.

MARTINS, Andérbio Márcio da Silva; VIEGAS, Livia Ribeiro. Morfemas nominalizadores em Kaiowá. **Sociodialeto**, v. 9, p. 195-205, 2019.

MEJIA, Blanca Flor Demenjour Munoz. 2017. 96f. **Verbos em Kaiowá**: uma descrição morfológica. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

PEREIRA, Levi Marques. Assentamentos e formas organizacionais dos Kaiowa atuais: o caso dos índios corredor. **Tellus**, Campo Grande, v. 6, n. 10. 2006, p. 69-81.

PEREIRA, Levi Marques. Demarcação de terras kaiowa e guarani em MS: ocupação tradicional, reordenamentos organizacionais e gestão territorial. **Tellus**, ano 10, n. 18. Campo Grande, 2010, p. 115-137.

PEREIRA, Levi Marques. A Reserva Indígena de Dourados: a atuação do Estado brasileiro e o surgimento de figurações indígenas multiétnicas. In: CHAMORRO, Graciela; COMBÈS, Isabelle (Orgs.). **Povos indígenas em Mato Grosso do Sul**: história, cultura e transformações sociais. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2015, p. 781-794.

RODRIGUES, A. D. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. Revista de Antropologia, separata dos volumes XXXVII/XXVIII. São Paulo, 1984/1985.

SILVA, Camila André do Nascimento. 2012. 183f. **O uso de neologismos por empréstimo em Kaiowá**: um estudo preliminar da versão do Novo Testamento Bíblico. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2011.

SILVA, Guedes Walter. A estratégia de integração do sul do estado de Mato Grosso ao território nacional durante o governo Vargas: uma



análise a partir da criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados em 1943. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 31, 2016, p. 26-42.

TAYLOR, John Michael; TAYLOR, Audrey Helen. Statement of Kaiwá Grammar from Clause to Morpheme Level. Arquivo Lingüístico 44: Dourados, MS. **Associação Internacional de Linguística** – SIL 2010 [1966].

TAYLOR, John Michael; TAYLOR, Audrey Helen. Gramática Pedagógica da Língua Kaiowá. **Associação Internacional de Linguística** – SIL Brasil, Brasília, s/d.

TAYLOR, John Michael. Marcação temporal na língua kaiwá. In: DO-OLEY, Robert A. (org.). **Estudos sobre línguas tupí do Brasil**. Série Lingüística, 11. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1984a, p. 37-121.

TAYLOR, John Michael. A Interrogação na Língua Kaiwá. **Série Lingüística**, Brasília, n. 11, p. 123-156, 1984b.

VIEGAS, Livia Ribeiro. 2017. 101f. **Nomes e Predicados Nominais**. Dissertação (Mestrado em Letras), Faculdade de Artes e Letras, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2017.

# VARIAÇÃO LEXICAL PARA *ESTRELA D'ALVA* E *VIA LÁCTEA* NAS COMUNIDADES INDÍGENAS DO POVO KARIPUNA DO AMAPÁ

Romário Duarte Sanches (UEAP/UNIFAP)

## Introdução

O presente capítulo evidencia as denominações para corpos celestes na área indígena dos Karipuna do Amapá. Esta etnia vive no extremo norte do estado do Amapá, na fronteira entre Oiapoque e Saint-Georges, habitando as Terras Indígenas Uaçá, Galibi e Juminã. É possível identificar, entre os Karipuna, indígenas que falam português, francês (Guiana Francesa) e kheuól. Esta última é considerada uma língua crioula de base francesa (Alleyne; Ferreira, 2007).

Diante do cenário multilíngue que encontramos na região do Oiapoque, este estudo pauta-se na descrição e análise de variantes lexicais usadas pelos Karipuna do Amapá em português-kheuól para nomear fenômenos atmosféricos como *estrela d'alva* e *via láctea*. Os dados compõem o trabalho de Sanches (2020a) que resultou em um Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá - ALIKAP. O autor utilizou como aporte teórico-metodológico a Dialetologia pluridimensional e contatual (Thun, 1998; Thun; Altenhofen, 2016) e a Geolinguística (Cardoso, 2010). Os parâmetros adotados para coleta de dados consistiram nas seguintes etapas: 1) seleção de nove aldeias Karipuna do Amapá (Manga, Santa Izabel, Espírito Santo, Açaizal, Curipi, Kariá, Ahumã, Ariramba e Kunaná); 2) identificação dos colaboradores (36 indígenas bilíngues, estratificados conforme a faixa etária e o sexo); 3) aplicação de questionários para identificar o perfil do colaborador, levantamento sociolinguístico da área pesquisada, registro de narrativas orais sobre a

história do povo Karipuna e cartografia dos usos lexicais; 4) gestão de dados e cartografia linguística (a partir do Questionário Semântico-Lexical foram feitas a organização e a seleção das variantes lexicais e em seguida o mapeamento linguístico, utilizando o programa *CorelDraw* para elaboração de mapas em português-kheuól).

Nas próximas linhas, apresentaremos brevemente uma vertente da Dialetoлогия bastante utilizada no Brasil, denominada de Dialetoлогия Pluridimensional e Contatual<sup>1</sup>, em seguida, descreveremos o passo a passo da metodologia aplicada ao ALIKAP (Sanches, 2020a) e, por fim, discutiremos as cartas linguísticas de número 16 (estrela d'alva) e 18 (via láctea), buscando identificar as variantes lexicais usadas em português-kheuól, conforme condicionantes sociais como localidade, faixa etária, idade e contato entre línguas.

## **1 Dialetoлогия Pluridimensional e contatual**

Em uma definição mais recente de Dialetoлогия e Geolinguística, Cardoso (2016, p. 13) define a primeira como um “ramo da Linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”, e a segunda seria o modelo de aplicação da Dialetoлогия. Vale lembrar que nem sempre foi assim: por muito tempo, a Dialetoлогия e a Geolinguística não consideravam os aspectos socioculturais em suas pesquisas, predominava uma visão

---

<sup>1</sup> Trata-se de um modelo de pesquisa que surge a partir dos pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional (Radke; Thun, 1996), que busca investigar tanto o espaço monodimensional da variação (dimensão diatópica) quanto o espaço pluridimensional (mais de uma dimensão<sup>1</sup>(dimensão diatópica) quanto o espaço pluridimensional (mais de uma dimensão variacional: idade, sexo, escolaridade, profissão, religião, migração etc.) (ver Sanches, 2022).

diatópica das línguas, em que o principal foco era identificar “dialetos puros” conforme a distribuição geográfica do falante.

As mudanças sociais, geográficas e tecnológicas ocorridas nos últimos séculos provocaram avanços na pesquisa dialetal, resultando em novos modelos teóricos e metodológicos que se firmaram nas universidades a fim de suprir as necessidades do campo da Dialetologia.

Um dos principais modelos de pesquisa dialetal que tem se fixado no Brasil é a chamada Dialetologia Pluridimensional e Relacional - DPR (Thun, 1998). De modo recente, baseado na DPR, Altenhofen e Thun (2016) propuseram a Dialetologia Pluridimensional e Contatual – DPC, direcionando e ampliando o estudo da variação linguística para os espaços multi/plurilíngues, em que o contato linguístico é constante entre grupos de falantes de variedades distintas.

Para compreender o que seria essa DPC, é necessário retomar o modelo de DPR, postulado pelo dialetólogo alemão Harald Thun, em meados da década de 1990. Thun (1998) busca com a DPR relacionar o espaço monodimensional da variação diatópica com o espaço pluridimensional (mais de uma dimensão variacional), unindo, assim, o eixo vertical da variação (viés sociolinguístico) com o eixo horizontal (viés da Dialetologia tradicional). Esse modelo permite também controlar dimensões e parâmetros linguísticos/extralinguísticos (cf. Quadro 1). O objetivo central é atingir o princípio da *pluridimensionalidade* intrínseco às línguas.

**Quadro 1:** Dimensões e parâmetros da Dialectologia Pluridimensional e Relacional

| <b>Dimensão</b>    | <b>Parâmetros</b>  |
|--------------------|--|
| Diatópica          | Topostático  |
| Diatópica-cinética | Contraste entre colaboradores topostáticos e topodinâmicos   |
| Diastrática        | Classe sociocultural   |
| Diageracional      | Faixa etária   |
| Diassexual         | Homem ou mulher  |
| Dialingual         | Duas ou mais línguas faladas por grupos étnicos diferentes   |
| Diafásica          | Estilo (resposta espontânea, leitura e conversa livre)       |
| Diarreferencial    | Diferenças entre a fala objetiva, a forma e a metalinguagem. |
| Diarreligiosa      | Prática religiosa  |
| Diamésica          | Contraste entre a língua escrita e a língua falada           |

**Fonte:** Thun (2010, p. 514), adaptado por Sanches (2020b).

Para Thun (2005), a DPR é uma ciência geral da variação linguística, pois parte do pressuposto de que o estudo variacionista monodimensional ou bidimensional deve ser estendido ao espaço tridimensional, combinando o eixo horizontal da Dialectologia com o eixo vertical da Sociolinguística. Com isso, a Dialectologia Pluridimensional seria responsável por combinar *espacialidade, socialidade e temporalidade* das variedades linguísticas.

É notório que as bases metodológicas e a intersecção epistemológica da Dialectologia com a Sociolinguística favoreceram a construção do modelo de DPR e, posteriormente, da DPC, que também, segundo Altenhofen e Thun (2016), busca combinar espacialidade e socialidade.

Essa postulação implica novas mudanças no saber/fazer dialetológico, pois parte do princípio de que, havendo uma nova configuração geográfica e social, não se pode aplicar um modelo de Dialectologia que

não atente para as novas necessidades da pesquisa e da realidade linguística. Não obstante, isso não quer dizer que o método e a técnica usados pela Dialetoлогия tradicional estejam obsoletos, mas que estão passando por um processo de aprimoramento científico a partir de novas investigações sobre a espacialidade e a socialidade das variedades linguísticas.

### **3 Procedimentos metodológicos do ALIKAP**

O conjunto de mapas ou cartas linguísticas resulta em um atlas linguístico, trazendo à tona uma amostra representativa de como as pessoas falam em determinados espaços geográficos. O processo de elaboração de um atlas linguístico precisa estar em consonância com o aporte teórico-metodológico adotado. No caso do Atlas Linguístico dos Karipuna - ALIKAP, foi o método geolinguístico pluridimensional que deu suporte à pesquisa de campo, uma vez que ajudou i) na localização espacial das variedades linguísticas, ii) na delimitação do perfil dos colaboradores que foram entrevistados, iii) na escolha dos tipos de questionários aplicados, e por fim, iv) no tratamento e na cartografia de dados linguísticos. A seguir, mostraremos as etapas de elaboração do ALIKAP.

#### **3.1 caracterização do povo indígena Karipuna do Amapá**

Os colaboradores selecionados para o ALIKAP foram os indígenas Karipuna do Amapá que residem no extremo norte do estado do Amapá. Atualmente, este povo conta com 2.991 indígenas e 22 aldeias<sup>2</sup> localizadas na Terra Indígena Uaçá (ao longo rio Curipi e da BR-156, que liga a capital Macapá ao município de Oiapoque), na Terra Indígena

---

<sup>2</sup> Dados cedidos pela Coordenação Regional Amapá e Norte do Pará (CRANP) da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

na Galibi (ao longo do Rio Oiapoque) e na Terra Indígena Juminã (no Igarapé Juminã<sup>3</sup>).

As aldeias Karipuna são: Manga, Espírito Santo, Santa Isabel, Açaizal, Kunanã, Ariramba, Taminã, Estrela, Ahumã, Cutiti/Jôdef, Curipi, Japiim, Piquiá, Kariá, Txibidon, Paxiubal, Benoá, Zacarias, Bastion, Encruzo, Pakapuá e Igarapé da Onça. Abaixo o Quadro 2 com as informações mencionadas.

**Quadro 2:** População indígena Karipuna do Amapá

| Aldeia              | Localização    | Terra indígena | População |
|---------------------|----------------|----------------|-----------|
| 1. Manga            | Rio Curipi     | Uaçá           | 1014      |
| 2. Espírito Santo   | Rio Curipi     | Uaçá           | 602       |
| 3. Santa Isabel     | Rio Curipi     | Uaçá           | 371       |
| 4. Açaizal          | Rio Curipi     | Uaçá           | 118       |
| 5. Kunanã           | Igarapé Juminã | Juminã         | 96        |
| 6. Ariramba         | Rio Oiapoque   | Galibi         | 88        |
| 7. Taminã           | Rio Curipi     | Uaçá           | 87        |
| 8. Estrela          | BR 156         | Uaçá           | 80        |
| 9. Ahumã            | BR 156         | Uaçá           | 78        |
| 10. Cutiti/Jôdef    | Rio Curipi     | Uaçá           | 65        |
| 11. Curipi          | BR 156         | Uaçá           | 64        |
| 12. Japiim          | Rio Curipi     | Uaçá           | 60        |
| 13. Piquiá          | BR 156         | Uaçá           | 48        |
| 14. Kariá           | BR 156         | Uaçá           | 47        |
| 15. Txibidon        | Rio Curipi     | Uaçá           | 43        |
| 16. Paxiubal        | Rio Curipi     | Uaçá           | 39        |
| 17. Benoá           | Rio Curipi     | Uaçá           | 30        |
| 18. Zacarias        | Rio Curipi     | Uaçá           | 21        |
| 19. Bastion         | Rio Curipi     | Uaçá           | 12        |
| 20. Encruzo         | Rio Curipi     | Uaçá           | 12        |
| 21. Pakapuá         | Rio Curipi     | Uaçá           | 10        |
| 22. Igarapé da Onça | Rio Curipi     | Uaçá           | 6         |
| Total               |                |                | 2.991     |

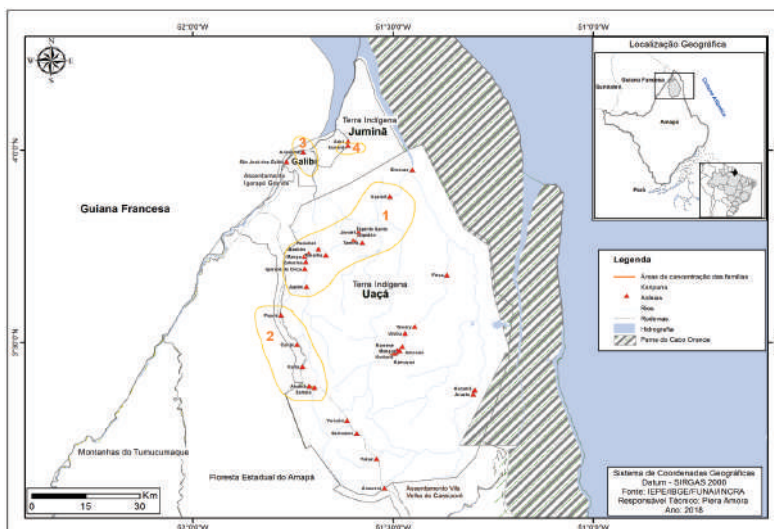
Fonte: Sanches (2020b).

**Fonte:** Sanches (2020b).

<sup>3</sup> Afluente do rio Oiapoque/AP.

Para ilustrar a localização das aldeias, foi elaborada a Figura 1, apresentando quatro áreas de concentração das famílias Karipuna. A primeira (1) está na TI Uaçá, no curso do rio Curipi, somando 15 aldeias. A segunda (2) também está na TI Uaçá, mas percorrendo a BR-156, com cinco aldeias. A terceira está na TI Galibi, no rio Oiapoque, com uma aldeia. E a última área (4) está localizada na TI Juminã, com uma aldeia.

**Figura 1:** Aldeias Karipuna



**Fonte:** Sanches (2020b).

Entre os indígenas Karipuna do Amapá, encontram-se falantes de português, de kheuól<sup>4</sup> (crioulo de base francesa) e de francês (varie-

<sup>4</sup> A Alleyne e Ferreira (2007) concebem o Kheuól como uma variedade do *Amazonian French Creole*, interligado (em termos sócio-históricos e linguísticos) com o crioulo francês falado na Guiana Francesa.



dade da Guiana Francesa). Em sua maioria, este povo usa o português como L1 e o kheuól como L2, exceto na aldeia Espírito Santo, onde há a predominância do kheuól como L1.

### 3.2 Pontos de inquérito

A seleção das localidades definidas para o ALIKAP foi feita a partir dos seguintes critérios: i) histórico das comunidades; ii) aspectos socioculturais; iii) contato linguístico da região; iv) tempo de existência das localidades; v) localização geográfica; e vi) o número de falantes português-kheuól. Deste modo, selecionamos nove aldeias indígenas Karipuna. O quadro a seguir indica o nome das aldeias, sua localização e a Terra Indígena (TI) habitada.

**Quadro 3:** Comunidades indígenas pesquisadas

| Aldeia            | Localização    | Terra Indígena | População |
|-------------------|----------------|----------------|-----------|
| 1. Manga          | Rio Curipi     | Uaçá           | 1014      |
| 2. Espírito Santo | Rio Curipi     | Uaçá           | 602       |
| 3. Santa Izabel   | Rio Curipi     | Uaçá           | 371       |
| 4. Açaizal        | Rio Curipi     | Uaçá           | 118       |
| 5. Kunanã         | Igarapé Juminã | Juminã         | 96        |
| 6. Ariramba       | Rio Oiapoque   | Galibi         | 88        |
| 7. Ahumã          | BR 156         | Uaçá           | 78        |
| 8. Curipi         | BR 156         | Uaçá           | 64        |
| 9. Kariá          | BR 156         | Uaçá           | 47        |

**Fonte:** Sanches (2020b).

Os dados expostos no Quadro 3 expressam somente as comunidades pesquisadas e o número aproximado de indígenas em cada uma delas. Com base nesses dados, presume-se que há um total de 1.000 indígenas falantes de kheuól, considerando os níveis de bilinguagem entre eles e acrescentando os indígenas do grupo Galibi-Marworno, também falantes desta variedade linguística.

### 3.3 Perfil dos informantes

O ALIKAP conta com 36 falantes indígenas Karipuna estratificados socialmente, ou seja, para cada localidade foram entrevistados quatro indígenas: dois homens e duas mulheres, com idades diferenciadas.

**Quadro 4:** Perfil dos informantes

| <b>Informantes</b> | <b>Idade</b>     | <b>Sexo</b> |
|--------------------|------------------|-------------|
| 01 - MA            | 18-30 anos       | Masculino   |
| 02 - FA            | 18-30 anos       | Feminino    |
| 03 - MB            | Acima de 50 anos | Masculino   |
| 04 - FB            | Acima de 50 anos | Feminino    |

**Fonte:** Sanches (2020b).

De acordo com o Quadro 4, os colaboradores foram divididos em dois grupos: sexo (18 homens e 18 mulheres) e idade (18 informantes de primeira faixa etária, entre 18 a 30 anos; e 18 informantes de segunda faixa etária, acima de 50 anos).

### 3.4 Tratamento do *corpus* da pesquisa

Em relação ao tratamento do *corpus* coletado, foram utilizados três instrumentos de pesquisa: o primeiro corresponde à ficha do colaborador, o segundo ao questionário sociolinguístico do projeto *Atlas Linguístico do Português falados em Área Indígena – ALiPAI* e o terceiro ao Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*, este último tendo sido adaptado para atender às necessidades da pesquisa em área indígena.

Os dados coletados foram registrados em arquivos de áudio formato WAV e tratados com auxílio do programa computacional *Audacity*. Após a organização dos dados, foi iniciado o processo de produção das cartas linguísticas com o auxílio do *soft Corel DRAWX8*. A seguir apresentamos duas cartas linguísticas como forma de ilustrar o resultado da cartografia de itens lexicais falados em português-kheuól: são as cartas de número 16 (estrela d'alva) e 18 (via láctea).

## 4 Variação lexical para corpos celestes em português-kheuól

Para discussão dos resultados, selecionamos dois itens lexicais que fazem parte do campo semântico *astros e tempo*, conhecidos na literatura como corpos celestes, isto é, um conjunto de astros situados no espaço sideral que possuem características específicas como tamanho, composição e iluminação. Esses corpos celestes podem ser identificados como planetas, estrelas, asteroides, cometas, meteoroides e satélites naturais.

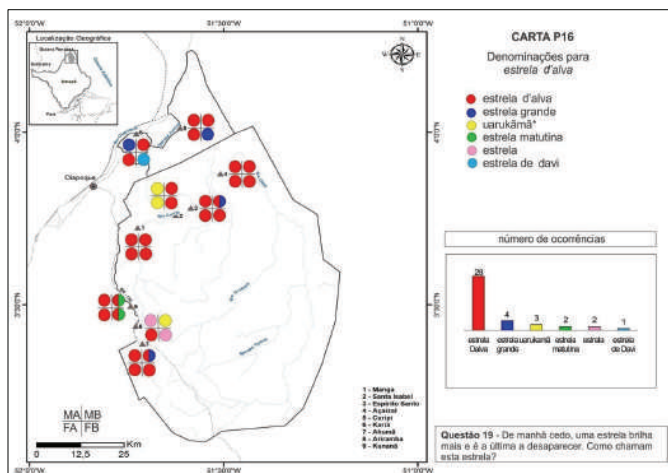
Na cosmovisão dos Karipuna do Amapá, a partir da observação do céu, as estrelas sobrenaturais (sete estrelas [*laposiẽ*] e estrela d'alva [*uarukamã*], por exemplo) caracterizam as crenças e rituais expressos nas narrativas míticas do xamanismo Karipuna (Barreiros, 2020), atre-

lada especificamente ao universo do pajé. Para eles, todo pajé tem entre seus *karuãna*<sup>5</sup> alguns *laposiẽ*, considerado o “mestre maior”, aquele que ensina ao pajé as capacidades e técnicas curativas. O vocábulo em *kheuól* *laposiẽ* refere-se à constelação das pléiades, denominadas pelos Karipuna em português como *sete estrelas*.

De acordo com Tassinari (2016), no universo dos Karipuna, eles observam que as *sete estrelas* somem do céu no início do inverno e acreditam que passam esse período em outro mundo para trocar de pele, levando consigo peixes, pássaros e outras espécies difíceis de encontrar no inverno.

Diante dessa contextualização, passemos agora à descrição das variantes lexicais para o item 16 - *estrela d'alva*, em português-kheuól. A figura abaixo ilustra a carta lexical de número 16 com as denominações para *estrela d'alva* em português.

**Figura 2** : Carta P16 - estrela d'alva



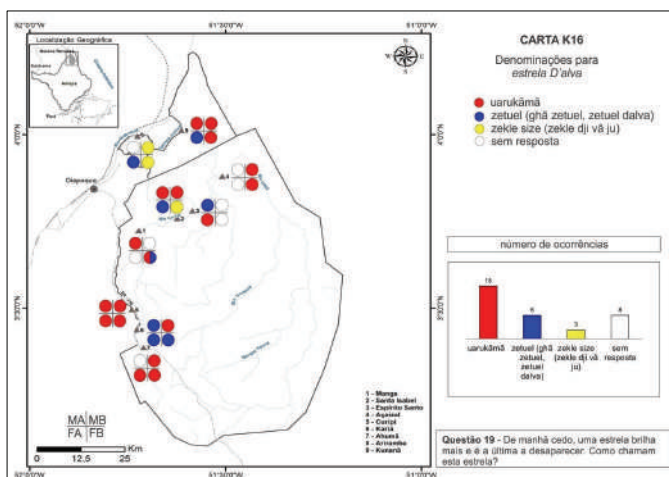
**Fonte:** Sanches (2020a).

<sup>5</sup> Os *karuãna* de um pajé podem ser “bichos”, como cobras, jacarés, macacos, pássaros etc., ou habitantes de outros mundos (Tassinari, 2016).

Perguntamos aos indígenas como eles chamam aquela estrela que, de manhã cedo, brilha mais e é a última a desaparecer. Conforme a Figura 2, em português, as respostas foram: *estrela d'alva* (28), *estrela grande* (quatro), *uarukamã* (três), *estrela matutina* (duas), *estrela* (duas) e *estrela de Davi* (uma). Em relação à variação diatópica, observamos que em todas as aldeias pesquisadas há ocorrência da variante *estrela d'alva*, já *estrela grande* só aparece uma única vez nas aldeias Espírito Santo, Ahumã, Ariramba e Kuranã. *Uarukamã* aparece em duas aldeias, Santa Isabel e Kariá. *Estrela matutina* aparece com duas ocorrências na aldeia Curipi. *Estrela* aparece duas vezes na aldeia Kariá e *estrela de Davi* só aparece na aldeia Ariramba.

Em *kheuól*, a variante predominante foi *uarukamã* (18), seguida de *zetuel* (*ghã zetuel*, *zetuel d'alva*) (oito) e, por último, *zekle size* (*zekle dji vã ju*) (três). É importante destacar que, na língua *kheuól*, também foram registradas oito ocorrências para *sem resposta*. Com base na Figura 3, a *lexia uarukamã* foi mencionada em quase todas as comunidades,

**Figura 3** : Carta K16 - estrela d'alva



Fonte: Sanches (2020a).

exceto no ponto 8 (Ariramba). A variante *zetuel* (*ghã zetuel*, *zetuel d'alva*) ocorreu em seis localidades e não foi registrada nos pontos 4 (Açaizal), 5 (Curipi) e 7 (Ahumã). Já *zekle size* (*zekle dji vã ju*) só foi mencionada nos pontos 2 (Santa Isabel) e 8 (Ariramba).

No que diz respeito à análise dos fatores sociais, as variantes lexicais em português não se apresentam como lexias condicionadas pela variável idade e sexo, como ilustra a Tabela 1. Na fala das mulheres, a lexia *estrela d'alva* apresentou 14 ocorrências, já na fala dos homens, a mesma variante apareceu com 13 ocorrências. No que tange à faixa etária, *estrela d'alva* apresentou 13 ocorrências na fala do grupo etário I (18-30 anos) e 14 na fala do grupo etário I (acima de 50 anos). As demais variantes ocorreram com frequência baixa, o que impossibilita uma análise quantitativa a respeito dos fatores sociais.

**Tabela 1:** Variação lexical para *estrela d'alva* em português

| Variantes               | Mulheres<br>(18-30 anos) | Mulheres<br>(acima de 50 anos) | Homens<br>(18-30 anos) | Homens<br>(acima de 50 anos) |
|-------------------------|--------------------------|--------------------------------|------------------------|------------------------------|
|                         | Nº de ocorrência         | Nº de ocorrência               | Nº de ocorrência       | Nº de ocorrência             |
| <i>estrela d'alva</i>   | 8                        | 6                              | 5                      | 8                            |
| <i>estrela grande</i>   | 0                        | 1                              | 1                      | 2                            |
| <i>uarukãmã</i>         | 1                        | 0                              | 1                      | 1                            |
| <i>estrela matutina</i> | 0                        | 1                              | 0                      | 1                            |
| <i>estrela</i>          | 0                        | 1                              | 1                      | 0                            |
| <i>estrela de davi</i>  | 0                        | 1                              | 0                      | 0                            |

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

A respeito das variantes lexicais registradas em *kheuól*, é possível inferir tendências de uso quando observados os fatores sexo e idade. A Tabela 2 mostra que, na fala das mulheres, a lexia *uarukãmã* foi registrada com oito ocorrências, já na fala dos homens apareceu com dez ocorrências. Outra variante que se destaca é *zetuel*, com seis ocorrências na fala de mulheres e apenas duas na fala de homens. Em

relação à faixa etária, o grupo I apresentou sete ocorrências para *uarukãmã*, 11 ocorrências na fala do grupo II. Já a variante *zetuel* aparece com seis ocorrências na fala do grupo I e apenas duas ocorrências na fala do grupo II.

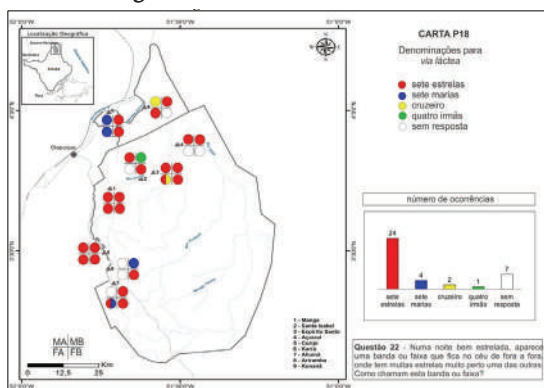
**Tabela 2:** Variação lexical para *estrela d'alva* em kheuól

| Variantes                          | Mulheres (18-30 anos) | Mulheres (acima de 50 anos) | Homens (18-30 anos) | Homens (acima de 50 anos) |
|------------------------------------|-----------------------|-----------------------------|---------------------|---------------------------|
|                                    | Nº de ocorrência      | Nº de ocorrência            | Nº de ocorrência    | Nº de ocorrência          |
| uarukãmã                           | 3                     | 5                           | 4                   | 6                         |
| zetuel (ghã zetuel, zetuel d'alva) | 4                     | 2                           | 2                   | 0                         |
| zекle size (zекle dji vã ju)       | 0                     | 2                           | 0                   | 2                         |

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Passemos agora à análise da carta lexical de número 18, Figura 4, que ilustra as denominações para *via láctea* em português. A carta P18 mostra que, na área indígena dos Karipuna do Amapá, as variantes lexicais que se destacaram em português para nomear “aquela faixa no céu onde tem muitas estrelas juntas” foram: *sete estrelas* (24), *sete marias* (quatro), *cruzeiro* (duas) e *quatro irmãs* (uma).

**Figura 4:** Carta P18 - via láctea

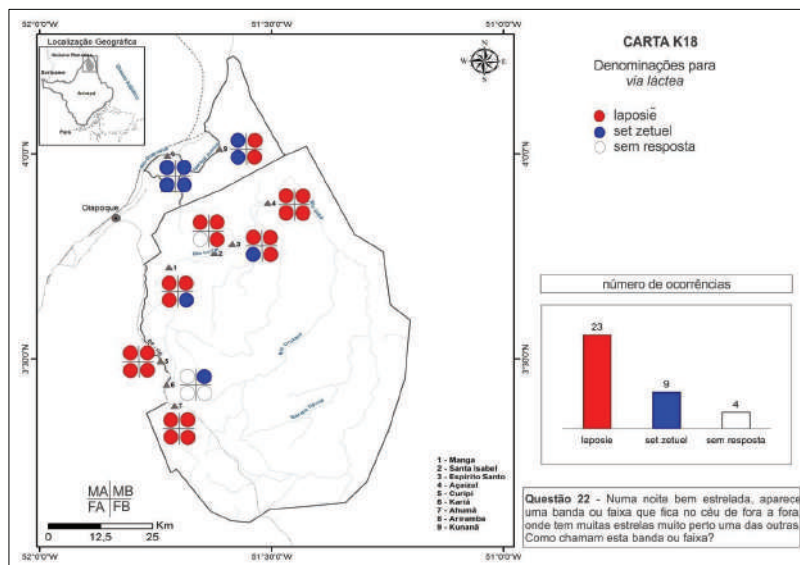


**Fonte:** Sanches (2020a).

A respeito da variação diatópica, a Figura 4 ilustra a presença da variante *sete estrelas* em todas as aldeias pesquisadas, já a variante *sete marias* se destaca em três aldeias (com uma ocorrência na aldeia Kariá e na aldeia Ahumã e duas ocorrências na aldeia Ariramba), *cruzeiro* ocorre duas vezes, uma na aldeia Espírito Santo e outra na aldeia Kunanã. Por fim, *quatro irmãs* ocorre apenas uma vez na aldeia Santa Isabel.

No caso da carta K18, que trata das denominações para *via láctea* em kheuól, identificamos que os indígenas mencionam duas variantes, a saber: *laposiẽ* (23) e *set zetuel* (nove). A primeira ocorre em sete das nove aldeias pesquisadas, isto é, apenas nas aldeias Kariá e Ariramba a variante *laposiẽ* não foi mencionada. A segunda, *set zetuel*, ocorre em cinco aldeias (Manga, Espírito Santo, Kariá, Ariramba e Kunanã) com predominância na aldeia Ariramba, conforme observa-se na Figura 5, a seguir.

**Figura 5:** Carta K18 - via láctea



Fonte: Sanches (2020a).



No que tange à análise dos fatores sociais, as variantes lexicais em português apresentam um baixo grau de tendência ao condicionamento das variáveis idade e sexo, como ilustra a Tabela 3.

**Tabela 3:** Variação lexical para *via láctea* em português

| Variantes     | Mulheres (18-30 anos) | Mulheres (acima de 50 anos) | Homens (18-30 anos) | Homens (acima de 50 anos) |
|---------------|-----------------------|-----------------------------|---------------------|---------------------------|
|               | Nº de ocorrência      | Nº de ocorrência            | Nº de ocorrência    | Nº de ocorrência          |
| sete estrelas | 5                     | 7                           | 5                   | 7                         |
| sete marias   | 2                     | 0                           | 1                   | 1                         |
| cruzeiro      | 1                     | 0                           | 1                   | 0                         |
| quatro irmãs  | 0                     | 0                           | 0                   | 1                         |

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

A Tabela 3 mostra que tanto na fala de mulheres como na fala de homens indígenas a variante *sete estrelas* obteve o mesmo número de ocorrência, 12 vezes. O mesmo acontece com *sete marias*, que ocorreu duas vezes na fala de homens e duas na fala de mulheres. Já *cruzeiro* só foi mencionada uma vez na fala de homens e mulheres do grupo etário I. E a variante *quatro irmãs* só aparece na fala de um homem do grupo etário II.

**Tabela 4:** Variação lexical para *via láctea* em kheuól

| Variantes  | Mulheres (18-30 anos) | Mulheres (acima de 50 anos) | Homens (18-30 anos) | Homens (acima de 50 anos) |
|------------|-----------------------|-----------------------------|---------------------|---------------------------|
|            | Nº de ocorrência      | Nº de ocorrência            | Nº de ocorrência    | Nº de ocorrência          |
| laposiẽ    | 4                     | 6                           | 6                   | 7                         |
| set zetuel | 3                     | 2                           | 2                   | 2                         |

**Fonte:** Elaborado pelo autor.

Sobre as variáveis sociais e suas variantes em kheuól, a Tabela 4 também apresenta um baixo grau de condicionamento. Por exemplo, a variante *laposie* obteve dez ocorrências na fala de mulheres (quatro no

grupo etário I e seis no grupo etário II) e 13 ocorrências na fala de homens (seis no grupo etário I e sete no grupo etário II). Com isso, esses números apresentados aqui são insuficientes para projetar algum tipo de condicionamento. É preciso ampliar o banco de dados na intenção de confirmar ou não a influência de fatores sociais no que se refere ao uso do léxico português-kheuól em área indígena Karipuna.

### **Considerações finais**

Os resultados apresentados aqui se referem aos itens *estrela d'alva* e *via láctea* que fazem parte do conjunto de mapas lexicais do *Atlas Linguístico dos Karipuna* da Amapá. Destacamos que os dados foram coletados e analisados com base nos pressupostos da Dialetoлогия Pluridimensional e Contatual, visando o mapeamento e descrição do português e do Kheuól, variedades faladas por comunidades indígenas da etnia Karipuna do Amapá.

As denominações para *estrela d'alva* em português, por ordem de frequência, foram: *estrela d'alva*, *estrela grande*, *uarukamã*, *estrela matutina*, *estrela* e *estrela de davi*. Em kheuól, registramos: *uarukamã*, *zetuel* (ghã *zetuel*, *zetuel d'alva*) e *zekle size* (*zekle dji vã ju*). Já as denominações para *via láctea* em português foram: *sete estrelas*, *sete marias*, *cruzeiro e quatro irmãs*. Em kheuól, obtivemos: *laposie* e *set zetuel*. Quanto aos fatores sociais, os dados mostraram um baixo grau de condicionamento, o que impossibilita afirmar algum tipo de tendência de uso lexical quanto à faixa etária/sexo.

Por fim, destacamos que a pesquisa geolinguística no Amapá tem se intensificado nas últimas décadas. Atualmente, podemos contar com um atlas linguístico estadual sobre o Português não-indígena, realizado em área urbana (ALAP), e outro, de caráter bilíngue, realizado em co-

munidades indígenas da região do Oiapoque (ALIKAP). Este capítulo é uma forma de divulgar e apresentar para a sociedade uma amostra da realidade linguística do povo indígena Karipuna do Amapá. E esperamos que em breve possamos divulgar novos dados sobre o português e o kheuól falados pelos Karipuna.

## Referências

ALLEYNE, Mervyn; FERREIRA, Jo-Anne. Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. In: HUBER, M.; VIVEKA, V. (orgs.). **Synchronic and diachronic perspectives on contact languages**, v. 32, p. 325-357. John Benjamins Publishing, Amsterdam, 2007.

ALTENHOFEN, Cléo; THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do Sul do Brasil Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci; ROMANO, Valter (Orgs.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.

BARREIROS, Jussara de Pinho. Cosmologia Karipuna: um estudo sobre o ritual do Turé. **Revista Circumscribere**, São Paulo, v. 25, s/n, p. 1-1, 2020.

CARDOSO, Suzana. Dialetoлогия. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERREZEI JUNIOR, Celso (Orgs.). **Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2016, p. 13-22.

SANCHES, Romário. **Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá**. Rio Branco: NEPAN, 2020a.

SANCHES, Romário. **Microatlas linguístico (português-kheuól) da área indígena dos Karipuna do Amapá**. 2020. 247f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará (Programa de Pós-Graduação em Letras), Belém-PA, 2020b.

SANCHES, Romário. Da dialetologia geral à dialetologia contatual. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 16-37, 2022.

TASSINARI, Antonella. Os Karipuna do Amapá. In: VIDAL, Lux Boelitz; LEVINHO, José Carlos; GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (Orgs.). **A presença do invisível: vida cotidiana e ritual entre os povos indígenas do Oiapoque**. Rio de Janeiro: Iepé – Museu do Índio, 2016, p. 67-83.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, Giovanni (Org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729.

# O LÉXICO DAS BEBIDAS EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: DISCUTINDO DADOS A RESPEITO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

*Oséias de Queiroz Santos*

*José de Ribamar Mendes Bezerra*

## **Introdução**

Os estudos do léxico, como já é sabido entre a comunidade acadêmica, configuram-se como importantes ferramentas de pesquisa que se encarregam de descrever a intrínseca relação entre o homem e a linguagem. Assim, essa área da língua espelha com mais facilidade as diferentes percepções de mundo nomeadas ao longo dos tempos através de unidades lexicais. Por ser amplo e dinâmico, não é algo tão fácil categorizar esse sistema abstrato, tendo em vista a complexidade de elementos que o compõem e que são incorporados a cada momento, exprimindo a diversidade linguística.

Levando em conta os inúmeros olhares existentes que englobam as pesquisas com foco no léxico, esta pesquisa baseia-se no estudo do léxico das bebidas, considerando-o como elemento particular e produto dos conhecimentos vivenciados. Nesse ponto, percebemos que o consumo de bebidas e os costumes ligados a elas estão associados às características das nações que as consumiam e consomem, sendo uma rica área de estudo tanto no nível cultural quanto no nível linguístico, que é de nosso interesse, por conta de formas e significados atribuídos para cada objeto e experiência.

O estudo desses líquidos possui grande relevância acadêmica, pois possibilita o registro e o conhecimento das tradições e costumes dos seres humanos através dos tempos. Standage (2005, p. 10) ressalta essa im-

portância da presença das bebidas na história e na evolução do homem, afirmando que “[...] assim como os arqueólogos estabelecem períodos históricos com base no uso de materiais diferentes – Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro e assim por diante –, também é possível dividir a história do mundo em períodos dominados por certas bebidas”.

Tradicionalmente as bebidas são personagens de grande destaque que estão presentes em diversos momentos históricos, quer seja para nutrir e saciar a sede humana, quer presentes em momentos sagrados, oferecidas a divindades religiosas, e em momentos de prazer e solidão, conforme afirma Mário Souto Maior (2004, p. 07), ao ressaltar que a bebida “é ‘água benta’, ‘água pra tudo’, ‘cobertor de pobre’, ‘apaga-tristeza’. Bebe-se para ‘alertar’ ou ‘alumiar as ideias’”.

Considerando a relevância cultural e linguística do estudo das bebidas, este trabalho, recorte de uma pesquisa mais ampla<sup>1</sup>, tem por objetivo apresentar os resultados de uma investigação sobre o universo lexical das bebidas a respeito da Língua Brasileira de Sinais – Libras, que intentou inventariar e registrar os sinais utilizados no município de São Luís, capital do estado do Maranhão.

Quanto à divisão estrutural do trabalho, este está organizado da seguinte forma: a primeira seção apresenta as considerações sobre os estudos do léxico, sobretudo da Lexicologia e da Lexicografia, com os estudos de Biderman (1981; 2001), Coseriu (1979), Ullmann (1964), Barbosa (1995), Faraco (1991) e Polguère (2018), que subsidiaram os pressupostos teóricos e metodológicos desta investigação; posteriormente, na seção seguinte, apresentamos os estudos de Quadros e Karnnop (2004), Ferreira-Brito (1997) e Gesser (2009) a respeito da Li-

---

<sup>1</sup> Recorte da dissertação intitulada “UM GLOSSÁRIO SEMIBILÍNGUE MULTIMODAL PORTUGUÊS-LIBRAS: registrando o léxico das bebidas em São Luís do Maranhão”.

bras e suas particularidades linguísticas; em seguida, os procedimentos metodológicos adotados e, por fim, a análise dos resultados obtidos, seguidos das considerações finais.

## **1 Considerações sobre os estudos do léxico**

Em meio às capacidades humanas de cognição e apreensão social, o processo de nomeação vem sendo uma das etapas mais antigas observadas ao longo do tempo e que permanece até os dias atuais. Para esse processo, vale ressaltar as interações sociais contínuas como fatores de expressão e manifestação do pensamento, pelas quais o homem exprime aquilo que lhe é conhecido no mundo real. Nessa perspectiva, não podemos negar a importância de se nomear coisas, processo este que constrói o léxico das línguas naturais, que está diretamente ligado ao aspecto cultural, conforme ressalta Carlos Alberto Faraco ao destacar que “o léxico é um dos pontos em que mais claramente se percebe a intimidade entre língua e cultura” (Faraco, 1991, p. 25).

Assim, falar de léxico é sinônimo de falar de todos os elementos que constituem uma língua e abrange tanto as línguas orais auditivas, quanto as línguas de sinais. Dessa forma, segundo Maria Tereza Carmargo Biderman, “o sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo” (Biderman, 2001, p. 139). As contribuições de Biderman nos fazem refletir sobre a importância de se estudar um nível linguístico que compõe a língua, e que, notoriamente, evidencia as particularidades de quem a utiliza. Sendo assim, “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos – as palavras” (Biderman, 1998, p. 11).

Nos estudos científicos do léxico das línguas, tem-se a Lexicologia como a ciência responsável por investigar esse nível linguístico e que é entendida, na visão de Alain Polguère (2018, p. 49) como “ramo da Linguística que estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, denominadas *lexias*”. Cabe, portanto, a esta área, de acordo com Biderman (2001, p. 16), a análise da categorização lexical e da estruturação do léxico. Com tal característica, seu objeto de estudo é o sistema linguístico, bem como os mecanismos de criação e manutenção lexical que a ele pertencem, ou seja, aquilo que é comum e partilhado por todos de uma comunidade linguística.

Na concepção de Coseriu (1979, p. 23), a Lexicologia é conceituada como um:

[...] Ramo da linguística que estuda a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade respectiva. Na lexicologia clássica se parte da palavra, como unidade natural das línguas naturais, modernamente esta disciplina estuda a estrutura interna dos vocábulos; por exemplo: a análise componencial, suas regras de sub-categorização e de inserção no marco oracional e suas modalidades morfológicas a partir de entidades subjacentes como os *lexemas*.

Na concepção de Biderman (2001), esse ramo da Linguística está ligado à Semântica por estudar o léxico sob a dimensão significativa em que é atribuída por seus falantes, presentes em todos os níveis linguísticos. Com base nesses pressupostos, Stephen Ullmann (1964, p. 64) afirma que:

A lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu



significado. A lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a morfologia, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a semântica, estudo dos seus significados.

Tomando por partida outra interpretação de análise e descrição do léxico, chegamos aos estudos da Lexicografia, sendo esta a ciência que se ocupa com a elaboração de obras lexicográficas, como os dicionários, como tradicionalmente é conhecida. Para José Horta Nunes (2006, p. 150), a Lexicografia pode ser definida como “um saber linguístico de natureza prática, tendo em vista a aquisição de um domínio de língua, de um domínio de escrita e de um domínio de enunciação e de discurso”.

Entendida, nesses termos, a Lexicografia se destina à elaboração de obras lexicográficas, análise de dicionários já existentes, dos estudos teóricos e metodológicos para sua estruturação e ao debate sobre os principais problemas relacionados à sua produção. Sendo assim, tem por finalidade a estruturação e descrição das unidades lexicais e a elaboração de informações sobre estas.

Assim, de modo geral, seu campo de atuação objetiva descrever e compilar o léxico tendo por base o discurso de uma comunidade linguística. Como ciência, investiga também as unidades lexicais constituintes do sistema, assim como a Lexicologia, porém, com foco no registro e na sistematização do acervo lexical em obras de referência. Polguère (2018, p. 239) ressalta também que esta área de estudo contribui para a “elaboração de representações (=modelos) dos léxicos”.

Este ramo da Linguística está dividido em duas categorias: a Lexicografia prática, que tem como função analisar o léxico de uma língua tendo como finalidade desses estudos a produção de dicionários, vocabulários e glossários; e a Lexicografia teórica ou Metalexiconografia, que visa investigar os problemas relacionados à produção e ao desenvolvimento de dicionários, sua funcionalidade e seu uso em uma determinada sociedade, focando nos aspectos históricos e funcionais.

## 2 Aspectos linguísticos da Língua Brasileira de Sinais

Sendo parte fundamental das linguagens humanas, o universo lexical das línguas representa as trocas de informações que foram se consubstanciando através de signos linguísticos, evoluindo, assim, até formar os sistemas complexos que conhecemos hoje, como vimos no tópico anterior. Assim sendo, dentre as línguas faladas no Brasil, como o Português brasileiro, a Língua Brasileira de Sinais – Libras, sendo esta também objeto de estudo deste capítulo, constitui-se como uma língua natural e complexa, que surgiu da necessidade básica do homem de se comunicar e registrar saberes.

Segundo a legislação brasileira, a Lei nº 10.436/2002 reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão. Em seu Art. 1º, parágrafo único, a Libras é definida como uma “forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Brasil, 2002, p. 01).

De modo geral, vale ressaltar o tardio interesse dos estudos linguísticos voltados para as línguas de sinais, tendo em vista o pensamento errôneo perpetuado nas sociedades de que estas se configuravam como um conjunto de gesto e pantomimas, sem regras internas, ou até mesmo que não poderiam expressar conceitos complexos e abstratos. Audrei Gesser, com base nos estudos de Oliver Wolf Sacks, confirma este pensamento afirmando que “as línguas de sinais, como se vê, vieram a ser contempladas cientificamente apenas nos últimos quarenta anos: ‘antes, sinal não era visto, mesmo pelos sinalizadores, como uma língua verdadeira, com sua própria gramática’” (Sacks, 1990, p. 76 *apud* Gesser, 2009, p. 13-14).

Atualmente, são crescentes as pesquisas que as descrevem como sendo línguas, pois, como já comprovado, possuem uma organização interna e sistemática que possibilita a interação, a expressão e a concre-

tização do pensamento entre seus sinalizantes. Uma das suas principais características gerais, que as diferem das línguas orais auditivas, é que estes sistemas são articulados visualmente no espaço de sinalização e percebidos por meio da visão (Quadros; Karnopp, 2004, p. 29-31).

Lucinda Ferreira-Brito (1997), em consonância com essa linha de raciocínio, ressalta em suas investigações que as línguas de sinais:

[...] Usam o espaço e as dimensões que ele oferece na constituição de seus mecanismos "fonológicos", morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados, os quais são percebidos pelos seus usuários por meio das mesmas dimensões espaciais. Daí o fato de muitas vezes apresentarem formas icônicas, isto é, formas linguísticas que tentam copiar o referente real em suas características visuais (Ferreira-Brito, 1997, p. 20).

Segundo Saussure (2012), as línguas naturais são sistemas constituintes de uma forma particular, são regidas por regras gramaticais internas que as diferenciam de outros sistemas que fazem parte da linguagem. Independentemente da modalidade linguística (espaço-visual ou oral-auditiva), as línguas apresentam como aspectos estruturais os seguintes níveis linguísticos, a saber: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Essa concepção, descrita no estruturalismo saussuriano, proporcionou inúmeras discussões sobre a unidade básica de uma língua, denominada primariamente por *palavra*. Nessa perspectiva, Saussure (2012, p. 108) ressalta que “o signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito a uma imagem acústica”.

A partir dessa concepção, de se relacionar o signo linguístico<sup>2</sup> através de duas faces, o significado e seu significante, podemos associar

---

<sup>2</sup> Na teoria saussuriana, o signo linguístico é constituído por uma associação inseparável entre um conteúdo, denominado significado, e uma forma linguística, denominada significante (SAUSSURE, 2012, p. 107).

este também com a unidade básica das línguas de sinais, o sinal. Essa linha de pensamento suscita um ponto importante em questão, que a partir da ligação entre um conceito concreto da realidade com uma representação psíquica, que constituem o signo, o sinal seria uma representação nas línguas de sinais de um conceito gravado na mente humana e manifestado visualmente na sinalização (a imagem acústica nas línguas orais). Logo, é possível representar essa associação a partir da Figura 1 a seguir:

**Figura 1:** Conceito de significante e significado nas línguas de sinais



**Fonte:** O autor (2022).

Portanto, o sinal refere-se a uma unidade de significação linguística manifestada visualmente. Faulstich (2014) apresenta, com base no glossário sistêmico de léxico terminológico, o conceito de sinal: “Sinal. 1. Sistema de relações que constitui de modo organizado as línguas de sinais. 2. Propriedades linguísticas das línguas dos surdos. Nota: a forma plural – sinais - é a que aparece na composição língua de sinais”.

Podemos, então, afirmar que o conjunto de sinais da Libras é parte integrante do léxico desta, que na visão de Quadros e Karnopp (2004, p. 88), seguindo a concepção teórica de Brentari e Padden (2001), o léxico das línguas de sinais é composto pelo “léxico nativo” e o “léxico não nativo”. O léxico nativo, compreende, por sua vez, os sinais próprios da

Língua Brasileira de Sinais, que representam conceitos da realidade e são convencionados e usados socialmente, formados por unidades menores; e também formado pelos classificadores<sup>3</sup>. Já o léxico não nativo envolve os empréstimos linguísticos, ou seja, as palavras emprestadas da Língua Portuguesa, que são soletradas manualmente através do alfabeto datilológico<sup>4</sup> e representadas com a estrutura linguística da Libras.

### 3 Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa alinha-se aos pressupostos metodológicos da pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza descritiva, pois esse tipo de investigação, em especial, contempla o estudo linguístico aqui elaborado, que intentou conhecer e fazer um recorte de uma parcela do léxico da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, conhecimento este adquirido e utilizado naturalmente por indivíduos do município de São Luís – MA. Tendo em vista que esta pesquisa se configura como de carácter lexicológico, adotamos a metodologia fundamentada na perspectiva de campo da Sociolinguística (Tarallo, 1995), aplicada às pesquisas das ciências do léxico.

O município escolhido, São Luís, é a capital do estado do Maranhão. Possuindo uma população bastante miscigenada, este, por sua vez, foi escolhido como *locus* desta pesquisa por ser um município bastante populoso, o que é resultado de uma construção histórica da mistura de povos, sendo este trabalho uma forma de descrever a diversidade linguística existente, além de ressaltar a cultura maranhense por meio de uma obra lexicográfica.

---

<sup>3</sup> Segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 93), “[...] são formas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a locação da mão podem especificar qualidades de um referente. Classificadores são geralmente usados para especificar o movimento e a posição de objetos e pessoas ou para descrever o tamanho e a forma de objetos”.

<sup>4</sup> Conjunto de configurações de #mãos que representam o alfabeto da Língua Portuguesa.

Nessas considerações, o trabalho é um recorte de uma pesquisa de mestrado que objetivou elaborar um glossário a partir das lexias utilizadas pelos usuários da Libras que corresponde aos sinais do léxico das bebidas, por ser uma área pouco estudada por linguistas no Maranhão. Logo, de modo geral, utilizaram-se os seguintes parâmetros metodológicos, a saber: pesquisa bibliográfica; seleção de materiais para análise; análise da teoria das ciências do léxico; elaboração dos instrumentos de pesquisa; pesquisa de campo; levantamento e preenchimento dos dados em fichas lexicográficas; registro dos dados e organização do glossário com o *corpus* obtido e redação da pesquisa.

O *corpus* deste trabalho foi constituído por textos sinalizados, por meio de entrevistas feitas no local de maior comodidade dos informantes, como: bares, restaurantes, na própria casa de alguns informantes e na Associação de Surdos do Maranhão - ASMA. Foram feitas ao todo 8 entrevistas, sendo quatro com informantes homens e quatro com informantes mulheres que, em conversa livre e com a ajuda de imagens, foram mediadas por um questionário estruturado, de forma que estes apresentassem os sinais para as denominações investigadas da maneira mais espontânea possível.

Os informantes participantes desta pesquisa foram escolhidos com base em critérios rigorosos de seleção e que são representativos do município estudado, que são: indivíduos surdos; usuários da Língua Brasileira de Sinais; homens e mulheres; maiores de 18 anos; fazer ingestão de bebidas alcoólicas; localidade – morar em São Luís. Assim, as lexias selecionadas para a pesquisa foram escolhidas por serem bastante consumidas e por fazerem parte da realidade social dos entrevistados, enquadrando-se na seguinte classificação, de acordo com a proposta apresentada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2014), que são: a) as bebidas alcoólicas; e b) as bebidas não alcoólicas. Para melhor compreensão das unidades lexicais pesquisadas, delimitamos, por meio de dois campos conceituais – concomitante-

mente com a recolha do *corpus* – um quadro conceitual, a partir da rede semântica das lexias. Assim, para cada campo conceitual, delimitamos um domínio principal em questão, que são os tipos de bebidas e, dentro dessa classificação, encontram-se duas subáreas, que são as marcas e as embalagens das bebidas, conforme o Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1:** Quadro conceitual das bebidas

| BEBIDAS ALCOÓLICAS               |   |  |
|----------------------------------|---|--|
| BEBIDAS – TIPOS                  | MARCAS  | EMBALAGENS   |
| Cachaça<br>Cachaça temperada     | Pitu<br>Ypióca<br>51  | –  |
| Cerveja                          | Antártica<br>Bohemia<br>Brahma<br>Budweiser<br>Devassa<br>Eisenbahn<br>Heineken<br>Itaipava<br>Magnífica<br>Petra<br>Schin<br>Skol<br>Stella Artois | Garrafa de vidro<br>Grade de Cerveja<br>Lata<br>Long Neck<br>Torre |
| Conhaque                         | Domus<br>São João da Barra  | –  |
| Champanhe                        | – <sup>5</sup>  | –  |
| Drinque<br>(Batida e Caipirinha) | –   | –  |

<sup>5</sup> Nos itens marcados por travessão, não encontramos equivalência lexical em Libras referentes a essas marcas e embalagens de bebidas assinaladas, embora tenhamos investigado em todos os casos.

|  |  |                                     |
|--|--|-------------------------------------|
| <p><b>Outras<sup>6</sup></b><br/>(Campari, Frangelico, Ice e Martini)</p> <p><b>Rum</b></p> <p><b>Tequila</b></p> <p><b>Tiquira</b></p> <p><b>Uisque</b></p> | <p>–</p> <p>Montilla</p> <p>–</p> <p>–</p> <p>Black &amp; White</p> <p>Johnnie Walker</p> <p>Old Parr</p> <p>White Horse</p> | <p>–</p> <p>–</p> <p>–</p> <p>–</p> |
| <p><b>Vinho</b></p> <p><b>Vinho branco</b></p> <p><b>Vinho rosado</b></p> <p><b>Vinho tinto</b></p>  | <p>São Braz</p> <p>Três Coroas</p>   | <p>Garrafa de vidro com rolha</p>   |
| <p><b>Vodca</b></p>  | <p>Absolut</p> <p>Brazlowa</p> <p>Orloff</p> <p>Sky</p>  | <p>–</p>                            |

<sup>6</sup> O item denominado “outras” foi assim nomeado para agrupar bebidas que não se encaixavam em nenhuma das outras classificações, que compreende diferentes tipos de bebidas e marcas de bebidas.



| BEBIDAS NÃO ALCÓOLICAS                       |  |   |
|--|--|---|
| BEBIDAS – TIPOS                              | MARCAS   | EMBALAGENS  |
| Bebida energética                            | Burn<br>Fusion<br>Monster<br>Red Bull<br>TNT   | –   |
| Outras<br>(Guaraná da Amazônia e Milk shake) | –  | –   |
| Refrigerante                                 | Coca-Cola<br>Fanta Laranja<br>Fanta Uva<br>Guaraná Antarctica<br>Guaraná Jesus<br>Guaraná Kwat<br>H2OH!<br>Pepsi<br>Psiu<br>Sprite | Garrafa de plástico<br>Garrafa de plástico de 1L<br>Garrafa de plástico de 2L<br>Garrafa de plástico de 250ml<br>Garrafa de Vidro<br>Lata |

Fonte: O autor (2022).

#### 4 O léxico das bebidas em São Luís do Maranhão – olhando para os dados

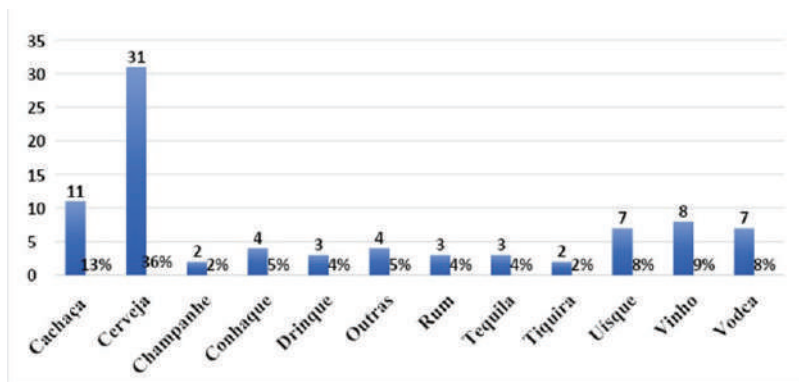
Analisando a diversidade lexical dos sinais das bebidas catalogados em São Luís do Maranhão, que representam a visão de mundo dos sinalizantes da Libras, de acordo com a classificação geral de sinais, foi possível coletar um total de 126 lexias, distribuídas entre as bebidas alcoólicas e as não alcoólicas.

A partir desse panorama geral dos dados dessa pesquisa, observamos que o léxico é um verdadeiro espelho social, pois materializa sentimentos, experiências, coisas e objetos presentes em uma comu-

nidade linguística, de acordo os postulados de Biderman (2001, p. 13-14), ao ressaltar que “[...] o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes. Portanto os símbolos, ou signos linguísticos, se reportam ao universo referencial”.

E se tratando apenas das *Bebidas Alcoólicas*, de acordo com o Gráfico 1, a seguir, registramos 85 sinais, que representam 67% dos dados totais, sendo o maior quantitativo dos dados coletados, distribuídos entre 12 bebidas, que incluem os tipos de bebidas, as marcas e as embalagens.

**Gráfico 1:** Quantitativo de lexias relativas ao campo das bebidas alcoólicas



**Fonte:** O autor (2022).

Conforme observado no gráfico, a bebida com o maior número de unidades lexicais coletadas foi a *Cerveja*, com 31 sinais que, em dados percentuais, representa 36% dos dados coletados, incluindo neste tipo de bebida, além das denominações para se referir à “bebida alcoólica amarela, às vezes escura e até preta, com espuma branca e que vende em bar”, sinais de marcas e embalagens. A segunda bebida com o maior quantitativo de lexias registradas foi a “bebida alcoólica feita à base da cana-de-açúcar”, a

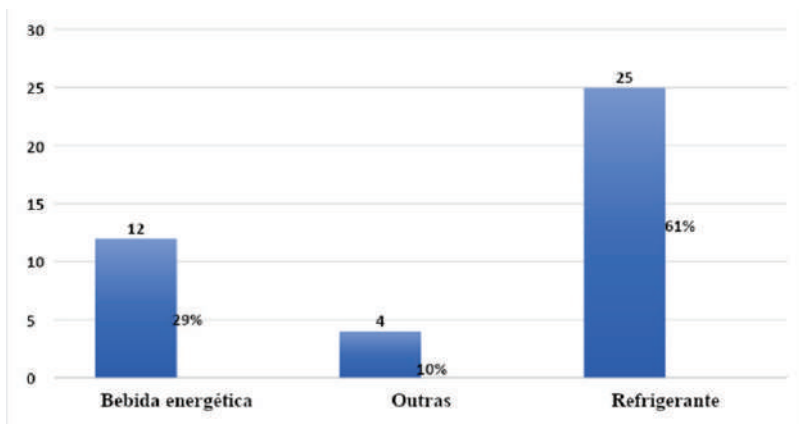
*Cachaça*, com 11 sinais (13%), que representam os sinais que denominam a bebida e que incluem um sinal para uma variedade da bebida, a *Cachaça temperada*, cuja venda e consumo são muito comuns na localidade em estudo. Registramos também sinais referentes a algumas marcas presentes no mercado, que correspondem a 5 sinais dos 11 registrados.

Outra bebida registrada que apresentou um quantitativo considerável de sinais foi o *vinho*, sendo este o terceiro tipo de bebida com mais sinais catalogados. A respeito deste, que é uma “bebida alcoólica que é feita a partir da fermentação da uva”, registramos 8 sinais (9%), que incluem os sinais que denominam a bebida; algumas variedades encontradas da bebida, como o *Vinho branco*, o *Vinho rosado* e o *Vinho tinto*; e algumas marcas e um tipo de embalagem específica, que é a *Garrafa de vidro com rolha*. Coletamos, ainda, 7 sinais para a bebida Uísque, que incluem os sinais que denominam a bebida e alguns referentes a marcas da bebida; e 7 sinais para a bebida *Vodca*, com o mesmo quantitativo de sinais, 7 unidades lexicais (8%), incluindo os sinais que nomeiam a referida bebida e as denominações para as marcas encontradas.

Por conseguinte, registramos, com o mesmo quantitativo de sinais, as denominações para o *Conhaque* com 4 sinais (5%) para o referido tipo de bebida e algumas marcas; e 4 sinais (5%) para o tipo *Outras*, que agrupa quatro diferentes bebidas, como o *Campani* (1 sinal), o *Frangelico* (1 sinal), a *ICE* (1 sinal) e o *Martini* (1 sinal). Além disso, compilamos os sinais para *Drinque*, 3 sinais (4%), que incluem a *Batida* e a *Caipirinha*; a bebida *Rum*, com também 3 sinais (4%); e a *Tequila*, com 3 sinais (4%). Por último, apresentando o menor quantitativo de unidades lexicais, registramos, com relação à denominação *Champanhe*, 2 sinais (2%); e a *Tiquira*, com também 2 sinais (2%).

O Gráfico 2, a seguir, apresenta o quantitativo de lexias relativas ao campo das *Bebidas Não Alcoólicas*, com 41 sinais, representando 33% dos dados lexicais totais.

**Gráfico 2:** Quantitativo de lexias relativas ao campo das bebidas não alcoólicas



**Fonte:** O autor (2022).

De acordo com o gráfico, no campo das *Bebidas Não Alcoólicas*, encontramos 3 tipos de bebidas, incluindo também as marcas e as embalagens. Sobre a primeira denominação, o *refrigerante*, que representa a bebida gaseificada “que normalmente é servida em aniversários e que acompanha o bolo”, notamos que esta apresenta o maior quantitativo de lexias inventariadas neste campo conceitual, com 25 sinais (61%), divididos entre o sinal para denominar a bebida e as marcas e embalagens relacionadas a esta. A segunda denominação se refere à “bebida que se compra em supermercados e também nos comércios, que deixa a pessoa acordada, alerta”, a *bebida energética*, com 12 sinais (29%), que incluem os sinais para o tipo da bebida e também algumas marcas encontradas. Por fim, no que diz respeito ao tipo *Outras*, que inclui dois tipos de bebidas, que são o *Guaraná da Amazônia* e o *Milk Shake*, registramos 4 sinais nesse segmento, que representa 10% dos dados totais das *Bebidas não alcoólicas*.

Das características analisadas dos sinais representativos do léxico das bebidas, quanto aos processos de formação de sinais envolvidos, podemos destacar:

- A *polissemia* – com 15 sinais, que envolve a formação de sinais tendo por base a atribuição de um novo significado a uma unidade lexical já existente, observado no exemplo do sinal da marca de cerveja Schin, que também é o mesmo sinal para se referir tanto à marca de uísque *White Horse*, quanto, em Libras, ao animal cavalo, conforme Figura 2, a seguir:

**Figura 2:** Sinal polissêmico em Libras, que se refere ao animal “Cavalo”, a cerveja “Schin” e ao uísque “White horse”



**Fonte:** O autor (2022).

- A *iconicidade* – processo de motivação para a formação de novos sinais, apresentando 23 sinais. Tal processo é observado com facilidade nas línguas de sinais, uma vez que se relacionam às características icônicas e visuais dos objetos a que se referem. Na iconicidade os sinais são motivados pelos traços visuais do referente, podendo ser observada neste trabalho no sinal de *torre de cerveja*, Figura 3, a seguir:

**Figura 3:** Sinal de “torre de cerveja” em Libras



**Fonte:** O autor (2022).

• *Empréstimos linguísticos* – que compreende os sinais que são criados a partir da influência da escrita da ortografia da Língua Portuguesa. Como exemplo podemos observar o *processo por transliteração da letra inicial*, que foi altamente produtivo, com 33 lexias, o qual refere-se a um empréstimo da letra inicial de uma palavra para a construção do sinal em Libras. Como exemplo, temos o sinal da marca de refrigerante Fanta, conforme Figura 4, a seguir, que é realizado com a CM em “f”.

**Figura 4:** Sinal da marca de refrigerante “Fanta” em Libras



**Fonte:** O autor (2022).

• O *processo por composição* – foram registrados 9 sinais. Na composição, um novo sinal é formado tendo por base a junção de dois sinais já existentes, apresentando como resultado da composição um novo significado diferente daquele expresso pelas unidades lexicais isoladas. Observamos esse caso no exemplo da *bebida energética*, que é formada a partir da junção da lexia “bebida” com a lexia referente a “energia”, formando a denominação para a bebida (Ver Figura 5).

**Figura 5:** Sinal de “bebida energética” em Libras



**Fonte:** O autor (2022).

### **Considerações finais**

Levando em consideração o percurso investigativo ora apresentado, este trabalho tem muito a contribuir não só com o conhecimento linguístico de um povo, mas também com o conjunto de suas experiências que nos falam muito a respeito de suas relações sociais e culturais, ressaltando seu pensamento particular de comunidade de fala.

Sendo assim, os sinais registrados nesta investigação refletem a visão de mundo de seus falantes e são elementos característicos da região estudada, apresentando um quantitativo significativo de lexias que representam o universo lexical das bebidas, registrados até aqui, que somam 126 unidades lexicais, mostrando-se fonte de informação rica, embora ainda pouco explorada por lexicólogos e lexicógrafos.



Dos sinais encontrados, 85% não se encontram registrados, mostrando a importância do nosso trabalho para a sociedade em registrar essas unidades que não se encontram em obras lexicográficas de referência, sobretudo com a variedade de sinais encontradas em São Luís do Maranhão.

Por fim, com este estudo, que objetivou fazer um recorte de uma parcela do universo lexical da Língua Brasileira de Sinais, espera-se que esta pesquisa científica motive a realização de novos trabalhos que envolvam a Libras, pois, assim como as línguas orais auditivas, é também uma língua natural e possui os mesmos constituintes linguísticos. Portanto, a pesquisa certamente contribuirá para os registros e estudos científicos dos campos lexicais da Libras no Maranhão, ressaltando a preservação desse rico patrimônio da população local.

## Referências

BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista Brasileira de Linguística**, São Paulo: Plêiade, v. 8, n. 1, ano 8, p. 15-30, 1995.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. In: BIDERMAN, M. T. C. QUEIROZ, T. A. (Ed.). **Estudos de filologia e linguística**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, p. 131-145, 1981.

BIDERMAN, M. T. C. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N (eds.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. v. I. Campo Grande: UFMS, p. 129-142, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. **As Ciências do Léxico**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2 ed. Campo Grande: Editora UFMS, p. 13-22, 2001.

BRASIL. **Lei No 10.436, de 22 de abril de 2002**. Brasília: Presidência da República, [2002]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm). Acesso em: 25 nov. 2023.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais**. (Série Atualidades Pedagógicas, n. 4). BRITO, L.F. et.al.(Org.). v. 3. Brasília: SEESP, 1998. 127p.

CAPOVILLA, F. C. *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. São Paulo: Edusp, 2017.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença USP, 1979.

FAULSTICH, E. L. de J. **Metodologia para projeto terminográfico**. Unb/IBICT: Brasília, 1990.

FAULSTICH, E. **Sinal**. Nota lexical. Centro Lexterm, Lisboa, 2014. Disponível em: <http://www.centrolexterm.com.br/notas-lexicais>. Acesso em: 28 nov. 2023.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Língua Brasileira de Sinais - Libras**. Série Atualidades Pedagógicas, Brasília, 4(3),1997.

GESSER, Audrei. **Libras: que língua é essa?: crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MAPA - Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. (2014). **Bebidas**. Brasília: MAPA/AECE, 2014. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/qualidade-seguranca-alimentos-bebidas/bebidas>. Acesso em: 20 nov. 2023.

NUNES, José Horta. Lexicologia e Lexicografia. In.: GUIMARÃES, E.; ZOPPIFONTANA, M. (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem – A palavra e a frase**. Campinas, SP: Pontes, 2006, p. 147-172.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais; tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

PROMETI, R. D. **Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira**: Criação de sinais dos termos da música. Brasília, 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2012.

QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANTOS, Oséias de Queiroz. **Um Glossário Semibilíngue Multimodal Português-Libras**: registrando o léxico das bebidas em São Luís do Maranhão. 225 p. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2022.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUTO MAIOR, Mário. **Dicionário folclórico da cachaça**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2004.

STANDAGE, Tom. **História do mundo em 6 copos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1995.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. Trad. de J. A. Osório Mateus. 3. ed. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1964.

XAVIER, M. F. e Mateus, M. H. (orgs.). **Dicionário de Termos Linguísticos**, v. II. Lisboa: Edições Cosmos, 1992.

# BILINGUISMO TALIAN-PORTUGUÊS NA ANTIGA REGIÃO DE COLONIZAÇÃO ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL

*Camila Barili (UFRGS)*

*Elisa Battisti (UFRGS)*

## **Introdução**

A imigração de italianos no Rio Grande do Sul a partir de 1875 moldou profundamente o perfil social, econômico, cultural e linguístico da área denominada Região de Colonização Italiana (RCI) (Frosi; Mioranza, 1975). O fenômeno de línguas em contato, tanto das diferentes formas dialetais faladas por esses imigrantes quanto da língua portuguesa, resultou na formação de uma *koiné*, o talian, pela interinfluência desses dialetos. Estudos recentes (Frosi, 2016; Margotti, 2004) mostram que o talian está em vias de desaparecer. No entanto, ainda parece haver expressivo número de bilíngues em alguns municípios que fazem parte da RCI, especialmente os de menor população. Dito isso, o objetivo do presente capítulo é estimar o número de bilíngues talian-português no município de Garibaldi, pioneiro na recepção de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul, para testar as hipóteses de rápido declínio no uso do talian em direção ao monolinguismo-português (Frosi, 2016) e de uso do talian em áreas rurais cada vez menos extensas (Margotti, 2004).

Na pesquisa por amostragem, levantam-se dados em uma localidade de área rural, Linha Marcorama, e em um bairro de área urbana, Alfândega, ambos em Garibaldi. Além disso, busca-se esclarecer o perfil sociolinguístico dos bilíngues, considerando-se macrocategorias como bilinguismo, escolaridade, gênero, idade, profissão, tempo em que habita na localidade, local de nascimento. As questões norteadoras da investigação são: qual é a proporção aproximada de bilíngues talian-português em Garibaldi? Como estratificam-se os bilíngues talian-português na

comunidade? Considerando-se as autodeclarações dos informantes, em que domínios sociais e com que interlocutores os bilíngues usam talian?

O estudo fundamenta-se na teoria de bilinguismo e contato linguístico de Weinreich (1968) e de Diebold (1961), como também na teoria de domínios de uso da linguagem de Fishman (1965).

## **1 Formação e continuidade do talian**

A vinda de milhares<sup>1</sup> de imigrantes italianos para a RCI em fins do século XIX teve motivação tanto italiana, por problemas de ordem socioeconômica agravados com a unificação da Itália, quanto brasileira, após a abolição da escravidão e a consequente tentativa de reorganização da sociedade em 1888, momento em que se necessitava criar uma classe de pequenos produtores e assalariados (Maestri, 2002). Ainda antes, muitas levas de imigrantes foram atraídas ao Brasil: em 1824, alemães chegavam para se estabelecerem na nova terra (Raso; Mello; Altenhofen, 2011), e apenas da década de 1870 chegavam os primeiros italianos (Frosi; Mioranza, 1983).

Essa imigração resultou na formação de comunidades de italianos que reproduziram padrões culturais e deram continuidade as suas línguas. Com proveniência de diferentes regiões da Itália, esses imigrantes falavam variedades dialetais por vezes diversas entre si, a saber, dialetos Vêneto-Trentinos, Lombardos e Friulano, conforme Frosi e Mioranza (1975).

---

<sup>1</sup> O número aproximado de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul entre o final do século XIX e início do século XX é de cerca de 1,4 milhões, conforme dados de Gomes (2000).

Em um processo complexo, esse contato entre variedades linguísticas levou, de forma natural, à interinfluência de dialetos afins e ao desaparecimento de formas dialetais menos representativas (Frosi; Mioranza, 1975), uma vez que a imigração não teve o mesmo número de pessoas emigradas de cada região italiana. Essa interinfluência levou ao surgimento de uma “expressão linguística com traços específicos de dois ou mais dialetos de diferentes regiões da Itália” (Frosi; Mioranza, 1975, p. 68). Com o predomínio de elementos dos dialetos vênéticos, formou-se o que Frosi e Mioranza (1975) consideram uma *koiné* (fala comum). O talian, língua de imigração, a qual entendemos por “língua diferente vinda de fora”, tem seus falantes na quinta ou sexta geração, e sofreu um processo de “adaptação” ao novo meio (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 280, 290), é essa *koiné*, “mescla básica de dialetos vênéticos mais representativos, com influências lombardas mais ou menos acentuadas” (Frosi; Mioranza, 1975, p. 70).

Foi assim, como uma língua comum, que o talian foi transmitido às sucessivas gerações nas comunidades constituídas por imigrantes, que utilizavam a língua nas relações sociais com a família, com amigos, com as pessoas do trabalho, em encontros religiosos, em programas de rádio etc. Essa língua comum, denominada pelos usuários simplesmente como ‘talian’, foi reconhecida como Referência Cultural Brasileira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, e pelo Ministério da Cultura, MinC, em 10 de novembro de 2014<sup>2</sup>.

Contudo, o crescimento econômico e a modernização trazidos pelas estradas de ferro, em 1910, que ligavam a RCI de Caxias do Sul a Porto Alegre, e o fácil acesso e contato com povos luso-brasileiros oca-

---

<sup>2</sup> Certidão do Ministério da Cultura disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Certidao\\_%20Talian.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Certidao_%20Talian.pdf), acesso em 18 jan.2022. Título do Inventário Nacional da Diversidade Linguística disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/T%C3%ADtulo%20INDL%20%20Talian.pdf>, acesso em: 18 jan.2022.

sionaram uma rápida integração entre grupos populacionais e propiciaram, assim, importantes mudanças linguísticas na RCI (Frosi; Faggion; Dal Corno, 2010, p. 17). Frosi (2016, p. 243) constata que, “em termos de linguagem, um complexo e precioso patrimônio dialetal italiano plurilíngue regional evoluiu, em linhas amplas, para uma realidade de monolinguismo de português”.

Diante desse cenário, o tema do presente capítulo é o uso talian na atualidade em Garibaldi, RS, antiga Colônia Conde D’Eu. Localizado na RCI, foi um dos primeiros municípios a receber imigrantes diretamente da Itália, em 1875. Esse tema foi escolhido devido à constatação de estudos como Frosi (2016) de que o talian, como língua natural, adquirida oralmente por transmissão linguística geracional, está em vias de desaparecer. Por isso, é relevante investigar quantos bilíngues talian-português ainda existem em comunidades como Garibaldi, qual o perfil social dos usuários, em que domínios usam a língua, quem são seus interlocutores.

## **2 Bilinguismo na RCI**

Garibaldi é um município localizado na RCI, a nordeste do Rio Grande do Sul. Foi um dos três primeiros territórios do estado a receber imigrantes vindos diretamente da Itália, em 1875, quando era denominado Colônia Conde D’Eu, juntamente a Bento Gonçalves, antiga Colônia Dona Isabel, e Caxias do Sul, antiga Colônia Caxias.

A colonização levou à coexistência de dialetos italianos com o português, o que resultou em mudanças linguísticas e culturais. Em circunstâncias como essa, pode haver o acréscimo de outro sistema linguístico e cultural ao sistema nativo dos indivíduos, que passam a ser bilíngues. Por isso Diebold (1961, p. 99) define bilinguismo como resultado da aprendizagem de elementos de uma língua não nativa, em situações de contato linguístico. No mesmo sentido, Weinreich (1968, p. 1) defi-

ne bilinguismo como a prática de alternativamente usar duas línguas, e bilíngues são, portanto, as pessoas envolvidas nessa prática.

Entendemos que bilinguismo é um fenômeno complexo e não pode ser compreendido na sua completude sem considerar a diversidade de configurações que ele assume em contextos específicos, em um país ou no mundo (Fishman, 1965), ou sem ter em conta as variáveis sociais, culturais, políticas, econômicas, atitudinais envolvidas.

Considerando medir a proficiência em talian a partir das auto-declarações dos informantes, por exigência do próprio contexto da pesquisa, como explicaremos adiante, apenas levar em conta a habilidade de produzir ou não enunciados em uma língua poderia excluir falantes que possuem algum estágio de aprendizagem mais inicial, ou um estágio que não permite ao falante produzir enunciados completos, seja pelo fato de o aprendizado ter sido mais restrito ou por resumir-se à compreensão oral. Esse estágio é definido por Diebold (1961, p. 98) como bilinguismo incipiente, classificação que reconhece também como bilíngues os falantes que não utilizam uma língua na fala, mas a compreendem, como é o caso de diversos indivíduos nas duas comunidades analisadas.

Neste trabalho, conforme categorizou Bovo (2004) com base em Weinreich (1970) e considerando a realidade linguística das comunidades em foco, adotamos os termos *bilinguismo ativo* para falantes que produzem e compreendem enunciados em talian e em português; *bilinguismo passivo* para falantes que não produzem enunciados, mas compreendem o talian; e *zero bilinguismo* para falantes que nem produzem nem compreendem o talian, sendo monolíngues-português.



### 3 Comunidades bilíngues no contraste rural vs. urbano

A língua de imigração em enfoque neste capítulo, o talian, é praticada, segundo Altenhofen e Margotti (2011, p. 290), por falantes descendentes de quinta ou sexta geração. O talian, falado em casa, manteve-se na transmissão de pais para filhos, de modo que foi a primeira língua de muitas famílias. Segundo Frosi (2016), essa transmissão passou a declinar, como um fenômeno generalizado na RCI, a partir do início do século XX, quando o relativo isolamento das comunidades em relação ao estado e à federação brasileira começa a ser amenizado, especialmente nas áreas urbanas, com a construção de estradas, ferrovias, escolas.

Vale ressaltar, em áreas rurais, no entanto, que os efeitos da urbanização são menores. As comunidades se organizaram e se mantiveram, assim como ainda se organizam e se mantêm, em torno de famílias, sobretudo de origem italiana, o que favoreceu, e ainda favorece, o uso do talian.

Pela influência de fatores externos, como a forte repressão que falares italianos sofreram com duras políticas linguísticas, principalmente na área urbana, pela Campanha de Nacionalização da Educação, promovida pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas na década de 1930, que proibia leitura, escrita e fala em outra língua que não a portuguesa (ver Rocha, 2013), as famílias começaram a considerar que falar português com seus filhos os beneficiaria, sobretudo no êxito escolar. Isso contribuiu para a diminuição no uso do talian, por trazer depreciação e inferiorização à língua e a seus falantes, segundo Frosi, Faggion e Dal Corno (2010).

Uma explicação a esse contexto é que, segundo De Heredia (1989, p. 184), “as línguas sofrem então, em geral, uma inversão de dominância à proporção que a criança cresce, se socializa e abandona o meio familiar”. Na RCI, de início, predominou o talian nas comunidades, a língua falada em casa. Depois, paulatinamente, foi tomando lugar a língua oficial do país, o português. A ruptura deu-se mais intensamente na área urbana e

com a ida das crianças à escola, a qual exigia que se falasse somente português, com risco de punição física e moral caso se falasse talian.

#### **4 Bilinguismo, contato linguístico e dimensões de uso**

Garibaldi, como mencionado anteriormente, é um município no qual o talian coexiste principalmente com o português. No que concerne ao fenômeno do contato linguístico, Weinreich (1968, p. 1) explica que duas ou mais línguas estão em contato se são usadas alternativamente pelas mesmas pessoas, colocando, assim, os usos linguísticos individuais como *locus* do contato.

As instâncias de desvio da norma das línguas envolvidas, observadas na fala de bilíngues, resultam da familiaridade com mais de uma língua, por contato linguístico. Esse fenômeno é denominado por Weinreich (1968, p. 1) como interferência. Segundo o sociolinguista, esse termo implica a “reorganização de padrões que resultam da introdução de elementos estrangeiros nos mais profundos domínios da língua” (tradução nossa), como no sistema fonético-fonológico, morfológico, sintático e lexical.

Como reconhecem Frosi e Mioranza (1975, p. 63), os falares italianos trazidos pelos imigrantes na RCI não mais se apresentam como de início. De fato, houve interinfluência de uma língua em outra não apenas no italiano falado na região, como também no português, reconhecível por traços muito específicos de léxico (Battisti *et al.*, 2006), de pronúncia, de morfologia e até mesmo de sintaxe (Altenhofen; Margotti, 2011).

Na pronúncia, o contato linguístico entre as duas línguas resultou em marcas no português falado na RCI, como a tendência a não elevar as vogais médias /e/ e /o/ em sílaba final de palavra (Bisol, 1981), o emprego variável de vibrante simples em lugar da múltipla (Battisti;

Martins, 2011), uso de -on no lugar de -ão (Battisti, 2012), assim como menores proporções de palatalização das plosivas alveolares /t/ e /d/ (Battisti; Guzzo, 2012). Em um nível morfossintático, há a incorporação de sufixos de origem italiana, como -ato (*retrato*), -eta (*picareta*), -ito (*gambito*), -ano (*soprano*), ina (*cantina*); além do uso do dativo ético em construções que não são comuns em português, como em *Os guris me dormiram toda noite* (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 301). Considerando o nível semântico-lexical, há alternância entre *ir* e *vir*, *levar* e *trazer*, *pedir* e *perguntar*, *sentir* e *ouvir* (Altenhofen, Margotti, 2011, p. 302), além de empréstimos específicos, como *nonno* (avô), *anholine* (massa composta de ovos e farinha de trigo recheada), *bodega* (bar), *cròstoli* (doce de massa frito) (Battisti *et al.*, 2006).

Os bilíngues da RCI têm domínio sobretudo do talian na oralidade, e mesmo assim, como vimos anteriormente, o nível de bilinguismo pode ser apenas passivo. Fundamentado na psicologia social, Fishman (1965, p. 229) explica que diversas medidas devem ser analisadas para mensurar o grau de bilinguismo de um indivíduo: a) média da variabilidade: o grau de bilinguismo pode variar nas habilidades escrita, lida e falada; b) função da variabilidade: o grau de bilinguismo pode mudar conforme o discurso individual, a compreensão e a produção; e c) variabilidade situacional: envolve estilo de fala em situações formal, semi-formal, informal, íntima etc. Assim, o conceito de bilinguismo se torna mais abrangente e, de certa forma, mais flexível.

O grau de bilinguismo pode ser diferente em cada domínio de uso da linguagem, já que há não apenas diferenças entre os indivíduos que interagem, como também em seus sistemas socioculturais. Os domínios de uso são fontes de variação, em função das normas de participação e situações sociais neles instauradas (Fishman, 1965, p. 233).

Em estudos de comportamento multilíngue, o domínio familiar mostrou ser crucial, de acordo com Fishman (1965). O talian é uma lín-

gua aprendida sobretudo na família. Seu uso e continuidade são influenciados pelas oportunidades de uso da língua que os indivíduos têm e por suas atitudes em relação a essa língua. Apesar de ser uma língua mais familiar, desde 2021, há a oferta de ensino do talian de forma gratuita pela UNICENTRO, do Paraná – PR, justamente para vir em apoio à diminuição de sua transmissão intergeracional.

## **5 Metodologia**

Nesta seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS<sup>3</sup> e realizada de junho a dezembro de 2022. Caracteriza-se a comunidade de fala investigada, apresentam-se os procedimentos de coleta de dados, mediante a realização de entrevistas, e de análise dos dados obtidos.

### **5.1 Comunidade de fala**

A comunidade investigada neste estudo é Garibaldi, antiga Colônia Conde D'Eu, situada na RCI. Além de italianos, o município recebeu suíços, austríacos, poloneses, com destaque para franceses, que também influenciaram a cultura local, através de congregações religiosas. Garibaldi tem registros de 1870 de seus primeiros imigrantes, vindo a ter sua emancipação em 1900. Segundo dados do IBGE<sup>4</sup>, estima-se em 35.794 habitantes a população garibaldense em 2021, em uma área geográfica de 167,559 km<sup>2</sup>. O município possui uma economia diversificada, voltada

---

<sup>3</sup> Parecer número 5.373.520 do CEP-UFRGS, emitido em 27 de abril de 2022.

<sup>4</sup> Informações disponíveis em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/garibaldi.html>, acesso em: 28 jan.2023.

à indústria, a serviços, ao comércio e à agricultura, com grande destaque para a viticultura, trazida pelos imigrantes italianos, a qual tornou o município reconhecido como a capital brasileira do espumante.

## 5.2 Entrevistas

Foram selecionados para a coleta de dados o bairro Alfândega, no perímetro urbano, um dos primeiros bairros do município a se constituir e que servia realmente como uma alfândega – ponto de revista de carroças; e a Linha Marcorama, no perímetro rural, com uma grande extensão territorial, a maior do interior de Garibaldi, assim como a mais populosa e uma das primeiras linhas a se constituir.

Foi visitada cada residência do bairro Alfândega e da Linha Marcorama a que a pesquisadora pôde ter acesso.<sup>5</sup> A pesquisa, que chamamos informalmente de “censo do bilinguismo”, contou com o apoio da rádio local, Tua Rádio, para a divulgação da investigação, o que facilitou o acesso da pesquisadora às casas dos informantes.

Cada entrevista abrangeu todos os moradores de cada residência. Após informar a natureza da visita e obter a anuência dos informantes a sua participação na pesquisa, via leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a pesquisadora, com base em um questionário, perguntava sobre a existência de bilíngues na residência, seu grau de bilinguismo e quando/com quem os informantes usavam o talian, para estimar a quantidade de falantes bilíngues português-talian e os domínios de uso. Realizou-se, também, um levantamento de dados sociais dos informantes, tais como: escolaridade, ocupação, gênero, idade, tempo em que habita a localidade.

---

<sup>5</sup> A pesquisadora não foi atendida em algumas residências, provavelmente porque não havia alguém em casa no momento da entrevista.

### **5.3 Análise dos dados**

Os dados foram registrados em uma ficha com os tópicos investigados - graus de bilinguismo e demais variáveis sociais (idade, escolaridade, gênero, local de nascimento, tempo de residência no bairro Alfândega e na linha Marcorama), impressa em uma folha A4 frente e verso. Após a coleta, os dados foram lançados em uma planilha elaborada em Excel. Posteriormente, a planilha foi submetida ao cruzamento de dados no mesmo programa citado, com que se efetuou uma análise estatística descritiva. Calculou-se a proporção de bilíngues pelos diferentes graus de bilinguismo e variáveis sociais consideradas.

## **6 Apresentação e discussão dos resultados**

Foram visitadas 165 casas no bairro Alfândega, com um total de 406 moradores registrados, e isso corresponde a aproximadamente 80% das residências. Em Marcorama, foram 51 casas, com 130 moradores registrados, e isso corresponde também a 80% de residências visitadas.

Em muitos casos, as entrevistas não se restringiram apenas às questões do formulário socioeconômico. Por isso, inicialmente, abordaremos alguns importantes relatos dos moradores, que ajudarão a compreender os usos do talian nas comunidades investigadas.

### **6.1 Relatos**

Um tópico da entrevista era determinar o grau de bilinguismo (ativo, passivo ou zero) dos seus falantes. A pergunta feita era: “tu falas talian?”. Por diversas vezes, os entrevistados da área urbana respondiam negativamente, o que fez com que mudássemos a questão para “tu sabes falar talian?”. Isso porque, na percepção de muitos desses falantes, o ta-

lian não é hoje, na comunidade, uma língua cotidianamente falada, em diferentes práticas sociais. Todos falam mais frequentemente português no dia a dia. É interessante notar que os entrevistados declaram não usar o talian mesmo em ruas em que todos os moradores, de acordo com os critérios desta pesquisa, podem ser considerados bilíngues ativos. Parece, nesse caso, que o talian perdeu espaço, em termos de domínios de uso, para o português.

Outro aspecto que se destaca das entrevistas é o fato de o talian não ser reconhecido como uma língua, mas como um dialeto, conforme a designação dos próprios entrevistados, perceptivelmente marcada por um *status* inferior. Os falantes têm a percepção de que o talian não é o italiano falado na Itália, mesmo não tendo estado nesse país. Ao serem questionados, foram recorrentes respostas como: “Italiano ‘correto’ não falo, só o dialeto”. Além disso, os falantes comumente denominam o talian como italiano, tomam as duas palavras como sinônimos, o que, para estudiosos que desconhecem esse fato, pode gerar dúvidas quanto à língua referida.

Alguns moradores da área urbana relataram ter pais, tios ou primos vindos da Itália, imigrantes da época da Segunda Guerra Mundial. Pelos relatos no momento da entrevista, os bilíngues da área urbana têm por hábito conversar em talian com pessoas da família que não habitem a mesma casa: irmãos, cunhados, pais, em especial quando moram no interior (i.e. na zona rural). Pouco frequentes foram os relatos, na área urbana, de a pessoa entrevistada falar talian em casa com o marido, a esposa. Já na área rural, é costume falar em casa com o cônjuge e demais habitantes, alternando talian com português, isso na própria percepção dos falantes.

Quanto aos graus de bilinguismo por local de nascimento, os dados obtidos revelaram que os indivíduos bilíngues ativos, na área urbana, em sua maioria, nasceram em Garibaldi (aproximadamente 61%). Através das entrevistas, foi possível notar que os bilíngues ativos moram há mais tempo no bairro Alfândega, muitos são filhos dos

primeiros moradores, e moram em casas, não em apartamentos, visto que estes são construções mais recentes. Também há bilíngues ativos que nasceram em outros municípios da RCI, como Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Carlos Barbosa, Coronel Pilar, Monte Belo do Sul, Veranópolis. Por vezes, os entrevistados relataram apenas ter nascido em uma localidade vizinha, mas passado toda sua vida em Garibaldi.

Na área rural, há menos variação de localidades. A maior parte dos residentes nasceu em Garibaldi (aproximadamente 87%), e muitos relataram ter nascido em casa, em Marcorama, com a ajuda de parteiras, muito comum em certa época.

Assim, a cidade se mostra bem diversa, com pessoas de origem étnica diferentes e, por isso, com possibilidade de haver falantes de outras línguas de imigração, como é o caso do alemão, ou do espanhol – este último, um caso de movimentos imigratórios mais recentes.

Acontecimentos da infância dos entrevistados que já moravam em área urbana nesse período são referidos em relatos tristes, do estigma que tinha o talian. Por exemplo, era vergonhoso falar essa língua. Por isso, era costume os pais falarem português com os filhos e entre si na zona urbana, porque achavam “colono” falar talian, ou porque era “chulo”. Uma moradora já idosa relatou que o pai contratou uma moça brasileira para ensinar português a ela e aos irmãos porque eles só sabiam talian quando, na Era Vargas, foi proibido falar outra língua que não o português. Na área rural, os moradores relataram castigos físicos ou morais na escola, mas em nenhum momento classificaram o talian como um falar negativo. Na Era Vargas, os entrevistados relataram que havia mais cuidado na rua, enquanto em casa continuavam a falar talian. Isso mostra a forte estigmatização que sofreu o talian no passado.

No entanto, estudos relativamente recentes, como o de Frosi, Faggion e Dal Corno (2010), mostram que o estigma vem sendo superado,



muito embora o português siga tendo maior prestígio relativo. As mesmas autoras (2010, p. 25) explicam que uma das consequências de atitudes linguísticas negativas para com o talian, junto a outros fatores, como a nacionalização e imposição da língua portuguesa, pode ser a substituição da língua de imigração, o que teria se intensificado, segundo elas, sobretudo a partir da quarta geração de descendentes dos imigrantes.

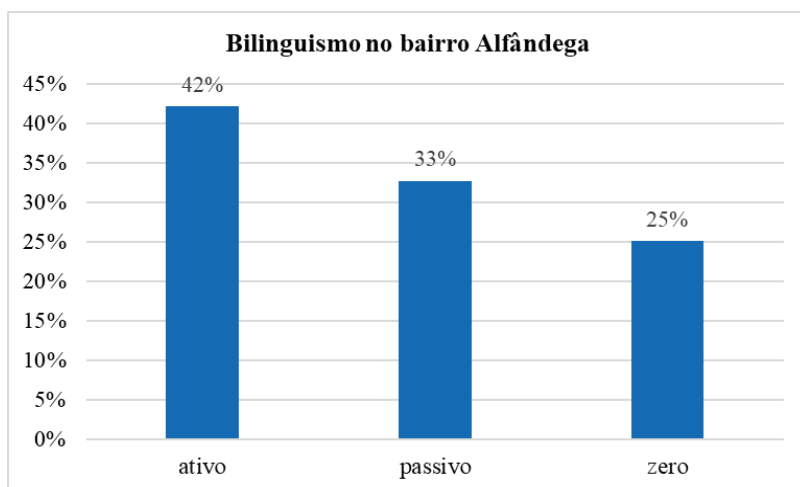
## **6.2 Dados do bilinguismo**

Os resultados da coleta de dados são apresentados separadamente, de acordo com as variáveis consideradas no levantamento.

### **6.2.1 Bilinguismo na área urbana e na área rural**

O Gráfico 1 mostra a proporção de bilíngues na área urbana. A proporção de bilíngues ativos e passivos é expressiva, as proporções são próximas (42% e 33%, respectivamente), o que mostra que a maioria dos moradores do bairro Alfândega possui algum contato com o talian, seja um contato mais intenso e precoce, na família, que favorece tanto a compreensão quanto a fala, seja um contato menos intenso e regular ou tardio, que favorece mais a compreensão do que a fala. Esse aspecto confirma que os graus de bilinguismo variam conforme os domínios de uso e o contato linguístico, se precoce ou tardio (Fishman, 1965).

**Gráfico 1:** Proporção de bilíngues na área urbana

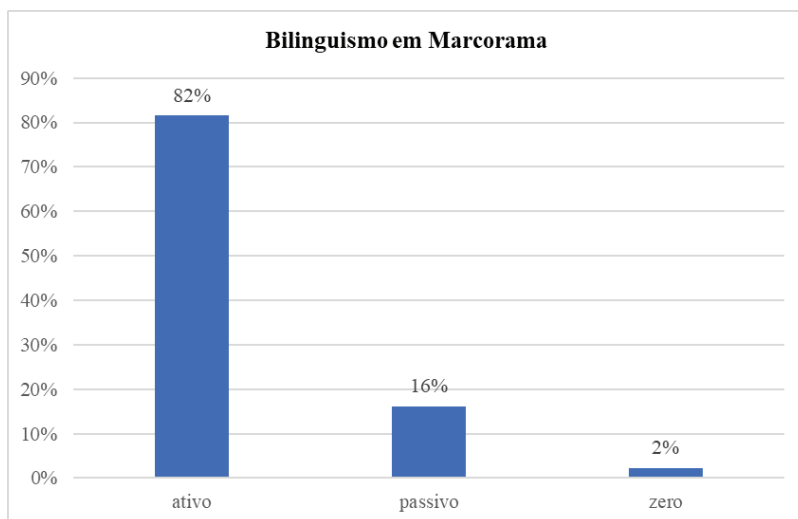


**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Contra os 25% de pessoas que não falam nem entendem o talian, 75% dos moradores do bairro Alfândega falam ou entendem essa língua, número significativo se considerarmos que, na área urbana, geralmente há preferência pelo português, língua oficial, e por práticas mais inovadoras (Battisti; Guzzo, 2012). O elevado número de bilíngues pode ser explicado, conforme assinalam Battisti e Guzzo (2012, p. 169), pelo fato de que a cultura da imigração italiana passou a ser valorizada quando a RCI começou a apresentar importantes índices de crescimento. Como consequência, a incorporação globalizadora não tem sido tão rápida, o que favorece a manutenção da língua de imigração.

Na área rural, em Marcorama, há uma proporção ainda maior de bilíngues, sobretudo ativos, como mostra o Gráfico 2.

**Gráfico 2:** Proporção de bilíngues na área rural



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

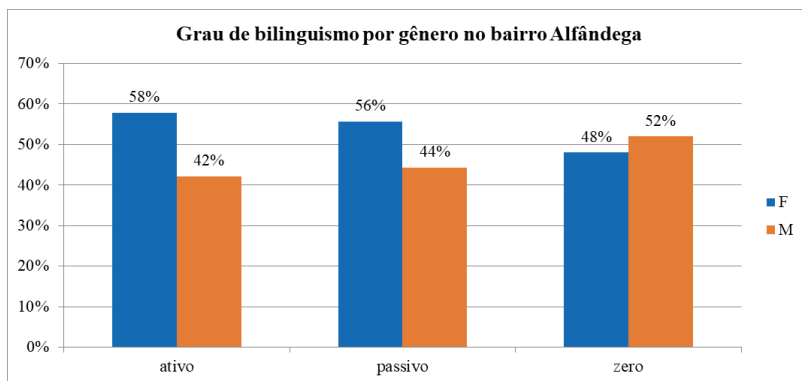
São 82%, e, somados aos passivos, são 98% dos moradores dessa comunidade que possuem algum grau de bilinguismo, evidenciando os usos mais intensos do talian nessa área do município, contra apenas 2% de moradores que são monolíngues-português. Esses dados também revelam a preservação da memória, da cultura sobretudo da uva, e da identidade desse grupo, reforçam o pertencimento ao local e a sua diferença em relação a outros grupos (Battisti; Guzzo, 2012, p. 170), como o de área urbana, aqui representado pelo bairro Alfândega.

### 6.2.2 Bilinguismo e gênero

Ao cruzar dados dos graus de bilinguismo por gênero, feminino ou masculino, na área urbana, a proporção encontrada de homens e mulheres moradores da comunidade é 58% de mulheres e 42% de homens

entre os informantes bilíngues ativos. Também há mais mulheres entre os informantes bilíngues passivos do que homens, 56% e 44%, respectivamente. Os dados (Gráfico 3) confirmam que há menos bilíngues homens nessa área (a urbana), porque há mais homens monolíngues português, com 52%, contra 48% das mulheres, como mostra o Gráfico 3.

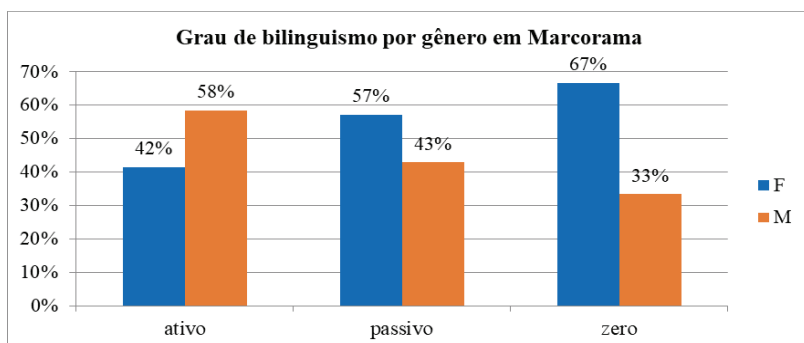
**Gráfico 3:** Grau de bilinguismo por gênero na área urbana



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Analisando os graus de bilinguismo na área rural (Gráfico 4 abaixo), os dados possuem uma importante variação. Enquanto há mais homens entre os informantes bilíngues ativos (58%) do que mulheres (42%), há mais mulheres entre os informantes bilíngues passivos (57%) do que homens (43%). Dos monolíngues português, 67% são mulheres e 33% homens. Esses dados da área urbana vão ao encontro do estudo de Battisti e Martins (2011), que mostra que homens exibem mais traços transferidos do talian ao português do que mulheres, o que pode estar ligado à sua maior proficiência em talian e, essa, à identidade masculina na comunidade.

**Gráfico 4:** Grau de bilinguismo por gênero na área rural



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Durante as entrevistas, as mulheres comentaram perceber que homens praticam mais o uso do talian do que elas na comunidade. Por exemplo, segundo elas, quando se encontram com um vizinho na rua, os homens falam talian; na mesma situação, as mulheres falam português. Assim como em encontros mais duradouros, como em bares, ao jogar cartas, a língua de preferência dos homens é o talian. Esses relatos sugerem que os homens, mais do que as mulheres, falam talian em espaços públicos, mesmo que o bilinguismo ativo seja maior entre os homens apenas na área rural. As mulheres tendem a usar talian em espaços privados, como nas interações familiares.

### 6.2.3 Bilinguismo e faixa etária

As idades declaradas pelos informantes no momento da entrevista foram agrupadas em faixas etárias, divididas da seguinte maneira: crianças (de 0 a 11 anos), adolescentes (de 12 a 18 anos), jovens adultos (de 19 a 35 anos), adultos (de 36 a 59 anos), e idosos (mais de 60 anos). Vale ressaltar, as crianças não eram enfoque na pesquisa, no entanto, a entre-

vistadora fez o registro da presença das crianças nas moradias visitadas e verificou se, de alguma forma, tinham contato com talian. A hipótese se confirmou, muitas crianças têm contato com talian principalmente pelos avós, e por isso entendem essa língua. No Quadro 1, consta o número de informantes por faixa etária no bairro Alfândega (área urbana) e na Linha Marcorama (área rural).

**Quadro 1:** Número de informantes por faixa etária

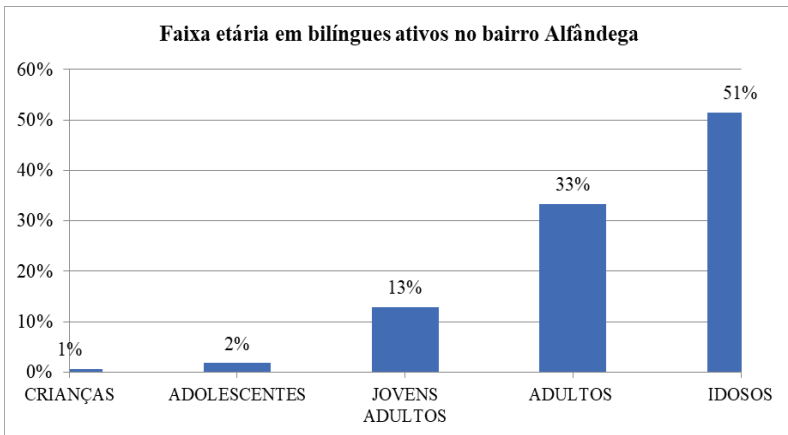
|                                  | <i>Bairro Alfândega</i> | <i>Linha Marcorama</i> |
|----------------------------------|-------------------------|------------------------|
| CRIANÇAS (de 0 a 11 anos)        | 23                      | 5                      |
| ADOLESCENTES (de 12 a 18 anos)   | 27                      | 4                      |
| ADULTOS (de 36 a 59 anos)        | 123                     | 48                     |
| JOVENS ADULTOS (de 19 a 35 anos) | 119                     | 22                     |
| IDOSOS (mais de 60 anos)         | 114                     | 51                     |
| TOTAL                            | 406                     | 130                    |

**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 5 revela que, no meio urbano, a faixa etária dos idosos é o estrato da comunidade que mais fala e entende talian (51%), seguida dos adultos (33%) e de jovens adultos (13%). Esse decréscimo evidencia o declínio no uso do talian ao longo das gerações e sugere que o decréscimo prossiga nas próximas futuramente. Nesse sentido, Garibaldi difere de outras comunidades da RCI como Caxias do Sul (Frosi, 2016), mais urbanizada, de população maior, originada de migrações internas. Nas

famílias da comunidade aqui investigada, a terceira ou quarta gerações de imigrantes ainda aprenderam simultaneamente o talian e o português, mas é possível que as gerações subsequentes não tenham vivido as mesmas condições de bilinguismo (Frosi; Faggion; Dal Corno, 2010) e as futuras, tampouco viverão.

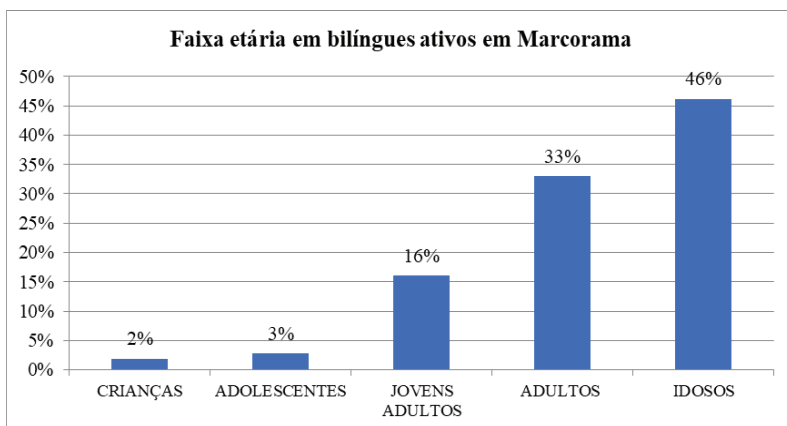
**Gráfico 5:** Bilíngues ativos por faixa etária na área urbana



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Na área rural, os resultados se assemelham no que se refere aos graus de bilinguismo por faixa etária: os bilíngues ativos são idosos (46%), seguidos dos adultos (33%) e, após, vêm os jovens adultos (16%), adolescentes (3%) e crianças (2%), como mostra o Gráfico 6. Como mencionado anteriormente, na área rural, todas as pessoas da família têm o hábito de falar talian entre si, o que mostra que gerações mais novas também usam talian em suas práticas sociais no domínio familiar.

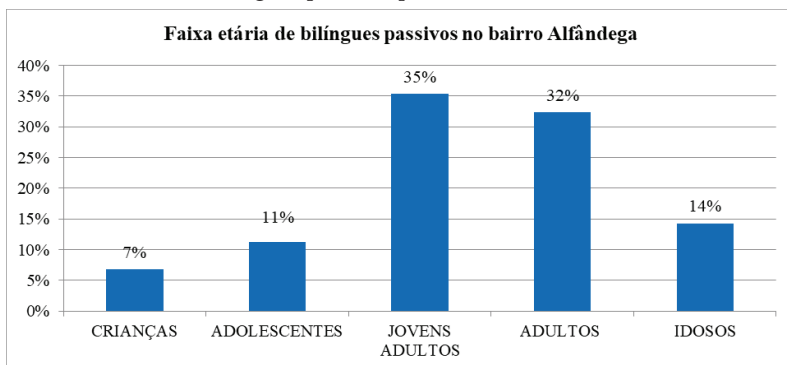
**Gráfico 6:** Bilingües ativos por faixa etária na área rural



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Analisando os bilingües passivos na área urbana (Gráfico 7), percebemos que sua maioria – jovens adultos (35%), seguidos por adultos (32%) – provavelmente conviveu com avós, falantes de talian, no entanto, não teve contato suficiente com a língua nas interações com os pais para dominar o talian na oralidade. Interessa notar que crianças aparecem com 7% e adolescentes 11% de bilingüismo passivo, ou seja, as novas gerações ainda têm algum contato com o talian na área urbana.

**Gráfico 7:** Bilingües passivos por faixa etária na área urbana

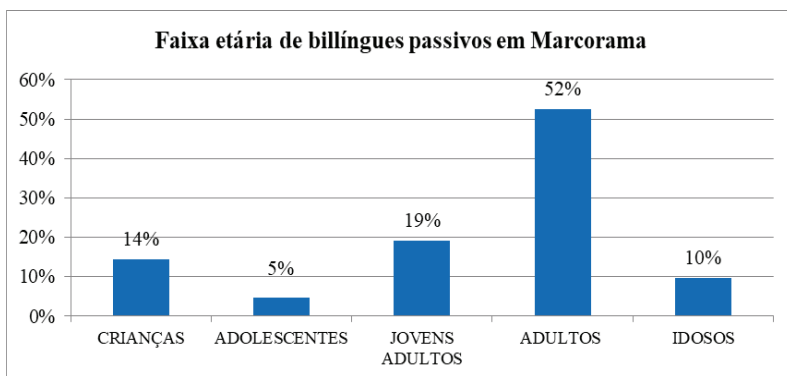


**Fonte:** Elaborado pelas autoras.



Em comparação, o Gráfico 8, referente à área rural, apresenta mais adultos bilíngues passivos (52%) e menos jovens adultos (19%). Vale notar, o número de crianças bilíngues passivas dobra, são 14%. Isso evidencia o maior contato que essa faixa etária tem com o talian nessa localidade.

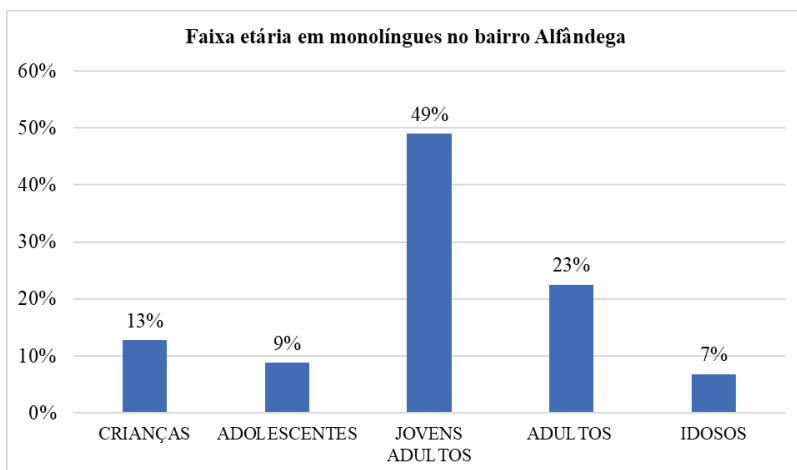
**Gráfico 8:** Bilíngues passivos por faixa etária na área rural



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Analisando os moradores da área urbana que não falam nem entendem talian, apenas português (Gráfico 9), temos o seguinte resultado: a maior parte dos informantes com grau zero de bilinguismo são os jovens adultos (49%), seguidos de adultos (23%) e crianças (13%). O fato de os jovens adultos apresentarem maior grau de monolinguismo português pode se dever a diversos fatores, como a origem étnica, o local de nascimento fora da RCI, ou até mesmo ter morado desde cedo no município e ter tido insuficiente contato com o talian, especialmente no domínio familiar. Além desses fatores, deve-se considerar que essa faixa etária é a universitária, o que exige deslocamento a centros maiores, como Caxias do Sul, São Leopoldo, Porto Alegre, Passo Fundo, para exemplificar alguns, e, conseqüentemente, a preferência pelo uso do português, não do talian.

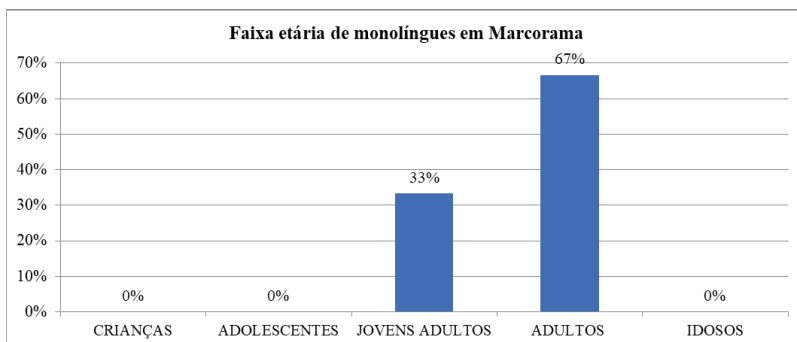
**Gráfico 9:** Monolíngues por faixa etária na área urbana



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Já o Gráfico 10 mostra que, na área rural, os monolíngues portugueses são predominantemente adultos (67%) e jovens adultos (33%).

**Gráfico 10:** Monolíngues por faixa etária na área rural



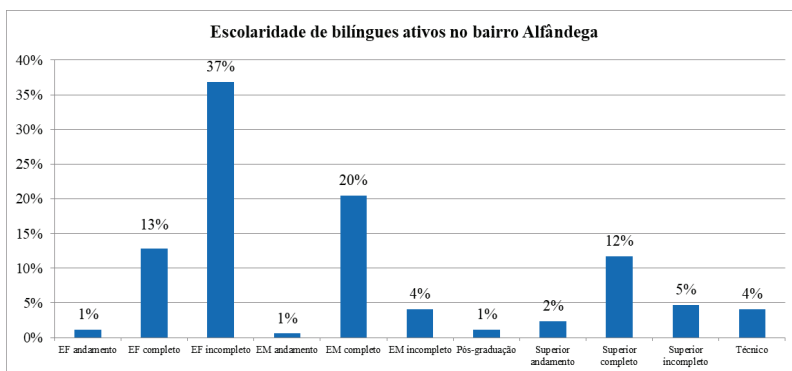
**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

Em contraste com a comunidade urbana, a comunidade rural possui faixas etárias em que não há monolíngues. Das pessoas entrevistadas, não foi possível encontrar crianças, adolescentes ou idosos que não tivessem ao menos um grau de bilinguismo, ativo ou passivo. Esse dado sugere que falantes em áreas rurais, como os da comunidade de fala de Marcorama, mantêm mais a fala e os usos do talian do que áreas urbanas.

## 6.2.4 Bilinguismo e escolaridade

A escola tem um decisivo papel na continuidade ou não de línguas minoritárias, uma vez que a língua majoritária, ensinada na escola, não é neutra: ela legitima a cultura da classe dominante. A língua é o veículo da escola para impor conteúdos de acordo com interesses da classe dominante (Bourdieu, 2008). Assim é que, na Campanha de Nacionalização do Ensino, de 1938, decretou-se o português como língua nacional, causando efeitos severos na continuidade dos usos do talian, influenciando fortemente as atitudes linguísticas negativas dos falantes em relação a essa língua. Os resultados do levantamento de bilinguismo por grau de escolaridade estão nos Gráficos 11 e 12.

**Gráfico 11:** Bilíngues ativos por nível de escolaridade na área urbana

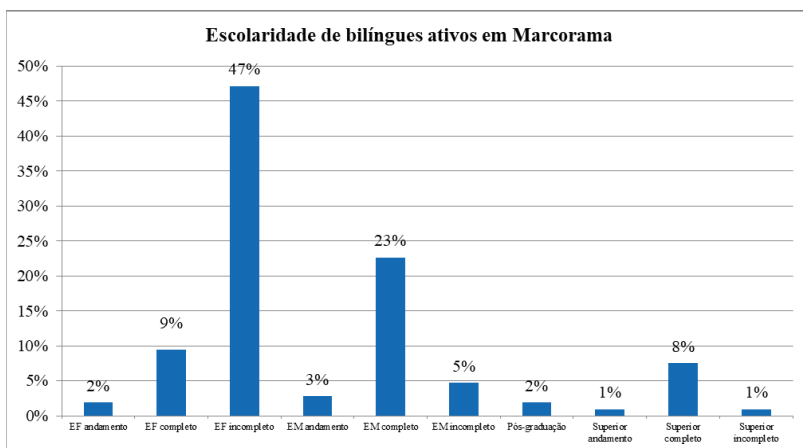


**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 11 mostra que, na área urbana, boa parte da população bilíngue ativa (37%) tem escolaridade de Ensino Fundamental incompleto, mais especificamente, 4ª ou 5ª séries. Segundo os relatos dos entrevistados, que se sentiram na obrigação de explicar o porquê da baixa escolaridade, na infância e adolescência, a preocupação principal era trabalhar ou cuidar dos irmãos enquanto os pais iam para a roça, como também atestaram estudos de Boni e Costa (1979, p. 43) quando dizem que a escola era vista como desnecessária por não ser um meio de ascensão social, porque ler e escrever não era importante na RCI. A segunda maior proporção de bilíngues ativos tem Ensino Médio completo (20%), seguida de Ensino Médio completo (13%) e Ensino Superior completo (12%). Os resultados permitem afirmar, portanto, que o bilinguismo ativo decresce com o aumento da escolaridade.

Já o Gráfico 12 apresenta as proporções de bilinguismo ativo por nível de escolaridade na área rural.

**Gráfico 12:** Bilíngues ativos por nível de escolaridade na área rural



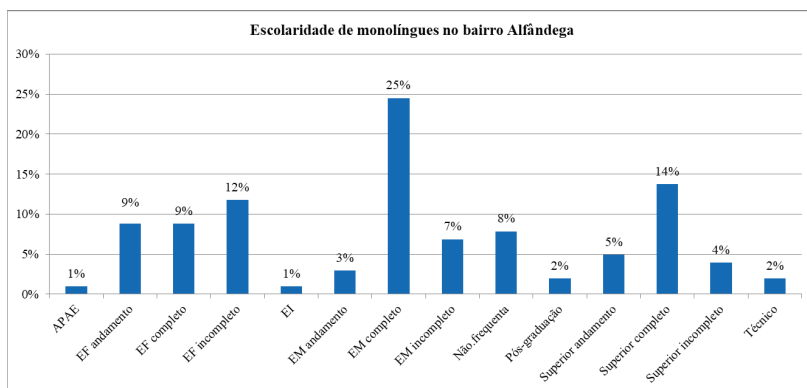
**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 12 mostra que a maioria dos falantes talian-português possui Ensino Fundamental incompleto (47%) na zona rural, também tendo frequentado a 4ª ou 5ª série. Da mesma forma que na Alfândega, na área urbana, os entrevistados da zona rural se sentiam na obrigação de justificar a baixa escolaridade, e utilizaram os mesmos motivos: na época em que eram crianças ou adolescentes, só se pensava em trabalhar. Assim como na área urbana, a segunda maior proporção de bilíngues ativos são os que possuem Ensino Médio completo (23%), Ensino Fundamental completo (9%) e Superior completo (8%).

A pesquisa de Fritzen (2011), sobre práticas de letramento e sua influência nas línguas de imigração alemã, reconhece que a educação formal foi determinante no silenciamento dos teuto-brasileiros e no apagamento de práticas escritas em alemão, reafirmando o caráter impositivo da escola em relação ao uso da língua portuguesa, não de imigração, resultado que também podemos observar na análise dos gráficos recém mencionados.

O nível de escolaridade de monolíngues-português na área urbana é mais variado, o que revela também um nível maior de instrução. A maioria dos entrevistados monolíngues possui Ensino Médio completo (25%), seguido de Superior completo (14%), Ensino Fundamental completo (12%). Um dos moradores da comunidade pertence a uma escola de educação especial (Apae), e alguns moradores têm, inclusive pós-graduação, como especialização, mestrado ou doutorado, como mostra o Gráfico 13.

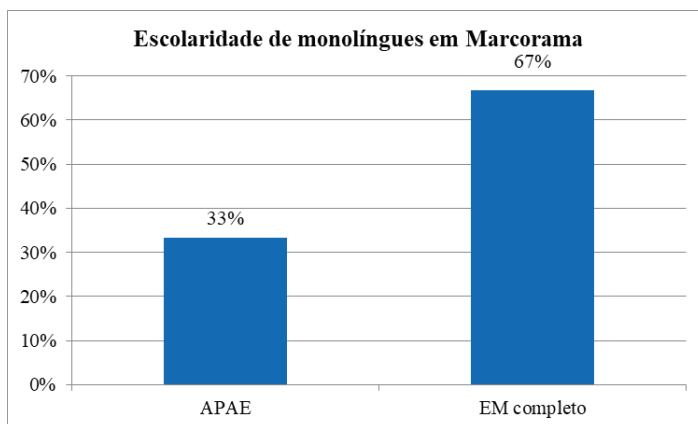
**Gráfico 13:** Monolíngues por nível de escolaridade na área urbana



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

O Gráfico 14, referente à área rural, apresenta dados semelhantes àqueles encontrados na área urbana para o nível de escolaridade dos monolíngues português, como podemos observar abaixo.

**Gráfico 14:** Monolíngues por nível de escolaridade na área rural



**Fonte:** Elaborado pelas autoras.

## Considerações finais

O talian é uma língua de domínio familiar. É uma língua adquirida e usada inicialmente na família, mantendo-se praticamente restrita a ela, em especial na área urbana. Na área rural, os domínios de uso se expandem para vizinhos e amigos, os quais estão nas redondezas, o que mantém a língua em uso nas práticas sociais na comunidade.

A proporção total de bilíngues somando-se ativos e passivos, tanto na Alfândega, área urbana, quanto em Marcorama, área rural, é considerada elevada, 75% e 98% respectivamente, o que confirma a presença expressiva do talian nas duas áreas de Garibaldi. Apesar das proporções elevadas de bilinguismo na comunidade de fala como um todo (mais de 80%, em média), a comparação dos resultados para a área urbana e para a área rural mostra diferenças relevantes. Com maior proporção de bilinguismo ativo, parece que apenas os falantes da área rural falam talian como prática social diária. Nesse sentido, é maior sua ligação com a língua, o uso que fazem dela entre familiares e amigos e sua transmissão às crianças. Os bilíngues passivos são indivíduos que tiveram ou têm contato com talian suficiente para compreensão oral, mas não para produção oral, e que, provavelmente, e sobretudo se já forem adultos, não serão bilíngues ativos.

O trabalho não comprova a hipótese de rápido declínio do talian em Garibaldi. Considerando-se as proporções de bilinguismo presente-mente atestadas, o declínio mostra-se lento, diferentemente do previsto para outros municípios da RCI (Frosi, 2016). Vale dizer, a pesquisa mostrou que, apesar de, ao longo das últimas gerações, ter havido declínio nos usos do talian, esta é uma língua ainda presente inclusive em falantes da área urbana. Entre os bilíngues, predominam os idosos, mas o grupo de praticantes do talian inclui também adultos e jovens adultos, que demonstram interesse pela cultura e tradições ligadas às raízes italianas e à língua talian. Assim, e na medida do possível, mantêm-se vivas a língua e as tradições culturais.

A baixa escolaridade, especialmente entre os bilíngues ativos, parece ter tido um importante papel na manutenção dos usos do talian: mais distantes da imposição da língua legítima (Bourdieu, 2008), o português, efetuada pela escola, e somando-se a isso fatores como a fidelidade linguística e atitudes linguísticas positivas, os falantes se sentiram mais livres para continuar a usar o talian em suas interações diárias.

Desenvolvimentos futuros do presente estudo lançarão luz justamente a esses dois aspectos, às atitudes linguísticas dos falantes e aos usos do talian nas interações cotidianas, ao esperar contribuir para esclarecer as motivações da permanência ou desaparecimento das línguas de imigração em comunidades de fala brasileiras.

## Referências

ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício W. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-316.

BATTISTI, Elisa. GUZZO, Natalia. Variação linguística, práticas sociais e Identidade em Flores da Cunha (RS), **Todas As Letras**, São Paulo, v. 14, n. 2, 2012.

BATTISTI, Elisa. MARTINS, Luisa Bitencourt. A realização variável de vibrante simples em lugar de múltipla no português falado em Flores da Cunha (RS): mudanças sociais e linguísticas, **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n.º 42, junho de 2011, p. 146-158.

BATTISTI, Elisa. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais, **Alfa**, São Paulo, 56 (3), p. 1117-1149, 2012.



BATTISTI, Elisa; TEDESCO, Eliana G.; PAVIANI, Neires Maria S.; ZANOTTO, Normelio; DAMIANI, Suzana; FROSI, Vitalina Maria. **Dicionário de italianismos e de outras inovações vocabulares do português falado na antiga Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

BISOL, Leda. **Harmonização vocálica**: uma regra variável. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981. 334 p.

BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas linguísticas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

BOVO, Nínive. M. P. **A variação da vibrante e seu valor social**, 2004. Dissertação [Mestrado em Letras e Cultura Regional]. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. 157 p.

DAL CASTEL, Juvenal J.; LOREGIAN-PENKAL, Loremi; TONUS, João W. (Org.). **Talian par ceì e grandi** - Gramática e stòria. 1ed. Pinto Bandeira: Araucária, 2021.

DE BONI, Luís. A.; COSTA, Rovilio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST / Caxias do Sul: UCS, 1979.

DE HEREDIA, Christine. Do bilinguismo ao falar bilingue. In: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane (orgs.). **Multilinguismo**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual da Unicamp, 1989. p. 177-220.

DIEBOLD, A. Richard. Incipient Bilingualism. **Language**, v. 37, n. 1, Linguistic Society of America, Washington DC, 1961, p. 97-112.

FISHMAN, Joshua A. Bilingualism, Intelligence and Language Learning, **The Modern Language Journal**, Medford, v. 49, n. 4, Apr., 1965, pp. 227-237.

FRITZEN, Maristela P. Reflexões sobre práticas de letramento em contexto escolar de língua minoritária, **D.E.L.T.A.**, São Paulo, n. 27, v. 1, 2011, p.63-76.

FROSI, Vitalina M. Os dialetos italianos: um processo de 140 anos. In: FROSI, Vitalina Maria; MISTURINI, Bruno (Orgs.). **Imigração italiana: Estudos e Pesquisas**. São Leopoldo: Oikos, 2016, p. 241-272.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.

FROSI, Vitalina M.; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Gisele Olivia. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: FROSI, Vitalina Maria; FAGGION, Carmen Maria; DAL CORNO, Gisele Olivia (Orgs.). **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Caxias do Sul – RS: EducS, 2010, p. 15-42.

GOMES, A. C. Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. p. 159-178.

MAESTRI, Mario. **Uma história do Brasil: Império**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. 332 p.

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V. **Os contatos linguísticos e o Brasil: dinâmicas pré-históricas, históricas e**

sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs.). Os contatos linguísticos no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 13-56.

ROCHA, Simone. **O poder da linguagem na era Vargas: o abrasileiramento do imigrante.** 2013. Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL\\_VI/Individuais/O%20PODER%20DA%20LINGUAGEM%20NA%20ERA%20VARGAS%20O%20ABRASILEIRAMENTO%20DO%20IMIGRANTE.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VI/Individuais/O%20PODER%20DA%20LINGUAGEM%20NA%20ERA%20VARGAS%20O%20ABRASILEIRAMENTO%20DO%20IMIGRANTE.pdf). Acesso em: 23 jan. 2023.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: findings and problems.** 7. ed. The Hague, Mouton, 1968.

# LÍNGUA MINORITÁRIA ALEMÃ NO NORTE DE MATO GROSSO: PERCEPÇÕES E ATITUDES DE INFORMANTES SOBRE SUA BILINGUALIDADE

*Neusa Inês Philippsen*

## **Introdução**

Este artigo é resultado de pesquisa realizada a partir de um projeto intitulado “Nos confins do Brasil, o que resta da língua de imigração alemã entre os descendentes de alemães em Mato Grosso”. Este projeto surgiu a partir de uma iniciativa promovida pelo Serviço de Intercâmbio Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD) por meio do consentimento de uma bolsa de estudos, no ano de 2021, que se estendeu até o ano de 2022.

Dentre os objetivos do estudo, destaca-se registrar percepções e atitudes linguísticas de falantes bilíngues e/ou monolíngues da língua de imigração alemã que se encontra em uso na região Norte mato-grossense. Ademais, observou-se nas perguntas atitudinais o valor que é dado à língua de imigração alemã e realizou-se a comparação entre gerações para verificar a *language shift*, ou seja, a última fase de assimilação, porque a geração mais velha (acima de 50 anos) é bilíngue, mas já com bastante dominância do português, e os jovens (de 18 a 30 anos) são praticamente monolíngues por causa do contato massivo com a língua portuguesa.

O aporte teórico central da pesquisa encontra-se vinculado aos pressupostos gerais da Dialetoleologia Pluridimensional e Relacional em interface com a Sociolinguística Variacionista e dialoga com autores tais como Thun (1996); Steffen (2013); Altenhofen (2013); Krug (2013); Figueiredo (2014), Labov (2008 [1972]), Calvet (2002), dentre outros.

Os *corpora* foram coletados por meio de falas espontâneas coletadas em entrevistas com (i)migrantes descendentes de alemães e um questionário lexical que foi adaptado do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (Krug, 2013) à situação linguística local.

O recorte feito para esta exposição enfoca os resultados sobre as percepções e atitudes da manutenção (ou não) das variedades alemãs e sobre a bilinguagem de falantes e descendentes da língua minoritária alemã em Sinop, Mato Grosso. Essa cidade fica a 504 km da capital do estado de Mato Grosso, Cuiabá, e se localiza na Amazônia brasileira, contando com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes, conforme dados estimativos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná), nome dado em homenagem à colonizadora privada que a projetou, foi fundada em 14 de setembro de 1974. No mapa a seguir, é possível visualizar a localização mais específica do lócus da pesquisa:

**Figura 1:** Localização da cidade de Sinop, Mato Grosso



**Fonte:** Elaborado por Fernando Hélio Tavares de Barros (2019).

Para melhor compreensão dos resultados obtidos, o presente capítulo apresenta três seções, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção são expostos os pressupostos teóricos necessários para a tessitura do texto a partir de alicerces que o sustentem teórico-metodologicamente, com enfoque na Dialectologia Pluridimensional e Relacional em interface com a Sociolinguística Variacionista, sem esquecer do bilinguismo que movimenta as noções operatórias diretrizes do estudo, as percepções e atitudes linguísticas. Na segunda seção, discorre-se sobre os movimentos topodinâmicos dos (i)migrantes alemães que procuraram novos espaços para dar continuidade à expansão das áreas de produção agrícolas e levaram consigo língua e cultura, que se tornaram híbridas em contato com outras culturas, línguas e variedades encontradas nos novos lugares, destacando-se o Norte de Mato Grosso. Na terceira seção, finalmente, relacionam-se os procedimentos teórico-metodológicos, para, na sequência, apresentarem-se os apontamentos analíticos que se cingem do *corpus* selecionado.

## **1. Costuras teóricas necessárias**

Falar sobre a Dialectologia Pluridimensional e Relacional em interface com a Sociolinguística Variacionista é antes de mais nada falar sobre os inter-relacionamentos atuais que se movem como costuras entre distintas áreas do saber, mas que foram moldadas com importantes tessituras trazidas por estudos antepassados. Sendo assim, é possível afirmar que uma teoria moderna surge a partir da desconstrução de premissas que não foram suficientes para dar respostas a determinados objetos e contextos de pesquisa ou de mudanças necessárias que permeiam novos tempos, novas tecnologias, novos comportamentos e atitudes sociais e culturais.

Foi assim que surgiu a Dialectologia Pluridimensional e Relacional (doravante DPR), gestada por mais de cem anos anteriores de estudos

dialetais, visto que, conforme Brandão (2005), em 1881, na França, a Dialetoлогия começou a ganhar vulto, especificamente quando passou a fazer parte do currículo regular da *École Pratique des Hautes Études*, de Paris: “impulsionou-a não apenas o ideal da valorização das manifestações populares (usos, crenças, costumes, falares), mas, principalmente o interesse pela evolução histórica das formas linguísticas” (Brandão, 2005, p. 8). Cabe ressaltar que a sua ascensão se deu na França justamente com o propósito de refutar estudos realizados por pesquisadores que então se intitulavam neogramáticos, os quais difundiam o princípio de que as alterações fonéticas obedeciam a leis rígidas, que, à semelhança das leis naturais, não admitiam exceções.

Assim, podemos ver que, se atualmente a DPR, que tem como precursores Radtke e Thun (1996) e Thun (1998), é considerada uma inovação dentro dos estudos da variação linguística, só pode ser assim chamada porque analisa não mais apenas a variação diatópica ou geográfica (monodimensional), como fazia a antiga Dialetoлогия, mas a variação diastrática ou social, a partir de diferentes dimensões e parâmetros (pluridimensionais), promovendo relações entre elas (relacionais). Por sua vez, esse fato inovador não poderia ser pensado como tal sem as contribuições de estudos anteriores, tanto da Dialetoлогия quanto da Sociolinguística, que deixaram marcas intrínsecas em sua roupagem conceitual e epistemológica.

Mais especificamente da Sociolinguística Variacionista, a DPR levou e leva em consideração a relação heterogênea entre linguagem e sociedade, lançando olhares aos fatores extralinguísticos, como a escolaridade, faixa etária, sexo e nível socioeconômico dos falantes, mas que foram considerados insuficientes para uma abordagem pluridimensional e relacional e por isso foram aprimorados. Observa-se, assim, que novos campos de atuação passam a interessar à DPR:

O espaço variacional da dialetologia pluridimensional não compreende apenas os dialetos ‘puros’ preferidos pela dialetologia tradicional ou os socioletos da sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e de maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais (Thun, 1998, p. 704).

Dessa forma, as dimensões incorporadas à DPR são diversas, tais como: a idade (dimensão diageracional), o sexo/gênero (dimensão diassexual ou diagenérica), a escolaridade (dimensão diastrática), o estilo de fala (dimensão diafásica), o grupo social (dimensão diagrupal), as línguas de contato (dimensão dialingual), a identidade social (dimensão diarreferencial), dentre outras. Destaca-se aqui que, para a presente pesquisa, consideraram-se as seguintes dimensões: a diageracional: GI (de 18 a 30 anos) e GII (acima de 50 anos), a diassexual/diagenérica (gêneros feminino e masculino), a dialingual (línguas portuguesa e alemã), a diatópico-cinética (topodinâmica) e a diafásica (falas espontâneas).

### **1.1 O bilinguismo como cerne às percepções e atitudes linguísticas**

De acordo com Weinreich (1953), o “bilinguismo” seria a prática do uso alternativo de duas línguas por sujeitos em determinada comunidade linguística. À primeira vista, o termo “bilíngüe” pode ser entendido como “indivíduo que se comunica em duas línguas”, ou seja, é “o controle nativo de duas línguas” por parte de um indivíduo que aprendeu simultaneamente ou não duas línguas distintas (Harmers; Blanc, 2000, p. 6).



O bilinguismo, por sua vez, pode trazer consequências nem sempre desejáveis ou compreensíveis ao sujeito bilíngue, tais como a alternância de línguas, fenômeno também chamado de *code-switching*, e crenças, percepções e atitudes linguísticas relacionadas a juízos subjetivos construídos social ou individualmente sobre determinada língua e, conseqüentemente, comportamentos (de uso ou não) em relação a ela.

Com relação ao *code-switching*, Gumperz (1982, p. 59) afirma que é “a justaposição dentro da fala de passagens do discurso pertencentes a dois sistemas gramaticais diferentes ou subsistemas”. Essa justaposição pode acontecer tanto na fala quanto na escrita, como nos mostram Altenhofen, Steffen e Thun (2019) ao analisarem cartas escritas de imigrantes de fala alemã em território brasileiro. Segundo esses autores:

Talvez os exemplares mais curiosos são os que apresentam alternância de código (*code-switching*), ou seja, a troca espontânea do alemão para o português e vice-versa. Essas particularidades linguísticas mostram mais uma vez a influência da oralidade nessas cartas, visto que reproduzem o comportamento típico de pessoas bilíngues que estão acostumadas a alternar entre as duas línguas, dependendo do tópico ou das intenções de comunicação dos falantes (Altenhofen; Steffen; Thun, 2019, p. 22).

Sobre as percepções e atitudes linguísticas, Aguilera (2008, p. 106) as concebe como “o resultado da soma de crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação sociolinguística”. Ademais, ela assegura que “a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade, que se pode definir como a característica ou o conjunto de características que permitem diferenciar um grupo de outro, uma etnia de outra, um povo de outro” (Aguilera, 2008, p. 105-106).

Cabe ressaltar, também, que as percepções e atitudes linguísticas têm relações próximas com os preconceitos linguístico e social, especialmente porque adotam uma abordagem direta de julgamento social entre traços linguísticos social e estilisticamente estratificados ou traços linguísticos que apresentam pouca força avaliativa. Nesse sentido, Labov (2008 [1972]) preconizava que as percepções seriam um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão.

## **2. Grupos topodinâmicos: os (i)migrantes alemães em busca de novas ancoragens**

Pensar a língua de forma topodinâmica é pensar a língua em movimento, viva, que se adéqua aos espaços, à cultura, às comunidades linguísticas às quais é submetida. A língua em movimento identifica os falantes, molda e faz moldar em uma incessante roda-viva que gira em busca de nuances outras que possam pulsar com ainda mais força em novos movimentos, novas vibrações, novos espaços, novas palavras, novos sentidos, novos conceitos, novas compreensões, novas crenças e novas atitudes linguísticas.

É a roda-viva que também faz ter ânsia pela busca de espaços outros, como uma necessidade preenhe que move os espíritos à procura do novo, do diferente, do que pode ser melhor. Foi essa a compreensão central da DPR, ou seja, ao incorporar a espacialidade, a DPR rompe definitivamente com a tradição da descrição da variação diatópica exclusivamente horizontal. A espacialidade resultaria em uma visão tridimensional do espaço. É, ao mesmo tempo, física, social e perceptual. E, portanto, vinculada às ideias de interação e de processo constante de transformação (Figueiredo, 2014).

A partir dessa compreensão tridimensional do espaço amplia-se o olhar da diatopia à dimensão diatópico-cinética, dividida entre topostática (grupos pouco móveis no espaço) e topodinâmica (grupos demograficamente móveis). Tal ampliação leva, conseqüentemente, à necessidade de compreender como a mobilidade interfere nas escolhas linguísticas em novas comunidades de fala. Com o intuito dessa compreensão, Altenhofen (2013) elabora questões norteadoras para tal, que podem servir de arcabouço às pesquisas que intuem debruçar-se sobre o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos, dentre elas convém destacar: a) de que modo as variedades/línguas migrantes se transferem para o novo meio (canais e fluxos migratórios)? b) Que vínculos os grupos migratórios mantêm com a matriz de origem? c) Como se reestruturam para atender às necessidades do novo meio? d) Como constituem suas territorialidades, ou seja, como se constitui uma variedade linguística em contato com a diversidade de outros “modos de falar” no novo meio para onde migra o grupo pesquisado? e) Que mudanças linguísticas são observadas em relação à matriz de origem?

Ademais, há que se considerarem as razões que levaram à migração, qual o caminho percorrido, o tempo de permanência no novo território, visto que, de acordo com Thun (1996), é necessário que um falante esteja há pelo menos cinco anos em um novo lugar para que a acomodação linguística aos hábitos do novo ambiente possa sedimentar-se.

Sendo assim, cabe refletir, inicialmente, sobre o processo migratório e o perfil dos migrantes, no caso, para o recorte desta pesquisa, especificamente os migrantes alemães que se estabeleceram na região Norte de Mato Grosso, particularmente na cidade de Sinop. Como principais características desses migrantes, pode-se destacar que são provenientes do Sul do Brasil e que vieram em busca de novas fronteiras agrícolas. O início dessa vinda ocorreu logo que as fundações da cidade iniciaram, ainda nos primeiros anos da década de 1970, impulsionados por propa-

gandas promissoras de aquisição de terras baratas e prosperidade econômica, deslocando-se, assim, de espaços geográficos já estruturados e economicamente ‘estabilizados’ para uma das últimas fronteiras agrícolas ainda “desabitadas”<sup>1</sup>.

Vale lembrar que, historicamente, nesse período brasileiro, vivíamos em pleno auge da Ditadura Militar e, conforme Philippsen (2008, p. 26-27):

Desde o início da colonização, ainda na década de sessenta, a estratégia política geoeconômica da Ditadura Militar vale-se dos recursos da mídia para propagar as vantagens de migrar ao Centro-Oeste e encontrar terras férteis, lucros fáceis e ascensão social, tanto que um dos slogans lançados nessa época foi: *levar homens sem-terra para as terras sem homens*; mais recentemente veiculam-se outros, tais como celeiro do Brasil e terra de sonhos e realizações.

Ademais, a corrente sulista ou “gaúcha” - como é predominantemente reconhecida por pesquisadores - possui ramificações em quase todo o território nacional, principalmente acompanhando a expansão das áreas de produção agrícolas do Brasil, mas também para além de nossas fronteiras políticas, adentrando em países vizinhos, como Paraguai, Uruguai, Bolívia e Argentina. De acordo com Alves (2005, p. 44):

Destacam-se, nessa corrente, mais do que em outros grupos de migrantes nacionais, fortes manifestações étnico-culturais que permanecem como identidade na trajetória do grupo e que são, deliberadamente, difundidas, dentre outras: a ideologia da positivação do trabalho, advinda da cultura europeia trazida pe-

---

<sup>1</sup> Expressão inaugurada por Getúlio Vargas, no final da década de 1930, na proposta de ocupação denominada Marcha para o Oeste, que tinha como propósito ocupar os ‘espaços vazios’ do Centro-Oeste e da Amazônia para criar, nesses ‘novos espaços’, uma nova ordem político-social.

los primeiros imigrantes; o pioneirismo na ocupação dos cerrados para o desenvolvimento da agricultura moderna; os hábitos alimentares originários principalmente no Rio Grande do Sul, como o chimarrão e o churrasco; as instalações dos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) nas áreas onde se fixa o grupo.

Nesse contexto, Figueiredo (2014) chama atenção para o fato de que o conceito de gaúcho se vincula mais à matriz de origem do informante do que necessariamente ao lugar do Sul de onde partiu, uma vez que a ocupação da região Norte de Mato Grosso é uma extensão do processo iniciado pela saída de famílias do Rio Grande do Sul rumo ao Oeste de Santa Catarina, ao Sudoeste do Paraná e, finalmente, ao Centro-Oeste.

Por conseguinte, ao chegarem às terras sinopenses, os migrantes descendentes de alemães do Sul do Brasil trouxeram consigo não só a língua alemã e as variedades em contato do português falado em seus estados, como também toda uma gama cultural herdada das regiões europeias de origem e trazida pela imigração alemã no século XIX. Nesse sentido, é possível afirmar que a cultura alemã continua relativamente vigorosa em Sinop. Destacam-se a Associação Teuto-Brasileira de Sinop – MT (ATBS) (fundada em 1993) e o Grupo de Dança Siebenschritt. Tanto a associação quanto o grupo de dança são formados, em sua maioria, de gerações de descendentes de imigrantes alemães que foram assentados em regiões de ocupação antiga no Sul do Brasil, desde 1824. A ATBS e o Siebenschritt são compostos, essencialmente, de teuto-gaúchos.

Outra marca da cultura alemã na cidade são casas em estilo colonial alemão com o telhado em forma de chalé, que lembram bastante o estilo enxaimel (ou Fachwerk em alemão), típico na arquitetura alemã. Nas feiras coloniais são encontrados vários produtos, especialmente produtos da culinária alemã, sendo que vários feirantes são migrantes sulistas de origem alemã. Na fotografia a seguir é possível se ter uma ideia da vitalidade do Grupo de Dança Siebenschritt:

Figura 2: Grupo de Dança Siebenschritt



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Observando-se toda a especialização sinopense, é possível encontrar muitas evidências de marcas sulistas alemãs que se relacionam à origem topodinâmica dos migrantes que vieram ao Norte de Mato Grosso, conforme se pode ver na fotografia a seguir tirada da fachada de um bar na cidade:

**Figura 3:** Marca relacionada ao migrante sulista alemão



**Fonte:** A própria autora.

Vale lembrar que, culturalmente, associa-se aos alemães a fama de serem bebedores de cerveja e à Alemanha a terra da cerveja, especialmente porque no país a cerveja é considerada um bem cultural. São 1.300 cervejarias que produzem mais de 5 mil rótulos diferentes, mais do que em qualquer outro lugar do mundo<sup>2</sup> e por causa da maior festa da cerveja do mundo, a Oktoberfest, realizada na cidade de Munique, no estado da Baviera.

Na próxima seção, apresentam-se os procedimentos teórico-metodológicos e as considerações analíticas apreendidas do recorte do *corpus* selecionado para esta apresentação.

---

<sup>2</sup> Fonte: Lüpke (2013).

### 3. Procedimentos teórico-metodológicos e analíticos

Como já apresentado, as principais mobilizações teórico-metodológicas referentes às atividades desta pesquisa filiam-se aos pressupostos da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, mais especificamente aos trabalhos desenvolvidos pelo pesquisador alemão Dr. Harald Thun (1996; 1998), em interface com a Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Calvet, 2002). Quanto ao recolhimento de informações e coleta de dados, foram feitos na cidade de Sinop, localizada ao Norte do estado de Mato Grosso e que integra a Amazônia Legal no Brasil.

Para a realização deste estudo, os *corpora* foram reunidos por meio de falas espontâneas coletadas em entrevistas com migrantes descendentes de alemães e por meio de um questionário com perguntas dirigidas que abordavam sobre a identificação dos informantes, sobre sua topodinâmica e sobre aspectos (meta)linguísticos, dentre os quais questões de identidade, identificação de padrões identitários, papel da língua na constituição da identidade, grau de bilinguismo e o reconhecimento da identidade. A elaboração do questionário, que foi adaptado à situação linguística local, considerando-se os contatos intervaretais e entre línguas, levou em conta estudos teutobrasileiros já desenvolvidos em outras regiões do país, especialmente os do Sul do Brasil, com destaque ao questionário voltado às percepções e atitudes do Hunsrückisch do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (Krug, 2013).

As dimensões de natureza extralinguística consideradas para este estudo foram as seguintes: a diatópica-cinética (topodinâmica), diageracional (GII e GI), diagenérica (homens e mulheres), dialingual (variedades do alemão, alemão-padrão, português) e a diafásica (falas espontâneas). Cabe ressaltar, como esperado, que a dimensão diageracional não se mostrou produtiva à pesquisa, visto que foram localizados somente três informantes bilíngues entre os mais jovens da GI (de 18 a 30 anos), mas há grande número de bilíngues da GII (geração mais velha, acima de 55 anos).



As entrevistas e o questionário seriam inicialmente aplicados a vinte e quatro informantes, migrantes descendentes de alemães e seus filhos/netos, divididos igualmente entre informantes diageracionais, ou seja, doze jovens e doze mais velhos. Todavia, como dito, encontramos apenas três informantes jovens bilíngues. Salienta-se que, para a identificação dos informantes entrevistados, foram utilizadas siglas (I= informante; na sequência, a numeração ordinal, de acordo com a ordem das entrevistas; M/F= masculino/feminino; J= jovem, V= velho e a idade do informante) e que, sobre as línguas faladas por eles, foram transcritas e aqui apresentadas conforme elencadas pelos entrevistados, ou seja, segundo a sua percepção de língua/variedade que utilizam.

Como recorte para a exposição analítica neste capítulo, optou-se por apresentar as percepções e atitudes dos informantes sobre sua bilinguagem e sobre o que pensam sobre a manutenção (ou não) das variedades do alemão falado no Norte de Mato Grosso.

### **3.1 Percepções e atitudes dos informantes sobre sua bilinguagem**

Para apreender como estão/são as percepções e atitudes dos informantes sobre sua bilinguagem, fizemos três perguntas que compreendemos imprescindíveis para obtermos essas respostas:

- 1) Você se considera bilíngue? AP: Meinst du, dass du zweisprachig bist? VA: Bist du zweisprachig?
- 2) Que tipo de alemão é? Como se chama? AP: Was für ein Deutsch ist es? Wie heißt es? VA: Was fo Deutsch? Wie heißt er?
- 3) Qual você acha mais bonita? AP: Welche findest du schöner? VA: Was fo ist die schönste?

Com relação à questão 1, cabe ressaltar que todos os quinze informantes responderam que se consideram bilíngues, o que vem ao encontro da compreensão de Neves (2016, p. 169) sobre o bilinguismo, quando afirma “que os sujeitos bilíngues ativam a(s) língua(s) de acordo com seus interlocutores, e que essas escolhas estão ligadas também a fatores sociais, além de linguísticos”.

Todavia, conforme os resultados obtidos, é possível constatar que as variedades da língua alemã, em Sinop, estão sendo cada vez menos faladas, inclusive pela Geração II, que não as fala mais com os filhos: “a própria família já não fala mais. Como é que você quer tirar um alemão no meio daquilo ali?” (I9MV70). Ademais, quando se reúnem com familiares ou amigos que ainda falam, apresentam alternância de código (*code-switching*), ou seja, a troca espontânea do alemão para o português e vice-versa. Foi o que constatamos especialmente quando recolhemos as falas espontâneas: “olha, quem leva a sério a tradição, wie mia, unsa Kina hon gelent” (I2FV67).

Na questão 2, as respostas foram distintas sobre a percepção do tipo de alemão falado pelos informantes:

- GII = Hunsrückisch (seis informantes), Plattdeitsch<sup>3</sup> (três informantes), Hochdeutsch (duas informantes), Mennoniten-Deutsch (um informante)
- GI = **I1FJ29** (Eu acho que é um dialeto do alemão); **I2MJ28** (Não sei); **I3FJ30** (Deutsch, mas não sei dizer o tipo)

Esses resultados nos mostram que a maioria dos entrevistados, nove, da Geração II, apresentaram o Hunsrückisch/Plattdeitsch como o

---

<sup>3</sup> Ainda que se saiba que Plattdeitsch é o mesmo que o Hunsrückisch, ou seja, apenas mais uma denominação que os hunsriqueanos dão para o Hunsrückisch, optou-se por manter a distinção, pois foi assim que eles autodenominaram o tipo de sua fala alemã.

tipo de alemão falado. Sobre essa percepção, cabe destacar um recorte de fala espontânea, que a informante I8FV63 acrescenta à questão, após dizer que fala Plattdeutsch: “eu acho que é o alemão dos pobres, é o alemão mais pobre (risos). É porque diziam pra nós que na verdade a gente não tinha língua nenhuma. A gente não sabia falar alemão, não sabia falar português. Nós não tínhamos língua na verdade”.

Essa asserção vem ao encontro do que dizem Fritzen, Nazaro e Sieves (2014), quando asseveram que a língua alemã, falada por grupos minoritários, não raro, é estigmatizada, denotando o preconceito existente com relação a essa língua mantida à margem do padrão idealizado de língua presente em discursos hegemônicos. Essa estigmatização parece estar relacionada à difusão da noção de homogeneidade cultural por meio da qual se constroem currículos e práticas educativas, em torno da ideia de uma cultura e uma língua nacional.

Duas informantes disseram falar o Hochdeutsch (I6FV69 e I4FV78), sendo que I6FV69 afirmou tê-lo aprendido na escola, por isso ela, inclusive, aprendeu a ler e escrever o alemão standard; ambas afirmaram que os pais falavam o Hochdeutsch. O informante I5MV69 foi o único que disse falar a variedade Mennoniten-Deutsch, sendo que o uso dessa variedade está inter-relacionado aos contextos histórico e geográfico desse informante, visto que os pais, ucranianos, saíram da Ucrânia para fugir da Segunda Guerra Mundial. No Brasil, instalaram-se em Curitiba, no Paraná, na Colônia Witmarsum, e, como outros migrantes entrevistados, na década de 1970 I5MV69 migrou para Sinop.

---

<sup>4</sup> Localizada a 60 quilômetros de Curitiba, a comunidade tem cerca de 2 mil habitantes, em sua maioria de imigrantes ucranianos "Menonitas" (um movimento do cristianismo evangélico), que chegaram ao Brasil a partir dos anos 1930 e deram ao local o nome de "Witmarsum", que significa "estrela azul".

Os três informantes da Geração I, por sua vez, não souberam dizer qual o tipo de alemão que falam. Cabe aqui citar Maltzahn (2017), que nos explica a razão de os mais jovens já não estarem mais interessados em saber sobre sua língua de herança, visto que a língua portuguesa, majoritária, tende a se difundir entre os jovens cada vez mais e passa a ter um papel importante para os descendentes de alemães, vinculado à ascensão social e econômica e à diferenciação entre os descendentes urbanos e os rurais. O português, nesse contexto, é prestigiado e considerado “língua de status” e língua da cidade. Nesse caso, a língua alemã passou a ser discriminada e foi estigmatizada como “língua de colono” em uma referência ao camponês.

Segundo o autor, esse é o resultado consequente da Campanha da Nacionalização<sup>5</sup>, que provocou um silenciamento da etnicidade teuto-brasileira e, com as migrações topodinâmicas para espaços multilíngues e multivarietais, a “língua de status”, no caso o português, é a principal opção entre os migrados.

As respostas da questão 3, todavia, revelaram-nos uma pequena surpresa, quase contraditória ao que foi afirmado até então, no sentido de língua de estigma e que denota preconceito. Isso nos leva a crer que, se a língua de status é o português, a língua de herança é a que mantém a costura da identidade, da cultura, do vínculo com a Europa. Dessa forma, não por acaso, sete informantes da GII asseveraram ser o alemão a língua mais bonita e, de forma unânime, todos os três informantes da GI também atribuíram maior beleza à língua alemã:

---

<sup>5</sup> Foi instituída dentro do Estado Novo no governo de Getúlio Vargas, entre os anos de 1937-1945. Seus principais objetivos eram minimizar línguas e culturas em comunidades de imigrantes (especialmente de alemães, italianos e japoneses) e construir a integração ‘hegemônica’ entre os brasileiros.

- GII = Deutsch/alemão (sete informantes, quatro mulheres e três homens); die beiden/as duas (dois informantes, um casal); keine schönere/nenhuma mais bonita (uma informante); Portuguesisch/português (um informante)
- GI = Alemão (todos os três informantes): **I1FJ29**: “o Alemão, porque é diferente. Assim, quando as pessoas encontram a gente, falam: “nossa, você ainda fala!”; **I2MJ28**: “Ah, é diferente, eu acho bonito”; **I3FJ30**: “Der Deutsch. Ich möchte balt nuer Deutsch sprechen/O alemão. Eu gostaria de quase só falar em alemão”

Sendo assim, é possível asseverar que, apesar das tentativas promissoras do Estado de silenciamento por meio de políticas linguísticas repressoras, vem à tona a complexidade da questão das identidades culturais e linguísticas. Nesse sentido, coaduna-se com Cuche (2002), quando diz que, para definir a identidade de um grupo, importante não é apenas inventariar seus traços culturais e linguísticos distintos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural e linguística, nesse caso, o orgulho de achar a língua alemã “diferente”, “bonita” e, ainda, “pra seguir a tradição, né. É um orgulho pra gente se a gente sabe duas línguas” (I2FV67).

### **3.2 Percepções e atitudes dos falantes sobre a manutenção (ou não) das variedades alemãs**

Para a compreensão sobre as percepções e atitudes dos informantes sobre a continuidade ou não do uso das variedades do alemão no Norte de Mato Grosso, fizemos a seguinte pergunta essencial para obtermos essa resposta:

• **1) No futuro ainda vai ser falado alemão aqui? (ALMA 29)**

As respostas, de maneira geral, não foram animadoras para a continuidade de uso das variedades alemãs nessa região, conforme se pode ver a seguir:

- GII = i) não souberam responder (dois informantes, um casal); ii) cada vez menos (quatro informantes, dois homens e duas mulheres. Ex.: I7MV85: “cada vez menos, sempre menos, porque os mais antigos já não falam mais alemão, então novos não aprendem mais”); iii) acham difícil (três informantes, dois homens e uma mulher. Ex.: I4FV78: “eu acho difícil porque não tem escola”); iv) Não (dois informantes, um de cada sexo. Ex. I9MV70: “olha, eu acho que não. A própria família já não fala mais”); e v) Sim (uma informante. I10FV75: “ah, eu acho que sim que alguém continua língua raiz, né. Eu acho que não vai acabar”)
- GI = Sim (**I2MJ28**: “acho que sim, mas vão ser poucos”); Cada vez menos (**I1FJ29**: “vai ser cada vez menos. Eu mesma queria ensinar para meus filhos, mas não é fácil, precisaria tirar um tempo diariamente só pra isso”); e Não (**I3FJ30**: “infelizmente não. No futuro muito próximo, não é algo muito distante, né”).

Com relação às respostas dadas sobre a pergunta referente a se no futuro a língua alemã continuaria sendo falada no local, houve praticamente unanimidade nas respostas sobre a não continuidade e as razões apresentadas também se igualam, quais sejam, a língua majoritária é a portuguesa, é essa que é falada em casa e, principalmente, com a geração mais jovem, que sequer aprendeu, em muitas famílias, o alemão.

Apenas os informantes I1MV69 e I2FV67 afirmaram que ensinaram aos filhos (que hoje já se encontram com mais de quarenta anos) e também à neta mais velha, mas que hoje praticamente não fala mais.

Ademais, sobre o futuro do uso da língua alemã na região, I5MV69 acrescenta que:

[...] Depende do valor que você dá pra isso. Se você der esse valor, por exemplo, aqui em Sinop não vi nenhuma televisão em dar ênfase nisso. Então, não tem nenhum tipo de programa em alemão onde você poderia incentivar alguém, onde deveria ver uma vantagem, livros que existem em alemão. Então, automaticamente isso vai morrer mais cedo ou mais tarde.

Ainda com relação a esse cenário nada favorável à sobrevivência da língua alemã nesse espaço amazônico, cabe ressaltar, mais uma vez, sobre o porquê de os descendentes de imigrantes dessa língua minoritária não mais darem continuidade ao seu uso. Como as possíveis respostas a esse cenário compreendemos que, em consonância com Altenhofen (2013), também por estarem distantes da “matriz de partida” (a região Sul do Brasil), sendo que migrantes e descendentes, nessas novas áreas, realizam mudanças na língua e variedades. Isso se deve especialmente por causa:

a) Do tempo transcorrido (eixo macrocronológico, segundo Thun, 2009; 2010), b) do contato com outras variedades do português e de outras línguas (dimensão diafásica e dialingual [fala de bilíngues e monolíngues]) e c) das territorialidades de cada língua no novo meio, em termos da coesão e homogeneidade *versus* heterogeneidade dos diferentes grupos em contato. Em áreas do norte mato-grossense, isso equivale p.ex. ao contato entre teuto-gaúchos e ítalo-gaúchos, de um lado, e nortistas, paulistas e norte-paranaenses, de outro (Altenhofen, 2013, p. 42).

E convém salientar, uma vez mais, sobre outra possibilidade de não sobrevivência da língua alemã, no sentido de não ter sido repassada às gerações mais jovens. O relato de I8FV63 expresso a seguir deixa

explícita a vergonha que tinha da variedade de alemão que aprendeu, ao dizer que: “e sabe que a gente teve que aprender a sentir vergonha da gente. E eu aprendi a ter vergonha de mim mesma. Era sempre “Schäm dich doch mohl, loss dich doch mohl Scheme”. Essa vergonha, por sua vez, a informante relatou ter sentido já no Sul do país, antes da migração para o Norte de Mato Grosso, sendo que, desde muito jovem, passou a usar mais a língua portuguesa do que a variedade alemã, que só mantinha nas conversas com os pais e familiares quando falassem a variedade, atitude esta que a fez não ensiná-la aos filhos.

### **Considerações finais**

Neste estudo sobre percepções e atitudes de migrantes sulistas descendentes de alemães em solo sinopense, relacionadas à sua bilinguagem e sobre a manutenção (ou não) das variedades alemãs, pudemos compreender que a identificação com a cultura e língua/variedades alemãs continua vigorosa, visto que, embora existam elementos culturais e sociais que mudaram no novo espaço topodinâmico, outros continuam dando unidade ao pequeno grupo étnico. Assim, podemos dizer ainda que, mesmo que a história de vida, cultura e língua tenham se multifacetado no novo ambiente, são os próprio teuto-brasileiros, no Norte de Mato Grosso, que avaliam o estado do seu próprio grupo étnico, uma vez que os teuto-brasileiros entrevistados expressaram sua representação de vida, suas percepções e atitudes sobre o seu grupo étnico a partir de como veem a sua inserção e manutenção ou não de suas próprias identidades, tanto culturais quanto linguísticas.

Os resultados relatados, todavia, mostram que as atitudes identificadas nos entrevistados nem sempre foram atitudes positivas frente à manutenção da língua/variedade e cultura alemãs e que as variedades minoritárias em uso se encontram na última fase de assimilação entre a



geração velha e a geração jovem, sendo que uma das justificativas dada pela Geração II (dos mais idosos) não falarem mais o alemão em casa com os filhos deve-se ao receio de que os filhos fossem discriminados e de que o aprendizado da língua portuguesa fosse prejudicado. Os descendentes de alemães alternam, portanto, atitudes linguísticas positivas e negativas perante os temas pesquisados.

Desse modo, compreendemos que línguas e culturas não são meros instrumentos de comunicação em sociedade, uma vez que “[...] existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam” (Calvet, 2002, p. 65).

Ademais, a partir das dimensões de natureza extralinguística consideradas para este estudo, podem-se destacar as seguintes conclusões:

- Na diatópica-cinética (topodinâmica) e na dialingual (variedades do alemão, alemão-padrão, português), a língua/variedades alemãs trazidas pelos migrantes descendentes do Sul do país, aos poucos, passou a mesclar-se com os contatos intervaretais e entre línguas do novo espaço geográfico para o qual escolheram migrar, o que leva a crer que, finalmente, podem ser substituídas pela língua hegemônica, o português. É o que parece já ser irreversível em Sinop/MT com a língua/variedade(s) alemã(s).
- Na diageracional (GII e GI), ao comparar-se o uso da língua/variedades entre as gerações, foi possível, efetivamente, verificar-se o fenômeno da *language shift*, ou seja, a última fase de assimilação no espaço sinopense, porque a geração mais velha (acima de 50 anos) é bilíngue, mas já com bastante dominância do português, e os jovens (de 18 a 30 anos) são praticamente monolíngues por causa do contato massivo com a língua portuguesa, com destaque à dificuldade veemente em encontrarmos falantes da geração jovem (GI).

- Na diagenérica (homens e mulheres), as mulheres demonstraram maior preocupação com relação às escolhas linguísticas, especialmente ligadas a fatores sociais, remetendo a situações de estigmas e preconceitos sofridos pelo uso da língua/variedades alemãs.
- Na diafásica (falas espontâneas), dimensão importante para os resultados dessa pesquisa, destaca-se a alternância de código (code-switching), principalmente quando os informantes lembravam de fatos vivenciados no Sul do Brasil.

Sendo assim, é possível afirmar que o estágio atual da língua em uso no Norte de Mato Grosso, por causa das intensas migrações que acontecem a partir dos anos 1970, de distintos grupos étnicos e regionais, encontra-se intervareta, também em contato com diferentes línguas outras, mas com predominância da língua portuguesa.

Sobre o pertencimento aliado à identidade evidenciado pelos informantes, como pudemos ver nas tessituras analíticas, cabe citarmos Bauman (2005), que chama atenção ao constante movimento possível em sua compreensão, o que pode gerar também constante (re)construção:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005, p. 17).

Enfim, pudemos verificar nesta pesquisa que a situação linguística dos falantes de línguas de imigração, no caso aqui dos descendentes de alemães sulistas, modifica-se durante a trajetória topodinâmica de vida. Esperamos que este trabalho possa contribuir para discussões futuras so-

bre percepções e atitudes linguísticas nesse ou em outros espaços não só amazônicos, mas em distintas espacialidades, no intuito de colocar em evidência os falantes de línguas minoritárias e as relações sociais e culturais com a sua comunidade. Para tanto, são necessárias políticas linguísticas que tenham como objetivo dar maior visibilidade às línguas de imigração, assim como sua preservação/revitalização e valorização e, por outro lado, que rejeitem preconceitos e estigmas linguísticos.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Editora Federal Fluminense, 2008, p. 311-333.

ALTENHOFEN Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, MT. v. 6, p. 19-43, 2013.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. **Cartas de imigrantes de fala alemã: Pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil**. 2. ed. e-book. São Leopoldo: Oikos, 2019.

ALVES, Vicente Eudes Lemos. A mobilidade sulista e a expansão da fronteira agrícola brasileira. São Paulo: **Agrária**, nº 2, p. 40-68, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. 2014, 299 f. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, RS, 2014.

FRITZEN, Maristela Pereira; NAZARO, Ana Carolina de Souza; SIEVES, Rafaela. Usos da língua alemã em duas localidades de Blumenau, SC: “é legal, eu gosto de falar com a minha oma”. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 50, jul – dez. Salvador, p. 83-99, 2014.

GUMPERZ, John. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HARMERS, Josiane; BLANC, Michel. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KRUG, Marcelo Jacó. **Projeto Atlas das línguas em contato na fronteira**: Missões no Brasil e Misiones, na Argentina (Questionário), 2013.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LÜPKE, Marc. Relação entre alemães e bebida vai muito além da cerveja. DW. 2013. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/rela%C3%A7%C3%A3o-entre-alem%C3%A3es-e-bebida-vai-muito-al%C3%A9m-da-cerveja/a-16860877>. Acesso em: 01 mar 2023.

MALTZAHN, Paulo. A língua alemã como marcador de identidade étnica em Pomerode. **Pandaemonium Germanicum**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/140883/146377#info>. Acesso em: 8 abr. 2023.

NEVES, Bruna Crescêncio. A criança bilíngue bimodal e os diferentes interlocutores: Um estudo de caso. João Pessoa, DLV - **Língua, Linguística & Literatura**, v. 12, n. 2, p. 157-172, 2016.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. Memória histórico-cultural: manifestações discursivas de identificação dos sujeitos norte mato-grossenses. Sinop: **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 1, n. 1, jan./jun, p. 21-34, 2008.

RADTKE, Edgar.; THUN, Harald. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Heidelberg/Mainz 21.-24.10. 1991, Kiel, Westensee, 1996.

STEFFEN, Joachim. Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no Sul do Brasil através de cartas de imigrantes. Interferências fonéticas no português dos imigrantes. **Revista de Letras Norte@mentos**. Sinop, MT. v. 6, n. 12, p. 66-86, 2013.

THUN, Harald. Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (org.). **Neue Wege der Romanischen Geolinguistik**. Kiel, Alemanha: Westensee – Verl., 1996, p. 210-274.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology** (21.: Palermo: 1995) Tübingen: Niemeyer, v. 5, p. 701-729, 787-789, 1998.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact**. The Hague: Mouton, 1953.

# O CONTATO LINGUÍSTICO INTERVARIETAL DO PORTUGUÊS DE MIGRANTES DO SUL NO NORDESTE DO BRASIL

*Marcia Meurer*

## **Introdução**

As migrações no espaço geográfico brasileiro, de modo geral, têm sido abordadas em uma perspectiva macrolinguística, a partir de resultados de atlas linguísticos (Altenhofen; Thun; 2016) que mostram não apenas a relevância da variação regional, como também evidenciam o perfil plurilíngue e multiétnico que caracteriza sobremaneira a identidade do brasileiro.

As fronteiras do sul se alargaram, na década de 1970, após a fundação de Brasília, intensificando a migração de sulistas em direção ao norte do país. A abordagem do fator <mobilidade espacial> em pesquisas linguísticas tem então, nos dias atuais, grande relevância, sobretudo no contexto brasileiro em que há muita migração interna e até mesmo externa, para os países vizinhos, como se pode constatar no projeto ALMA-H<sup>1</sup>. Para a região Nordeste, no sul do estado do Maranhão, a migração de sulistas teve como mola propulsora a construção e pavimentação das duas principais rodovias, a Transbrasiliana (BR-153) e a Transamazônica (BR-230) como vias de acesso à localidade, de acordo com os mapas abaixo:

---

<sup>1</sup> Sigla do Projeto de pesquisa do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata, ver em <https://www.ufrgs.br/projalma/>.

**Figura 1:** Rodovia Transbrasiliana e rodovia Transamazônica



**Fonte:** Wikimedia Commons, 2021.

Desse modo, há um período de contato linguístico intervarietal de quase 40 anos. A topodinâmica da língua trazida por esses migrantes de diferentes faixas etárias suscita a pergunta sobre a manutenção, substituição ou perda de marcas linguísticas da matriz de origem da variedade do português meridional para o novo meio da variedade do português setentrional, de acordo com a divisão proposta por Nascen-tes (1953). Assim sendo, o presente estudo tem por tema a variação e a

mudança do *português de contato*<sup>2</sup>, falado por migrantes sulistas oriundos do noroeste gaúcho, em área com forte presença de línguas minoritárias de imigração (cfe. carta V, do ALERS, p. 91), em contato com a variedade regional nortista, em uma de suas variedades, a nordestina, falada no sul do Maranhão.

O campo de estudo é a localidade de Balsas, às margens do rio homônimo, na mesorregião sul-maranhense, fundada por migrantes da seca, criadores de gado do Piauí e Bahia, em 1892 (*de acordo com o mapa da figura 2*). Com mais de 100 mil habitantes, aproximadamente (IBGE, 2022), Balsas tem influência regional também sobre as microrregiões da Chapada das Mesas e do Baixo Balsas, que compreende mais 14 municípios.

**Figura 2:** Mapa das frentes de ocupação colonizadora no estado do Maranhão



**Fonte:** NuGeo-UEMA, 2013.

<sup>2</sup> Altenhofen e Margotti (2011, p. 297-298) definem o *português de contato* como a “variedade falada tanto por bilíngues quanto por monolíngues, na qual se reconhecem traços associados à presença de uma língua de adstrato, em uma determinada área”.



Nesse contexto linguístico sul-maranhense, além da variedade nortista (nordestina), há outras variedades regionais provenientes de migrantes de outras regiões do país, e até mesmo de outras línguas. Isso não exclui variações dentro da variedade sulista, como, por exemplo, a variedade paulista e a variedade rio-grandense, esta última, objeto da presente pesquisa, com suas variações internas, entre elas, o português de contato com a presença do bilinguismo de português e alemão/italiano/polonês, etc.

Como o objetivo da pesquisa consistiu em verificar a variação e a mudança da variedade regional falada pelos migrantes sulistas, a análise fundamentou-se em três dimensões: a *dimensão diatópico-cinética*, com a comparação das variedades linguísticas em tempo real (no início da migração – atlas - e no momento atual - entrevistas), do português de falantes topodinâmicos em relação à matriz de origem; a *dimensão diageracional*, com a indicação de elementos de um comportamento variável que sinalizem para uma mudança em curso, em tempo aparente, no uso de marcas intervaretais [+sulistas] ou [+nortistas]; e, a *dimensão dialingual* (diavarietal) na análise de amostras de fala de migrantes sulistas e de falantes nortistas, observando-se a direção das influências de marcas [+sulistas] ou [+nortistas], ou ainda a co-ocorrência de variantes comuns (não marcadas), na configuração do português de contato intervaretal.

Dessa forma, foi possível estudar o contato intervaretal pelo comportamento das variedades regionais do português brasileiro do sul (meridional) e do norte/nordeste (setentrional), convivendo na mesma localidade por um período considerável de tempo. Apresentamos, a seguir, alguns apontamentos do estudo como resultados da pesquisa de tese da autora. As partes do texto estão assim organizadas, a introdução, que ora concluímos, alguns tópicos do referencial teórico para fundamentação do estudo, bem como estudos já realizados

na área, uma exposição sucinta da metodologia de pesquisa utilizada, assim como uma breve apresentação dos resultados e análise dos dados. Na sequência, as considerações finais e a bibliografia consultada.

## **1 A Geolinguística Pluridimensional e Contatual: pressupostos teóricos**

O campo de estudos da variação linguística surgiu com a Dialetologia, em que se buscava uma fala mais genuína de um falante que tivesse pouco contato com outros e que, por isso, preservasse marcas dialetais características de sua própria língua. Ao pesquisar essa fala comparava-se com as demais em diferentes pontos e se depreendia a variação da língua falada em um determinado espaço. Esse tempo remonta aos estudos de Gillieron (Século XIX), quando ainda se pensava ser possível encontrar pessoas isoladas.

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998), também chamada no Brasil de ‘dialetologia contemporânea’, oferece um escopo teórico de conceitos e métodos de análise com especial enfoque na diatopia cinética, ou migrações, que permite um estudo profundo e dinâmico das variedades de uma língua e de línguas diferentes (dimensão dialingual *ou contatual*). Para isso, a teoria abarca em suas dimensões e parâmetros a variação social, a linguística e a geográfica. A variação estável ou a variação na mudança linguística em uma variedade que está fora da sua matriz de origem implica observar a fala do grupo topodinâmico ou migrante e fazer a descrição comparando marcas linguísticas, como resultado da ação do tempo e do espaço, de variedades regionais em contato.

Thun (1996), ao perceber que a mobilidade é a principal característica do perfil dos informantes, sistematiza-os separando-os em dois grupos, *topodinâmicos* e *topostáticos*, o que proporciona um tratamento

diferenciado dos dados linguísticos. De acordo com esses perfis, não é mais possível se tratar da coleta e análise de dados com critérios homogêneos. “*Basta para ser aceptado como informante topostático haber pasado por lo menos la mitad de su vida en el lugar respectivo y obligatoriamente los últimos cinco años. [...] En cuanto al informante topodinámico, flexibilizamos la movilidad casi diaria en favor de una movilidad relativa*” (Thun, 1996, p. 211).

Segundo Figueiredo (2014), o escopo da *Dialetologia Pluridimensional e Relacional* de Thun (1996; 1998) aplicado a contextos de migração interna no Brasil recebe o nome de *Geolinguística Pluridimensional e Contatual* (Altenhofen, 2013a; Altenhofen; Thun, 2016), por tratar dos contatos linguísticos entre variedades regionais do português, conforme tipologia dos contatos postulado por Altenhofen (2008).

Em decorrência das migrações sulistas, estudos sobre os contatos intervaretais têm se desenvolvido no sul e centro-oeste do Brasil, principalmente na área denominada de Bacia do (rio da) Prata (Altenhofen, 2014). Figueiredo (2014) pesquisou o contato entre variedades regionais do português comparando as variedades faladas por migrantes teutos e ítalo gaúchos, naturais dos três estados sulistas, nas cidades mato-grossenses de Porto dos Gaúchos, Sinop e Sorriso, com base nos dados do Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul (ALERS). Os resultados de seu estudo demonstraram que a variedade falada pelos migrantes pesquisados é a que tem menos marcas regionais, e, portanto, considerada mais prestigiada. Também Barros (2014) descreveu o contexto linguístico (*linguistic landscape*) de contato entre variedades do alemão e variedades do português com falantes topodinâmicos (rio-grandenses e paranaenses), que migraram a partir de 1956 da região Sul para a localidade de Porto dos Gaúchos (MT). Os resultados mostraram um multilinguismo acentuado, principalmente, de contato intervaretal dentro de cada língua em processo de substituição por variedades do português, no caso dos teuto-gaúchos mais idosos.

Philippsen (2013) descreveu a diversidade lexical nas dimensões diatópico-cinética, diageracional e diagenérica em quatro localidades, Vera, Santa Carmem, Sinop e Cláudia, no norte do estado do Mato Grosso. A pesquisadora constatou uma ampliação do repertório dos falantes e concluiu que perguntas/conceitos referentes a atividades, objetos ou ofícios rudimentares do início da colonização tinham baixa frequência nas possibilidades responsivas por não se fazerem mais presentes no atual contexto sociocultural e econômico das comunidades pesquisadas, tanto dos migrantes pioneiros quanto dos filhos e netos. Na dimensão dialingual, apresentaram-se influências étnicas em falantes acima dos 50 anos, descendentes de italiano, alemão e japonês, com mais itens relacionados à língua italiana.

O estudo de Santos-Ikeuchi (2014) contrastou dados coletados nas localidades de Andradina, Adamantina, Rancharia e Presidente Epitácio, região oeste paulista, com falantes filhos de migrantes nordestinos e os atlas linguísticos da região Nordeste, como o Atlas prévio dos falares baianos (APFB), Atlas linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas linguístico de Sergipe (ALS I e II). A análise dos resultados demonstrou baixa “coincidência” de itens em 32 cartas do QSL, chegando-se à conclusão de que os filhos de migrantes conhecem pouco a cultura dos pais devido à falta de interesse, provavelmente, desencadeada pelo preconceito do uso da variedade do português nordestino em contato com a variedade paulista, com base em comentários dos próprios falantes. Embora não tenha feito um estudo etimológico do léxico coletado nem pesquisado a dimensão dialingual, a autora percebeu forte presença de itens lexicais do italiano na variedade paulista.

Marins (2019) delimitou a sua pesquisa em cinco localidades na região oeste do estado do Mato Grosso do Sul, em uma antiga colônia agrícola fundada em 1943, em Dourados. O estudo verificou a variedade linguística de nordestinos topodinâmicos e seus descendentes topostáticos na dimensão diatópico-cinética em contato com outras variedades

presentes no Mato Grosso do Sul, principalmente, a variedade paulista. Os resultados mostraram que os migrantes nordestinos mantêm marcas mais nordestinas, principalmente, fonético-fonológicas, como o abaixamento da vogal média anterior e morfossintáticas com o uso de vocativos e interjeições, retratando o perfil desse falante como mais resistente à mudança linguística.

A pesquisa de Cuba (2015) delimitou-se em 11 localidades de quatro estados que abrangem um mesmo espaço territorial traçado por Antenor Nascentes (1953). Também foram levados em consideração aspectos da colonização, povoamento e grupos migratórios na seleção dessas localidades. Na dimensão diatópico-cinética, as cartas demonstraram correlação entre a origem dos migrantes e as variedades faladas nessa área do mapa sobreposto do Território Incaracterístico (Nascentes, 1953), que a autora renomeou de *Território Multivarietal*.

Silva (2018) pesquisou doze localidades pertencentes a oito microrregiões administrativas do norte ao sul do estado de Tocantins, selecionadas pelos critérios histórico-cultural e político-geográfico, e constatou uma grande diversidade quanto à matriz de origem dos falantes. O estudo constatou que a presença de migrantes, sobretudo nordestinos, ao norte do estado, influencia na realização das vogais médias pretônicas, como deve atuar também em toda a região Norte do país, conforme os dados apresentados no atlas do Amazonas e do Pará, ALAM e ALISPA, respectivamente. Também foi possível se verificar a norma falada no estado do Tocantins como um espaço de transição entre as variedades baiana, sulista, nordestina e amazônica.

O que esses estudos mostram é que o povoamento pioneiro em cada região configurou uma norma regional por contatos linguísticos do passado. Com as recentes mobilidades internas em massa na segunda metade do século passado, como é o caso das migrações sulistas, o contato intervietal imprime um cenário de grande diversidade linguística, o que parece, a princípio, encobrir as diferenças regionais, como nos dados do

estudo de Silva (2018). No entanto, na análise na dimensão diatópico-cinética (Thun, 1998) com a variedade da matriz de origem, na dimensão diageracional, tempo aparente, e na dimensão dialingual (diavarietal), entre as variedades regionais em contato, o que ocorre é o contrário. As variedades regionais emergem mais nitidamente, e o contraste fica evidente, como no estudo de Cuba (2015) sobre o espaço tocantinense com migrações anteriores à migração sulista, demonstrando a presença das variedades paulista e mineira na parte oeste dos estados de Tocantins e também de Goiás.

## **2 Os migrantes sulistas no sul do Maranhão: metodologia de pesquisa**

O presente estudo tem por tema a variação e a mudança do português falado por migrantes sulistas no sul do Maranhão em contato com a variedade nordestina (*inserida na variedade nortista*<sup>3</sup>). Para verificar a variação e a mudança de marcas regionais elaboraram-se as seguintes perguntas de pesquisa: 1) Em que medida a variedade sulista mantém marcas da matriz de origem, ou as substitui por outras variantes em contato? Pode-se constatar uma possível mudança linguística? 2) Há covariação entre marcas regionais distintas? Ou há alternância de uso de variantes de ambas as variedades regionais em contato? 3) O que o comportamento linguístico revela sobre as relações sociais dos falantes?

Neste texto, por questão de delimitação de espaço, inserimos alguns resultados das análises, com destaque para a dimensão dialingual (diavarietal) na observação das variedades linguísticas regionais em contato intervietal, entre os falantes topodinâmicos (sulistas) e os falantes topostáticos (nortistas). Assim, as interinfluências das variedades regio-

---

<sup>3</sup> Ou do Norte, de acordo com a divisão das variedades regionais propostas por Nascentes (1953).

nais em contato podem demonstrar no comportamento linguístico as marcas intervaretais em uso, se [+sulista] ou [+nortista], relacionando-se aos parâmetros que estão atuando sobre a manutenção, variação ou mudança da variedade linguística decorrente de processos migratórios.

Os participantes que contribuíram para esta pesquisa são um grupo de dez pessoas, sendo cinco homens e cinco mulheres. Foram entrevistados cada casal, homem e mulher, simultaneamente. Dessa maneira, são cinco casais, sendo dois casais de migrantes sulistas (topodinâmicos), dois casais de nortistas (topostáticos) e um casal misto (topodinâmico e topostático) perfazendo-se no total de cinco falantes topodinâmicos e cinco falantes topostáticos. A pesquisa de campo foi realizada pela autora (sulista) e por uma orientanda (nortista) de iniciação científica do curso de Letras, campus Balsas da UEMA, visando atender ao *paradoxo do observador*<sup>4</sup>. O questionário dialetológico utilizado foi o mesmo questionário elaborado por Figueiredo (2014), com tratamento e catalogação de dados inspirados no modelo do ALMA-H e transcrição fonética em IPA-Kiel.

O critério determinante para a escolha dos participantes foi a procedência (sulistas pioneiros) e que fosse um número igual de sulistas e nortistas, de homens e mulheres, acima dos 48 anos de idade. A razão para essa faixa etária mais alta se deu por se buscarem falantes nascidos no Rio Grande do Sul e que migraram durante o período auge das correntes migratórias sulistas no país em direção ao norte, durante os anos de 1970 e 1980 (*até 1986, no caso da localidade de Balsas, ocasião em que recebeu pavimentação da Transamazônica*).

A variedade sulista, que migrou para o sul do Maranhão, está representada na cartografia pelos pontos geográficos da *matriz de origem* dos falantes topodinâmicos (migrantes sulistas) na carta 07 do *Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul* (ALERS, 2011 [1990]), e em Alte-

---

<sup>4</sup>(Thun, 2017 [2005]).

nhofen (2013b), em suas microrregiões de Carazinho e Não me Toque, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil. É possível verificar, dessa forma, a configuração espacial multilíngue do *português de contato* ao lado das línguas minoritárias de imigração, que compõem o perfil plurilíngue predominante dos migrantes sulistas.

Diferentemente das pesquisas já mencionadas, em que normalmente se buscou averiguar a variedade regional da geração mais jovem, nascida no local oriunda do período migratório, como grupo topostático (cfe. Barros, 2014; Figueiredo, 2014; Cuba; 2015; Marins, 2019), neste estudo foram considerados como grupo topostático os participantes nortistas com os mesmos perfis etários dos sulistas (grupo topodinâmico). Dessa maneira, foi possível verificar se há *interinfluências* ou algum comportamento que possa ter sido alterado tanto pelo contato mais restrito, o linguístico, como no contato mais amplo, o cultural, em ambos os grupos regionais.

### 3 Resultados obtidos e discussões

Reproduzimos aqui apenas uma análise em cada dimensão para demonstrar na prática como foi realizado o estudo e os resultados gerais obtidos, destacando-se a dimensão dialingual (diavarietal), que representa mais explicitamente o contato intervarietal entre as variedades meridional e setentrional do português brasileiro.

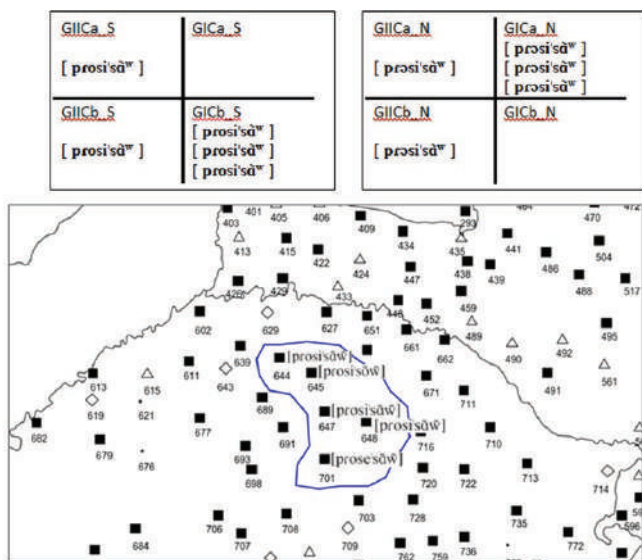
A correlação *diatópico-cinética* dos dados do ALERS, produzidos por falantes topostáticos na matriz de origem no RS (cfe. recorte da carta 12, na figura 03), com os dados das entrevistas para a tese, nos grupos topodinâmicos e topostáticos, permite comparar as duas situações – de partida, no Sul [dados coletados por volta de 1990], e de chegada, no Norte [mais de 30 anos depois da migração] – e observar a manutenção ou a substituição das variantes [+sulistas]. Como é possível constatar na produção linguística do grupo sulista (G-S) em seus



sub-grupos GIICa\_S (geração mais velha e socioculturalmente alta) e GIICb\_S (geração mais velha e socioculturalmente baixa) e seus grupos correspondentes à geração mais jovem (GICa\_S e GICb\_S), no quadro à esquerda da figura 3, seguinte.

Os dados dos falantes topodinâmicos em comparação com os falantes topostáticos do atlas, relativos à vogal média pretônica posterior /O/, tomando por base sua ocorrência na palavra procissão, corroboram a tendência observada em relação à vogal média anterior [e], ou seja, a variante [+sulista] mantém-se com grande resistência, no contato intervietal com a variedade [+nortista], cujos resultados aparecem no quadro seguinte à direita, apenas para comparação.

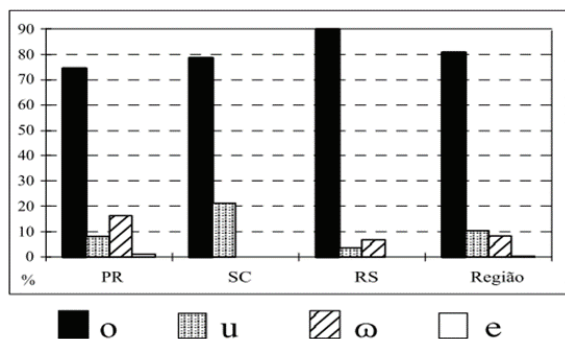
**Figura 3:** Variação da vogal média pretônica posterior /O/ nos dados dos migrantes sulistas, no ponto de chegada no MA, em comparação com os dados do ALERS, na matriz de origem no RS



**Fonte:** Recorte adaptado da carta 12 do ALERS – (pr)o(cissão) (1990 [2011a], p. 149).

A partir da carta 12 do ALERS, é possível também observar uma ocorrência de realização do ditongo nasal *ão* como [õw], no ponto 645, o que denota a presença de uma língua de imigração, no caso de uma variedade do italiano, conforme Altenhofen e Margotti (2011). O mesmo se pode dizer do abaixamento da vogal alta [i] para [e], no ponto 701, possivelmente influências do italiano *processione* ou *possession*<sup>5</sup> do Talian (vêneto rio-grandense), ou do espanhol fronteiriço *procesión*, ou ainda um resquício de homonímia do português arcaico (*processão*, derivação de processo do latim *processus*, avanço, marcha, progresso)<sup>6</sup>.

**Gráfico 1:** Variação da vogal média pretônica /O/ na palavra <procissão>



**Fonte:** Gráfico de frequência das variantes da carta 12 do ALERS – (pr)o(cissão) (1990 [2011a], p. 149).

O gráfico de frequência das 294 realizações da palavra *procissão*, na carta 12 do ALERS, reforça a ampla dominância da variante média alta [o] não apenas na matriz de origem dos migrantes deste estudo, como também no conjunto da área do sul do Brasil. E não só isso, tam-

<sup>5</sup> Dicionário Vêneto Sul-riograndense-Português (Stawinski, 1987, p. 185).

<sup>6</sup> Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (*online*).

bém atesta a ausência geral da sua realização como vogal posterior média baixa [ɔ] em posição pretônica, contrastando os resultados obtidos para a fala dos informantes nortistas do sul do Maranhão, onde, ao contrário, predomina em todos os grupos – GII e GI – a vogal média baixa (conforme quadro à direita na figura 3).

Não se trata, aqui, de entrar em minúcias na análise do que acontece na macroárea do ALERS, e sim destacar a predominância de [o] não só no recorte da matriz de origem no RS, como também na maior parte do espaço sulista. O que o espectro de variantes do português do Sul mostra, no gráfico 1, é uma tendência não de abaixamento da vogal média [O] e supostamente também [E], e sim de alçamento da pretônica para [u] ou [ɰ]<sup>7</sup>, o que se diferencia contrastivamente da variedade nortista.

A *análise diageracional* contempla duas faixas etárias, a geração dos mais velhos (GII) e a geração dos mais jovens (GI). Concretamente, os mais velhos, grupo GII, compreendem falantes com idade acima dos 60 anos, e o grupo dos mais jovens, GI, com idade entre 48 e 58 anos. Vale lembrar que a variação entre GII e GI pode apontar uma mudança em progresso, daí a relevância em analisar mais atentamente o comportamento linguístico em ambos os grupos<sup>8</sup>.

Entre as variáveis linguísticas selecionadas, os processos fonético-fonológicos que apresentaram maior variação foram os abaixamentos e alçamentos vocálicos, a fricativação do /R/ em diferentes posições na palavra, a palatalização do /S/ em coda precedida por consoantes

---

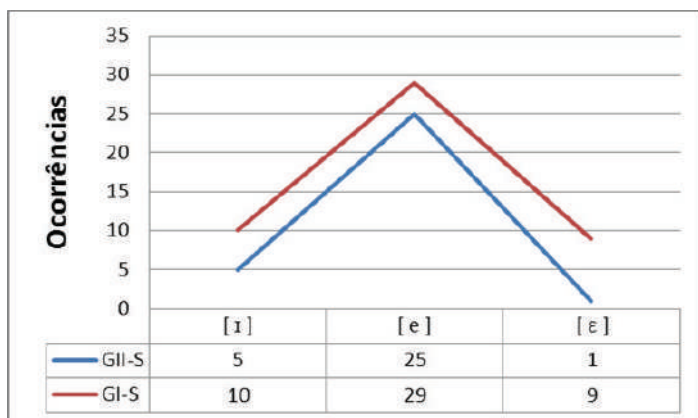
<sup>7</sup> Lembrando que o símbolo ômega /ɰ/ vogal posterior alta semiaberta, usada no ALERS, refere-se ao [ɔ] do IPA, transcrição usada neste estudo, e representa um fone entre a vogal alta e a vogal média alta posterior.

<sup>8</sup> O critério de separação desses dois grupos teve por base a idade do falante quando migrou e entrou em contato intervareital e não na idade atual (havia adultos e adolescentes migrantes).

palatais, os usos lexicais, assim como também particularidades do ritmo prosódico, que igualmente variam e englobam apagamentos nas realizações linguísticas entre ambos os grupos em questão.

O gráfico a seguir na análise das vogais médias pretônicas contrasta os resultados da GII-S (linha em cor azul) e GI-S (linha em vermelho):

**Gráfico 2 :** Realização da vogal média pretônica anterior nos grupos GI e GII



(GI-S e GII-S falantes sulistas)

**Fonte:** Elaborado pela autora.

O Gráfico 2 mostra as ocorrências levantadas para as variantes [I], [e] e [ε] para a variável /E/ em posição pretônica nas respostas dadas às perguntas dos questionários fonético-fonológico e semântico-lexical. Dado o contexto da vogal pretônica, contabilizaram-se todas as respostas produzidas pelos falantes. No caso do questionário semântico-lexical, em que pode haver mais variantes para denominar o mesmo objeto ou atividade, além das respostas espontâneas, também se contabilizaram as respostas produzidas por insistência, assim como as realizadas por sugestão.

Conforme o gráfico, a vogal média alta [e] predomina claramente, tanto na geração mais velha (GII) como na geração mais jovem (GI). Esse resultado demonstra que os migrantes sulistas, GII e GI, mantêm a marca [+sulista]. Contudo, embora praticamente ausente na GII, já se observam indícios da vogal aberta [ɛ] entre os jovens, na proporção de 1 para 9. De modo geral, porém o grupo GI segue a tendência de GII, de manutenção da variante [+sulista], porém já alternando marcas das respectivas variedades em contato, conforme mostra o seguinte excerto de entrevista:

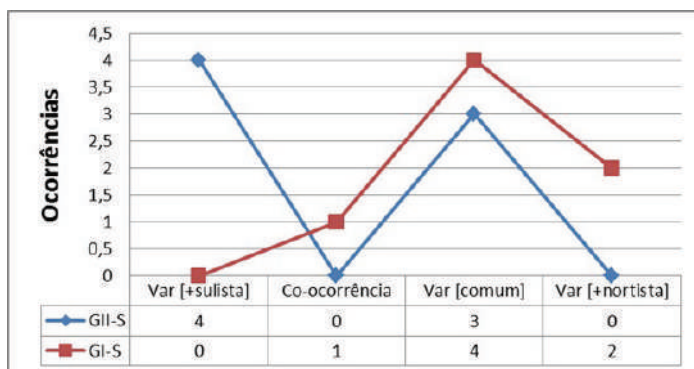
- <F - Como se chama quem nasce no nordeste?>
- f1 - [noˈdɛʃtʃiˈnu]
- m1 - é [noˈdɛʃtʃiˈnɐ]

(Entrevista GL\_S\_fm, falantes geração jovem, sulista, mulher e homem).

Na realização da vogal média pretônica posterior, observaram-se resultados muito próximos desses. Do mesmo modo, a vogal média pretônica posterior mantém a marca [+sulista], em proporção até maior. O alçamento do /O/ também chama a atenção pelo elevado número de ocorrências na GI, comparativamente maior do que em relação a /E/. É um resultado que mereceria um estudo mais aprofundado.

Como síntese das análises realizadas com as variáveis do questionário fonético-fonológico (QFF), na dimensão diageracional, comparando a fala da geração de migrantes mais velhos (GII) com o português da geração de migrantes mais jovens (GI), os resultados mostraram que:

**Gráfico 3** : Síntese dos resultados na dimensão diageracional (QFF)



(GI-S e GII-S falantes sulistas)

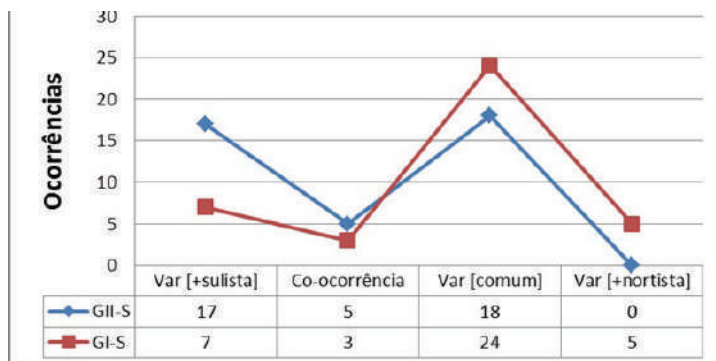
**Fonte:** Elaborado pela autora.

Os resultados das análises fonético-fonológicas na dimensão diageracional, contrastando as variantes de uso das gerações GII e GI de sulistas, apontam que os migrantes mais velhos resistem com as variantes que carregam marcas [+sulistas], mas também empregam variantes menos marcadas, comuns às duas variedades regionais, porém sem aderir ao uso das variantes [+nortistas]. Os migrantes mais jovens, por outro lado, tendem ao abandono das variantes com marcas [+sulistas], substituindo-as ou por variantes menos marcadas e mais comuns às variedades do Norte e do Sul, ou por variantes de uso no português dos falantes locais do Norte.

Ainda na análise diageracional, cabe fazer uma síntese geral do repertório linguístico e usos semântico-lexicais dos resultados de GII-S e GI-S para identificar em que medida há uma mudança no léxico que afeta a própria cultura regional do grupo migrante. De modo geral, observa-se que mesmo os falantes da GII tendem a variar o léxico entre a origem sulista e o novo meio no Norte ou a abandonar suas formas regionais muito salientes, que aos poucos vão caindo em desuso, corroborando, de certa forma, os resultados de Philippsen (2013). Certamente, a escolha lexical

está atrelada a fatores de interação mais microlinguísticos, em que se considera o tópico, a situação e os participantes da interação.

**Gráfico 4:** Síntese dos resultados da análise na dimensão diageracional - QSL



(GI-S e GII-S falantes sulistas)

**Fonte:** Elaborado pela autora.

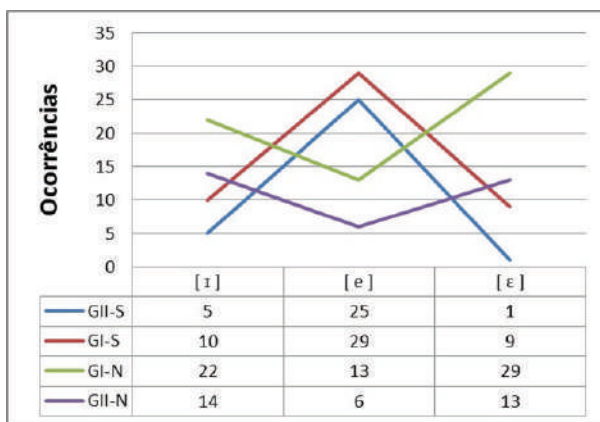
Os resultados das variáveis lexicais na dimensão diageracional mostram que a GI quase não usa variantes lexicais sulistas nem mesmo nortistas, mas prefere uma variante comum menos marcada, que não a associe nem à variedade sulista nem à nortista. Isso sugere que, por já terem a consciência das formas marcadas para ambas as variedades regionais do português brasileiro, esses falantes originários da migração regional fazem uso contextualizado da variante regional de cada grupo de fala, sulista ou nortista, minimizando a percepção de suas marcas regionais. Certamente, a experiência dos primeiros contatos intervarietais guardados na memória também tenha influência sobre esse comportamento.

A geração GII-S, vale destacar, parece estar resistindo às variantes consideradas [+nortistas] e tentando manter as variantes [+sulistas], ao lado de um número de itens lexicais comuns às duas variedades regionais. Isso, de alguma forma, faz com que esses migrantes mais velhos continuem a manter a variedade regional da matriz de origem,

assim como a cultura e os costumes sulistas. Ao mesmo tempo, fazendo uso maior de variantes comuns à fala sulista e nortista, que seriam teoricamente formas regionalmente menos marcadas, conseguem participar dos dois grupos de falantes regionais sem se sentirem tão diferentes ou excluídos.

Na *dimensão diavarietal (dialingual)*, contrastando os usos linguísticos do português sulista com o nortista na análise das vogais médias pretônicas, foram selecionadas 13 perguntas do QFF com palavras como *colher, procissão, fervendo, tomate, ferida, sorriso*, etc. e 18 perguntas do QSL, contendo palavras como *sereno, orvalho, menino, bodega, peteca, boneca*, etc. Ao todo, somam-se, portanto, 31 perguntas e 35 respostas com as mesmas palavras contendo a variável **vogal média pretônica**. O maior número de respostas na geração GI (mais jovens) são as ocorrências de outras variantes no QSL, demonstrando um repertório bem mais diversificado do que a geração GII (mais velhos) de ambos os grupos regionais. Os resultados obtidos com a vogal média pretônica anterior, na correlação entre os resultados de GII e GI sulistas (-S) e nortistas (-N), podem ser visualizados através do gráfico seguinte:

**Gráfico 5:** Vogal média pretônica anterior no português balsense



-S: Sulistas; -N: Nortistas

**Fonte:** Elaborado pela autora.

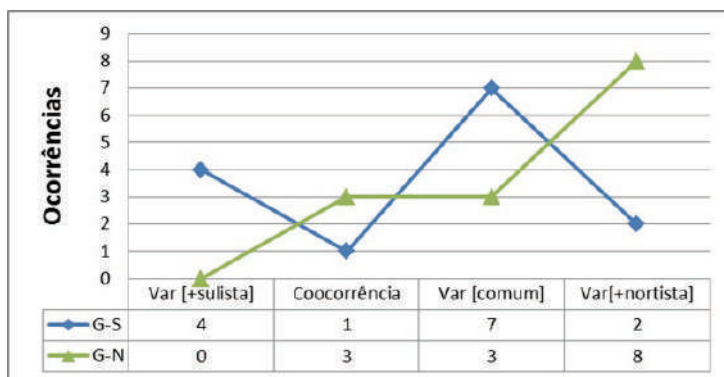


Os resultados do gráfico deixam evidente o contraste na fala de ambos os grupos regionais, de origem sulista e nortista, no uso das vogais médias pretônicas, que se comportam de forma completamente diferente no português brasileiro do Norte e do Sul (Cardoso, 1986; Brandão, 2015; Mota; Lopes, 2018). Vale lembrar que esses falantes estão em contato intervarietal há quase quarenta anos, na comunidade balsense, no sul do Maranhão. O critério opositivo estabelecido pela *Geolinguística Pluridimensional e Contatual* (Altenhofen, 2013a) com falantes migrantes e locais, tendo por base a *Dialetologia Pluridimensional e Relacional* (Thun, 1998) de falantes topodinâmicos e topostáticos, possibilita desvelar os comportamentos linguísticos dos grupos de fala em contato.

Para isso, os conhecimentos históricos, antropológicos e sociais de formação de uma localidade são imprescindíveis para auxiliar nos critérios a serem aplicados na dimensão diatópico-cinética, assim como na dimensão dialingual/diavarietal em uma pesquisa geolinguística (Altenhofen, 2006; Thun, 2009). Senão, como identificar e caracterizar variedades regionais?

Como síntese, visando a uma correlação entre a fala de migrantes sulistas e falantes nortistas locais, o gráfico seguinte, que sumariza o resultado de quatorze gráficos com variantes fonético-fonológicas, mostra como prevaleceram variantes com marcas de uma e outra variedade:

**Gráfico 6:** Síntese: resultados das variáveis linguísticas selecionadas, no contato do português de falantes topodinâmicos e topostáticos no sul do Maranhão



-S: Sulistas; -N: Nortistas

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Observando os resultados das análises fonético-fonológicas entre os grupos G-S e G-N, percebe-se que os participantes topodinâmicos resistem com as variantes que são marcas [+sulistas], mas preferem variantes menos marcadas, comuns às duas variedades regionais, com menor adesão às variantes nortistas, que sabemos, aumenta entre os falantes jovens. Talvez por isso, o grupo G-S apresentou baixa co-ocorrência de variantes sulistas e nortistas em igual proporção. Os falantes topostáticos, por sua vez, o grupo G-N, permanece com predominância em sua variedade regional nortista, com nenhuma adesão a variantes sulistas, como também apresenta menor uso de variantes comuns. Mesmo no número maior de co-ocorrências do grupo G-N em relação ao grupo G-S, estas se referem ao uso alternado entre a variante comum e a nortista, diferente do grupo G-S, que alterna entre variantes [+sulistas] e [+nortistas] em igual proporção nas produções das distintas variáveis linguísticas selecionadas.

## Considerações finais

As análises empreendidas aqui são relativas às produções linguísticas do grupo migrante ou topodinâmico em contato intervarietal há quase quatro décadas na localidade de Balsas, sul do Maranhão. Tais resultados não seriam possíveis se não se levantassem dados sócio-históricos sobre o povoamento da localidade para identificar migrantes do passado e migrantes do presente, e assim poder identificar o perfil do falante topostático e topodinâmico. Consequentemente, identificar a variedade regional de base que sustenta uma norma local em contraste com as variedades regionais migradas possibilita o estudo dos contatos intervarietais regulados por variáveis linguísticas e sociais, relacionalmente.

Esses resultados são complementados na pesquisa de tese com análises nas dimensões, diastrática, diagenérica e diarreferencial, demonstrando que a escolaridade não interfere na variação regional, já o gênero exerce influência sobre os contatos intervarietais ligados ao papel social (ocupação profissional homem vs. mulher) desempenhado por cada um. Por fim, a análise diarreferencial demonstrou explicitamente o julgamento e as percepções de ambos os grupos regionais em contato pela *técnica em três tempos* (Thun, 2010) – perguntar, insistir e sugerir.

É possível observar nesses resultados a diferenciação dialingual ou diavarietal das variedades do português brasileiro meridional e setentrional em contato intervarietal, sul e norte, e a historicidade que permeia ambas as variedades regionais como resquícios de contatos linguísticos idiossincráticos na aquisição da língua portuguesa.

## Referências bibliográficas

ALERS. Cartas fonéticas e morfossintáticas. KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMAN, Mário Silfredo (Orgs.). **Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil**. 2 ed. v. 1. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC, 2011a.

ALERS. Cartas semântico-lexicais. ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMAN, Mário Silfredo (Orgs.). **Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil**. 1 ed. v. 2. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC, 2011b.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Interfaces entre dialetologia e história. In: MOTA, Jacyra; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). **Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006, p. 159-185.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA, Jorge (orgs.). **Español y portugués: fronteiras e contatos**. Pelotas: UCPEL, 2008, p. 129-164.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual. v. 6, n. 12. Sinop, MT, **Revista de Letras Norteamericanas**, jul./dez.2013a, p. 31-52.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer** [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013b, p. 177-208.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse; CORTAZZO, Uruguay (orgs.). **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora UFPel, 2014, p. 69-103.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Introdução 2 – O projeto ALERS: origem, objetivos e fundamentos. In: KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo Vilson; KLASSMAN, Mário Silfredo (Orgs.). **Atlas linguístico-etnográfico da região Sul do Brasil**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Curitiba: Editora UFPR; Florianópolis: Editora UFSC, 2011, v. 1.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-316.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson; THUN, Harald. A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). **A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: Eduel, 2016, p. 371-392.

BARROS, Fernando Hélio Tavares de. **Migração e territorialização do alemão e do português como línguas de (i)migração em Porto dos Gaúchos - MT: configurações do multilinguismo em fronteira de Amazônia**. 2014. 169 p. (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

BRANDÃO, Sílvia F. Variação e mudança no âmbito do vocalismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.) **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 11-38.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 5, p. 47-59, dez. 1986.

CUBA, Marigilda Antônio. **Atlas Linguístico do território incarcaterístico** – ALTIi. 2015. 497 p. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina – UEL, Paraná, 2015.

FIGUEIREDO, Carla R. de Souza. **Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervarietal no Mato Grosso**. 2014. 299 p. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

IBGE. **Balsas: Cidades e Estados: panorama**. Brasília, DF: Sítio do Governo Federal, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/panorama>. Acesso em: maio. 2023

MEURER, Marcia. **O português de migrantes sulistas no nordeste do Brasil: variação e mudança de marcas regionais no contato intervarietal**. 2022. 344 p. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2022.

MARINS, Luciene Gomes Freitas. **O falar dos nordestinos em contato no sul do Mato Grosso do Sul: um estudo topodinâmico**. 2019. 307 p. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2019.

MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MOTA, Jacira A.; LOPES, Paulo Henrique. Os subfalares do Norte do Brasil e o traçado das vogais médias pretônicas. **Estudos de Linguística Galega**. v. especial 1, 2018, p. 209-218.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**. 2 ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

SANTOS-IKEUCHI, Ariane Cardoso dos. **Atlas linguístico topodinâmico do oeste de São Paulo**. 2014. 371 p. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina – UEL, Paraná, 2014.

SILVA, Greize Alves da. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topotático do Estado do Tocantins** (ALITTETO). 2018. 394 p. (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Londrina – UEL, Paraná, 2018.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. **A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais**. 2013. 1075 p. (Tese de Doutorado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2013.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald [orgs.]. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21. : 1995 : Palermo). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza**. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

THUN, Harald. A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **Para uma história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Stefan (eds.). **Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010a. p. 506-523. (HSK 30.2).

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich (eds.). **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. v. 1: Theories and methods. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010b, p. 706-723.

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. Trad. Cléo Vilson Altenhofen / Filipe Neckel. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; PAVAN, Cláudia (Orgs.). **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan/jun 2017. [2005]. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdetraducao/issue/viewIssue/3444/499>. Acesso em: 10 nov. 2020: [ISSN: 2594-9055].

WIKIMEDIA COMMONS. Mapa. [s.l.], 2024. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Br-230mapa.jpg#>. Acesso em: 16 set. 2021.



# NOMES DAS BANANAS QUE NASCEM GRUDADAS: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS EM CONTATO COM O ESPANHOL E O GUARANI

*Regiane Coelho Pereira Reis/UFMS*

## **Introdução**

A língua é considerada um produto social da faculdade da linguagem, contextualizada coletivamente, ao mesmo tempo em que possui um lado individual que se consolida na fala. Desde que a linguagem seja considerada em sua totalidade, possui múltiplas formas e caráter diverso, pois se materializa por meio do uso que a transforma, no decorrer das épocas, por influências variadas, como as culturais, as sociais e as geográficas. Outro aspecto importante da investigação linguística volta-se para o registro e a descrição dessas peculiaridades socioculturais que formam a identidade de seus falantes, uma vez que os processos de interação social passam necessariamente pelo viés linguístico, tão necessários ao ser humano quanto o são o sono e o alimento (Saussure, 2021, p. 52).

De acordo com a proposta saussuriana, língua e linguagem não são unívocas, mas consubstancialmente integradas ao universo de seus usuários. E, conforme dito anteriormente, estes, por sua vez, são constituídos socialmente e unidos por meio da língua ou das línguas que falam (Saussure, 2021, p. 51-52).

Nessa mesma direção, outro ponto a ser considerado em estudos da língua(gem) é o fator cultural. De modo amplo, cultura “é tudo aquilo que o homem vivencia, realiza, adquire e transmite por meio da linguagem<sup>1</sup>” (Gomes, 2014, p. 35).

---

<sup>1</sup> SA origem dessa acepção, considerada a primeira definição formal de cultura, encontra-se em Edward Taylor que, de igual modo, é considerado o primeiro estudioso a promover a Antropologia como ciência (Taylor, 1909 *apud* Gomes, 2014, p. 35).

É sabido que a cultura é entendida como o modo de ser do homem dentro de uma coletividade, ou seja, trata-se de uma herança social que envolve as relações entre pensamento, linguagem e compreensão de mundo. O homem produz significação apenas sobre aquilo que sua(s) língua(s) nomeia(m). A cultura se destaca, assim, por imprimir traços próprios à língua falada por um povo, caso se comparem povos distintos, até mesmo os que se situam em uma mesma região geográfica, como é o caso das fronteiras entre países diversos. Do ponto de vista das teorias antropológicas, Gomes (2014, p. 37) discute os sentidos que se configuram, de modo coletivo, em uma dada língua e suas relações com a cultura:

É claro que pensar é um ato de consciência, individual, que se forma através de palavras, conceitos e sentidos de uma língua. Mas é também um ato coletivo, na medida em que os termos desse pensar, as categorias de pensamento são dados pela cultura da qual o indivíduo faz parte. Pode-se, por conseguinte, dizer que a cultura “pensa”, sem mistificar nada. A língua, como veículo de pensar e de comunicar, e também como estrutura que a compõe, está presente em nossa definição de cultura. Ela é compreendida como um sistema de símbolos como significados que são compartilhados inconscientemente por uma comunidade de falantes. As palavras apresentam significados próprios que são compreensíveis em uma determinada coletividade. Todavia, os significados das palavras não são fixos e permanentes, ao contrário têm o potencial de variação, de produzir novos significados. Daí eu pensar é um ato ao mesmo tempo determinado pelos significados coletivamente compartilhados e dados pela língua sobre a realidade, porém circunstanciado pela individualidade pensante [...].

Nos entremeios dessa concepção, neste trabalho utilizamos o termo *léxico* por ser a unidade *palavra* considerada de complexa definição e

delimitação<sup>2</sup> e a primeira, mais adequada à proposta deste estudo. Assim, *léxico* está sendo compreendido como “a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (Biderman, 2001, p. 179). E, quanto aos falantes que o usam, “os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do léxico da sua língua” (Biderman, 2001, p. 179). O viés lexical, no âmbito da investigação da língua falada (ou escrita), constitui-se em um dos caminhos para se chegar à realidade imaterial da(s) língua(s)<sup>3</sup>, destacando seus aspectos regionais. Entre as vertentes teóricas que se ocupam desses fenômenos, encontram-se os estudos dialetológicos e geolinguísticos, que contribuem para a descrição e a análise da língua falada pelas sociedades humanas em um tempo e em um espaço delimitados (Silva-Neto, 1958).

Considerando as relações entre língua, cultura e sociedade, neste estudo, em particular, examinam-se as denominações para o conceito de *bananas que nascem grudadas*, com destaque para a variação lexical do português em contato com o espanhol e com o guarani, a partir do exame de dados dialetais cartografados em dois atlas linguísticos de pequeno domínio: o ALiPP (Reis, 2006) e o ALF BR-PY (Reis, 2013), ambos contextualizados nas seções subsequentes.

O texto encontra-se assim organizado: primeira parte, breve apresentação dos atlas linguísticos aos quais pertencem as cartas linguísticas que forneceram os dados analisados; segunda parte, princípios teórico-metodológicos adotados; e, terceira parte, a discussão dos resultados alcançados.

---

<sup>2</sup> Cf. Biderman (2001, p. 105-123).

<sup>3</sup> Cf. Biderman (2001, p. 03).

## 1. Contexto de produção: breve histórico dos Atlas linguísticos ALiPP e ALF BR – PY

Em se tratando de contexto de produção, os dois estudos dialetais foram desenvolvidos na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

O primeiro deles, como produto final de dissertação de mestrado<sup>4</sup>, o *Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã*, MS/ALiPP (Reis, 2006) foi estudo realizado no município de Ponta Porã, estado de Mato Grosso do Sul, localizado na fronteira seca<sup>5</sup> do Brasil (BR) com a República do Paraguai (PY).

A rede de pontos do ALiPP contempla 08 localidades, constituídas de bairros ou distritos rurais, a saber: Fazenda Paquetá Cedro (Pto. 1), Distrito da Cabeceira do Apá (Pto. 2), Fazenda Itamarati (Pto. 3), Posto Guaíba (Pto. 4), Fazenda Santa Virgínia (Pto. 5), Ponta Porã (Pto. 6), Distrito de Lagunita (Pto. 7) e Distrito de Sanga Puitã (Pto. 8).

Quanto ao perfil dos informantes, foram entrevistados, em cada ponto de inquérito, um homem e uma mulher, da segunda faixa etária (45-70 anos), falantes bilíngues, nascidos na fronteira e/ou lá residentes há mais de 20 anos, com cônjuges da mesma região linguística, analfabetos e/ou que tenham cursado até o Ensino Fundamental I (até a antiga 4ª série). Os dados foram coletados por meio da aplicação de questionário linguístico semântico-lexical (QSL), este contendo 260 perguntas e 02 narrativas. O atlas linguístico produzido, como resultado da pesquisa desenvolvida, comporta 232 cartas linguísticas, classificadas em léxicas e isoléxicas.

---

<sup>4</sup> Dissertação produzida sob orientação da Profª. Dra. Aparecida Negri Isquierdo, defendida no ano de 2006, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (CPTL/UFMS).

<sup>5</sup> Estamos entendendo a fronteira seca como linha divisória entre dois países sem que haja acidentes geográficos entre eles, como rios e/ou lagos (Reis, 2006).

Já o segundo atlas é produto final de tese de doutoramento<sup>6</sup>. O *Atlas Linguístico-contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai/ALF BR – PY* (Reis, 2013) também se configura como estudo realizado em municípios fronteiriços, brasileiros e paraguaios, denominados de *ciudades gêmeas*<sup>7</sup>, demarcando linguisticamente a linha internacional que margeia todo o Estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil (BR), com a República do Paraguai (PY).

A rede de pontos do ALF BR – PY é constituída pelos dez municípios da região de fronteira, que são Isla Margarita (Pto. 1/PY), Porto Murtinho (Pto. 2 BR), Bella Vista do Norte (Pto. 3 PY), Bela Vista (Pto. 4 BR); Pedro Juan Caballero (Pto. 5 PY); Ponta Porã (Pto. 6 BR), Capitan Bado (Pto. 7 PY), Coronel Sapucaia (Pto. 8 BR), Pindoty Porã (Pto. 9 PY) e Sete Quedas (Pto. 10 BR).

Quanto ao perfil do informante, foram entrevistados, em cada ponto de inquérito, 08 falantes - 04 homens e 04 mulheres - por localidade; distribuídos, equitativamente, em dois grupos distintos - G1: Grupo com 04 brasileiros sem ascendência paraguaia e G2: Grupo com 04 brasileiros com ascendência paraguaia ou casados com paraguaios; consideradas duas faixas etárias (faixa I – 18 a 30 anos e faixa II – 45 a 70 anos), com baixa escolaridade. Foi realizada a aplicação de questionário linguístico semântico-lexical (QSL), contabilizando um total de 185 questões e 02 narrativas. O atlas linguístico produzido comporta um total de 122 cartas linguísticas, classificadas em i) Carta-Pizza (a): produtividade, ii) Carta (b) contatos linguísticos, ii) Carta (c) diasssexual e diageracional e, quando se fez necessário, a Carta (d) distribuição diatópica.

---

<sup>6</sup> Tese de doutorado produzida sob orientação da Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, defendida no ano de 2013, na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

<sup>7</sup> No texto de origem, o termo foi aplicado às localidades brasileiras que estabelecem fronteiras diretas com localidades paraguaias, seguindo a linha internacional que divide os dois territórios investigados (Reis, 2013, p. 116).

## 2. Princípios teórico-metodológicos adotados

Os dois atlas se fundamentam nos princípios teórico-metodológicos da Dialetologia e da Geolinguística Pluridimensionais, considerando as seguintes dimensões de variação: diatópica (espaço geográfico), dialingual (espanhol-português e guarani-português, entre outros contatos), diageracional (faixa etária I e faixa etária II) e diasssexual (homem-mulher).

A amostra constituída para este trabalho é produto do levantamento dos dados da Carta 32 do ALiPP (REIS, 2006) e das Cartas 011a, 011b e 011c do ALF BR-PY (Reis, 2013), documentando a variação linguística do português em contato com o espanhol e com o guarani, por meio das denominações obtidas como respostas para as perguntas 32 (ALiPP) e 021 (ALF BR-PY) do Questionário Semântico-lexical (QSL) dos atlas investigados, vinculadas à área semântica Flora, que buscam nomeações para o seguinte conceito: *Que nome se dá àquelas bananas que nascem grudadas?*

A discussão dos resultados foi organizada do ponto de vista quantitativo com apresentação de cada item lexical analisado seguindo a ordem decrescente de produtividade dos registros, descritos por meio de tabelas e/ou gráficos, indicando seus totais e respectivos percentuais de ocorrência. Na sequência, do ponto de vista qualitativo, foram analisadas as cinco variantes com maior ocorrência dentre as denominações cartografadas, seguidas da análise léxico-semântica das acepções registradas nos seguintes dicionários<sup>8</sup>: Dicionário de Língua Portuguesa (Borba, 2004), Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa (Au-

---

<sup>8</sup> Justificamos o número elevado de dicionários de língua portuguesa a fim de conferir a dicionarização ou não da variante *bananas gêmeas*, haja vista ser a mais produtiva na região de fronteira investigada.

lete, 1958), Dicionário Aulete Digital (Aulete, 2008), Dicionário Aurélio Básico de Língua Portuguesa (1988), Dicionário HOUAISS da Língua Portuguesa (Houaiss, 2009), Michaelis Digital: Moderno Dicionário de Língua Portuguesa (Michaelis, 2023<sup>9</sup>), Dicionários Etimológicos da Língua Portuguesa (Nascentes, 1955; Cunha, 1982), Dicionário de Tupi (Carvalho, 1988); Dicionário da Real Academia Española (RAE, 2023<sup>10</sup>) e Dicionários de Língua de Guaraní - Diccionario Guaraní-Português (Assis, 2008), Diccionario Castellano-Guaraní (Guachi; Ortiz, 1991), Diccionario Trilingüe: Español-Guaraní-Português (Colmán, 1994), Diccionario (Ñe'ERYRU)- Guaraní-Espanhol/Espanhol-Guaraní (Canese; Alcaraz, 2006), acrescidos, quando possível, de exemplos retirados da fala dos informantes.

Somando-se à discussão dos dados da proposta, considerou-se a descrição da variação lexical do português em contato com o espanhol e o guarani com destaque, sobretudo, para a distribuição diatópica dessas variantes no espaço fronteiriço Brasil/Paraguai.

### **3. Discussão dos resultados: variação e marcas de contato em denominações como bananas gêmeas, felipe, mellizo e kõe/ikõe**

#### ***Banana e bananas que nascem grudadas: etimologia e história***

Em sua origem etimológica, o termo *banana* é descrito por Cunha (1982) como “*s.f.* ‘fruto da bananeira, planta da família das musáceas’, séc. XVI”. O autor aponta a origem africana do termo, como proveniente da

---

<sup>9</sup> Considerou-se a data da última atualização.

<sup>10</sup> Idem ao 7.

Guiné, mas com étimo indeterminado. Nascentes (1955), por sua vez, indica que a origem da unidade lexical *banana* é controversa, pois alguns autores a consideram asiática, outros oriunda da Arábia. Há indicativos de que, na língua árabe, por exemplo, a lexia *banana* tem o significado de dedo, analogicamente nesse idioma a motivação do nome da fruta vincula-se à semelhança que tem com o formato dessa parte do corpo humano. Clédât, citado por Nascentes (1955), aceita a origem asiática para o francês *banane*. E, ainda de acordo com ele, também a “Academia Espanhola dá o esp. *banana* como voz formada pelos índios chaimas, de *balatana*, corruptela caribene de *plátano*”. Antenor Nascentes (1955) traz, nas acepções registradas, a confirmação da possibilidade da origem africana de banana, com origem da Guiné. Cascudo (1967, p. 119-120) aponta que a *banana*: “Não é originária do Brasil.’ Os portugueses diziam-na Pacoba, nome do produto local”, além de pôr em relevo a sua provável origem africana: “Banana é vocábulo congolês e há no antigo Congo Belga a vila e pôrto da Banana, onde desemboca o rio Congo” (Cascudo, 1967, p. 119-120).

Machado (1987) também confirma a indicação de que a unidade lexical *banana* pode ter origem em vocábulo da Guiné, datado em documento de 1585, segundo Dalg, e indica ainda o registro da forma árabe *banâna* com o significado de ‘dedo’.

Em termos de acepção dicionarizada, Aulete (2008) destaca a definição dessa forma linguística como originária da botânica: “...fruto da bananeira, comestível, oblongo e mais ou menos encurvado, de polpa carnosa, doce e aromática, cujas unidades se juntam em pencas, e estas em um cacho”, marcando as variantes do português *pacoba*, *pacova* e *pacová*.

Quanto à perspectiva histórico-social, a *banana* é conhecida cientificamente como *musa spp* e é considerada a fruta fresca mais consumida no mundo. O Brasil é seu quarto maior produtor e grande parte dessa produção advém da agricultura familiar. Por ter um preço acessível, a



banana exerce importante papel social, podendo ser consumida de diferentes formas e, por isso, torna-se ingrediente de destaque na culinária brasileira<sup>11</sup>.

Cascudo (1967, p. 119), nos seus estudos sobre a alimentação do Brasil, assegura que a banana é a fruta mais popular na terra verde e amarela, podendo ser consumida crua, assada, cozida, acrescida de canela, preparada como doce (bananada), tortas e/ou mingau para crianças. Ou pode ser ingerida com acompanhamento de queijo, mel e/ou licor. Esse autor assinala, ainda, o caráter social do consumo da banana em solo brasileiro:

Banana com farinha não é apenas pospasto mas quase refeição. É a fruta íntima e comum, fiel ao pobre, saboreada por tôdas as idades e paladares. Sem trabalho e sem complicações. O mais fácil descascamento. É um "engana-fome", adjutório legítimo. Alimento semicompleto ou integral. De pronto encontro. "É como banana, dá em todo canto." Sic. (Cascudo, 1967, p. 119).

Já ao tratar de bananas que nascem grudadas, é fato aceito que a cultura popular e o folclore acrescentam às informações nutricionais as culturais, com mitos, lendas e brincadeiras. Dentre elas, as informantes apontam o mito da fronteira: o consumo das bananas grudadas pode provocar a gestação dupla nas mulheres:

INF: Gêmia, melliza. Não presta comê, senão engravida de gêmeo. Diz que ganha dois. Então, você reparte com o marido ou com o filho, ou com irmã.

(Informante feminina, faixa etária II, Lagunita<sup>12</sup>(P-to. 7), ALiPP, 2006).

E, ainda...

---

<sup>11</sup> Cf. Embrapa.

INF: Éh... gêmia... melliza. E diz que não presta a gente comê, né?

INQ: Não? Por quê?

INF: A gente tê filho de dois, gêmea. [...] Diz que ganha dois bebê. Nós nunca comemos. A minha mãe não dexô.

INQ: Não deixou?

INF: Não. E ela não teve filha gêmea. Agora os filhos têm. A filha teve um gêmeo, o filho teve um gêmio. Deve sê do outro lado ((da outra família)).

(Informante feminina, faixa etária II, Sanga Puitã (Pto. 8), ALiPP, 2006).

Já de um ponto de vista científico, a bióloga Karlla Silva (2016), autora do Blog “Expedição vida”, explica o fenômeno. Segundo ela, as plantas possuem órgãos reprodutores que são as flores. Esses órgãos se dividem em masculino - formado por um conjunto de estruturas nomeadas de estames que produzem os pólenes - e feminino - formado pelo conjunto de carpelos. Dentro do carpelo existem os ovários que produzem as oosferas, estas com funcionamento semelhante ao dos óvulos nas mulheres. Quando um grão de pólen entra no carpelo e fecunda a oosfera, forma-se a semente. Assim, “os tecidos do ovário se transformam nas camadas protetoras do embrião e o carpelo se transforma em fruto, a fim de proteger a semente” (Silva, 2016).

A autora continua a explicação de como esse processo ocorre nas bananas que nascem grudadas. A banana é um fruto partenocár-

---

<sup>12</sup> Para a reprodução da fala dos informantes, adotamos a transcrição grafemática seguindo, no estudo de origem, a normativa adotada pela equipe do Projeto ALiB. Cf. [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos\\_1.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos_1.pdf)

pico, significando que o carpelo se desenvolve e vira fruto sem que o ovário precise ser fecundado; os pontinhos pretos que existem dentro da banana são os ovários que não foram fecundados, por isso ela não possui sementes. No caso das bananas na mesma casca, ocorre que, quando os carpelos de óvulos não fecundados estão virando frutos, seus tecidos celulares geminam e acabam se unindo e se desenvolvendo juntos na mesma casca.

### **3.1 A dimensão geossociolinguística para bananas que nascem grudadas**

Para o conceito de “bananas que nascem grudadas”, podemos observar a diversidade lexical no ato de nomear o referente. Em adição, destacam-se as marcas das influências das línguas em contato na fala dos grupos investigados, pois os informantes entrevistados nomearam o referente em questão com variantes das três línguas faladas na fronteira Brasil/Paraguai: o português, o espanhol e o guarani.

O levantamento do conjunto desses dados reuniu um total de 16 variantes nomeadas como respostas às perguntas 32 e 021 dos atlas linguísticos estudados. Dentre essas variantes, foram validadas um total de 13 nomeações: *bananas gêmeas/gemilares*, *banana emendada*, *banana Felipe*, *Felipe*, *ikama*, *ikām*, *ikõe*, *pakova mellizo*, *mellizo*, *pekõe*, *kokõe*, *odjuaju* e *peková*. E, por não corresponderem ao conceito em questão e/ou estarem previstas na formulação da pergunta, não foram validadas três delas: *bananas grudadas*, *quatro-caras* e *banana da terra*. Dentre as validadas, foram agrupadas por similaridade morfológica e significativa as variantes oriundas das línguas portuguesa – *bananas gêmeas/gemilares*; *banana felipe/felipe* e guarani – *ikama/ikām* e *ikõe/kõe*.

O Quadro 1, a seguir, reúne o total de denominações obtidas para o conceito de bananas que nascem grudadas, cartografadas<sup>13</sup> no *Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã, MS (ALiPP)* e no *Atlas Linguístico-contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF BR – PY)*. Na primeira coluna, apresenta-se as variantes registradas; na segunda, a língua a que pertencem e, nas terceira e quarta colunas, em qual atlas a variante foi documentada e, ainda, se houve ou não correspondência entre os dados documentados por eles.

**Quadro 1:** Denominações para *bananas que nascem grudadas* presentes nos atlas linguísticos da fronteira Brasil/Paraguai (ALiPP/2006 e ALF BR PY/2013):

| Designações              | Língua    | ALiPP | ALF – BR PY |
|--------------------------|-----------|-------|-------------|
| <i>Bananas Gêmeas</i>    | Português | X     | X           |
| <i>Bananas Grudadas</i>  | Português | ---   | X           |
| <i>Banana da Terra</i>   | Português | ---   | X           |
| <i>Bananas Emendadas</i> | Português | ---   | X           |
| <i>Quatro-caras</i>      | Português | ---   | X           |
| <i>Felipe</i>            | Português | ---   | X           |
| <i>Mellizo (a)</i>       | Espanhol  | X     | X           |
| <i>Ikoe</i>              | Guarani   | X     | X           |
| <i>Kôe</i>               | Guarani   | X     | X           |
| <i>Kokôe</i>             | Guarani   | ---   | X           |
| <i>Pekôe</i>             | Guarani   | ---   | X           |
| <i>Odjuaju</i>           | Guarani   | ---   | X           |
| <i>Ikama</i>             | Guarani   | ---   | X           |

**Fonte:** Elaborado pela autora. Banco de Dados dos ALiPP e ALF – BR PY

<sup>13</sup> As variantes que não foram cartografadas nas Cartas 11a, 11b e 11c, integrantes do ALF BR-PY, foram registradas na Tabela “Línguas em Contato”, que apresenta os dados em sua totalidade, no verso da Carta 011b “Contatos Linguísticos”.

O conjunto de respostas fornecidas pelos 96 informantes<sup>14</sup> entrevistados resultou num total de 116 ocorrências, levando-se em consideração que houve falantes que forneceram variantes como segundas e terceiras respostas para o conceito em questão. Além disso, houve 16 não respostas (NR), sendo 03 do ALiPP (Reis, 2006) e 13 do ALF BR-PY (Reis, 2013).

Em suma, as 13 denominações consideradas válidas registradas para o fenômeno linguístico analisado estão classificadas em suas línguas de origem da seguinte forma: *bananas gêmeas* (P - Português), *bananas grudadas* (P - Português), *banana da terra* (P - Português), *bananas emendadas* (P - Português), *felipe* (P - Português), *Quatro-caras* (P - Português), *mellizo* (E - Espanhol), *pekôe* (G - Guarani), *ikoe* (G - Guarani), *kôe* (G - Guarani), *kokôe* (G - Guarani), *ikama* (G - Guarani) e *Odijaju* (G - Guarani), dentre as quais, apenas quatro delas são equivalentes nos dois atlas linguísticos aqui investigados: *bananas gêmeas*, *mellizo*, *kôe* e *ikôe*. Curiosamente, essas quatro nomeações são representantes das línguas que estão em contato na fronteira investigada: *bananas gêmeas*, dicionarizada em língua portuguesa (P), *mellizo*, dicionarizada em língua espanhola (E) e *kôe* e *ikôe*, ambas dicionarizadas em língua guarani (G).

A discussão do conjunto de formas lexicais seguirá a ordem de produtividade, ou seja, a ordem de maior frequência de uso entre as respostas obtidas, além do registro da distribuição diatópica de cada uma das cinco maiores ocorrências. Os fatos linguísticos apresentados serão analisados à luz das obras lexicográficas selecionadas e, quando pertinente, apresentar-se-á a exemplificação dada por informantes da pesquisa.

---

<sup>14</sup> O número foi contabilizado a partir da somatória de falantes entrevistados nos dois atlas linguísticos: 16 informantes do ALiPP e 80 informantes do ALF BR-PY.

Não obstante os critérios adotados para a análise dos dados, em relação às formas linguísticas que põem em relevo as línguas em contato com o português, optou-se pela descrição de todas as registradas nas cartas linguísticas selecionadas para esse estudo. De relevante, para o destaque das características linguísticas que diferenciam as regiões de fronteira quanto à diversidade impressa nos usos da língua portuguesa e das línguas de contato.

O comparativo entre os dois atlas estudados põe em destaque os resultados obtidos em cada um deles, representados no Quadro 2, a seguir:

**Quadro 2:** Denominações para *bananas que nascem grudadas* na fronteira do Brasil/Paraguai na perspectiva do ALiPP e do ALF BR - PY

| Formas lexicais                 | ALiPP (2006)   |                | ALF – BR PY (2013) |                |
|---------------------------------|----------------|----------------|--------------------|----------------|
|                                 | valor absoluto | valor relativo | valor absoluto     | Valor Relativo |
| <i>bananas gêmeas/gemilares</i> | 12             | 50%            | 49                 | 56,3%          |
| <i>banana felipe/ felipe</i>    | ---            | ---            | 14                 | 16,1%          |
| <i>pakova mellizo/ mellizo</i>  | 7              | 29,1%          | 5                  | 5,7%           |
| <i>Ikõi/kõe</i>                 | 4              | 16,6%          | 1                  | 1,1%           |
| <i>ikama/ikam</i>               | ---            | ---            | 1                  | 1,1%           |
| <i>Pekõe</i>                    | ---            | ---            | 1                  | 1,1%           |
| <i>Kokõe</i>                    | ---            | ---            | 1                  | 1,1%           |
| <i>Odiuaju</i>                  | ---            | ---            | 1                  | 1,1%           |
| Não Resposta (NR)               | 1              | 4,1%           | 14                 | 16,1%          |
| <b>Total</b>                    | <b>24</b>      | <b>100%</b>    | <b>87</b>          | <b>100%</b>    |

**Fonte:** Elaborada pela autora. Banco de dados dos atlas linguísticos ALiPP e ALF – BR PY.

Apresentamos, a seguir, os resultados quantitativos registrados para as *bananas que nascem grudadas*, indicando-se os percentuais de ocorrência que cada variante obteve em cada um dos atlas linguísticos em estudo.

Os dados mapeados na Carta 32 (ALiPP, 2006) denotam que a denominação *bananas gêmeas/gemilares*, originária da portuguesa, foi nomeada em 100% das localidades, representando 50<sup>15</sup>% das respostas obtidas para o referente de *bananas que nascem grudadas*. De igual modo, a Carta 011a (ALF BR-PY/2013) registra *bananas gêmeas/gemilares* em 100% das localidades que compõem o atlas da fronteira, com 56,3% das nomeações para o conceito em questão. Os percentuais indicam que a denominação *bananas gêmeas/gemilares* foi a variante que obteve a maior produtividade nos dois atlas linguísticos.

Conforme aponta o Quadro 2, no ALiPP a denominação *mellizo*, de origem espanhola, comporta-se como a segunda mais recorrente entre os dados mapeados, com um percentual de 29, 1% de frequência. E, como terceira mais produtiva, *ikõi/kõe*, com 16,6% de ocorrência, além de 4,1% de não respostas. Destacam-se, nesse particular, os maiores índices de ocorrências para a fala feminina grande parte dos fatos linguísticos registrados nas línguas portuguesa e espanhola, sobressaindo na fala masculina apenas as nomeações oriundas da língua guarani.

No estudo dos dados do Atlas linguístico do município de Ponta Porã (ALiPP, 2006), evidencia-se de forma bem particular o contato en-

---

<sup>15</sup> Diferentemente da quantificação dos dados para 'bananas que nascem grudadas', publicados no "Capítulo de Análise dos Dados" do ALiPP (Reis, 2006, p. 117-121), para o percentual total dos dados representados neste estudo, foram contabilizadas as não respostas (NR) e realizados agrupamentos de ocorrências similares de base portuguesa e guarani, fator que justifica a disparidade de percentuais obtidos entre aquele estudo e este desenvolvido.

tre as três línguas da fronteira para o fenômeno linguístico investigado, haja vista o registro de as três respostas cartografadas, respectivamente, pertencerem, seguindo a produtividade, às línguas que estão em contato nessa fronteira: português, espanhol e guarani.

Quanto aos dados referentes ao ALF BR-PY, a segunda resposta mais frequente para *bananas grudadas* foi *banana felipe/felipe*, com 16,1% das ocorrências, seguida de *pakova mellizo/mellizo*, com 5,8%, representando a terceira mais frequente. Optou-se por contabilizar, mesmo caracterizando-se como ocorrências únicas, as designações que marcam o contato entre a língua portuguesa e a língua guarani coexistentes fronteira Brasil/Paraguai: *ikõe* (1,1%), *ikama/ikâm* (1,1%), *pekõe* (1,1%), *kokõe* (1,1%) e *odijuaçu* (1,1%). Estas, somadas conjuntamente, representam índice de produtividade de 5,5% do total de ocorrências, além das não postas, que contabilizaram 16,1% dos percentuais.

Em uma mesma relação, mas levando em consideração, sobretudo, a dimensão de variação dialingual para o conceito em questão, as marcas de contatos linguísticos e sua distribuição no espaço geográfico investigado apontam que, para os dados registrados no ALiPP (2006), 50% são oriundos da língua portuguesa, 29,1% de origem espanhola e 16,6% originários da língua guarani.

Quanto aos dados cartografados no ALF BR-PY (Reis, 2013), 60% das nomeações pertencem à língua portuguesa; 20% delas, à língua espanhola e outros 20% à língua guarani.

Levando em consideração todas as nomeações validadas para *bananas que nascem grudadas* no Atlas Linguístico da Fronteira, outro aspecto dialingual<sup>16</sup> destaca-se quanto às origens linguísticas das 74 res-

---

<sup>16</sup> Adotou-se esta dimensão de variação em sentido restrito, ou seja, a correlação entre os dados de falantes “monolíngues” e bilíngues (Reis, 2013, p. 140-146).



postas que vinculam-se às línguas que estão em contato e se sobressaem nas falas dos informantes, divididos dois grupos distintos:

1. Grupo 1 (G1) – O grupo de brasileiros com ascendência brasileira mencionou 47,3% das denominações em língua portuguesa, 2,7% delas em língua espanhola e 2,7% em língua guarani;

2. Grupo 2 (G2) – O grupo de brasileiros com ascendência paraguaia mencionou 39,2% das nomeações em língua portuguesa, com 4% dos registros em língua espanhola e 4% em língua guarani.

A somatória dos resultados apresentados nos dois grupos indica que as denominações da Língua Portuguesa validadas para o conceito de bananas grudadas representam 86,5% dos registros, seguidas de percentuais equivalentes para cada uma das línguas da fronteira: 6,7% para a língua espanhola e 6,7% para a guarani. Esses dados assinalam um baixo índice de contato para esse fato linguístico na fronteira em pauta.

Consoante à variável diasssexual, quanto à produtividade de *bananas gêmeas/gemilares*, dos 49 registros para o fenômeno, a fala feminina manteve, ainda que de forma pouco significativa, o maior índice, com 26 (53%) de ocorrências, e a fala masculina, com 23 (47%), representando uma produtividade um pouco menor.

Quanto ao estudo da variável diageracional, os dados para as duas faixas etárias se mostraram equivalentes, apontando a forma lexical estudada como produtiva nas duas faixas etárias.

### 3.2 A dimensão léxico-semântica para *bananas que nascem grudadas*



**Imagem:** Evandro Marques<sup>17</sup>.

Discutida a dimensão geossociolinguística para *bananas que nascem grudadas*, a apresentação de cada uma das formas lexicais para o recorte de análise léxico-semântico proposto, seguirá a ordem de produtividade das cinco maiores ocorrências computadas para a análise. Para tanto, os dados lexicais da amostra seguem examinados à luz das obras lexicográficas consultadas, com acréscimo, em alguns casos, de observações relevantes extraídas dos inquéritos linguísticos. A discussão terá início com a variante *bananas gêmeas/gemilares*.

#### 3.2.1 *Bananas gêmeas/gemilares*

Consoante os dados diatópicos da pesquisa, a denominação *bananas gêmeas/gemilares* obteve o maior índice de ocorrência dentre as variantes registradas neste estudo, mencionada em todas as localidades

---

<sup>17</sup> Fonte: <https://www.coisasdaroca.com/curiosidades/bananas-gemeas.html>. Acesso em: 20 ago. 2023.

que formam tanto a rede de pontos do ALiPP quanto a do ALP – BR PY, destacando o prestígio dessa designação e sua difusão no espaço geográfico pesquisado.

Já do ponto de vista de uma análise léxico-semântica dos dados, ao tratar de bananas gêmeas/gemilares, em busca da(as) aceção(ões) dos dicionários consultados, notou-se que essa nomeação não se encontra dicionarizada nessa forma composta. Nota-se, na análise de conceitos registrados nas obras lexicográficas pesquisadas, que a unidade lexical gêmea se refere, ainda que de forma indireta, ao mesmo conceito atribuído a bananas que nascem grudadas pelos falantes.

Aulete (2008) traz as aceções para *bananas gêmias/gemilares* de forma separada. Para a denominação *banana*, traz sua origem da botânica como “fruto da bananeira, comestível, oblongo e mais ou menos encurvado, de polpa carnosa, doce e aromática, cujas unidades se juntam em pencas, e estas em um cacho; PACOBA; PACOVA; PACOVÁ”. Na perspectiva da lexicografia, a variante da língua portuguesa *pacová*, apresentada por Aulete no verbete de *banana*, também se encontra dicionarizada em língua guarani, grafada como *pakova* na aceção de “banana, plátano” (Guachi; Ortiz, 1991).

E, para gêmea, Aulete documenta como primeira definição “s. f. ...a filha do mesmo parto que outro filho ou filha.”, e, como terceira, “*pl. pôr-se em gêmeas, tornar-se igual; defrontar-se.*”. As definições dadas pelo autor corroboram a significação prevista para a nomeação conjunta de *bananas gêmias/gemilares*, haja vista que os frutos da banana encontrados na mesma casca correspondem à descrição de “semelhantes e/ou iguais”. Quanto à datação referente à origem do termo, Machado (1987) o situa no ano de 1258 quando apresenta a variante *gêmeo*: “<<Et inde pelos marcos gemeos de Loytosendi a juso>>, *Inq.*, p. 347” (Sic).

Quanto à denominação *bananas gemilares*, registrada em Santa Virgínia (Ponto 4, ALiPP/2006), Houaiss (2009) traz a mesma acepção presente no verbete *gêmeas*, haja vista que as duas formas, *bananas gêmias e/ou gemilares*, derivam da mesma raiz latina, respectivamente, *geminu* e *geminare* “*gemelar* adj. (sXX) relativo a gêmeos (*gestação g.*) etm. *gemel.* (i)+-ar adj.”. Neste estudo, essas variantes foram agrupadas pelo fato de, no contexto de uso e nas acepções dicionarizadas, nomearem o mesmo fenômeno linguístico.

Em continuação, Nascentes (1952) apresenta apenas a etimologia da unidade lexical *gêmeo* oriunda do latim *geminu* sem indicativo de datação e, em Cunha (1982), com a remissiva para *germinar* com significação de “duplicar”, do latim *geminãre*. E, ainda, Houaiss (2009) e Michaelis (2023) registram praticamente as mesmas definições para a variante *gêmea*, pois a apresentam como qualificador na acepção de “cada um dos frutos desenvolvidos no mesmo ramo ou unidos” e, por extensão de significado, “que é igual ou que apresenta muita semelhança e/ou idêntico”.

Essa acepção de “semelhante ou idêntico” foi também documentada no ALF – BR PY (Reis, 2013), conforme a explicação dada pelo informante de Ponta Porã, MS:

INF.- Aquilo lá tem... a gente sempre fala que... eles fala mellizo, né? Gêmeo, né? **Que é idêntico, né?**

(Informante homem, segunda faixa etária, Ponta Porã/Brasil/P. 06, ALF BR-PY, 2013).

Pode-se concluir que, apesar de a forma *bananas gêmeas* não estar dicionarizada em sua forma composta, a acepção encontrada para *gêmeas* em Michaelis (2023) como “frutos desenvolvidos no mesmo ramo ou unidos”, juntamente com a explicação dada pelo informante 7 como “ser idêntico”, corrobora a acepção da unidade lexical *gêmea*, enquanto qualificador do da denominação *banana*, também por extensão de significado,

ligando ambas ao conceito de ser igual, semelhante e/ou unido. Um dado linguístico que chamou atenção foi o fato de, no dicionário Aulete (1958), assim como em outras obras lexicográficas, serem encontradas 37 formas distintas para nomear os tipos de bananas existentes, todavia, não há um único registro para a forma conjunta de *bananas gêmeas*. Este fato pode indicar que essa variante pertence estritamente ao vocabulário popular.

### 3.2.2 Felipe/filipe<sup>18</sup>

Quanto à unidade lexical *felipe*, também dicionarizada em língua portuguesa, esta foi cartografada apenas no *Atlas linguístico da Fronteira Brasil/Paraguai* (ALF BR-PY). O levantamento dos dados revela que sua nomeação alcançou 70% das localidades, tornando-se a segunda maior em produtividade nas cidades gêmeas da fronteira.

O dicionário etimológico (Machado, 1987) traz a origem do verbe *filipe* com outra definição como “Do antr. Filipe (antr. Gr. *phillipos*, à letra: <<que ama os cavalos>>. Documentada em 1873, D.V”. Todavia, o mesmo autor apresenta a denominação de *Filipina* como “Fruto incho ou duplo”, segundo ele, derivada de *Filipe*. No Dicionário UNESP do Português Contemporâneo (Borba, 2004), a nomeação *filipe* traz a acepção de “s.m ...cada uma das frutas ou dos grãos que nascem grudados um no outro; incho. ‘No cacho de banana havia vários *filipes*’”. Esta última definição corrobora a forma obtida na fala dos habitantes da fronteira para a variante lexical *felipe*, havendo apenas a substituição fônica entre as vogais [i] e [e].

---

<sup>18</sup> Para este estudo, adotamos a escrita padronizada *felipe*. Todavia, tanto na fala dos informantes como em alguns dos textos pesquisados, nota-se a alternância do uso dessas duas formas linguísticas *felipe* e/ou *filipe*. Quando isso ocorreu, retratamos a grafia e/ou uso da forma tal qual foi registrada.

Para Aulete (2008), *filipe*, como primeira definição, é descrita como “cada uma das sementes de algodão que se ligam entre si em função do ataque da lagarta-rosada” e, como segunda definição, “Bras. Gar. Formação que se assemelha a dois diamantes interligados”. Esta última definição também está presente em Michaelis (2023) como “formação de dois diamantes grudados um no outro”. Subjazem a ambas explicações a significação que remonta ao conceito do que é duplo e interligado, definição que confirma a denominação *banana felipe* para o conceito de “bananas que nascem grudadas”.

A explicação encontrada no dicionário digital de língua portuguesa<sup>19</sup> se aproxima mais ao conceito da pergunta de “bananas que nascem grudadas”, com a mesma abonação para o verbete *filipina* apresentado em Machado (1987): “conjunto de duas sementes, de frutas incochas, como duas bananas grudadas uma na outra”.

A falante da segunda faixa etária, de Pedro Juan Caballero (Paraguai), confirma, para a nomeação *felipe*, a acepção de “duplo” ou “gêmeo” prevista nas obras lexicográficas consultadas:

INF4.- Filipe. Nóis fala filipe. (risos)

INQ.- É? Por que será, né? Que é filipe?

INF.- Eu sei lá! **É gêmeas**, né? E filipe. Desde que eu me entendo por gente que minha mãe falava que não podia comer uma só. Uma pessoa só comer, porque diz que **podia ter filho filipe** (risos), mas cê vê que nasce criança assim, né?(Informante 4, mulher, segunda faixa etária, Grupo 1, Pedro Juan Caballero (P. 05), ALF BR-PY, 2013).

---

<sup>19</sup> Apesar das controvérsias teóricas, acabamos por consultar o Dicionário Digital de Língua Portuguesa para a análise do item lexical investigado. Fonte: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 03 set. 2023.

De acordo com Junior e Basso (2013, p. 33), “[...] os aspectos culturais são importantes na construção dos significados”. Confirmou-se essa assertiva ao se analisar a nomeação *felipe* no contexto da fronteira, com significado que extrapolou o vinculado à alimentação, no sentido de fruto duplo, atingindo outras questões, como as culturais, haja vista nomear também uma brincadeira que se faz a partir do encontro de um “*filipe*” que pode ocorrer em qualquer outro fruto, além da banana. No relato abaixo, a informante da segunda faixa etária explica que, quando se encontra um *felipe*, usa-se aplicar a brincadeira na divisão do fruto duplo, ou seja, oferece-se a metade dele para cada um dos participantes, assim, a pessoa que o recebe, retribui oferecendo um presente qualquer. A brincadeira, segundo a descrição da informante de Pedro Juan Caballero, é considerada seriamente, pois se transforma em uma espécie de “dívida” que será paga pelo recebedor do *felipe*. O relato abaixo explicita de modo mais adequado essa brincadeira:

INF.- Felipe.

INQ.- Por quê?

INF.- Isso que eu quero saber, se *filipe* é nome de gente, né?

INQ.- Então, eu não sei porque, já perguntei mais ninguém ... o povo só fala...

INF.- Inté café tem.

INQ.- Café *felipe*?

INF.- Café.

INQ.- Café, a semente?

INF.- A semente.

INQ.- Aí fala *felipe* também?

INF.- Que inté antes, quando eu era criança, eu via. Nós também quando incrontava aquilo no cafezal, porque meu pai lidava com muito cafezal, sabe? E se nós incrontava, pra catar o café de resa, falava, de resa<sup>20</sup>.

INQ: É?

INF: É. O café e tinha no meio, então aquilo... cê brincava com aquilo, você passava pra pessoa, sabe? Você pegava assim e passava: “Ah, aqui, eu incrontei uma coisa, vô te dá!”. Mai não tinha que tá no meio do cafezal, tinha que por secar, primeiro. Aí você ia e passava pra aquela pessoa e já que ele tinha que te dá um presente, porque você passou um felipe pra ele. Então, ele tinha que te dá um presente e aquele era dívida mesmo, tinha que pagá.

INQ.- E pagavam?

INF.- Pagava.

INQ.- Aí dava qualquer coisa assim?

INF.- Quarqué coisa, mais tinha que pagá porque passou o filipe.

INQ.- Então, quando achava ficava escondido, pra ninguém saber?

INF.- Ficava escondido, ninguém sabia.

(Informante 8, mulher, segunda faixa etária, Grupo 2, Pedro Juan Caballero (Pto. 05), ALF BR-PY, 2013).

---

<sup>20</sup> Resa em guarani significa *grão* (ASSIS, 2008).



Em estudo realizado por Chofard (2019, p. 101), com o *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)<sup>21</sup> referente à região Centro-Oeste, há a confirmação dos dados apresentados nesta análise, não somente as relacionadas à nomeação *felipe*, como também à de *bananas gêmeas*. A autora corrobora a seguinte documentação: i) as denominações *bananas gêmeas* e *filipe* são as mais expressivas na fala dos centroestinos e ii) confirmação da brincadeira do filipe, num contexto de fala mais amplo, com a mesma descrição obtida na fronteira Brasil/Paraguai.

### 3.2.3. Mellizo

O comparativo dos dois atlas aponta os seguintes percentuais: a Carta 32 (ALiPP/2006) mostra *mellizo*, de origem espanhola, nomeada em 75% das localidades, com um percentual de 30% das ocorrências válidas. Já a Carta 011a (ALF BR-PY/2013) cartografou *mellizo* em 40% das localidades (pontos 1, 3, 5 e 6), com um percentual de 6,7% computadas a partir das respostas válidas, 30% das nomeações foram obtidas nas cidades gêmeas paraguaias.

Na aceção dada por Moreno e González (2006), *mellizo/za* é definido como qualificador “gêmeo, gêmeo não univitelino. *Gemelo*”. O RAE (Dicionário da Real Academia Espanhola) apresenta a seguinte definição etimológica para *mellizo*: “Del lat. vulg. \*gemellicius, de gemellus 'gêmeo'”, com três aceções qualificadoras: “1. Dicho de una persona o de un animal: Nacido del mismo parto que otro, especialmente cuando se ha originado por la fecundación de distinto óvulo. 2. Dicho de un hermano: gemelo (nacido en el mismo parto que otro)” e “3. Igual a otra cosa.”.

---

<sup>21</sup> Sobre o projeto, conferir o site <https://alib.ufba.br/>.

De acordo com as definições dicionarizadas nas obras lexicográficas da língua espanhola, semelhante às acepções encontradas em língua portuguesa, *mellizo* nomeia, de forma indireta, o mesmo referente para “bananas que nascem grudadas”. Para esse fato linguístico considerou-se a proximidade de significado e a abonação dos falantes.

INF.- Mellizo, gêmio.

INQ.- Eu tinha perguntado para você das duas bananas, né?

INF.- Da banana que é mellizo!

(Informante 5, homem, primeira faixa etária, Grupo 2, Isla Margarita (Pto. 01), ALF BR-PY, 2013).

Quanto à variável diassexual, a lexia *mellizo* foi mais representativa na fala feminina (16.6%) do que na masculina (12,5%), isto em se tratando dos dados referentes ao *Atlas lingüístico do município de Ponta Porã (ALiPP)*. Em contrapartida, para os dados levantados a partir das cartas do *Atlas lingüístico da Fronteira (ALF BR-PY)*, 80% das nomeações para *mellizo* foram mencionadas por informantes masculinos, em contrapartida aos 20% da fala feminina. Além de mais recorrentes entre falantes brasileiros com ascendência paraguaia (60%), contrapondo-se à 40% das respostas para a variante *mellizo* dadas por informantes brasileiros com ascendência brasileira. O índice de marcas de contato para esse fenômeno caracterizou-se como relativamente baixo, se considerado o número acentuado de falantes que se declararam na pesquisa como bilíngues (41,25%) e/ou trilíngues (20%), em comparação aos que se declararam monolíngues (38,75%)<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Conferir dados em Carta Perfil do Informante II (Reis, 2013, p. 305, v. 2).

### 3.2.4. Ikõe/kõe<sup>23</sup>

No ALiPP, *Kõe e ikõe*, ambas de origem guarani, foram nomeadas em 50% das localidades, com um percentual de 17,3% das respostas obtidas nos pontos 2, 4, 5 e 6, estes estão mais próximos da linha internacional do Brasil com a República do Paraguai, comprovando a maior influência do guarani nesses pontos linguísticos. Já no ALF BR – PY, *ikõe* foi nomeada em apenas 20% das localidades, obtida nos pontos 1 e 3, apenas no lado paraguaio da fronteira. Acrescendo-se que esse fenômeno linguístico se sobressaiu na fala de moradores de áreas rurais. Talvez isso se deva ao fato de esse grupo de falantes apresentar maior contato com produtos *in natura* e/ou cultivo desse alimento ser voltado para o universo rural.

Do ponto de vista etimológico, *koe* ou *ikõe*, segundo o dicionário de tupi (Carvalho, 1987), podem ser oriundas de “kô-î-a”, classificado como *substantivo*, significando “gêmeos. = kô-i-guera”. Já Guashi e Ortiz (1991) definem “Kôî” como “gêmero, mellizo”. Assis (2008) apresenta “*ikôî*” como “gêmeas” e Canese e Alcaraz (2006) registram a acepção de “*kôî*” como “dobre, gemelo e mellizo. Somando-se às de Colmán (1994), referindo-se à “*ikôî*” como o significado de “gêmero”.

No tocante a outros termos do guarani, dicionarizados para o conceito de “bananas que nascem grudadas”, registrou-se *pekôî* como “doble, duplo, mellizo; pakova p. plátano doble (Guachi; Ortiz, 1991) e *pekõe* como “doble, mellizo” (Canese; Alcaraz, 2006); já *odjudju*, como “unidos, colados” (Assis, 2008). Aos descritos anteriormente, acrescentamos *ikam/ikama* e *kokôî*, não encontrados nos dicionários pesquisados.

---

<sup>23</sup> Percebemos alternância da grafia de *kõe* e *ikõe* da seguinte *kõe/kôî/ikõe/ikôî* nos dicionários consultados. Optamos por manter o registro conforme a grafia adotada pelo texto citado.

Todas as variantes da língua guarani registradas neste estudo apontam, ao menos, um traço de significado referente ao conceito de “bananas que nascem grudadas”. A diversidade impressa nos exemplos recolhidos da língua guarani retirados dos dois atlas linguísticos investigados, apesar de parte deles terem se configurado como ocorrências únicas, destacam as marcas das línguas de contato entre o guarani, espanhol e o português falados na fronteira Brasil/Paraguai<sup>24</sup>.

### **Considerações finais**

Pode-se adiantar que a análise dos dados, somada à reflexão comparativa dos dois trabalhos, registra interinfluências das línguas de contato faladas na faixa de fronteira em pauta (português, espanhol e guarani) e que, entre os fatores que se sobressaem nesse contexto, os extralinguísticos são essenciais para que a variação aconteça. Nesse caso, em particular, o fato de as áreas pesquisadas situarem-se em uma região de fronteira seca entre dois Estados Nação, com contato geográfico direto entre os dois territórios, é um campo fecundo para diversas trocas culturais e linguísticas, sobretudo, o convívio entre povos e culturas distintas que se sobressaem nitidamente no nível lexical da língua.

### **Referências**

ASSIS, Cecy Fernandes de. **Diccionario Guaraní-Português/Português-Guaraní**. 2. ed. São Paulo: Edição Própria, 2008.

AULETE, Caldas. **Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. 4. ed. v. I. Rio de Janeiro: Editora Delta S. A., 1958.

---

<sup>24</sup> Quanto à existência de ocorrências únicas em Língua Portuguesa, registrou-se apenas a denominação bananas emendadas.

AULETE, Caldas. **Dicionário Aulete Digital**. Versão eletrônica, RJ: Lexicon Editora. 2008. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/index.php>. Acesso em: 26 ago. 2023.

AURÉLIO, Buarque de Holanda Ferreira. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. 1. ed. 3. reimpressão. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 1988.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Coleção Leitura e crítica).

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário UNESP do português contemporâneo**. São Paulo, SP: Ed. UNESP, 2004.

CANESE, Natalia Krivoshein de; ALCARAZ, Feliciano Acosta. **Diccionario Guaraní-Español e Español-Guaraní**. Asunción/Paraguay: Ediciones y Artes S. A., 2006.

CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. **Dicionário de tupi (antigo)-português**. Salvador, BA: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**. v. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

CHOFARD, Amanda. **Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes documentadas pelo Projeto Atlas linguístico do Brasil**. 2019. 247 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, SC, 2019.

COLMÁN, Mário Vera. **Primer Dicionario Practico**. Trilingue: Português-Español e Guaraní. 3. ed. Asunción/Paraguay: Centro Editorial Paraguayo, 1994.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira**

**ra da Língua Portuguesa.** 1. ed. 2. reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

**REAL ACADEMIA ESPAÑOLA: Diccionario de la lengua española.** Madrid: Real Academia Española. 23. ed. [s.d.] [versión 23.7 em línea]. Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 26 de agosto de 2023.

EMBRAPA. Cultivos da banana. **EMBRAPA 50 anos.** [online], [s.d.]. Disponível em: <https://www.embrapa.br/mandioca-e-fruticultura/cultivos/banana>. Acesso em: 27 ago. 2023.

FAUSTO, Maria Luiza. **Você já viu duas bananas dentro de uma única casca???** Expedição Vida [online], 2013. Disponível em: <http://expedicaovida.com.br/voce-javiu-duas-bananas-dentro-de-uma-unica-casca/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

GUASCH, P. A; ORTIZ, P D. **Diccionario castellano-guarani/guaraní-castellano.** 10. ed. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos “Antonio Guasch”, 1991.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia:** ciência do homem, filosofia da cultura. 2. ed. 5. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

HOUAISS, Antonio; Vilar, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Instituto Houaiss da Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda: 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JUNIOR, Celso Ferrarezi; BASSO, Renato. **Semântica, semânticas:** uma introdução. São Paulo: Contexto, 2021.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** v. I. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

MICHAELIS Digital. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica, (1988) 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

MORENO, Francisco; GONZÁLEZ, Neide Maia. **Diccionario Esencial: español-portugués/português-español**. Madri: Arco/Libros SL., 2006.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: editora desconhecida, 1955.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Variação linguística do português em contato com o espanhol e o guarani na perspectiva do Atlas Linguístico Contatual da Fronteira entre Brasil/Paraguai (ALF-BR/PY)**. 2013. 467 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013, 2. v. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000189169>. Acesso em: 03 ago. 2023.

REIS, Regiane Coelho Pereira. **Atlas Lingüístico do Município de Ponta Porã - MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai**. 2006. 407 f. Dissertação (Mestrado em Letras), 2. v. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS/CPTL: Três Lagoas, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/1364>. Acesso em: 03 ago. 2023.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução, notas e posfácio Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

SILVA, Karlla Patrícia. **Banana Gêmea: faz mal comer? Entenda porque este fenômeno acontece**. [online], 2016. Disponível em: <https://diariodebiologia.com/2016/08/bananas-gemeas-faz-mal/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SILVA-NETO, Serafim da. **Guia para Estudos Dialetológicos**. 2. ed.  
Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1958.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact: finding and problems**.  
Paris-New York: Mouton Publishers, 1972.



# APAGAMENTO DOS RÓTICOS EM SERGIPE: UM PANORAMA INICIAL

Ana Paula Silva

## Introdução

O fenômeno do apagamento dos róticos, em especial no Português Brasileiro, é foco de vários estudos linguísticos. A queda desse segmento em coda final (caloR x caloØ) se faz presente em diversas localidades, como apontam os trabalhos de Aguilera e Kailer (2012; 2015); Callou (1987), Callou e Serra (2012), Farias e Callou (2014), dentre outros, sendo mais recorrente em determinados contextos linguísticos. Pensando no aspecto extralinguístico, sabe-se que existem variantes que são aceitas socialmente e que contam com prestígio na comunidade, enquanto outras são estigmatizadas. Há debates sobre o que pode ou não influenciar o estigma de um fenômeno, mas tem-se que uma das principais motivações seria a associação dessas variantes às camadas menos favorecidas ou com menor acesso à educação formal.

No âmbito fonético, o fenômeno da queda do /R/ parece não mais carregar tanto estigma social, uma vez que o apagamento do rótico nessa posição não se faz presente apenas na fala das classes menos favorecidas ou dos menos escolarizados. Dessa forma, busca-se, neste estudo, a análise do fenômeno em pauta - apagamento dos róticos -, tomando como base três cidades do Estado de Sergipe: Aracaju, Estância e Propriá. Para a constituição do *corpus* deste trabalho, utilizou-se o material do Atlas Linguístico do Brasil, ALiB, uma vez que ele possui registros que vão desde a fala mais espontânea até registros mais controlados.

A análise, por sua vez, tem como base o aporte teórico-metodológico da Sociolinguística laboviana e Dialetologia pluridimensional e tem por objetivo observar em que estágio se encontra o apagamento do /R/

em coda silábica final. Ademais, busca-se realizar um panorama do Estado de Sergipe considerando aspectos linguísticos, extralinguísticos e a relação entre eles.

## **1 Revisão da literatura**

No Português existem quatro fonemas que se localizam em posição de coda: /S/, /L/, /N/ e /R/. Segundo Monaretto, Quednau e Hora (1996), parte das consoantes no Português apresenta variabilidade, que pode ser causada por motivos fonéticos, geográficos ou sociais. Tal variabilidade é uma consequência da neutralização, fenômeno fonológico caracterizado pela perda de oposição de significado. Em se tratando dos róticos, em posição de onset (carro ~ caro) a oposição acarreta em uma mudança de significado. Já quando os segmentos se encontram em posição de coda, essa oposição não ocorre, possibilitando a variação de forma mais acentuada e frequente.

O Português Brasileiro comporta, na posição de coda, algumas variantes para o /R/, tais como: fricativa, tepe, vibrante, retroflexa ou o apagamento do fonema. Em se tratando especificamente da queda do /R/, observa-se que ele já foi objeto de estudo em teses, como a de Callou (1987), que registrou um apagamento considerável no dialeto carioca. Assim, pode-se entender que haja uma tendência ao crescimento desses números, chegando a ser o mais utilizado, a depender do contexto.

Historicamente, o desaparecimento do /R/ no final da palavra era parte de uma linguagem vulgar, ou seja, era “usada pelas pessoas que vivem nas cidades, mas que não têm instrução e participam do grupo social menos bem dotado” (Silva Neto, 1977, p. 124). Seguindo uma linha de pensamento semelhante, Houaiss (1985) alegava que o apagamento do /R/ estava relacionado à baixa escolaridade do falante, geralmente tam-

bém parte das classes mais populares. Dessa forma, a queda dos róticos era vista como uma variante popular, sendo, inclusive, mal vista pelos instrumentos normativos e classes mais altas da sociedade. Sobre o zero fonético, Callou e Serra (2012, p. 42) comentam:

[...] Era considerado um marcador social e, nas peças de Gil Vicente, no século XVI, era usado para caracterizar a fala de escravos. Essa estratificação fez surgir a hipótese de se tratar de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos (LABOV, 1994). Pelos séculos seguintes, no entanto, o fenômeno se espalhou progressivamente por todas as classes sociais e por todos os níveis educacionais, não sendo mais estigmatizado.

Partindo para pesquisas mais recentes sobre o fenômeno em foco, nota-se que, geralmente, há uma tendência da não realização do segmento em coda final, embora as questões extralinguísticas e a ruralidade ainda sejam fatores que contribuem para a escolha dessa variedade. A respeito do tema do apagamento do rótico em coda silábica final, convém citar os trabalhos que operam suas discussões sob a ótica da Sociolinguística variacionista laboviana, analisando falas de mais e menos escolarizados de diversas regiões do país: Hora e Monaretto (2003); Monaretto (2010); Aguilera e Kailer (2012; 2015); Farias e Callou (2014). Tais estudos mostram que a questão da variabilidade dos róticos é mais produtiva em coda externa de verbos e dentro do discurso espontâneo, sendo, portanto, a regra preponderante. Ademais, esses estudos mostram que, de maneira geral, o apagamento em verbos traz a hipótese de que esse fenômeno seja uma marca morfológica de caráter repetitivo. Por fim, notou-se, nas pesquisas dos autores citados, que a dimensão do vocábulo é um fator que aumenta a probabilidade de apagamento: quanto maior a dimensão maior a chance da queda do /R/ em coda silábica.

Assim, o apagamento dos róticos em posição de coda final é um fenômeno percebido no Português Brasileiro desde o século XIX como

característica da fala de pessoas com baixa escolaridade e das classes sociais mais pobres, principalmente escravos. Desde então, vem sofrendo um processo de expansão que culminou na redução de seu estigma, uma vez que passou a ser usado pelas classes mais altas da sociedade.

## **2 Pressupostos teóricos**

Tendo como foco o processo de apagamento dos róticos em coda silábica final, este estudo toma por base os pressupostos da Dialetologia Pluridimensional. Classifica-se a Dialetologia como uma disciplina da Linguística que tem por foco a língua no espaço geográfico. Os estudos que envolviam o vínculo entre a língua e o espaço geográfico se iniciaram com Jules Gilliéron, sendo denominados de Geografia Linguística ou Geolinguística e definindo-se como um “método dialetológico e comparativo [...] que pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas [...] comprovadas mediante pesquisa direta e unitária em uma rede de pontos” (Brandão, 1991, p. 11).

Em se tratando especificamente da Dialetologia Pluridimensional, tem-se como precursores Radtke e Thun (1996) e Thun (1998; 2005; 2009). Esta disciplina é vista como inovadora dentro da área da variação por analisar os dialetos e as variedades linguísticas a partir de diversos parâmetros e dimensões. Assim, de maneira efetiva, a Dialetologia Pluridimensional aborda as dimensões sociais entrelaçando-as com a realidade linguística.

Além da Dialetologia Pluridimensional, esta pesquisa se apoia na Teoria da Variação e Mudança, que tem por objetivo observar e descrever a variação linguística de uma comunidade de fala a partir do vernáculo. Para isso, conta-se com cinco princípios para o estudo das mudanças que acontecem: 1) o problema das restrições; 2) o problema da transição; 3) o problema do encaixamento; 4) o problema da avaliação do falante;

e 5) o problema da implementação. (Weinreich; Labov; Herzog, 1968, p. 102). Este modelo opera pelo princípio da existência de uma ciência social da linguagem, que entende a presença concomitante de variantes linguísticas e que busca realizar um tratamento estatístico do uso dessas formas. Por isso, esse modelo também é conhecido como “Sociolinguística Quantitativa”.

Como um dos principais nomes tem-se William Labov, que atesta sobre a mudança da língua ao longo de sua performance e que a heterogeneidade decorrente das transformações não compromete seu funcionamento. Além disso, ele afirma que a variação faz parte do sistema linguístico e acontece de forma não aleatória, ou seja, a partir dos condicionantes estruturais e sociais é possível apontar os mecanismos responsáveis por implementar as mudanças no sistema. Esta noção de um sistema heterogêneo e ordenado em sua variação é o que faz a Sociolinguística determinar como objeto de estudo o uso concreto da língua por uma comunidade de fala dentro de um contexto espaço temporal específico ou, como afirma Labov (1982, p. 18): "o objeto da descrição linguística é a gramática da comunidade de fala: o sistema de comunicação usado na interação social". Visando a este propósito, o pesquisador da área deve se inserir na comunidade sem que esta participação interfira na fala dos informantes, como comenta Labov (2008, p. 244): “o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática”. Para evitar possíveis interferências decorrentes da presença do entrevistador e para solucionar o paradoxo do observador, algumas estratégias são utilizadas, a exemplo, o estímulo ao relato pessoal ou situações que evoquem emoções no informante. Tal estratégia mostra-se eficaz uma vez que, ao adentrar em um discurso mais sentimental e no conteúdo de que se fala, o informante tende a gradativamente preocupar-se menos com o aspecto linguístico e a utilizar o seu vernáculo.

### 3 Metodologia

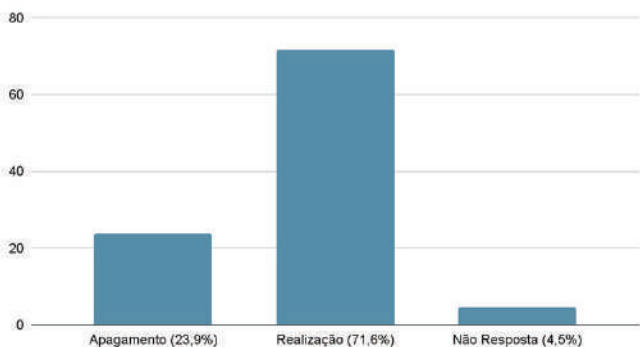
Para a realização deste estudo, foi utilizada uma abordagem qualitativa e quantitativa. Os dados foram obtidos através do *corpus* do projeto ALiB (2001), composto por um questionário que apresenta subdivisões direcionadas para diferentes aspectos. Para esta pesquisa serão considerados o questionário fonético-fonológico (QFF), estilo de fala monitorado, a leitura, estilo de fala muito monitorado, e o relato, estilo de fala espontâneo.

A amostra em análise é composta por registros de fala de 16 informantes, estratificados em relação ao sexo (homem/mulher), nível de escolaridade (ensino fundamental/ensino superior) e localidade (Aracaju, Estância e Propriá). Além dos contextos extralinguísticos citados, analisou-se o estilo de fala (do mais espontâneo ao mais monitorado) e os seguintes contextos linguísticos: realização ou apagamento, o contexto seguinte, coda interna ou externa e a classe morfológica. Para a análise estatística dos dados, foi utilizado o programa *Goldvarb 2001* e, para o recorte das ocorrências do /R/ em coda silábica, foi utilizado o programa *Sound Forge*.

### 4 Discussão dos resultados

Para melhor observar os dados, optou-se pela utilização de gráficos que resumem os resultados obtidos após a plotagem no programa *Goldvarb 2001*. As entrevistas, retiradas do *corpus* do ALiB, não foram analisadas na íntegra, uma vez que entendeu-se que o QFF, o relato pessoal e a leitura seriam suficientes para a realização deste estudo.

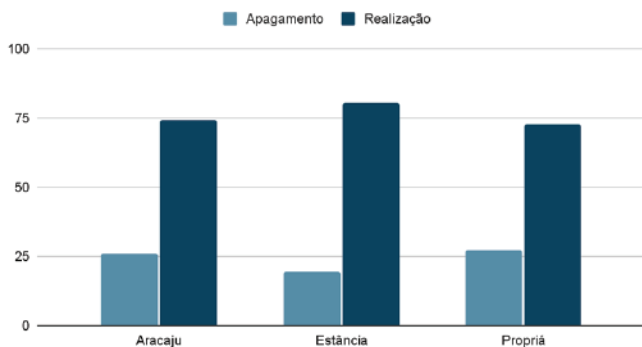
**Gráfico 1:** Apagamento e realização do /R/ - dados gerais



**Fonte:** Autoria própria.

Analisando os dados, de maneira geral, observa-se o apagamento com 23,9% e a realização com 71,6% de produtividade, como é possível ver no Gráfico 1. Os restantes 4,5% correspondem à ausência de respostas, referentes às perguntas que não foram respondidas pelo falante por desconhecimento do nome ou do referente, ou a problemas técnicos que aconteceram ao longo das entrevistas.

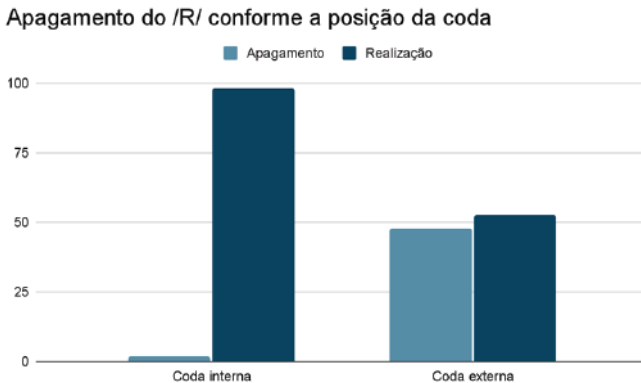
**Gráfico 2:** Apagamento do /R/ em coda silábica conforme a localidade



**Fonte:** Autoria própria.

Em se tratando dos dados gerais por localidade (Gráfico 2), notou-se que as cidades analisadas obtiveram percentuais muito próximos de apagamento: Aracaju, com 25,8%; Estância, com 19,5% e Propriá, com 27,3%, indicando que o lugar de origem do falante não é uma variável muito relevante para a realização do /R/ em coda. Apesar disso, faz-se importante notar que Estância, mesmo sendo uma cidade do interior, apresentou uma porcentagem maior de realização em relação à capital, Aracaju, o que destoia um pouco do esperado, uma vez que no interior não são analisados falantes do ensino superior, de quem já se espera a opção pela variante de prestígio. A outra cidade interiorana, Propriá, não segue a mesma característica presente em Estância. Observando com mais atenção as entrevistas, notou-se que os relatos pessoais de Estância foram menores e obtiveram-se menos ocorrências do fenômeno estudado em relação às outras duas cidades, o que pode ter contribuído para a alta porcentagem de realização em comparação com as outras localidades.

**Gráfico 3:** Apagamento do /R/ conforme a posição da coda

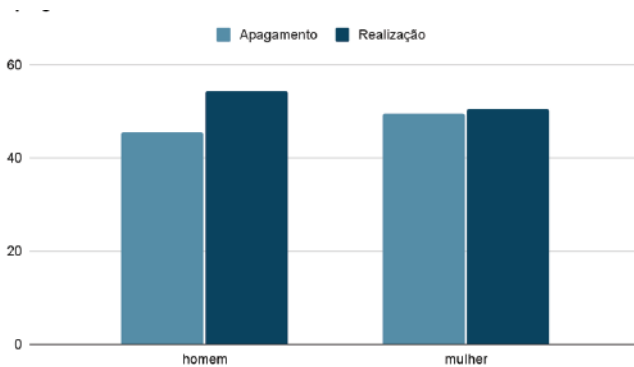


**Fonte:** Autoria própria.



Após a análise geral, os dados foram divididos de acordo com a posição da coda, externa ou interna. Assim, verificou-se que a coda interna é pouco produtiva em relação ao fenômeno estudado, apresentando apenas 2% de apagamento (Gráfico 3). Já na coda externa houve uma produtividade de 47,5% em relação ao apagamento. Por conta da baixa quantidade de ocorrências, a coda interna não se mostrou relevante e, por isso, foi retirada das análises realizadas neste estudo.

**Gráfico 4:** Apagamento do /R/ em coda externa conforme o sexo

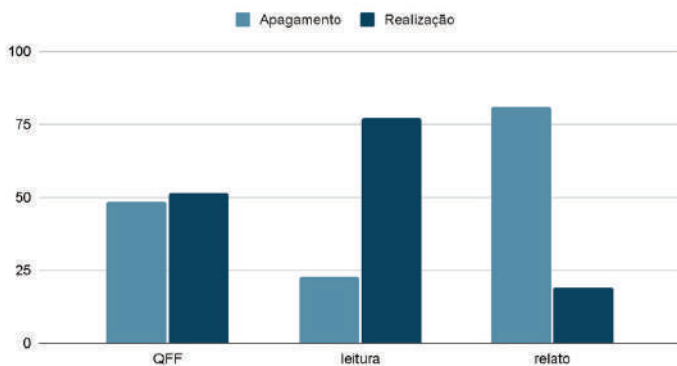


**Fonte:** Autoria própria.

De acordo com o Gráfico 4, que traz as ocorrências de /R/ em coda silábica conforme o sexo do falante, homem ou mulher, os percentuais de apagamento são muito próximos: 45,5% na fala do homem e 49,5% na da mulher. Apesar da pequena diferença, as mulheres apresentam uma porcentagem maior, o que pode indicar, de acordo com os estudos de Labov (2001), uma possível mudança em curso, uma vez que, em situações de estabilidade da língua, o homem utiliza com maior frequência formas não padronizadas enquanto a mulher tende para o seguimento de formas de prestígio. No entanto, as mulheres usam mais as formas inovadoras do que os homens, mesmo que estas

ainda não sejam consideradas de prestígio pela comunidade, indicando que uma nova variante pode estar sendo implementada na língua. Assim, pensa-se na hipótese de que a estigmatização desse fenômeno ainda se faz presente, mas se reduz gradativamente.

**Gráfico 5:** Apagamento do /R/ em coda externa conforme o estilo de fala



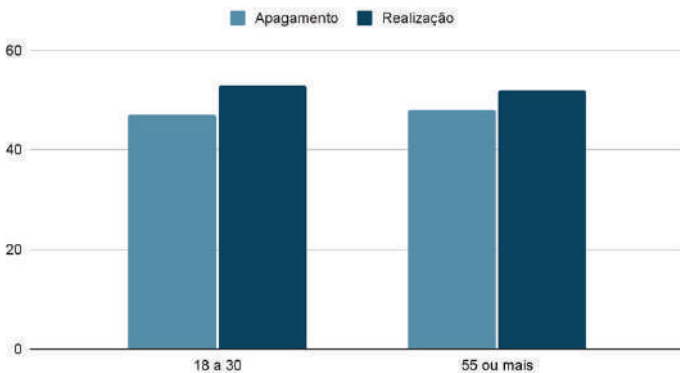
**Fonte:** Autoria própria.

Ao analisar o Gráfico 5, referente ao apagamento do /R/ considerando o estilo de fala, observa-se que o contexto de produção é relevante para o estudo do fenômeno, visto que os estilos mais monitorados tiveram uma realização maior do /R/ em relação aos menos monitorados. A leitura, mais monitorada, teve um apagamento de 22,8%; o QFF, monitorado, 48,5%, e o relato, menos monitorado ou espontâneo, 81%. Verifica-se, portanto, que há uma gradação ascendente do apagamento que se relaciona diretamente com o contexto de produção de fala, assim como também foi observado nos estudos de Aguilera e Kailer (2015).

A realização maior presente na leitura se deve a uma consciência maior do falante em relação à língua e ao que está sendo dito. Soma-se

a isso o fato de o entrevistado ter o texto em mãos e ver a palavra escrita, o que auxilia na execução de forma mais precisa. Em seguida, tem-se o QFF, no qual o falante também tem certa consciência, uma vez que as perguntas são mais focalizadas em palavras específicas. Além disso, o QFF é realizado no início da entrevista, o que pode contribuir para que o falante esteja mais nervoso, menos confortável e, conseqüentemente, monitorando mais sua fala. Por fim, no relato pessoal, o informante está mais atento ao conteúdo do que aos aspectos linguísticos, o que diminui significativamente o seu monitoramento e dá espaço para uma fala mais espontânea e próxima do seu vernáculo (Labov, 2008).

**Gráfico 6:** Apagamento do /R/ conforme a idade

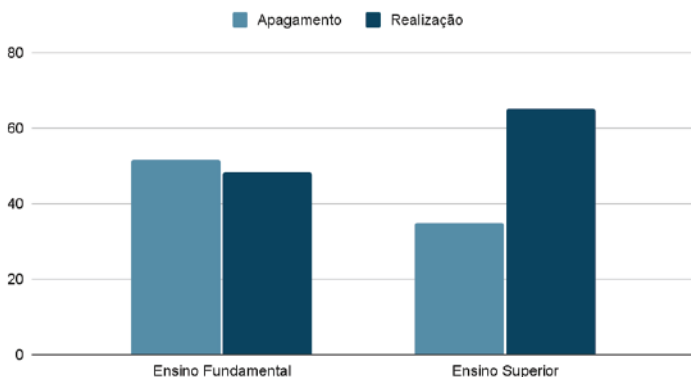


**Fonte:** Autoria própria.

Observa-se, no Gráfico 6, referente ao fenômeno conforme as faixas etárias, que o apagamento se deu com porcentagens parecidas: faixa etária 1, de 18 a 30 anos, com 47% de apagamento e a faixa etária 2, de 55 anos ou mais, com 48% de apagamento. Tal resultado demonstra que, apesar de haver certa resistência dos mais jovens em relação ao uso do apagamento, isso está gradativamente mudando, já que a por-

centagem entre as faixas etárias é muito próxima. Por isso, pensa-se na hipótese de que o fenômeno estudado se faça cada vez mais presente na fala dos mais jovens e, conseqüentemente, que a porcentagem aumente, podendo, até mesmo, ultrapassar a porcentagem da faixa etária 2.

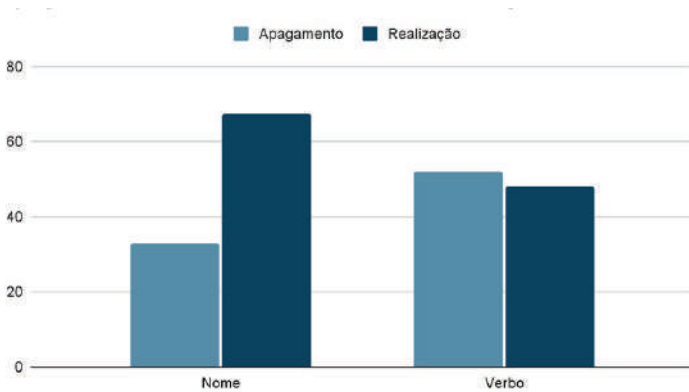
**Gráfico 7:** Apagamento do /R/ conforme a escolaridade



**Fonte:** Autoria própria.

No Gráfico 7, vê-se a distribuição dos dados de acordo com a escolaridade dos informantes. Os resultados mostram que há um apagamento maior na fala dos entrevistados que tinham o Ensino Fundamental (51,7%) do que os com o Ensino Superior (35%). Assim, entende-se que falantes mais escolarizados têm uma resistência maior em apagar o /R/ do que os falantes menos escolarizados. Isso demonstra que esse fenômeno ainda passa por estigmatização, já que falantes com maior escolaridade tendem a utilizar variantes de prestígio e pertencentes à norma culta, ao padrão.

**Gráfico 8:** Apagamento do /R/ conforme a classe morfológica



**Fonte:** Autoria própria.

Dentro das variáveis analisadas, uma que se mostrou muito produtiva foi a classe morfológica. Para facilitar o estudo, as palavras foram divididas em duas classes: verbos e nomes. Constatou-se que a queda do /R/ é maior em verbos (52%) do que em nomes (32,8%). Os resultados obtidos corroboram estudos anteriores realizados que afirmam a suscetibilidade de cancelamento do /R/ em coda silábica externa, especialmente em verbos. Em se tratando da classe de nomes, nota-se que ainda há certa resistência em relação à queda do /R/, uma vez que, nessa categoria, o fenômeno estudado é mais estigmatizado do que em verbos (Gráfico 8).

### **Considerações finais**

A partir da discussão dos resultados, ancorada na literatura e nos estudos realizados anteriormente por pesquisadores da área, é possível concluir que o apagamento do /R/ em coda silábica é um processo corrente no português brasileiro, com destaque, neste capítulo, às cidades

de Aracaju, Estância e Propriá, pertencentes ao Estado de Sergipe. Dentro dos fatores linguísticos, excluiu-se a coda interna por conta da baixa ocorrência e da pouca produtividade desse fator, mantendo-se apenas a coda silábica externa para a análise. Ainda dentro dos fatores linguísticos, avaliou-se que o apagamento em verbos é mais recorrente do que em nomes devido a uma menor estigmatização nessa classe. Em relação ao estilo de fala, constatou-se que contextos mais monitorados apresentaram maior realização, enquanto nos mais espontâneos prevaleceu o apagamento. Associando os fatores linguísticos e extralinguísticos, tem-se que o nível de consciência do falante em relação à queda do /R/ se correlaciona de forma diretamente proporcional à escolarização do falante. Assim, informantes com mais escolaridade têm maior predisposição a utilizar variantes de prestígio.

Por fim, é importante ressaltar que as conclusões apresentadas são referentes à época de coleta dos dados, feita há cerca de 20 anos. Como este fenômeno é uma mudança em curso, faz-se necessária uma nova coleta de dados para que se possa realizar uma análise comparativa, observar a evolução do processo e confirmar se a hipótese de expansão do fenômeno é correta. Ademais, embora as cidades escolhidas deem um bom panorama do apagamento do /R/ no Estado de Sergipe, o acréscimo de mais cidades e, conseqüentemente, mais informantes, dará uma perspectiva mais precisa sobre o fenômeno.

## Referências

AGUILERA, Vanderci; KAILER, D. A. Os róticos em coda silábica em quatro localidades mineiras. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres (Orgs.). **Documentos 3** - Vozes do X WORKALIB. Amostras do português brasileiro. 1ed. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 163-184.

AGUILERA, V. de A.; KAILER, D. A. Apagamento do /R/ em coda silábica no Sul do Brasil: um estudo preliminar. In: KRAGH, Kirsten Jeppesen; LINDSCHOUW, Jan (Ed.). **Les variations diasystematiques et leurs interdépendances dans les langues romanes**: actes du Colloque DIA II à Copenhague (19-21 nov. 2012)[organisé par l'Université de Copenhague en collaboration avec l'Académie Royales des sciences et belles-lettres du Danemark]. ELIPHI Éditions de linguistique et de philologie, Zürich, 2015, p. 89-102.

BRANDÃO, S. F. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/PROED, 1987.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 14, p. 61-72, 1998.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura silábica. **Revista do GELNE**, Natal, v. 14, no especial, p. 41-57, 2012.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas linguístico do Brasil**: questionários 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

FARIAS, A.; CALLOU, D. M. I. A distribuição do processo de apagamento do rótico nas quatro últimas décadas: três capitais em confronto. **Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste-GELNE**, Natal, 2014.

HOUAISS, A. **O português no Brasil**. Rio de Janeiro, UNIBRADE/UNESCO, 1985.

HORA, D.; MONARETTO, V. Enfraquecimento e apagamento dos róticos. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org). **Teoria linguística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: EDUFPPB, 2003, p. 114-143.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania press, 1972.

LABOV, William. **Building on empirical foundations**. Perspectives on historical linguistics, Amsterdam, v. 24, p. 17, 1982.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: social factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MONARETTO, V. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 119-127.

MONARETTO, V.; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos da fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

RADTKE, E.; THUN, H. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie**. Heidelberg/Mainz 21.-24.10. 1991, Kiel, Westensee, 1996.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1977.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay. In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology** (21.: Palermo: 1995) Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729, 787-789. v. 5.



THUN, Harald. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (org.) **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005, p. 63-92.

THUN, Harald. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. A. (org.). **Para a história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens**. Londrina: EDUEL, 2009.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Empirical foundations for a theory of language change**. Texas: University of Texas Press, 1968.

# A SÍNCOPE DE VOGAIS POSTÔNICAS NO ESTADO DO PARÁ: SEDE DE MUNICÍPIOS E COMUNIDADES QUILOMBOLAS

*Jamille Cardoso e Cardoso<sup>1</sup>*

## **Introdução**

A variação linguística é uma característica intrínseca de todas as línguas, refletindo a diversidade e a evolução das línguas. No Português Brasileiro (PB), um dos fenômenos é a síncope das vogais postônicas não-finais. Este fenômeno tem sido alvo de estudos dialetológicos e sociolinguísticos. Na Língua Portuguesa, os vocábulos proparoxítonos são menos produtivos, considerados pelos pesquisadores as formas marcadas no léxico, ou seja, exceções. A redução das proparoxítonas em paroxítonas advém de um processo histórico que faz parte da evolução da língua. Assim, Quednau (2002, p. 80) afirma que a supressão da vogal não-final das proparoxítonas já ocorre desde o latim vulgar. Essa ocorrência nas vogais postônicas não-finais do PB acontece devido a uma tendência natural de tornar uma palavra proparoxítona em paroxítona, para se adequar ao padrão da língua, evitando as formas esdrúxulas.

De acordo com os estudos realizados sobre o tema, como de Araújo e Lopes (2012), Costa (2010), Oliveira e Sá (2018), mostram que essa tendência está ligada a fatores linguísticos e sociais. Assim, o presente estudo, além de considerar fatores linguísticos, tomará em conta fatores extralinguísticos. Portanto, os resultados relacionados ao fenômeno

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista CAPES. E-mail: jamillecardoso16@gmail.com.

da síncope estão associados a fatores internos e externos da língua em sua modalidade oral. É notório que a síncope é recorrente no português falado no Brasil. Vários estudos se ocuparam de investigar, descrever e explicar o fenômeno da síncope, a fim de confirmar/desmistificar ou até mesmo completar alguns pressupostos acerca dessa variação. Apesar de ser um fenômeno bastante investigado, poucos desses trabalhos são direcionados a comunidades tradicionais.

A relevância deste trabalho justifica-se pela carência de estudo sociolinguísticos e dialetais direcionados às comunidades quilombolas da região Norte do país, principalmente, no que se refere a estudos de variação fonética que indiquem os contornos diatópicos e diastráticos de um determinado fenômeno linguístico do português brasileiro, como é o caso da síncope de vogais postônicas não-finais ocorrida nos vocábulos proparoxítonos, a qual será mapeada em cartogramas piloto a partir dos fatores espaciais e sociais estabelecidos na metodologia desta investigação.

Desse modo, o presente trabalho se justifica por contribuir para os estudos que se debruçam sobre a análise das vogais postônicas não-finais sob o prisma da Geossociolinguística (Razky, 1998) e da Geolinguística (Cardoso, 2010), sobretudo nas localidades que integram a rede de pontos desta investigação, as quais são consideradas áreas remanescentes de comunidades tradicionais, mais especificamente de comunidades quilombolas. Nelas, é comum a presença de variações linguísticas particulares, visto que passam por mudanças mais específicas do que os espaços urbanos e rurais.

Este estudo tem o objetivo de identificar ocorrências, analisar, interpretar e mapear a variação das vogais postônicas não-finais de proparoxítonas com base nos dados do (AGQUINPA) e do (ALeSPA), direcionando a análise à realização, ou não, do fenômeno da síncope, a partir dos fatores linguísticos (qualidade da vogal, contexto fonológico precedente e contexto fonológico seguinte) e extralinguísticos (localidade, sexo e faixa etária).

As sete localidades estão distribuídas em: cinco que pertencem às comunidades quilombolas da rede de pontos do Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)<sup>2</sup> e as outras duas pertencentes ao Atlas Léxico-Sonoro do Pará (ALeSPA)<sup>3</sup>, totalizando um corpus de sete pontos de inquérito e vinte e oito informantes. Para a análise, a qual foi realizada com base em fatores internos e externos, foram utilizados os contextos proparoxítonos do questionário semântico-lexical baseado no Projeto ALiB<sup>4</sup>. Dessa forma, busca-se responder quais grupos de fatores (diatópico, diassexual e diageracional) exercem maior influência na realização variável das vogais pos-tônicas não-finais nas comunidades quilombolas e nas localidades de Abaetetuba e Bragança?

## 2. Metodologia

Esta seção destina-se à apresentação dos procedimentos adotados na pesquisa. Nela apresentam-se: construção da problemática e os objetivos geral e específicos. Além de apresentar os processos metodológicos adotados na realização da pesquisa como: a escolha da rede de pontos, o

---

<sup>2</sup> Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA) é um atlas semântico-lexical que descreve e mapeia a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará por meio do inventário lexical.

<sup>3</sup> O projeto Atlas Léxico Sonoro do Pará (ALeSPA) busca compreender, descrever e documentar os fenômenos decorrentes da distribuição espacial e social das variantes lexicais do português no estado do Pará-Região Norte do Brasil.

<sup>4</sup> O eixo Atlas Linguístico do Brasil – Regional Norte (ALiB-Norte) foi iniciado oficialmente em 2006, com sua coordenação regional sob a responsabilidade do GeoLinTerm desde 2002. Este subprojeto está diretamente ligado ao projeto ALiB, projeto de âmbito nacional que visa à construção do Atlas Linguístico Geral do Brasil, com base nos usos da língua portuguesa.

perfil dos informantes, a descrição do questionário e a apresentação dos materiais e métodos utilizados no andamento do estudo, como também os programas computacionais usados para o desenvolvimento da pesquisa e do tratamento dos dados.

## 2.1 Rede de pontos

A Mesorregião Nordeste do Estado do Pará foi selecionada como *corpus* desta pesquisa devido à alta densidade de comunidades quilombolas reconhecidas e intituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto de Terras do Estado do Pará (ITER-PA) ou Fundação Cultural Palmares (FCP). O Estado do Pará tem uma área superior a 1.24 milhão Km<sup>2</sup>, representa 14,65% do território nacional. Dentro dessa unidade da federação estão grandes mesorregiões que foram determinadas a partir de uma perspectiva histórico sócio-espacial.

Com uma área de 83.316,02 km<sup>2</sup>, o Nordeste Paraense é a mais antiga fronteira de colonização do estado do Pará, além de ser uma grande mesorregião biogeográfica, com especificidades socioculturais e ecológicas. Em 1987, como forma de facilitar estudos geoestatísticos, o IBGE subdividiu os estados brasileiros em mesorregiões e microrregiões geográficas. Desse modo, o Pará ficou dividido em 6 mesorregiões: Baixo Amazonas Paraense, Marajó, Metropolitana de Belém, Nordeste Paraense, Sudoeste Paraense e Sudeste Paraense.

Nessa nova configuração de mesorregiões, o Nordeste Paraense foi formado por 5 microrregiões quais sejam: Bragantina (8.703,30 km<sup>2</sup>); Cametá<sup>5</sup> (16.144,60 km<sup>2</sup>); Guamá<sup>5</sup> (28.439,60 km<sup>2</sup>); Salgado (5.812,70 km<sup>2</sup>) e Tomé-Açu (24.453,30 km<sup>2</sup>). Essas microrregiões contemplam 49

---

<sup>5</sup> Este estudo não contempla a microrregião Guamá.

municípios, o equivalente a 6,68% da área total do estado. No Quadro 1, apresenta-se a lista de municípios e comunidades quilombolas que fazem parte da rede de pontos do AGQUINPA e que integram a Mesorregião Nordeste do Pará.

**Quadro 1:** Pontos de inquérito por microrregiões e municípios pertencentes à mesorregião nordeste do Pará

| MICRORREGIÕES | MUNICÍPIOS | ANO DE FUNDAÇÃO DOS MUNICÍPIOS | COMUNIDADES             |
|---------------|------------|--------------------------------|-------------------------|
| Salgada       | Colares    | 1961                           | Cacau                   |
| Bragantina    | Bragança   | 1613                           | América                 |
| Cametá        | Abaetetuba | 1724                           | Rio Acaraqui-Camponpema |
| Tomé-Açu      | Moju       | 1856                           | África                  |
|               |            |                                | Laranjituba             |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Como é possível observar, foram analisadas cinco comunidades, cada município selecionado possui somente um ponto de inquérito, à exceção apenas de Moju, o qual possui dois pontos de inquérito (África e Laranjituba). Essas comunidades quilombolas que fazem parte do AGQUINPA localizam-se em áreas rurais dos municípios que compõem a Mesorregião Nordeste do Pará. Assim, além das cinco comunidades quilombolas, as outras duas localidades que foram analisadas, nesta pesquisa, pertencem aos pontos de inquérito do ALeSPA, a saber: Abaetetuba

e Bragança<sup>6</sup>, as quais também fazem parte da Mesorregião Nordeste do Pará, como pode ser observado no Quadro 2. Essas escolhas foram feitas para fins de comparação entre comunidades quilombolas e municípios.

**Quadro 2:** Pontos de inquérito por microrregiões e municípios da mesorregião nordeste do Pará

| MICRORREGIÕES | MUNICÍPIOS |
|---------------|------------|
| Bragantina    | Bragança   |
| Cametá        | Abaetetuba |

**Fonte:** Produzido pela autora.

A escolha dos municípios de Abaetetuba e Bragança é embasada pelo fator geográfico, já que algumas comunidades quilombolas estão localizadas nesses municípios, o que possibilita realizar comparativos entre os usos das comunidades referidas com o desses municípios.

## 2.2 Perfil dos informantes

Os informantes são selecionados de acordo com os critérios espaciais. Nesse sentido, os indivíduos devem ser nativos de sua comunidade ou municípios e seus pais também precisam ser nascidos e criados na localidade e que não tenham se afastado dela por um período superior a três anos. Além disso, é considerado o controle das variáveis sociais, tais como idade e sexo. Porém, o fator escolaridade não foi considerado nesta pesquisa, devido à ausência de informantes nas comunidades e nos municípios com escolaridade equivalente ao Ensino Médio.

---

<sup>6</sup> O ALeSPA não abrange os outros municípios em que se localizam as comunidades pesquisadas. Dessa forma, foram usados somente os municípios de Bragança e Abaetetuba.

**Quadro 3:** Estratificação dos informantes

| INFORMANTE | FAIXA ETÁRIA | SEXO      |
|------------|--------------|-----------|
| 1          | 18 a 30 anos | Masculino |
| 2          | 18 a 30 anos | Feminino  |
| 3          | 50 a 65 anos | Masculino |
| 4          | 50 a 65 anos | Feminino  |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Assim, o número total de informantes foi de vinte e oito, distribuídos equitativamente em quatro em cada localidade, classificados por faixa etária/geração (18 a 30 anos e 50 a 65 anos), contemplando o sexo/gênero (masculino e feminino), como mostra o Quadro 3.

### 2.3 Questionário

Foram utilizados os dados sonoros do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do ALiB e ALeSPA, os quais contêm, respectivamente, 202 e 256 perguntas. Desses itens que constituem o QSL, apenas quinze correspondem aos contextos de interesse desta investigação, dentre os quais estão: *córrego, relâmpago, úmida, crepúsculo, úbere, libélula, pálpebras, clavícula, útero, rótula, cócegas, bêbado, semáforo, rótula e ônibus*.

Os questionários, tanto do AGQUINPA quanto do ALeSPA, são baseados no questionário do ALiB. Porém, em ambos foram feitas adaptações, como acréscimo de mais perguntas sobre as particularidades regionais dessas localidades.



## 2.4 Materiais e métodos

Primeiramente, realizou-se a escuta dos arquivos sonoros (entrevistas), os quais foram recortados em várias faixas de áudio por meio do software Cool Edit Pro 2.1. Em seguida, os dados recortados foram transcritos foneticamente e armazenados no programa *Microsoft Word*. Assim, os dados são contabilizados estatisticamente de acordo com os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam influenciar na realização variável das vogais postônicas não-finais.

**Quadro 3:** Estratificação dos informantes

| GRUPOS DE FATORES EXTRALINGUÍSTICOS |
|-------------------------------------|
| Localidade                          |
| Sexo                                |
| Faixa Etária                        |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Em seguida, para cada fator estabelecido foi atribuído um código, elencado em um arquivo de especificação e em seguida deu-se início ao processo de codificação dos dados, organizados em um arquivo de codificação. Tanto o arquivo de especificação quanto de codificação foi produzido e armazenado em um texto no formato (.txt).

Após a realização desses procedimentos, o arquivo de codificação foi quantificado no Software *GoldVarbX*, o qual emite a frequência e o peso relativo das variantes identificadas, considerando cada grupo de fator já estabelecido. Por fim, os resultados estatísticos foram organizados em tabelas e gráficos. Além disso, foram confeccionadas cartas fonéticas,

editadas no Software *Corel Draw Graphics Suite X8* para demonstrar as variações das vogais postônicas não-finais nas comunidades quilombolas e nos municípios analisados.

### **3. Apresentação e discussão dos resultados**

Nesta seção, serão apresentados os resultados referentes aos grupos de fatores, fornecidos pelo Software GoldVarbX. Além disso, serão eles discutidos e interpretados a partir dos índices estáticos expressos nas tabelas. Inicialmente, serão apresentados os resultados dos grupos de fatores internos: qualidade da vogal, contexto precedente e contexto seguinte, posteriormente, os grupos de fatores externos: localidade, sexo e faixa etária.

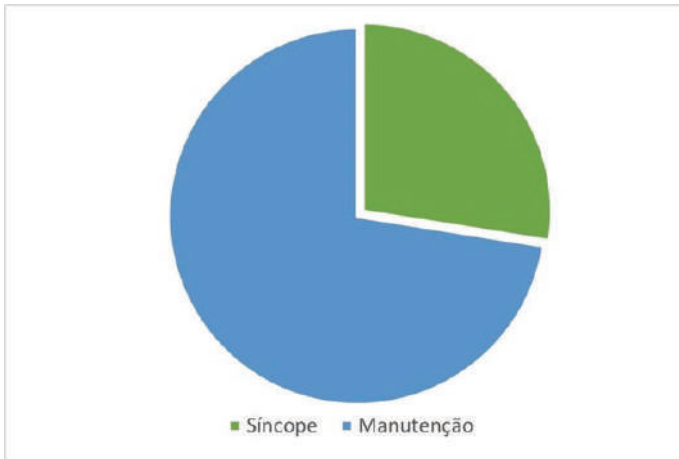
Os resultados estatísticos serão apresentados com base na frequência de uso das variantes, além desses índices estão incluídos os valores dos pesos relativos, sendo a base para a análise dos resultados obtidos nesta pesquisa. Esses resultados são referentes ao fenômeno da síncope das vogais postônicas não-finais, contudo, também serão apresentados os percentuais de manutenção<sup>7</sup> contabilizados por meio da emissão de frequência, embora a análise dessa pesquisa se concentre nos resultados concernentes à síncope.

Como se pode ser observado no Gráfico 01, a seguir, a manutenção da vogal postônica não-final apresentou a frequência mais alta, com 72,5%, em contrapartida de 27,5% de síncope, em que 22 ocorrências dizem respeito à aplicação da síncope e 58 ocorrências de manutenção.

---

<sup>7</sup> A manutenção é entendida, neste estudo, quando a vogal postônica não-final se mantém inalterada, ou seja, não há ocorrência de apagamento.

**Gráfico 1:** Frequência total das ocorrências de síncope e manutenção



**Fonte:** Produzido pela autora.

A seguir, serão apresentados os resultados específicos de cada grupo analisado, concomitante à distribuição da frequência de uso da síncope e manutenção das vogais postônicas não-finais nos fatores externos (diatópico, diassexual, diageracional).

### **3.1 Qualidade da vogal postônica não-final**

O grupo de fatores qualidade da vogal postônica não-final foi a terceira variável linguística a ser eliminada pelo programa estatístico GoldVarbX. Os resultados estatísticos de peso relativo e frequência gerados na análise dos dados estão no Quadro 5:

**Quadro 5:** Qualidade da vogal postônica não-final

| QUALIDADE DA VOGAL    | APLICAÇÃO/TOTAL | PR            | %        | EXEMPLOS                  |
|-----------------------|-----------------|---------------|----------|---------------------------|
| /o/                   | 3/7             | 0.96/<br>0.84 | 42.<br>9 | Semáforo →<br>[se'mafro]  |
| /a/                   | 6/21            | 0.81/<br>0.40 | 28.<br>6 | Relâmpago →<br>[h'e'lãpo] |
| /u/                   | 3/18            | 0.69/<br>0.28 | 16.<br>7 | Clavícula →<br>[ka'vikla] |
| /e/                   | 10/34           | 0.49/<br>0.18 | 29.<br>4 | Cócgga →<br>[kɔjka]       |
| Input: 0.222<br>0.000 |                 | Significance: |          |                           |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Nota-se que a redução das estruturas proparoxítonas foi mais frequente na presença da vogal média posterior /o/, a qual favoreceu, significativamente, a regra variável, com o maior peso relativo, que oscilou entre 0.96 e 0.84, o que confirma que essa vogal tem alta probabilidade de realização do fenômeno da síncope. Em contrapartida, a vogal média anterior /e/ foi a única que apresentou valor inferior no processo de redução das proparoxítonas, com o peso relativo igual a 0.49, o que designa que a probabilidade de aplicação da regra é desfavorável diante dessa vogal.

A vogal baixa central /a/ favoreceu a aplicação da regra, com o peso relativo correspondente a 0.81 e mínimo 0.40. Consequentemente, a vogal alta posterior /u/ obteve peso relativo igual a 0.69, o que indica o favorecimento da aplicação da regra diante dessa vogal. Observa-se,

pois, que, apesar de a vogal central ter favorecido a realização do fenômeno, os resultados de peso relativo mostraram que as vogais posteriores têm mais probabilidade de aplicação da regra em relação às demais.

### 3.2 Contexto fonológico precedente da vogal postônica não-final

O grupo de fatores contexto fonológico precedente foi a quinta e última variável a ser eliminada pelo GoldVarbX. Os índices estatísticos pertencentes aos fatores desse grupo estão expressos no Quadro 6:

**Quadro 6:** Contexto fonológico anterior

| CONTEXTO ANTERIOR | APLICAÇÃO/<br>TOTAL | PR        | %    | EXEMPLOS                 |
|-------------------|---------------------|-----------|------|--------------------------|
| /f/               | 3/7                 | 0.95/0.55 | 42.9 | Semáforo →<br>[se'mafro] |
| /k/               | 1/10                | 0.95/0.04 | 10.0 | Clavícula → [ka'vikla]   |
| /s/               | 8/22                | 0.91/0.61 | 36.4 | Cóçega →<br>[kɔska]      |
| /t/               | 4/19                | 0.55/0.32 | 21.1 | Útero → [útri]           |
| /p/               | 6/22                | 0.52/0.21 | 27.3 | Relâmpago → [hɛ'lápo]    |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Os resultados mostram que a consoante labiodental surda /f/ obteve maior valor de peso relativo, igual a 0.95 com mínimo de 0.55, seguida da consoante velar surda /k/, que obteve o mesmo valor máximo de peso relativo, igual a 0.95 e com o mínimo de 0.04. A consoante alveolar surda /s/ também favoreceu a realização do fenômeno, a qual

atingiu peso relativo aproximado das consoantes anteriores, igual a 0.91. Em vista disso, essas três consoantes surdas tiveram alta probabilidade de aplicação da regra.

A alveolar surda /t/ ficou acima do ponto neutro, com o peso relativo que oscilou entre 0.55 e 0.32. A consoante bilabial surda /p/ também ficou acima do ponto neutro, com o peso relativo máximo de 0.52 e mínimo de 0.21, porém, a probabilidade de aplicação da regra dessa vogal é bastante sutil. Portanto, como pode ser observado, nenhuma das consoantes esteve abaixo do ponto neutro, ou seja, nenhuma desfavoreceu a aplicação da regra.

### 3.3 Contexto fonológico seguinte da vogal postônica não-final

O contexto fonológico seguinte foi o primeiro grupo a ser eliminado pelo programa de regra variável. Os resultados obtidos na rodada dos dados estão listados no Quadro 7, a seguir:

**Quadro 7:** Contexto fonológico posterior

| CONTEXTO POSTERIOR | APLICAÇÃO/<br>TOTAL | PR        | %    | EXEMPLOS            |
|--------------------|---------------------|-----------|------|---------------------|
| /l/                | 3/18                | 0.75/0.46 | 16.7 | Rótuja → [ˈhɔta]    |
| /g/                | 14/44               | 0.66/0.49 | 31.8 | Córrego → [ˈkɔhigo] |
| /t/                | 5/18                | 0.42/0.18 | 27.8 | Útero → [ˈútri]     |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Como mostra o Quadro 7, o peso relativo foi mais recorrente em contextos em que a vogal postônica não-final estava seguida pela lateral alveolar sonora /l/, com o máximo de 0.75 e mínimo de 0.46, e,

também, pela oclusiva velar sonora /g/, a qual oscilou entre 0.66 e 0.46. Essas duas consoantes foram as únicas que favoreceram a aplicação da regra. Em contexto de /l/ há possibilidade de formar grupo consonantal quando a vogal é apagada, por exemplo, no item lexical clavícula, com a queda da vogal postônica, formará [ka'vikla], que seria grupo consonantal possível.

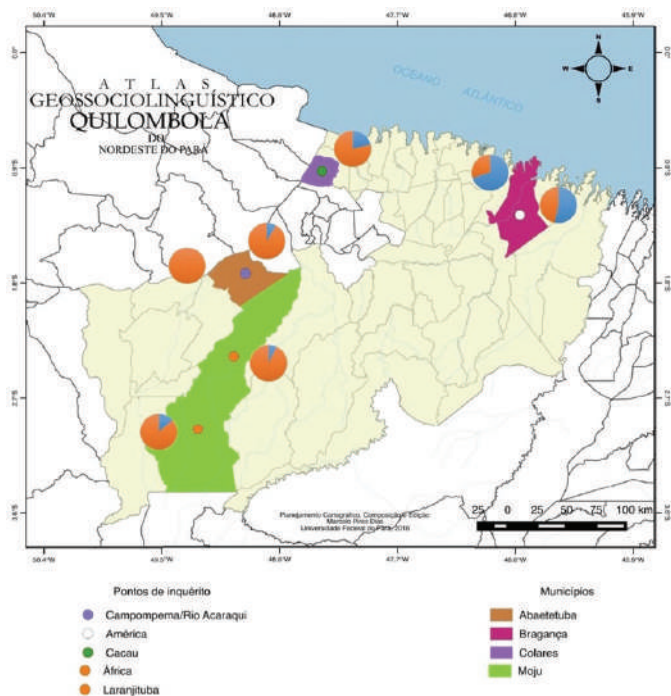
No que se refere ao único segmento desfavorecedor do processo, está a vibrante alveolar sonora /r/, com o peso relativo de 0.42 com o mínimo de 0.18. Os resultados obtidos no estudo de Amaral (2002) também apontam, assim como este estudo, que as consoantes líquidas são facilitadoras do processo de redução das estruturas proparoxítonas.

### **3.4 Fator diatópico**

Esse fator externo foi o único selecionado na rodada dos dados do Software GoldVarbX. Os resultados estatísticos apresentam diferença quanto ao uso do fenômeno nas sete localidades avaliadas, sendo cinco comunidades tradicionais e duas não tradicionais. A seguir, na Figura 01, apresentam-se a distribuição da síncope e da manutenção das vogais postônicas não-finais nas localidades estudadas.

A distribuição na carta diatópica mostra que, em algumas localidades, a síncope apresentou frequência bastante alta, ao passo que, em outras, apresentou uma frequência um pouco mais baixa. Entretanto, serão vistas em seguida as diferenças de aplicação do fenômeno que devem ser levadas em consideração. Portanto, como pode ser observado, a frequência da síncope das vogais postônicas não-finais foi muito variada, os resultados apresentaram diferença quanto ao seu uso nos sete pontos de inquérito avaliados.

**Figura 1:** Carta diatópica da síncope das vogais postônicas não-finais da mesorregião do nordeste do Pará

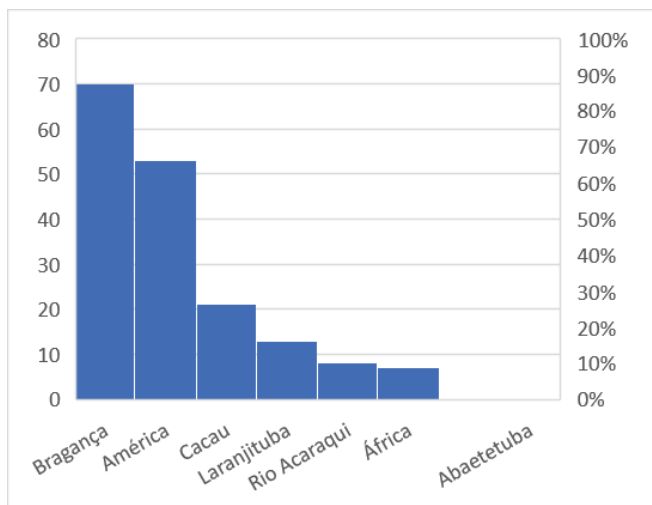


**Fonte:** IBGE (2010) e Dias (2018). Adaptado pela autora.

As localidades dispostas mais ao norte da mesorregião foram mais produtivas, a saber: o município de Bragança, a Comunidade América e a Comunidade Cacaú. Entretanto, nos pontos de inquérito que estão mais ao sul da mesorregião, a realização do fenômeno se distribuiu de forma mais sutil, conforme pode ser observado no Gráfico 2.



**Gráfico 2:** Frequência de síncope nas localidades



**Fonte:** Produzido pela autora.

Para uma melhor compreensão da distribuição das ocorrências do fenômeno em estudo, observa-se no Gráfico 2, em ordem decrescente, as comunidades e o município que apresentaram maior frequência de uso estão situados predominantemente na parte ao norte da mesorregião. Estes pontos de inquérito correspondem especificamente à microrregião Bragantina. A partir desses resultados sugere-se uma tendência no falar dessas localidades, a saber: município de Bragança e a comunidade América.

### 3.4.1 Localidades não tradicionais

A Quadro 08, a seguir, elenca dois municípios divididos em microrregiões, a Bragançana e a de Cametá, ambas pertencentes a mesorregião do Nordeste do Pará.

**Quadro 8:** Ocorrência de síncope por localidades não tradicionais

| COMUNIDADE | APLICAÇÃO/TOTAL | PR    | %  |
|------------|-----------------|-------|----|
| Bragança   | 7/10            | 0.89  | 70 |
| Abaetetuba | 0/11            | ----- | 0  |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Os resultados apresentam uma diferença significativa entre o município de Bragança e de Abaetetuba. As estatísticas mostram que Bragança foi a única localidade que favoreceu a aplicação da regra, com peso relativo correspondente a 0.89, ao passo que Abaetetuba desfavoreceu totalmente a aplicação do fenômeno, sendo o único ponto de inquérito que não obteve nenhuma ocorrência de síncope, o que resultou em KnockOut<sup>8</sup> na rodada dos dados. Dessa forma, não consta o valor de peso relativo como nas demais localidades.

---

<sup>8</sup> O KnockOut é um resultado gerado pelo Software GoldVarbX sempre que há regra categórica (0% ou 100% dos dados). Nesse caso, foi no fator diatópico.

### 3.4.2 Comunidades Tradicionais

O Quadro 9, a seguir, lista as cinco comunidades tradicionais divididas em quatro microrregião (Salgado, Bragantina, Cametá e Tomé-Açu), todas situadas na mesorregião do Nordeste do Pará.

**Quadro 9:** Ocorrência de síncope por Comunidades Tradicionais

| MICRORREGIÕES | COMUNIDADES             | APLICAÇÃO/TOTAL | PR   | %    |
|---------------|-------------------------|-----------------|------|------|
| Bragantina    | América                 | 8/15            | 0.80 | 53.3 |
| Salgada       | Cacau                   | 3/14            | 0.48 | 21.4 |
| Cametá        | Rio Acaraqui-Campompema | 1/12            | 0.24 | 8.3  |
| Tomé-Açu      | África                  | 1/14            | 0.21 | 7.1  |
|               | Laranjituba             | 2/15            | 0.35 | 13.3 |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Os resultados estatísticos mostram a disparidade da comunidade América das demais, a qual foi a única que favoreceu a aplicação da regra, alcançando um peso relativo de 0.80. A comunidade de Cacau apresentou maior probabilidade de aplicação do fenômeno em relação às outras. Observa-se que a margem não está tão distante do ponto neutro, a qual obteve um peso relativo igual a 0.48. As comunidades de Laranjituba, Rio Acaraqui e África também desfavoreceram a realização do fenômeno, atingindo os menores valores de peso relativo.

### 3.4.3 Comparação entre as comunidades tradicionais e não tradicionais

Sabe-se que a formação étnica predominante na mesorregião do nordeste paraense é de portugueses, indígenas e negros. Além disso, há

uma forte influência da cultura nordestina a partir da década de 1950 em decorrência da construção de rodovias de integração entre as regiões norte-nordeste (Barbosa *et al.*, 2011). Nesse contexto, as únicas localidades avaliadas que favoreceram a aplicação do fenômeno da síncope foram o município de Bragança e a comunidade América, ambas pertencentes à mesma microrregião. Dessa forma, uma possível explicação para esses resultados pode estar atrelada ao processo de fundação da microrregião Bragantina, a qual foi uma das primeiras a sofrer com a grande ação colonizadora. A partir da construção da estrada de ferro Belém-Bragança, as alterações com a construção da ferrovia que interligaram os municípios, foi possível observar as mudanças ocorridas nessa localidade.

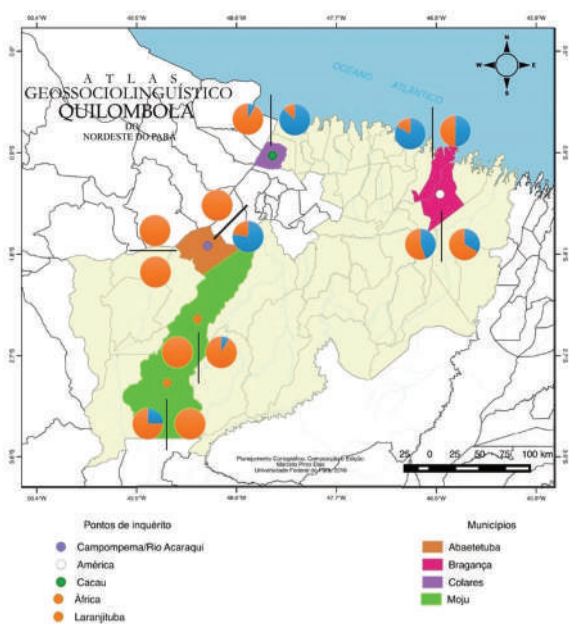
Em contrapartida, o mesmo resultado não é observado no município de Abaetetuba, no qual não houve ocorrência da síncope, de forma que esses resultados podem também estar relacionados à fundação, diferentes às observadas na microrregião Bragantina. Dentre as outras comunidades avaliadas, a do Rio Acaraqui foi uma das quais mais desfavoreceram a aplicação da regra. Ambas as localidades, Abaetetuba e a comunidade do Rio Acaraqui, pertencem à mesma microrregião no nordeste paraense, Cametá.

As comunidades da microrregião de Tomé-açu, África e Laranjitiba, também desfavoreceram a aplicação da regra. O processo histórico dessa microrregião está ligado a uma grande concentração de japoneses e, posteriormente, houve onda de migrantes advindos, na maioria, da região Sul do Brasil. A comunidade de Cacau, pertencente à microrregião de Salgado, esteve mais próxima do ponto neutro. Nota-se, então, que as localidades que mais favoreceram o fenômeno da síncope estão situadas, de forma delimitada, no norte da mesorregião.

### 3.5 Fator diassexual

O grupo de fatores sexo foi a quarta variável externa a ser eliminada pelo GoldVarbX. Os resultados referentes a esse fator revelam a diferença no uso do fenômeno da síncope entre homens e mulheres, como ilustra a Figura 2:

**Figura 2:** Carta diassexual da síncope das vogais postônicas não-finais nas localidades da mesorregião do nordeste do Pará



**Fonte:** IBGE (2010) e Dias (2018). Adaptado pela autora.

Segundo os resultados desse fator, as mulheres realizam síncope nas vogais não-finais das proparoxítonas bem mais que os homens. Na figura 2, acima, o sexo feminino está disposto do lado direito e o masculino, do lado esquerdo. No município de Colares, onde fica situada a comunidade de Cacau, o sexo feminino teve quase 100% de realização

do fenômeno, ao passo que, em Abaetetuba e Laranjituba não teve ocorrência. Em contrapartida, no município de Bragança, o sexo masculino obteve uma frequência bem alta de realização do fenômeno. Entretanto, não houve nenhuma ocorrência na Comunidade África, no município de Abaetetuba e na comunidade Campompema/Rio Acaraqui. Portanto, os resultados desse fator apontaram que as mulheres realizam mais o fenômeno do que os homens, como ilustra o Quadro 10, em que serão apresentados os valores de peso relativo e frequência.

**Quadro 10:** Ocorrências de síncope por sexo

| SEXO      | APLICAÇÃO/TOTAL | PR        | %    |
|-----------|-----------------|-----------|------|
| Feminino  | 12/38           | 0.61/0.53 | 31.6 |
| Masculino | 10/42           | 0.47/0.39 | 23.8 |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Como pôde ser observado no Quadro 10, os informantes do sexo masculino não favoreceram a realização do fenômeno, alcançaram um peso relativo igual a 0.47 e mínimo de 0.39. Ou seja, os resultados apresentados se encontram abaixo do ponto neutro. Já as informantes do sexo feminino foram as que favoreceram a aplicação da regra, e apresentaram o peso relativo igual a 0.61 e mínimo de 0.53.

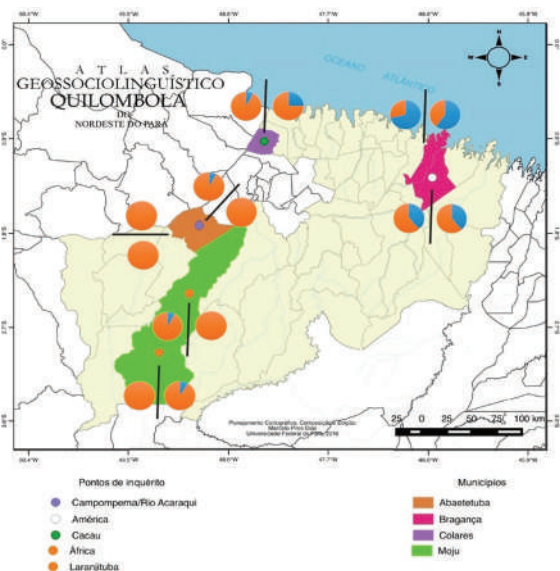
Esse resultado de favorecimento do sexo feminino vai de encontro à previsão variacionista, pois as mulheres preferem usar mais variantes de prestígio, como mostra a previsão afirmada por Labov (1982). Como o fenômeno é caracterizado pelo desvio da norma padrão, as mulheres deveriam inibir o seu uso. Porém, neste estudo, é o sexo feminino que mais obteve ocorrências, o que mostra que nem sempre um processo variável pode ocorrer como previsto. Segundo Paiva (2003), os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão a todo

momento sofrendo transformações. Scherre (1993) afirma que é relativo o comportamento linguístico das falantes do sexo feminino, pois não se dá de forma homogênea em todos os espaços, dependendo de como as relações sociais são definidas em uma comunidade.

### 3.6 Efeito do fator diageracional

O grupo de fatores faixa etária foi a segunda variável externa a ser eliminada pelo Software. Os resultados de peso relativo e frequência apontam que os falantes da 2ª faixa etária aplicam mais a regra da síncope do que os falantes da 1ª faixa etária, como mostra a Figura 03:

**Figura 3:** Carta diageracional da síncope das vogais postônicas não-finais nas localidades da mesorregião do nordeste do Pará



**Fonte:** IBGE (2010) e Dias (2018). Adaptado pela autora.

A 1ª faixa etária está situada no lado esquerdo e a 2ª faixa etária no lado direito. Apesar de a frequência da síncope ser próxima entre as faixas etárias, considerando o total de aplicação, pode-se dizer que há diferença entre a primeira e segunda faixa etária, como mostram os resultados apresentados no Quadro 11, que segue:

**Quadro 11:** - Ocorrências de síncope por faixa etária

| FAIXA ETÁRIA    | APLICAÇÃO/TOTAL | PR        | %    |
|-----------------|-----------------|-----------|------|
| 2ª Faixa etária | 12/39           | 0.55/0.52 | 30.8 |
| 1ª Faixa etária | 10/41           | 0.47/0.45 | 24.4 |

**Fonte:** Produzido pela autora.

Conforme os resultados demonstrados acima, a 2ª faixa etária foi a única que favoreceu a realização da regra, com peso relativo que oscilou entre 0.55 e 0.52. Os informantes da 1ª faixa etária apresentaram peso relativo abaixo do ponto neutro, mesmo que a margem não esteja tão distante do fator que favoreceu a regra, essa faixa etária desfavoreceu a realização do fenômeno, a qual oscilou entre 0.47 e 0.45.

Embora a ocorrência entre as faixas etárias, no total de aplicação, peso relativo e frequência de uso, não serem muito distintos, é possível afirmar que existe uma diferença entre a 1ª e 2ª faixa etária, posto que, possivelmente, esses resultados estejam relacionados ao fato de o fenômeno da síncope carregar um certo estigma, o que leva a supor que seu uso é inibido entre os falantes mais jovens. De acordo com Labov (1976), o processo de variação linguística pode ser classificado como estável ou em progresso, quando os mais velhos “lideram” o uso de uma determinada variante, temos um caso de variação estável. Portanto, com base nos resultados diageracionais obtidos, pode-se sugerir que a síncope em vogais postônicas não-finais no falar das localidades consiste em uma variação estável.



É válido ressaltar, porém, que a proximidade dos resultados probabilísticos entre as duas faixas etárias não permite que se façam afirmações com mais segurança. Concernente a isso, Luckesi (2001) afirma que resultados estatísticos não são suficientes para determinar se uma variação linguística é estável ou está em progresso, pois é necessário proceder a uma interpretação qualitativa que integre na sua leitura o maior número de níveis que permeiam essa variação, como: o da estrutura linguística, o social e o ideológico.

## **Conclusão**

O presente estudo abordou o fenômeno da síncope nas estruturas proparoxítonas nos “falares” de cinco comunidades tradicionais e duas não tradicionais, as quais integram a Mesorregião Nordeste do Estado do Pará. Os índices estatísticos mostram que, em comparação aos espaços urbanos, o fenômeno analisado é produtivo nas localidades investigadas, como pode ser observado na análise dos resultados.

A única localidade não tradicional que favoreceu a aplicação do fenômeno da síncope foi o município de Bragança, enquanto o município de Abaetetuba desfavoreceu a regra e não obteve nenhuma ocorrência. A única comunidade tradicional que favoreceu a realização do fenômeno foi América. Levando em consideração o valor do peso relativo, as demais desfavoreceram a aplicação da regra, e a comunidade que obteve o uso de síncope mais baixa foi África. Portanto, os pontos de inquérito que favoreceram o uso do fenômeno pertencem à microrregião Bragantina.

Os resultados dos fatores externos diassexual e diageracional mostraram, respectivamente, que as mulheres e os falantes mais velhos realizam mais o fenômeno da síncope do que os homens e os jovens, que

tendem a inibir mais o uso. Apesar de que, neste estudo, a análise não ter se concentrado sobre os fatores internos da língua, ressalta-se que há restrições que inibem a aplicação da síncope em proparoxítonas.

Isso confirma a previsão dos estudos que afirmam que o fenômeno é mais recorrente em espaços não urbanos, de modo que, nas capitais do Norte do Brasil, os índices de aplicação da regra são mais inferiores, como afirma Magno (2018). É possível notar a diferença de uso nos pontos de inquérito avaliados, em que houve mais realização do fenômeno na parte mais ao norte e em um declínio de uso na parte sul da mesorregião nordeste do Pará.

## Referências

AMARAL, M. P. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, Leda. BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-125.

ARAÚJO, A. A.; LOPES, G. H. V. A síncope das proparoxítonas no Atlas Linguístico do Pará: uma fotografia variacionista. **Revista (Con)textos Linguísticos** (UFES), v. 08, p. 24-39, 2014.

BARBOSA, M. J. de S. *et al.* **Território Nordeste Paraense: desenvolvimento sustentável e gestão estratégica dos territórios rurais no Estado do Pará**. Belém: UFPA/MDA, 2011. 67 p. (Relatório Analítico).

BRASIL. **Decreto nº 98, de 26 de novembro de 2007**. Institui o Cadastro Geral de Remanescentes das Comunidades dos Quilombos da Fundação Cultural Palmares, também autodenominadas Terras de Preto, Comunidades Negras, Mocambos, Quilombos, dentre outras denominações congêneres. Brasília, DF. 26 novembro 2007. Disponível em:

<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2010/11/legis21.pdf>. Acesso em: 16 de novembro de 2019.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSTA, Raquel. **Descrição Sociolinguística das vogais médias postônicas não-finais /o/ e /e/ no português falado no município de Cameté-PA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

COUTINHO, I. L. Gramática Histórica. 7ª ed. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1976. DE SÁ, E. J; OLIVEIRA, M.B; SANCHES, R.D. (orgs) **Diversidade linguística em comunidades tradicionais**. São Paulo: Pontes Editores, 2018, p. 17-36.

DIAS, M. P. Variação lexical no Atlas Geossociolinguística Quilombola do nordeste do Pará (AGQUINPA) In: SÁ, E.F; OLIVEIRA, M.B; SANCHES, R.D (Orgs.). **Diversidade linguística em comunidades tradicionais**. São Paulo: Pontes Editores, 2018, p. 17-36.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Orgs.). **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1982.

LABOV, W. **Sociolinguistique**. Paris: Édition de Minuit, 1976.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 17, p. 97-130, 2001.

MAGNO, A. P. **A síncope de vogais postônicas não-finais nas ca-**

**pitais da Região Norte do Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

PAIVA, M. da C. O percurso da monotongação de [ey]: observações em tempo real. In: PAIVA, M da C; DUARTE, M. E. (Org.) **Mudança linguística em tempo real.** Rio de Janeiro: Contra capa, FAPERJ, 2003.

QUEDNAU, Laura Rosane. A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Orgs.). **Fonologia e variação:** recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 79-97.

RAZKY, A. O Atlas Geo-sociolinguístico do Pará. Abordagem metodológica. In: AGUILERA, V. A. (Org). **A geolinguística no Brasil:** Caminhos e perspectivas. Londrina: UEL, 1998, p. 72-89.

SÁ, E. F; OLIVEIRA, M.B. Redução das proparoxítonas no Atlas Linguístico Quilombola de Moxotó-Ipanema de Pernambuco. In: SÁ, E. F; OLIVEIRA, M. B; SANCHES, R. D (Orgs.). **Diversidade linguística em comunidades tradicionais.** São Paulo: Pontes Editores, 2018, p. 17-36.

SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao pacote VARBRUL para microcomputadores.** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

# LÉXICO E DESENVOLVIMENTO DA NORMA CULTA

*Renan do Socorro dos Santos Borges*

## **Introdução**

Que gramática e norma é assunto recorrente entre gramáticos e linguistas não é novidade. A novidade deste texto está em trazer a lume algo que tem tido pouco destaque quando se trata de gramática, norma, variação, *etc.*: a atuação do léxico no desenvolvimento da norma culta. Não estamos necessariamente falando da inserção de um vocabulário na linguagem para que se alcance nível mais letrado, nem advogando em favor de que é o léxico o definidor de uma norma culta. A atenção dada ao vocabulário neste texto tem o intuito de demonstrar que este, assim como a gramática, contribui a seu modo para que se constitua o que linguistas chamam de norma culta, e esta atividade deve se dar de modo natural por meio de método de leitura e da escrita.

Muitas propostas de ensino de gramática não contemplam o componente lexical (Cf.: Antunes, 2012). Nesse sentido, deve-se compreender a necessidade de haver melhor relacionamento entre gramática e vocabulário para verificar o quanto isso contribui para a adequação linguística no que diz respeito aos domínios de escrita mais monitorados e cultos. Entre outras questões que motivam este texto, está o questionamento sobre se existe um léxico + ou - padrão/culto e como isso transparece na leitura e na escrita. Mais que isso, indagamos se esse vocabulário, aliado ao componente gramatical, seria definidor de uma norma culta ou o componente sociocultural, além do gramatical, teria seu lugar.

Além do mais, um questionamento pertinente a este texto é: por qual motivo só se fala de gramática quando se fala de norma? Se a norma (padrão, culta, popular) é baseada no uso de uma comunidade lingüís-

tica, e o sistema linguístico é composto de gramática e léxico, por que, então, o léxico é preterido? Já nas chamadas ‘gramáticas’, compêndios de norma-padrão que regem a linguagem ‘correta’, como é aproveitado o trabalho com a palavra/vocabulário? Muito há que se considerar para entender essas questões, a partir do que se tem de compilado sobre norma linguística, e refletir sobre como, no decorrer do tempo — ou durante todo o tempo — não se deu espaço, na tradição brasileira, para o debate sobre o vocabulário no desenvolvimento da norma, seja ela padrão, culta, popular...

Desse modo, cumpre verificar em que aspecto o componente lexical tem merecido atenção nos estudos gramaticais em relação ao ensino de gramática, sobretudo no que diz respeito à norma culta e à norma-padrão. Muitos estudos há que relacionam o processamento lexical e a compreensão leitora, por exemplo, mas se limitam aos aspectos psicolinguísticos. Neste texto, embora a contribuição psicolinguística mereça menção, preferimos limitar a reflexão ao campo mais estrutural e funcional da relação léxico-gramática.

## 1. Gramática e norma

Para Antunes (2012), gramática é o nome para coisas diversas, uma delas é quando nos referimos à gramática como “meio de normatização a favor de um determinado dialeto social, o que, comumente, tem resultado nas chamadas ‘gramáticas normativas’, entendidas como definidoras do que a classe social de prestígio considera como ‘certo’ e rejeita como ‘errado’” (Antunes, 2012, p. 109). De acordo com Travaglia (2011, p. 24), “a gramática é concebida como um manual com regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente”. Esses dois conceitos se referem à prescritividade que acompanha o termo ‘gramática’, normalmente associado a regras nor-

mativas. Ou seja, quando se trata de gramática, o conceito de norma, para muitos, pode ser sinônimo.

A respeito deste conceito, segundo Faraco (2008, p. 76), “a palavra *norma* tem, no uso contemporâneo, dois sentidos. No primeiro, norma se correlaciona com normalidade (é norma o que é normal). No segundo, norma se correlaciona com normatividade (é norma o que é *normativo*)”. Para os fins deste trabalho, convém especificar de que norma estamos tratando, pois parece que, na tradição linguística, tomar gramática e norma como sinônimos é um equívoco, já que aquele é conceito mais amplo<sup>1</sup>. Com base em Faraco (2008, p. 56), “a expressão *norma culta* deve ser entendida como designando a norma linguística praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau maior de monitoramento), por aqueles grupos sociais que têm estado mais diretamente relacionados com a cultura escrita”.

O confronto entre norma-padrão e norma culta, por muitos tomados como sinônimos, é abordado por Faraco (2008, p. 75):

Enquanto a norma culta/comum/*standard* é a expressão viva de certos segmentos sociais em determinadas situações, a norma padrão é uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística.

---

<sup>1</sup> Para Callou (2011, p. 15), gramática é um termo por si só ambíguo que pode corresponder a uma gramática: “(i) *descritiva*, que pretende depreender o sistema de uma língua, através do estabelecimento de unidades no interior de cada sistema e de suas relações opositivas; (ii) *gerativa*, que constitui um sistema formalizado de regras correspondentes à competência linguística; (iii) *funcional*, que consiste em um conjunto de estratégias que o falante emprega com a finalidade de produzir comunicação coerente; e ainda (iv) *normativa*, que focaliza a língua como um modelo ou padrão ideal de comportamento compulsório em qualquer situação de fala ou escrita” (grifos da autora).

Aqui sim, podemos, consideradas as limitações teóricas, tomar norma-padrão e gramática como sinônimos, porém essa noção advém da tradição gramatical/escolar brasileira e não linguística. Nesta última, verifica-se que gramática e norma são noções diferentes, porém, por muito tempo, foram tratadas como a mesma por leigos no assunto. Ao se ouvir falar de gramática na escola, logo pensava-se se tratar de regras de língua portuguesa, às quais os alunos deveriam se adequar. Entretanto, percebe-se que não se pode tratar de gramática e norma sem considerar a variação característica das línguas naturais, principalmente quando tomamos como referência o Brasil, um país de grande extensão territorial. Nesse caso, a norma-padrão, ou a gramática, como tradicionalmente entendida, corresponde a uma variedade relativamente distante da realidade de fala e de escrita da maioria dos brasileiros.

Em relação a fala e escrita, a norma culta contribui para que se considere uma variedade a ser usada no ensino nas escolas de Educação Básica. Por isso é que, para as situações de prestígio faladas ou escritas, recomenda-se o uso de uma variedade mais culta. Neste caso, estamos considerando que a gramática a ser objeto de ensino nas escolas deveria corresponder àquela que mais se aproximasse da norma-padrão, considerando que o uso desta variedade não seja colocado como prescrição, já que se estaria caminhando para o mesmo modelo de ensino de considerar uma variedade como obrigação e não como normalidade.

No entanto, ao verificarmos a concepção de gramática presente na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018), documento curricular norteador mais atual para o ensino de língua materna, o que consta é a norma-padrão, apenas com propostas relacionadas à reflexão da variedade linguística. Ou seja, mesmo no mais elevado documento curricular brasileiro — que, a propósito, foi produzido numa perspectiva neoliberal de ensino para ser espelho para o novo Ensino Médio —, as variedades não são consideradas para efeito de norma culta, nem mesmo as variedades urbanas mais prestigiadas.



## 2. Léxico (+ ou - padrão) *versus* variedades

Léxico é um conjunto de palavras de uma dada língua. Esse termo pode ser usado como sinônimo de vocabulário, embora este último seja relacionado a um campo mais específico, como o vocabulário de um texto ou o vocabulário de um indivíduo (Cf. Polguère, 2018). Neste texto, em alguns momentos, pode ser que tomemos um termo por outro.

Naturalmente, o léxico de uma língua é dominado por seus falantes, todos detêm um vocabulário comum à comunidade de fala em que se comunicam; no entanto, a divisão de classes sociais faz com que a consequente divisão entre norma culta e norma popular alcance o componente lexical. Não poderia ser diferente, por isso “[...] o que se configura como algo mais distante do falar informal e não monitorado e, portanto, mais adequado a um contexto formal, são as escolhas lexicais pouco comuns à experiência dos menos letrados” (Antunes, 2012, p. 16). Em contrapartida, “realizações lexicais que destoam daquilo que seria um ‘léxico’ mais formal ou mais elaborado são logo percebidas como ‘evidências’ de uma competência linguística muito limitada”<sup>2</sup> (Antunes, 2012, p. 16). Assim, pode-se dizer que, da mesma forma que há uma gramática culta, mais próxima do padrão, e uma gramática popular, que se distancia do rigor prescritivo da gramática normativa, há também um léxico +padrão (culto) e um léxico popular. Mas que palavras são essas? Em que textos, esferas, campos estão presentes?

Pesquisas que tratam de léxico em relação à variação linguística colocam-no como o aspecto linguístico mais saliente das variedades no

---

<sup>2</sup> Talvez aqui estejamos falando, na verdade, de uma competência comunicativa, e não competência linguística. Os PCN de língua portuguesa (Brasil, 1998, p. 36), ao apresentarem 5 aspectos linguísticos ampliadores da competência discursiva do sujeito no eixo REFLEXÃO, colocam o léxico e as redes semânticas como parte desse desenvolvimento, corroborando, pois, a contribuição vocabular como referência.

que tange ao regionalismo, sobretudo. Esses estudos, de orientação geossociolinguística em sua maioria, avaliam em muitos casos o léxico disponível na fala de uma comunidade linguística. Já em relação à escrita, podemos citar o experimento que trata da relação entre vocabulário e escrita, cujo objetivo foi verificar a potencialidade do conhecimento das palavras na compreensão de leitura (Cf. Lesaux *et al.*, 2010). No caso da pesquisa de Lesaux *et al.* (2010), por exemplo, foi feito um estudo avaliativo sobre a eficácia e a facilidade de implementação de um programa de instrução de vocabulário em escolas de ensino médio urbanas nos EUA. Embora feito com alunos nativos de minorias linguísticas em contexto de língua inglesa, o estudo é basilar para a discussão sobre compreensão e uso de vocabulário, já que os autores utilizaram a implementação de um vocabulário acadêmico, com uso de palavras frequentes nesse meio e que foram introduzidas aos alunos a partir de um conjunto de atividades estruturadas segundo um planejamento curricular frente à prática tradicional de proceder naqueles contextos escolares.

Aqui consideramos que, semelhante ao estudo de Lesaux *et al.* (2010), falantes de variedades desprestigiadas têm certa dificuldade com a linguagem mais culta, e o domínio de vocabulário influencia decisivamente tanto a compreensão de leitura quanto a adequação linguística. Ora, um vocabulário acadêmico, como o usado pelos autores do estudo experimental, pode e deve ser considerado como exemplo de linguagem culta, já que os textos que circulam nessa esfera precisam se adequar a um padrão e a um rigor científico.

Ao chegar à escola, cada aluno carrega seu idioleto, logo, cada um tem seu vocabulário. Adequar-se à linguagem culta com mais ou menos facilidade pode depender do conjunto de atividades desenvolvidas pelo professor, considerando, nesse contexto, a participação ativa do próprio estudante. Entretanto, as atividades com o vocabulário parecem ser insuficientes e não dão conta da complexidade de abordagens que podem

ser contempladas no estudo das palavras, uma delas sendo a adequação vocabular. Segundo Antunes (2010, p. 177), “a disponibilidade de variar o vocabulário – inclusivamente para incluir expressões menos comuns, mais especializadas ou mais próprias de um determinado domínio social – marca nossa atuação linguística como representativa de um grupo social letrado e culto”. Usar um vocabulário diversificado, nessa perspectiva, é usar as palavras no seu sentido e contexto adequados, sobretudo nas práticas comunicativas das esferas sociais mais letradas. Ora, o vocabulário do cotidiano familiar, religioso, infantil trazido pelo aluno à escola já é, por si só, diversificado. Porém, para Antunes (2010, p. 179),

*Alargar as possibilidades lexicais de as pessoas terem acesso às informações, de poderem entrar no mundo da comunicação especializada, no domínio da divulgação científica não pode deixar de ser objetivo de uma escola que pretenda ser a grande força de elevação das condições de vida dos grupos sociais (grifos da autora).*

Nesse sentido, corrobora-se ainda mais a hipótese de Lesaux *et al* (2010) de que a instrução de um vocabulário acadêmico especializado é não apenas contribuinte para o domínio de vocabulário diverso, no que se refere ao uso das palavras, como também definidora de elevação de um *status* linguístico no letramento do estudante, independentemente de sua origem social. Consequentemente (e também naturalmente), ocorre que o contexto mais formal (culto) força o uso de uma linguagem caracteristicamente mais especializada. Poder-se-ia pensar em alguma espécie de vocabulário técnico, porém, a discussão empreendida neste âmbito considera níveis que se concentram no âmbito escolar básico, entre os anos finais do Ensino Fundamental e o decorrer do Ensino Médio, cuja dinâmica já prevê domínio de vocabulário mais especializado.

No âmbito desse ponto da especialização, podemos inserir a adequação vocabular requerida pelos contextos mais formais de uso da linguagem, que nos faz falar em, por exemplo, ‘a pretensão bélica iraniana’, ‘a elevação do índice de precipitação no Nordeste’, ‘a desaceleração do processo de maturidade’, ‘o potencial de crescimento da leitura’, entre outros dizeres, que poderiam parecer estranhos numa situação social de informalidade. O contato com textos mais ou menos distantes desse nível informal é imprescindível para que possamos nos adequar a contextos públicos da comunicação, em geral, mais formais que as conversas da vida privada. Somente em um estudo contextualizado da língua pode-se perceber essas estratégias tão comuns de se assegurar o êxito de nossas atividades de linguagem (Antunes, 2010, p. 184-185).

As atividades de linguagens (contextualizadas) às quais se refere Antunes (2010) são aquelas cultas, que podem ser acessadas e compreendidas a partir do trabalho com textos prototípicos no âmbito lexical. São produções discursivas que consideram inclusive o vocabulário técnico das disciplinas específicas, mas que compartilham com a língua comum esses termos, já que eles não fazem parte de um conjunto de palavras externas à língua. É muito comum que, inclusive nas atividades sobre variedades linguísticas, seja separado o léxico comum do léxico especializado, como se este último fosse restrito apenas a alguns grupos. Mesmo que isso aconteça na realidade, palavras como ‘água’, por exemplo, podem ter conotações diferentes a depender do domínio de especialidade em que está sendo trabalhada.

Além do mais, a relação entre léxico e variedades pode se dar num campo também marginalizado nos estudos de língua materna: as expressões idiomáticas. Poder-se-ia então afirmar a existência de expressões idiomáticas mais formais e outras de cunho popular, desprestigiadas? Sabemos que, no tocante às variedades linguísticas, o aspecto lexical é mais visado, incluindo nisso as expressões regionais.

Com relação às expressões mais formais, basta voltar-se aos textos da esfera jornalística. Encontramos, por exemplo, “eles tentaram, *a toque de caixa*, acabar com o trabalho heroico que promotores de Justiça e juízes, respaldado pelo povo nas urnas, vêm fazendo...” (Nunes, 2016, grifo meu); “*Via de regra* os pagamentos do abono são feitos junto com a folha salarial do mês de pagamento” (Revista Veja, 2021, grifo meu). As expressões destacadas são exemplos de unidades lexicais presentes em contextos escritos formais. Contrariamente, expressões como ‘encher o saco’, ‘catar coquinhos’, não são usadas na linguagem comunicativa do jornalismo, por exemplo, porque são expressões que fazem parte do registro mais informal, familiar, da vida privada. Entretanto, “nas gramáticas tradicionais descritivas, preocupadas com a normalização da língua escrita formal, muito pouco espaço se dá aos idiomatismos, expressões sobretudo da linguagem oral informal” (Xatara, 1995, p. 198). Ou seja, ao tratarmos de léxico e seu espaço no desenvolvimento de uma norma culta, fica evidente que a observação das expressões fraseológicas não pode ficar de lado, sobretudo porque, dado o conhecimento do uso dessas unidades lexicais, quanto mais formais forem elas, mais restritas a determinadas situações e esferas elas serão. Logicamente, a abordagem sobre o registro formal deve considerar as expressões passíveis de ocorrer nesse nível, bem como as atividades de reflexão sobre a variação linguística necessariamente devem abordar a grande maioria de expressões do registro coloquial, mais características da fala, por exemplo.

A harmonia que se espera entre texto e contexto se expressa também pela adequação do nível de formalidade das palavras. Palavras menos comuns, palavras mais técnicas, palavras mais específicas de determinada área respondem às exigências de um evento mais formal, como, por exemplo, uma conferência ou uma defesa de tese. Salvo algumas poucas exceções, a fala comporta um pouco mais de informalidade que a escrita. As regras de uso da língua devem ser propostas considerando-se essas

diferenças entre os níveis de formalidade da fala e da escrita (Antunes, 2012, p. 57).

É o mais comum caso de variação diafásica, quando o contexto de interação social relacionado à mudança de registro pode afetar o uso de algumas palavras.

### **3. Gramática versus léxico: conceitos em diálogo**

Léxico e gramática constituem as línguas. A combinação de palavras nas frases de forma inteligível é a plena demonstração de como ambos contribuem para a comunicação. É por isso que “a palavra e as regras de uso não estão em dois níveis diferentes. Ao contrário, léxico e gramática integram um único nível do sistema linguístico e sua abordagem não pode ser dissociada nem na comunicação real, nem nos ensinamentos da sala de aula” (Maciel, 2005, p. 129). Fazendo parte de um mesmo nível do sistema, os falantes consideram esta integração no conhecimento internalizado que têm, recorrendo à combinação de palavras e a elementos gramaticais ora numa situação mais monitorada, ora num contexto menos formal. Ocorre que a separação, mesmo por parte dos estudos linguísticos da integração léxico-gramática, fez com que essa integração não transparecesse até mesmo nos planejamentos didáticos.

De acordo com Antunes (2012, p. 112),

[...] Do ponto de vista linguístico, o global entendível a partir dos elementos linguísticos de um texto é fruto da vinculação entre léxico e gramática. Carece de fundamento científico, portanto, restringir a compreensão do fenômeno linguístico, e, conseqüentemente, seu ensino, ao domínio da gramática; na verdade, um domínio parcial.

Mesmo a abordagem tradicional de ensino de gramática, que pouco aborda as unidades lexicais em si, não trata de gramática de forma a alcançar domínio nos níveis mais altos nos estudantes. Nesse sentido, compreende-se que o ensino e a aprendizagem da língua deve se basear igualmente nesses dois componentes: o lexical e o gramatical. Para Maciel (2005, p. 129), ensino de vocabulário e ensino de gramática são separados porque isso se deve a uma influência de base estruturalista que se refletiu não apenas na sala de aula, mas também em manuais e documentos orientadores.

Essa discussão sobre o predomínio de norma gramatical no ensino não é nova, nem mesmo a inserção do léxico. Por que então é tão importante que o vocabulário tenha prestígio no ensino? A resposta mais plausível é que, em alguns aspectos, o léxico chama mais atenção em termos teóricos e práticos.

As diferenças entre os usos prestigiados da língua e aqueles que são objeto de discriminação se evidenciam muito mais no âmbito do vocabulário do que naquele da gramática. [...] Os saberes gramaticais já são do domínio de todos os falantes [...]. A ampliação do repertório lexical é que demanda experiências bem mais diversificadas e distantes dos espaços informais do cotidiano coloquial (Antunes, 2012, p. 14).

Nessa perspectiva, a elevação do nível das estruturas sintáticas pela gramática normativa é mais básica, derivando de problemas mais inatos e naturais, internalizados. Isso não ocorre, porém, com o componente lexical, necessitando mais de leitura e exposição a eventos de letramento diversos. Ou seja, existe essa diferença que vai resvalar nas metodologias de ensino de cada elemento, por isso a necessidade de diversificação do léxico pela escola.

A *modalidade* de uso da língua, conforme seja o oral ou o escrito, também influencia a decisão de quais palavras trazer para a superfície do texto. O fato de a escrita acontecer na ausência do interlocutor, e com menos dependência contextual, leva à escolha de palavras que possam suprir, com sucesso, os elementos contextuais em falta ou apenas presumidos. Por isso é que os textos escritos e os textos orais apresentam uma seleção vocabular bem distinta, mesmo quando tratam do mesmo tema e se dirigem aos mesmos interlocutores. Por isso também é que a competência de escrever – *com as palavras certas para os lugares certos* – não se desenvolve em experiências de oralidade; somente pode ser conseguida e ampliada em atividades de escrever (Antunes, 2012, p. 56-57, grifos da autora).

A integração entre os eventos de letramento das diversas esferas e a modalidade de uso da linguagem interfere no tipo de produção e, por consequência, no conjunto vocabular do texto a ser produzido na escola. Ambos os modos de linguagem (escrito ou oral) necessitarão de palavras adequadas a cada um, porém, essa seleção dependerá de quanto for exigido pela formalidade. Logo, o nível de adequação vocabular é condicionado tanto pela experiência do contato com textos escritos, com seleção de palavras qualificadas, quanto pela produção recorrente, observada a metodologia de revisão dos textos.

#### **4. Breve discussão**

De acordo com Antunes (2012, p. 15), “os usos menos comuns das escolhas lexicais conferem a nossa linguagem um visível teor de qualidade – muito mais do que a estrita observância das determinações gramaticais [...]”. Portanto, a qualidade da linguagem aumenta se, mesmo que a estrutura frásica não seja complexa, o vocabulário for mais



especializado ou formal. Acontece que as atividades linguísticas de elevação da qualidade de uso da língua para um nível mais formal têm focado principalmente nos aspectos gramaticais sem considerar que o discurso é formado nuclearmente pelas unidades lexicais, as quais, junto com as unidades da gramática (preposições, conjunções, vocábulos conectores por excelência),<sup>3</sup> constituem o cerne da significação na comunicação linguística: as palavras.

Isso nos leva a outra discussão igualmente importante: o estudo das palavras e seus aspectos semânticos. A gramática normativa contém seções de classes de palavras, no entanto, a dimensão significativa dessas no interior das classes fica num lugar à parte: a semântica e a estilística, cujos objetos de conhecimento contemplam, entre outros, as palavras sinônimas, antônimas, parônimas, homônimas, polissêmicas, etc... É essa separação entre léxico e gramática de que trata Maciel (2005). Por conseguinte, nas gramáticas e nos estudos gramaticais, a semântica sempre foi um caso à parte.

É por isso que não encontramos em grande quantidade propostas de atividades que relacionam gramática e vocabulário, mesmo nas discussões acadêmicas. Um bom exemplo de trabalho produtivo nesse sentido é uma das atividades propostas em Ilari (2018), que objetiva sensibilizar o aluno para a percepção da boa construção de uma oração por meio da combinação das palavras e morfemas. O autor mostra, por meio de sentenças bem formadas e daquelas que são agramaticais (não reconhecidas pela gramática do falante), como as palavras se relacionam em um todo que produz sentido. Além disso, é uma atividade

---

<sup>3</sup> É comum na teoria linguística a separação entre palavras lexicais e palavras gramaticais. Substantivo, adjetivo e verbo são considerados palavras lexicais. Artigo, pronome, preposição, conjunção e advérbio são palavras gramaticais (ANTUNES, 2012, p. 33). Essa divisão normalmente corresponde à divisão entre classes abertas e classes fechadas da tradição gramatical.

que contempla noções gramaticais que são importantes para alunos em fase final do Ensino Fundamental, como a de constituinte, análise sintática, advérbio e adjetivo, de modo sempre a considerar a boa ou a má formação da sentença; outras noções que ganham espaço são a crase, o pronome, a preposição, entre outros, sempre em função de refletir sobre o impacto das palavras no sentido das sentenças.

Essa discussão sobre ensino de gramática não pode desconsiderar a atenção dada a este aspecto na BNCC. É possível encontrarmos, dentro das Competências e Habilidades propostas para o Componente Curricular Língua Portuguesa dos 8º e 9º anos, a seguinte Habilidade: “(EF09LP04) Escrever textos corretamente, de acordo com a norma-padrão, com estruturas sintáticas complexas no nível da oração e do período” (Brasil, 2018, p. 187). Veja-se, portanto, a evidência da nomenclatura ‘norma-padrão’, seguida das especificações, como a complexidade da estrutura sintática na produção escrita desses alunos em estágio final do Ensino Fundamental.

Se a escola de educação básica, apoiada na BNCC, propõe-se a ensinar norma-padrão/culta aos estudantes, ela não pode prescindir do componente lexical. Entretanto, o que traz em seu bojo o léxico no que diz respeito à sua relação com a norma-padrão? Fala-se de classes de palavras? Sentido dos lexemas? Expressões idiomáticas? Ortografia dos vocábulos? Parece que o campo é amplo e pouco sistematizado, nenhuma dessas noções são observadas com atenção nas habilidades propostas pela BNCC, por exemplo. A seguir, um quadro comparativo expõe o tratamento lexical em dois dos principais documentos curriculares brasileiros:

**Quadro 1: Abordagem do léxico nos PCN de Língua Portuguesa e na BNCC (Anos Finais)**

| <b>Prática de análise linguística</b>   |   |
|---|---|
| <b>PCN (BRASIL, 1998)</b>   | <b>BNCC (BRASIL, 2018)</b>  |
| <p>Ampliação do repertório lexical pelo ensino-aprendizagem de novas palavras, de modo a permitir:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• escolha, entre diferentes palavras, daquelas que sejam mais apropriadas ao que se quer dizer ou em relação de sinonímia no contexto em que se inserem ou mais genéricas/mais específicas (hiperônimos e hipônimos);</li> <li>• escolha mais adequada em relação à modalidade falada ou escrita ou no nível de formalidade e finalidade social do texto;</li> <li>• organização das palavras em conjuntos estruturados em relação a um determinado tema, acontecimento, processo, fenômeno ou mesmo objeto, como possíveis elementos de um texto;</li> <li>• capacidade de projetar, a partir do elemento lexical (sobretudo verbos), a estrutura complexa associada a seu sentido, bem como os traços de sentido que atribuem aos elementos (sujeito, complementos) que preenchem essa estrutura;</li> <li>• emprego adequado de palavras limitadas a certas condições histórico-sociais (regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões, gíria);</li> <li>• elaboração de glossários, identificação de palavras-chave, consulta ao dicionário.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• (EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma série sinonímica.</li> <li>• (EF07LP03) Formar, com base em palavras primitivas, palavras derivadas com os prefixos e sufixos mais produtivos no português.</li> <li>• (EF67LP34) Formar antônimos com acréscimo de prefixos que expressam noção de negação.</li> <li>• (EF67LP35) Distinguir palavras derivadas por acréscimo de afixos e palavras compostas.</li> <li>• (EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.</li> </ul> |

**Fonte:** PCN de Língua Portuguesa (Brasil, 1998, p. 62-63);  
BNCC (Brasil, 2018, p. 171).

A abordagem de norma culta nos PCN de Língua Portuguesa tende a ser mais interacional, baseando-se no eixo USO-REFLEXÃO-USO. Já na BNCC, a noção de norma-padrão está mais clara, tanto que as diferenças entre os objetivos/habilidades parecem transparecer essa diferença de abordagem teórica.

Nessa perspectiva, tratar de ensino de vocabulário requer, além de relacionar à norma-padrão, considerar que se está no campo da aquisição lexical, cujo núcleo se dá sobretudo nos anos finais do Ensino Fundamental, etapa em que o aluno se vê diante de uma quantidade enorme de palavras, porém pode ter dificuldade de se apropriar delas para uso na comunicação. Gomes (2011), ao tratar de aquisição lexical e uso de dicionários em sala de aula, defende que não se pode falar de uso de dicionário sem envolver a aquisição de vocabulário. Inversamente, não há como falar de aquisição lexical (ensino de vocabulário, instrução de vocabulário) sem levar em conta a utilidade que terá o dicionário escolar<sup>4</sup>. O dicionário (sobremaneira o tipo geral, de língua) sempre foi, na verdade, um instrumento de normatização linguística. Bagno (2011) afirma inclusive que os investimentos em gramáticas e dicionários se iniciaram na mesma época, no Renascimento português, com esse fim de política linguística para atuar em favor da norma da época.

Com isso, se firmará, em torno do dicionário, um discurso sacralizador semelhante ao que envolve a gramática normativa. Nesse discurso, os dicionários passam a ser (e ainda são) reverenciados como verdadeiros “tesouros” do patrimônio cultural de uma língua e de uma nação (Bagno, 2011, p. 121).

---

<sup>4</sup> Inclusive, o dicionário é um dos materiais didáticos que mais legitimam aspectos gramaticais, obviamente no nível da palavra. Basta verificar que a consulta a um dicionário é motivada, por exemplo, por dúvida sobre a regência de uma palavra, para verificar a transitividade de um verbo qualquer, entre muitos outros aspectos.

A norma culta – designadora de status social e patrimônio linguístico do idioma, portanto, é alcançada tendo o dicionário como ferramenta de apoio, especialmente os dicionários escolares, já que estamos no campo de ensino-aprendizagem. Apesar disso, deve-se considerar que nem todos sabem usar tal material didático e, talvez por isso, podem não conseguir alavancar seu *status* vocabular da forma que seria mais adequada.

O ensino do léxico, assim como do uso do dicionário, suscita interesse na medida em que as palavras são pilares da interação linguística. Embora o trato com as palavras seja tão corriqueiro e inerente ao ser humano, ainda resta a sensação de que não se sabe bem “de onde as palavras vêm” e “para onde as palavras vão”. Daí a dificuldade de estabelecer práticas de ensino de vocabulário que sejam realmente efetivas (Gomes, 2011, p. 141).

Nesse sentido, para se apropriar de um vocábulo e este passar a fazer parte de seu vocabulário, urgem atividades linguísticas plenamente adequadas a essa finalidade, pois ainda não se sabe ao certo como isso é processado cognitivamente<sup>5</sup>.

Considerando a densidade lexical dos universos especializados, em que a carga de sentidos novos supera a capacidade do receptor de processá-los, o domínio de amplo vocabulário cumpre papel essencial entre as habilidades do leitor proficiente. A escola deve, portanto, organizar situações didáticas para que o aluno possa aprender novas palavras e empregá-las com propriedade (Brasil, 1998, p. 84).

Por isso o professor deve lançar mão de atividades metodologicamente úteis, como a feita pela equipe do pesquisador Lesaux *et al.* (2010),

---

<sup>5</sup> Aparentemente, para fazer parte do léxico de um indivíduo, este deve ter contato regular, repetitivo com a palavra.

na qual almejavam, em um ciclo de 8 dias, “construir o conhecimento das palavras de forma incremental ao longo do tempo, fornecendo múltiplas exposições às palavras em diferentes formas e em diferentes contextos significativos”<sup>6</sup> (Lesaux *et al*, 2010, p. 202).

Em suma, o desenvolvimento da norma culta depende, em grande medida, da complexidade sintático-gramatical da frase, da seleção vocabular diversificada (não necessariamente especializada), do uso de ferramentas didáticas auxiliares (gramáticas e dicionários) e de uma metodologia adequada que forneça instrução de vocabulário aos alunos. O esquema a seguir apresenta os componentes do que comporia o pleno desenvolvimento da norma culta.

**Figura 1:** Esquema dos componentes desenvolvedores da norma culta



**Fonte:** Elaborada pelo autor.

<sup>6</sup> Tradução própria de “to build knowledge of the words incrementally over time by providing multiple exposures to the words in different forms and in different meaningful contexts” (Lesaux et al., 2010, p. 202).

## Considerações finais

A contribuição do vocabulário no desenvolvimento da norma culta é indiscutível, contudo, a sistematização do conhecimento lexical em relação ao que seja considerado culto/padrão é que é discutível, sendo difícil mensurar em que medida um conjunto de palavras passe a fazer parte de um contexto formal, científico ou especializado. O que é contributivo, certamente, é como a qualidade da seleção vocabular denota a competência lexical de um estudante.

Não podemos, a partir dos apontamentos feitos neste trabalho, simular qual seja o léxico da norma culta, mas podemos refletir e desenvolver metodologias que forneçam condições básicas a fim de que os alunos ampliem sua proficiência leitora e escrita. Do mesmo modo, o componente lexical é um dos primeiros citados quando se fala de norma e variedade regional, porém, acerca de norma-padrão (que dita regras de uso) e norma culta ( que condiciona aspectos da linguagem a constructos sociais mais elevados), de vocabulário não se toma conhecimento.

Além disso, ao defendermos aqui que a abordagem sobre o léxico no trabalho com a norma culta/padrão é diminuta ou inexistente, estamos, na verdade, arguindo que o léxico não é tratado de forma sistemática no contexto escolar brasileiro, com metodologia consistente que desenvolva a competência lexical do aluno, esta considerada determinante para o desenvolvimento nas esferas sociais mais letradas, consequência da competência discursiva adquirida como falante/escritor.

Com isso, necessitamos de um trabalho com o léxico integrado às atividades linguísticas de modo que os alunos sejam cada vez mais expostos a um conjunto diversificado de vocábulos e passem, consequentemente, a usá-los em suas atividades comunicativas escritas e orais. Isso irá denotar e caracterizar o domínio do vocabulário culto, que integra, por conseguinte, a norma culta.

## Referências

ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola, 2010.

ANTUNES, Irlandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.

BAGNO, Marcos. Dicionário, variação linguística e ensino. In: CARVALHO, Ornela Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs.). **Dicionários escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 121-140.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

CALLOU, Dinah M. I. Gramática, variação e normas. In: Vieira, S. R.; Brandão, S. F. (orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 13-30.

FARACO, Carlos Alerto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

GOMES, Patrícia Vieira Nunes. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar em sala de aula. In: CARVALHO, Ornela Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (orgs.). **Dicionários escolares**: políticas, formas e usos. São Paulo: Parábola, 2011, p. 141-154.



ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2018.

LESAUX, Nonie *et. al.* The Effectiveness and ease of implementation of an academic vocabulary intervention for linguistically diverse students in urban middle schools. **Reading Research Quarterly**, Newark, v. 45, n. 2 (April/May/June, 2010), p. 196-228. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/20697183>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

MACIEL, Anna Maria Becker. Novos horizontes para o ensino do léxico. **Revista Língua e Literatura**, Frederico Westphalen, v. 6/7, n. 10/11, p. 123-130, 2004/2005.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

NUNES, Augusto. **De onde vêm as palavras**: A toque de caixa, com a pulga atrás da orelha. Revista Veja. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/augusto-nunes/de-onde-vem-as-palavras-a-toque-de-caixa-com-a-pulga-atras-da-orelha>. Acesso em: 25 nov. 2021.

REVISTA VEJA. **Governo garante antecipação do 13º do INSS e estuda benefício a informais**. 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/economia/governo-garante-antecipacao-do-13o-do-inss-e-estuda-beneficio-a-informais/>>. Abril, 2021. Acesso em: 25 nov. 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

XATARA, Cláudia Maria. O resgate das expressões idiomáticas. **ALFA**: Revista de Linguística, São Paulo, v. 39, 1995, p. 195-210. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3980>. Acesso em: 22 jan. 2022.

# PALAVRAS, VARIAÇÃO E DIVERSÃO COM O CORPUS ALIB

*Alba Valéria Tinoco Alves Silva*

## **Introdução**

O projeto *O léxico no livro didático*, desenvolvido desde 2013, busca fomentar a compreensão teórica sobre as formações lexicais e o seu funcionamento, analisar criticamente o modo como o tema é trabalhado em livros didáticos e dicionários do ensino básico, compilar propostas interessantes sobre o ensino dessas formações e contribuir para formação de pesquisadores e futuros professores.

A partir de 2019, inspirado em um comentário da saudosa Professora Suzana Alice Cardoso (ILUFBA) sobre o seu desejo de ver os resultados do ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil) sendo utilizados na escola para ensinar variação, o projeto, agora intitulado *O léxico no livro didático: corpus ALiB*, adquiriu um caráter aplicado, colaborativo e interdisciplinar, voltando-se para a construção de material didático para o ensino-aprendizagem da variação lexical no ensino básico. O material didático construído tem por objetivo principal fomentar o respeito à diversidade linguística.

O presente texto apresenta alguns aspectos relevantes das escolhas metodológicas do projeto, tais como fundamentação teórica, *corpus* e cartas lexicais, perfil do público-alvo das atividades; uma amostra das atividades elaboradas com suas instruções e objetivos; e reflexões resultantes de sua aplicação em sala de aula.

## A fundamentação teórica

A fundamentação teórica do projeto *O léxico no livro didático* apoia-se em leituras da área da Sociolinguística, do ensino do léxico; da ludicidade no ensino, da construção de atividades e da Linguística Aplicada.

A contribuição da Sociolinguística, no âmbito deste texto, está representada pelos dados históricos e metodológicos do ALiB, apresentados na seção 2, Metodologia de construção e aplicação das atividades, e nos dados recolhidos em campo, que serão apresentados na seção 3, Amostra das atividades aplicadas.

Em relação ao ensino do léxico, destaca-se *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula* (Antunes, 2012), que propõe para o léxico um lugar central na demanda do que é necessário ensinar e aprender na escola para que ela esteja em consonância com as exigências da realidade circundante, ressaltando a importância da aprendizagem e da expansão dos saberes lexicais:

Os saberes sobre a gramática da língua já os temos 'internalizados' desde tenra idade. O que nunca deixa de estar sob exigências permanentes de atualização são as demandas sociais por um conhecimento lexical mais vasto, mais diversificado, mais específico (Antunes, 2012, p. 14).

A instigante reflexão de que o falante continua a expandir o vocabulário por toda a vida, enquanto a gramática, uma vez adquirida, permanece, relativamente, estável, é um dos pressupostos discutidos no âmbito dos estudos lexicais (cf. Richards, 1976).

Antunes (2012, p. 28) afirma também que “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa”. Donde se depreende que, através do léxico, pode-se conhecer muito sobre a cultura, a experiência,

o modo de ver o mundo dos diversos grupos sociais falantes de uma língua. É com base nessa crença que este projeto se propõe a criar atividades didáticas voltadas para o ensino de noções de diversidade linguística através do léxico.

Vale ressaltar que o intuito das atividades não é de ensinar vocabulário; isso não faria sentido, já que se está trabalhando aqui com dados da variação diatópica e se está partindo da premissa de que o falante que diz macaxeira para se referir à raiz comestível não vai dizer *aipim*. O objetivo do material didático é ensinar que essas e outras variantes efetivamente usadas para designar um mesmo objeto são igualmente legítimas e merecem respeito.

Com o intuito de dissuadir qualquer ideia de obrigatoriedade de memorização de palavras, decidiu-se dar uma feição lúdica às atividades, buscando, através de jogos e brincadeiras com as palavras, mostrar um pouco da diversidade linguística e cultural do português brasileiro e fomentar o respeito a essa diversidade. O caráter lúdico das atividades está alinhado com o seu público-alvo, que são alunas e alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental, na faixa-etária de 9-12 anos, no máximo. São crianças, portanto, para quem uma das atividades mais importantes é, ou deveria ser, o brincar, o jogar.

Entre as leituras que embasam o uso da ludicidade no ensino de língua portuguesa, cita-se o trabalho de Paulo Nunes de Almeida, *Sorriso da linguagem: brincadeiras e jogos para o ensino de língua portuguesa* (2009), que busca desfazer a ideia de que jogos e brincadeiras são passatempos fúteis e que não contribuem para o aprendizado formal. Almeida (2009) afirma que os jogos e brincadeiras podem representar um fator didático importante, um elemento significativo no processo de ensino-aprendizagem:

As atividades lúdicas desenvolvem inúmeras capacidades com as quais somos capazes de explorar e refletir sobre a realidade e a cultura em que vivemos, incorporando-as e, também, questionando regras e papéis sociais. No ensino de Língua Portuguesa, a incorporação de brincadeiras, jogos e brinquedos tem demonstrado a melhora no desempenho dos alunos e o conseqüente desenvolvimento de mais e mais atividades que contribuem para as várias aprendizagens e para a ampliação da rede de significados da palavra, num primeiro momento, e da própria formação do pensamento e da linguagem, haja vista que o diálogo interior se dá na língua-mãe (Almeida, 2009, p. 260-261).

A brincadeira e o jogo possibilitam que “a criança tome consciência de si, da realidade à sua volta, das regras e adequações necessárias para um bom convívio social” (Almeida, 2009, p. 261). No âmbito deste projeto, acredita-se que o uso da ludicidade pode ser um bom caminho para ensinar noções de boa convivência linguística e fomentar o respeito à língua do outro, o que pode ser benéfico para discentes e docentes tanto pelo seu caráter de diversão e prazer quanto pelo caráter de aprendizagem propriamente dita.

Outro aporte da fundamentação deste projeto relaciona-se à metodologia para a elaboração de material didático e está aqui representado por *Enunciado de atividades e tarefas escolares: modos de fazer*, de Denise Lino de Araújo (2014), que apresenta aspectos teóricos e práticos sobre a elaboração de atividades e tarefas voltadas para o ensino básico. O texto afirma que a construção de atividades, sejam elas de fixação ou de verificação, deve estimular o senso crítico de alunas e alunos, levando em consideração os diversos sujeitos e fatores sociais envolvidos: “as atividades escolares são eventos de letramento localmente situados, i.e., são atividades que só têm sentido quando levados em consideração interlocutores específicos em seu processo de ensino-aprendizagem” (Araújo, 2014, p. 18).

Ainda que a finalidade das atividades construídas por este projeto não seja de fixação, nem de verificação de conteúdo, estão sendo levados em consideração a faixa etária e o nível de letramento do público-alvo ao qual o material didático proposto se destina, como se verá na seção 2, Metodologia de construção e aplicação das atividades.

O último tópico da fundamentação teórica diz respeito ao caráter aplicado do projeto e está aqui representado pelo livro *Por uma linguística aplicada indisciplinar*, organizado por Luiz Paulo da Moita-Lopes (2006). Ele reafirma a noção de que a Linguística Aplicada (LA) não deve restringir-se à aplicação de teorias linguísticas nas práticas de ensino e aprendizagem, pois nem todas elas são eficientes nesse aspecto:

Como é possível pensar que teorias linguísticas, independentemente das convicções dos teóricos, poderiam apresentar respostas para a problemática do ensinar/aprender línguas em sala de aula? Uma teoria linguística pode fornecer uma descrição mais acurada de um aspecto linguístico do que outra, mas ser completamente ineficiente do ponto de vista do processo de ensinar/aprender línguas (Moita-Lopes, 2006, p. 18-19).

O texto critica também o fato de que a legitimação dos resultados da pesquisa acadêmica em LA costuma ocorrer apenas entre pares, no âmbito da própria academia, e propõe que tal processo deve pautar-se também nas práticas sociais dos sujeitos atuantes no contexto em que os resultados da pesquisa serão aplicados.

Uma das questões cruciais da pesquisa contemporânea é considerar a necessidade de ir além da tradição de apresentar resultados de pesquisa para os pares, como forma de legitimá-los. Para tal, são necessárias teorizações que dialoguem com o mundo contemporâneo, com as práticas sociais que as pessoas vivem, como também desenhos de pesquisa que considerem direta-

mente os interesses daqueles que trabalham, agem etc. no contexto de aplicação – uma dimensão que o campo da LA raramente contempla. É preciso que aqueles que vivem as práticas sociais sejam chamados a opinar sobre os resultados de nossa pesquisa como sendo válidas de seus pontos de vista: uma dimensão essencial em áreas aplicadas (Moita-Lopes, 2006, p. 23).

A leitura de Moita-Lopes (2006) funciona como uma advertência constante sobre a necessidade de modalização de afirmações totalizantes; sobre o entendimento de que não se estão propondo soluções definitivas; sobre a compreensão de que é necessário ouvir a opinião dos pares, mas também das pessoas docentes e discentes que, por ventura, tenham acesso ao material proposto.

No caso deste projeto e deste texto, o objetivo é justamente apresentar uma amostra dos resultados da aplicação, em sala de aula, das atividades por ele construídas.

### **Metodologia de construção e aplicação das atividades**

Como se disse, o foco do projeto *O léxico no livro didático*, desde 2019, é de caráter aplicado, colaborativo e interdisciplinar, visando à construção, avaliação e validação de material didático para o ensino-aprendizagem de léxico, do ponto de vista da variação lexical. Seu enfoque aplicado resulta do uso de informações sobre o funcionamento do ensino do léxico, adquiridas ao longo de suas outras edições, para construir atividades didáticas voltadas para o mesmo fim. Sua feição colaborativa e interdisciplinar advém do fato de que o acervo lexical utilizado na construção das atividades foi compilado dos dados coletados pelo Projeto ALiB, concernentes a aspectos semântico-lexicais da língua.

Em sua metodologia de coleta de dados, o ALiB utilizou questionários linguísticos e entrevistas *in loco*, levando em conta as redes de pontos geográficos e perfil dos informantes. No total, foram entrevistadas 1.100 pessoas, selecionadas por critérios que envolvem características geracionais, de gênero, de escolaridade, além do vínculo com a localidade pesquisada.

Nas entrevistas foram utilizados questionários organizados a partir dos seguintes níveis de análise linguística: fonético-fonológico (159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia); semântico-lexical (202 perguntas); morfofossintático (49 perguntas); questões de pragmática (04); perguntas de metalinguística (06) e um texto para leitura: *A parábola dos sete vimes*.

Os dados semântico-lexicais foram coletados a partir de 202 perguntas, referentes a diversas áreas do conhecimento humano, tais como alimentação e cozinha, vestuário, fenômenos atmosféricos, acidentes geográficos, ciclos da vida, corpo humano, doenças, jogos e diversões infantis, fauna e flora. Essas perguntas foram organizadas no questionário semântico-lexical (QSL), cujo intuito era obter do falante o item lexical com o qual ele designava, por exemplo, uma determinada parte do corpo, uma brincadeira de infância ou um animal específico, ou seja, obter informações sobre o seu modo de nomear a realidade.

A interseção entre o Projeto ALiB e o projeto *O léxico no livro didático* acontece no âmbito do *corpus* de dados obtidos por meio do QSL. Dentre eles, foram utilizadas as perguntas e respostas organizadas em cartas lexicais, referentes à fauna, flora, jogos e diversões infantis, alimentação e vestuário, por se tratarem de itens lexicais de interesse do público-alvo ao qual se destina o material didático proposto. A Figura 1 mostra os dados referentes às diferentes designações para a galinha d'água nas capitais do Brasil.



**Figura 1:** Carta ALiB L11 – Galinha D'Ângola



**Fonte:** Cardoso et al, 2014.

Com esses dados, foi construído um conjunto de dez atividades didáticas visando, principalmente, ao despertar de uma consciência da variação linguística e do respeito à fala do outro através de atividades, de caráter lúdico e didático, que coloquem em cena uma amostra da variedade lexical da língua portuguesa do Brasil.

Nesse sentido, o foco do projeto alinha-se com as diretrizes e parâmetros da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que enfatiza a importância do estudo e da reflexão sobre as mudanças e variações linguísticas desde os primeiros anos de ensino e propõe, como a primeira das competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental “compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (Brasil, 2018, p. 86).

A BNCC propõe também, no campo de conhecimento referente à variação linguística, o desenvolvimento das seguintes habilidades:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.

Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas ou estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (Brasil, 2018, p. 83).

Para compreender a ideia de diversidade e variação, ainda que de maneira divertida e lúdica, é necessário que a criança já tenha consolidado seu processo inicial de letramento e já tenha desenvoltura com a linguagem escrita e com os conhecimentos geográficos que incluem estados e regiões do país, o que se dá, idealmente, por volta dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, quando está entre nove e dez anos de idade. Este seria o limite inicial da faixa etária do público-alvo. Como as atividades são de caráter lúdico voltadas para um público infantil, acredita-se que o limite superior esteja por volta da idade de doze anos, quando começa a adolescência, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 2022, p. 12).

Com o intuito de corroborar a feição lúdica das atividades, as cartas linguísticas do Projeto ALiB foram selecionadas com base na proximidade de seus temas com o universo do cotidiano da criança. Assim sendo, foram escolhidas aquelas que envolvem perguntas e respostas sobre a fauna, flora, jogos e diversões infantis, alimentação e vestuário. Com esses dados foram construídas dez atividades lúdicas, de nível fácil, tais como: *caça-palavras*, *palavra-cruzada*, *salada-de-frutas*, entre outras, duas das quais estão exemplificadas na seção 3, Amostra das atividades aplicadas.

As atividades foram organizadas, formatadas, aplicadas e avaliadas quanto a sua organização e eficiência em relação ao objetivo de ensinar diversidade de maneira lúdica.

A aplicação foi realizada na Escola Municipal Cleusa Maria de Carvalho Moreira, administrada pela Prefeitura Municipal de Camaçari, situada na Rua São Bento S/N, Camaçari de Dentro-Camaçari-Bahia, voltada para a Educação Básica. O responsável pela aplicação foi o professor-pesquisador mestre, atual doutorando no Programa de Pós-Graduação do ILUFBA, Antônio de Jesus Santos. As atividades foram realizadas no segundo semestre letivo de 2022, em duas turmas do 7º ano, com 23 e 26 estudantes, respectivamente, com discentes na faixa etária entre 11 e 13 anos.

### **Amostra das atividades aplicadas**

O material didático construído foi organizado em um caderno impresso com versão discente e docente, contendo uma carta de apresentação do material, dez atividades de nível fácil e uma ficha de avaliação das atividades. A versão discente contém os seguintes itens:

Carta para alunos e alunas

1. Associe o nome do estado a sua sigla
2. Pinte as regiões no mapa com as cores indicadas
3. Escreva a sigla no estado correspondente
4. Que brincadeira é essa?
5. Qual é o nome da brincadeira?
6. Como você chama essa galinha?
7. Que bicho é esse?
8. O que a criança mais gosta de fazer?
9. Fique ligado no trânsito...

## 10. Brincando com o abecê...

### Ficha de avaliação

A carta para as pessoas discentes apresenta o material, explica, de maneira simples, a noção de diversidade e fala um pouco sobre o Projeto ALiB, conforme a Figura 2.

**Figura 2:** Carta para alunos e alunas

**Olá, amigo ou amiga,**

Você tem parentes ou pessoas amigas em cidades ou estados diferentes do seu?

Você já percebeu que ela pronuncia as palavras de maneira diferente da sua?

Ou usa palavras que você não conhece?

Isso é muito interessante, você não acha?

Essa diferença no jeito de falar acontece porque o Brasil é muito grande e tem muita gente de lugares diferentes.

Os povos indígenas já estavam aqui e outros vieram, principalmente, da África, Ásia e Europa.

Tudo isso tornou o Brasil um país com uma grande diversidade de modos de falar, inclusive no vocabulário.

Pelo Brasil afora, a gente usa palavras diferentes para se referir a mesma coisa. Na Bahia, a gente come aipim, mas isso, em Pernambuco, é “macaxeira” e, em São Paulo, é “mandioca”.

Neste livro, a gente reuniu essas e outras palavras do dia-a-dia, coletadas pelo Projeto ALiB, no Brasil inteiro.

Com elas, a gente criou jogos, como palavras-cruzadas, salada-de-frutas, caça-palavras, para que você, brincando, conheça um pouco mais sobre a diversidade do português do Brasil.

Por exemplo, como é que você chama aquela brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras? Cabra-cega? Cobra-cega? Gata-cega?

Pois é, todas essas formas são possíveis no português.

Você fala “cabra-cega”? Está correto.

Mas quem fala “cobra-cega” está correto também.

Isso é o mais legal da ideia de diversidade na língua: formas diferentes podem estar corretas e ter o mesmo valor.

Aqui você vai conhecer muitas palavras novas, mas isso não é para mudar sua maneira de falar. É para aprender que o jeito do outro também está correto. E merece respeito.

Espero que você se divirta usando o livro do mesmo jeito que a gente se divertiu fazendo. Um abraço,

Alba Valéria (Coordenadora), Juliana Leite, Aline Silva, Rebeca Galvão (Bolsistas PIBIC)

O ALiB é um projeto organizado por professores e professoras de 12 universidades do Brasil. Por 25 anos, eles percorreram 250 cidades de todas as regiões brasileiras e entrevistaram 1.100 pessoas para conhecer um pouco mais sobre o modo como a gente fala no nosso País.

**Fonte:** Elaborado pela autora.

### Figura 3: Carta para professores e professoras

#### CARTA PARA PROFESSORES E PROFESSORAS

Prezada professora, prezado professor,

Gostaria de lhe apresentar um conjunto de dez atividades didáticas para o ensino de noções da diversidade linguística brasileira. Elas são fruto do projeto *O léxico no livro didático: corpus ALiB*, cujo objetivo é levar achados das pesquisas do ALiB para fora dos muros da academia, fazendo-os chegar às escolas do ensino básico.

O ALiB (Projeto Atlas Linguístico do Brasil), por sua vez, é um projeto nacional e tem como principal meta a criação do atlas linguístico da língua portuguesa no Brasil, refletindo sobre suas características fonético-fonológicas, morfosintáticas, semântico-lexicais, pragmáticas e discursivas. Para a sua construção, de 1996 a 2016, foram percorridos 257.851 quilômetros em visita a 250 localidades dispostas por todo território brasileiro, contemplando as capitais e cidades do interior. Ao todo foram entrevistadas 1.100 pessoas, selecionadas por critérios que envolvem características de idade, gênero, escolaridade e vínculo com a localidade pesquisada.

A interseção entre o ALiB e o projeto *O léxico no livro didático* acontece no âmbito dos dados obtidos por meio de um questionário semântico-lexical (QSL). O questionário traz perguntas e sobre áreas do conhecimento humano, das quais foram utilizadas aquelas referentes à fauna, flora, jogos e diversões infantis, alimentação e vestuário, por se tratarem de itens lexicais que estão próximos da vivência do público-alvo ao qual se destina o material didático proposto.

O público-alvo são alunas e alunos do Ensino Fundamental 2, pois, para compreender a ideia de diversidade e variação, ainda que de maneira divertida e lúdica, é necessário que a criança já tenha consolidado seu processo inicial de letramento e já tenha desenvoltura com a linguagem escrita e com os conhecimentos geográficos que incluem estados e regiões do país.

Para além da divulgação de pesquisa científica, o projeto *O léxico no livro didático: corpus ALiB* quer contribuir para a conscientização das crianças em relação à diversidade linguística e cultural do país. Mais do que ampliar o repertório lexical da criança, as atividades pretendem, brincando, ajudar a combater o preconceito linguístico e a fomentar o respeito à diversidade e à variação.

Atenciosamente,

Alba Valéria (Coordenadora), Juliana Leite, Aline Silva, Rebeca Galvão (Bolsistas PIBIC)

**Fonte:** Elaborada pela autora.

O conjunto de dez atividades é o mesmo para as versões discente e docente do caderno, com a diferença de que, na versão docente, as atividades estão respondidas. Vale ressaltar que a presença do gabarito não implica viés avaliativo em relação ao conteúdo proposto. Como já se

disse, o objetivo do material didático não é o de ensinar vocabulário, mas o de dar oportunidade de conhecer e refletir sobre a variação linguística de maneira lúdica. Por apostar na ludicidade, muitas atividades farão uso de tentativa e erro, múltiplas possibilidades de acerto, inferência e mesmo adivinhação.

As instruções de cada atividade estão sendo construídas no que se supõe ser uma linguagem compreensível pelas pessoas discentes, mas sem prescindir da orientação por parte da pessoa docente, que, do ponto de vista deste projeto, terá papel fundamental em incentivar o interesse e o respeito pela variação linguística.

Do conjunto de 10 atividades, serão apresentadas quatro aqui, no intuito de mostrar os problemas que surgiram na sua aplicação.

Os três primeiros itens do material didático são inter-relacionadas e foram agrupados sob o título *Mapeando o Brasil*, conforme a Figura 4. Eles têm por objetivo relembrar e organizar os conhecimentos geográficos referentes a estados e regiões do Brasil e suas respectivas siglas, uma vez que os dados do ALiB são apresentados trazendo, ao lado de uma dada variante, a sigla do Brasil, da região ou do estado onde ela ocorre. As siglas, portanto, vão aparecer associadas a diferentes designações ao longo do material, como se pode ver na Figura 5, referente à atividade sobre as diferentes denominações da galinha d'angola.

Voltando às atividades 1, 2 e 3, na Figura 4, elas foram aplicadas em duas séries de sétimo ano, no segundo semestre de 2022, como se disse. Dois problemas foram relatados pelo professor mediador e registrados nas fichas de avaliação.

O primeiro deles diz respeito aos conhecimentos geográficos. Segundo a BNCC, a habilidade “EF04GE05: distinguir unidades político-administrativas oficiais nacionais (Distrito, Município, Unidade da Federação e grande região), suas fronteiras e sua hierarquia, localizando

**Figura 4:** Atividades 1, 2 e 3

**Mapeando o Brasil...**

Para entender a diversidade da língua, a gente precisa saber que o Brasil é muito grande e que tem regiões e estados muito diferentes em termos de clima, de paisagem, de cultura e de modos de falar. As diferenças na fala acontecem, principalmente, na pronúncia e no uso de palavras para dar nome às coisas.

**Amarelinha**, por exemplo, é a brincadeira em que você faz uma figura de quadrados numerados no chão e vai pulando por eles com uma perna só. Ela é chamada de **academia** no Nordeste (NE), **caracol** no Paraná (PR), **sapata** no Rio Grande do Sul (RS) e vários outros nomes pelo Brasil (BR).

Você já conhece essas siglas?

**BR** é a sigla de Brasil; **NE** é a sigla de Nordeste; **PR**, de Paraná; **RS**, de Rio Grande do Sul.

Para entender a diversidade do Brasil, a gente precisa conhecer um pouco de geografia, principalmente o mapa do Brasil com suas regiões e estados e a sigla de cada um deles.

Vamos relembra um pouco desses conhecimentos?

**1. Associe o nome do estado a sua sigla, marcando a 2ª. coluna de acordo com a 1ª.**

| Norte (N)    |        | Nordeste (NE)          |        | Centro Oeste (CO)     |        |
|--------------|--------|------------------------|--------|-----------------------|--------|
| 1. Amazonas  | AC ( ) | 1. Alagoas             | BA ( ) | 1. Goiás              | MT ( ) |
| 2. Acre      | AP ( ) | 2. Bahia               | SE ( ) | 2. Mato Grosso        | MS ( ) |
| 3. Amapá     | PA ( ) | 3. Ceará               | MA ( ) | 3. Mato Grosso do Sul | DF ( ) |
| 4. Tocantins | RO ( ) | 4. Maranhão            | CE ( ) | 4. Distrito Federal   | GO ( ) |
| 5. Pará      | AM ( ) | 5. Pernambuco          | PB ( ) |                       |        |
| 6. Roraima   | TO ( ) | 6. Paraíba             | RN ( ) |                       |        |
| 7. Rondônia  | RR ( ) | 7. Piauí               | PE ( ) |                       |        |
|              |        | 8. Rio Grande do Norte | PI ( ) |                       |        |
|              |        | 9. Sergipe             | AL ( ) |                       |        |

| Sudeste (SE)      |        | Sul (S)              |        |
|-------------------|--------|----------------------|--------|
| 1. Espírito Santo | MG ( ) | 1. Paraná            | SC ( ) |
| 2. Minas Gerais   | SP ( ) | 2. Santa Catarina    | RS ( ) |
| 3. Rio de Janeiro | ES ( ) | 3. Rio Grande do Sul | PR ( ) |
| 4. São Paulo      | RJ ( ) |                      |        |

**2. Pinte as regiões no mapa com as cores indicadas nas tabelas acima.**

**3. Escreva a sigla no estado correspondente.**



**Fonte:** Elaborada pela autora.

seus lugares de vivência” (Brasil, 2018) começa a ser trabalhada a partir do quarto ano do Ensino Fundamental. Espera-se, por isso, que ela esteja consolidada no sétimo ano. Mas algumas pessoas relataram não conhecer todas as siglas dos estados e, por essa razão, a Atividade 1, que seria de aplicação, acabou sendo de revisão de conhecimento. Uma das possíveis razões para esse relato é o fato de que essas turmas passaram pela Pandemia de COVID-19, quando os critérios de aquisição e avaliação de conhecimento tornaram-se, compreensivelmente, menos rigorosos.

Vale ressaltar, contudo, que a Atividade 1 não foi criticada por essa razão; pelo contrário, as pessoas acharam útil aprender as siglas que ainda não conheciam.

A crítica foi direcionada à Atividade 2 por conta das cores nela sugeridas. Algumas pessoas acharam que as cores não tinham relação com a região indicada e disseram que gostariam de escolher a cor de sua preferência. A crítica é pertinente, foi acatada e a atividade foi modificada para que as pessoas possam escolher a cor de cada região.

A próxima atividade a ser analisada é a Atividade 6 – Como você chama essa galinha?, apresentada na Figura 5. O objetivo da atividade é mostrar que um determinado objeto ou ser, no caso, a galinha d'água, pode ter diferentes denominações nas regiões do Brasil. A partir de uma lista de variantes lexicais diatópicas para galinha d'água, a criança vai procurar, num quadro de letras aleatórias em que as palavras estão escondidas, cada uma das formas listadas. Trata-se de uma atividade que favorece o reconhecimento de palavras e a leitura. No âmbito do projeto, seu intuito é mostrar diferentes possibilidades linguísticas válidas para nomear um mesmo objeto e permitir que a criança, brincando, “manipule a variação”.



**Figura 5:** Atividade 6 – Como você chama essa galinha?

**6. Como você chama essa galinha?**



No português do Brasil, há muitos nomes para *galinha d'angola*, aquela ave que parece uma galinha e tem penas pretas com pintas brancas. No quadro ao lado, junto de *galinha d'angola*, tem mais 10 nomes dessa ave. Vamos encontrar?

|                       |               |
|-----------------------|---------------|
| Galinha d'Angola (BR) | Capão (NE)    |
| Angolista (S)         | Guiné (NE)    |
| Capote (N, NE)        | Picote (N)    |
| Catraia (NE)          | Saquê (NE)    |
| Cocar (CO)            | Tô fraco (NE) |

|   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| A | U | S | A | N | G | O | L | A | A | A |
| T | F | A | M | C | A | A | T | G | B | N |
| O | N | Q | K | N | L | M | O | U | B | G |
| F | O | U | R | O | I | M | F | I | O | O |
| R | F | E | K | J | N | A | R | N | E | L |
| C | O | C | A | R | H | A | A | G | E | I |
| O | O | P | A | L | A | V | C | A | R | S |
| O | Ç | A | T | H | D | S | O | L | L | T |
| I | F | J | A | B | A | U | T | I | Z | A |
| T | E | G | U | I | N | E | E | N | R | A |
| A | J | U | A | Q | G | F | G | H | X | C |
| U | V | P | I | C | O | T | E | O | R | A |
| G | N | P | M | A | L | C | U | L | I | A |
| A | R | E | A | C | A | T | R | A | I | P |
| C | A | P | O | T | E | E | I | R | I | Q |

- E você como chama essa galinha?
- O nome que você conhece é igual a algum nome que a gente sugeriu?
- Compare sua resposta com a de outras pessoas de seu grupo de colegas ou amigos.

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Esta foi a atividade que recebeu a avaliação mais baixa na análise das fichas de avaliação (cf. Figura 7). O que foi uma surpresa, já que esse tipo de atividade, pela experiência de tê-lo usado em outras circunstâncias, costuma ser bem recebido. O relato do professor mediador esclareceu a razão da crítica. Como a lista de palavras a procurar estava dividida em duas colunas, algumas pessoas acharam que tinham de procurar as palavras da coluna da esquerda no lado esquerdo do quadro de letras e as da coluna da direita no lado direito do quadro. Como não conseguiram encontrá-las, ficaram frustradas e acharam a atividade difícil. A crítica foi considerada igualmente pertinente e a lista de palavras foi ajustada para uma coluna única.

De modo geral, as atividades, como um todo, foram bem recebidas, de acordo com a Ficha de Avaliação, apresentada na Figura 6, que traz uma pergunta para aferição informal de aprendizagem e uma avaliação de cada uma das atividades.

**Figura 6:** Ficha de avaliação de aluna/aluno

**FICHA DE AVALIAÇÃO DE ALUNA/O**

**VOCÊ GOSTOU DAS ATIVIDADES?**

A gente quer fazer um livro para ensinar sobre a diversidade linguística de maneira interessante e divertida. Para isso, a gente precisa de sua colaboração. Posso contar com você? Então, responda as perguntas abaixo:

|   |                       |
|---|-----------------------|
| Qual sua idade?   | Qual seu ano escolar? |
| <b>O que você aprendeu sobre a diversidade linguística no Brasil?</b> |                       |
|   |                       |
|   |                       |
|   |                       |
|   |                       |

**Qual a sua opinião sobre as atividades que você fez?**

Para cada uma das atividades, marque a carinha que expressa sua opinião. Depois, comente a carinha que você escolheu.

| ATIVIDADE  | 😊 | 😐 | ☹️ | COMENTÁRIO<br>(É legal! É divertida!<br>É difícil! É chata!) |
|--|---|---|----|--|
| 1. Associe o nome do estado a sua sigla            |   |   |    |  |
| 2. Pinte as regiões no mapa com as cores indicadas |   |   |    |  |
| 3. Escreva a sigla no estado correspondente        |   |   |    |  |
| 4. Que brincadeira é essa?                         |   |   |    |  |
| 5. Qual é o nome da brincadeira?                   |   |   |    |  |
| 6. Com o você chama essa galinha?                  |   |   |    |  |
| 7. Que bicho é esse?                               |   |   |    |  |
| 8. O que a criança mais gosta de fazer?            |   |   |    |  |
| 9. Fique ligado no trânsito...                     |   |   |    |  |
| 10. Brincando com o a-bê-cê...                     |   |   |    |  |

**Fonte:** Elaborada pela autora.

Para a primeira pergunta, *O que você aprendeu sobre a diversidade linguística no Brasil?*, registraram-se os seguintes depoimentos:

- *Coisas importantes sobre a diversidade.*
- *Muitas coisas legais.*
- *Siglas dos estados que eu não sabia*

- *Que cada região tem lugares e coisas diferentes.*
- *Exige bastante inteligência.*
- *Relembrei brincadeiras antigas.*
- *Brasil tem diferenças na fala.*
- *Cada parte tem cultura diferente e por isso tem variação na fala.*
- *Várias coisas, brincadeiras, lições, eu achei interessante.*
- *ue cada lugar tem seu jeito de chamar as coisas.*

Em relação à avaliação das atividades propostas, os dados tabulados das fichas de avaliação, respondidas por uma das turmas com 23 discentes, apresentaram o seguinte resultado:

**Figura 7:** Tabela de dados resultantes da avaliação das atividades propostas

| ATIVIDADE  | 😊  | 😐 | ☹️ | COMENTÁRIO EXTRA                             |
|--|----|---|----|--|
| 1. Associe o nome do estado a sua sigla            | 12 | 4 | 2  | <i>Interessante, legalzinha</i>              |
| 2. Pinte as regiões no mapa com as cores indicadas | 14 | 1 | 4  | <i>Muito boa</i>                             |
| 3. Escreva a sigla no estado correspondente        | 18 | 3 | 1  | <i>Muito boa</i>                             |
| 4. Que brincadeira é essa?                         | 19 | 2 | 1  | <i>Daora</i>                                 |
| 5. Qual é o nome da brincadeira?                   | 12 | 2 | 2  | <i>Daora</i>                                 |
| 6. Como você chama essa galinha?                   | 11 | 6 | 2  | <i>+ ou -</i>                                |
| 7. Que bicho é esse?                               | 16 | 3 | 1  |  |
| 8. O que a criança mais gosta de fazer?            | 18 | 2 | 2  |  |
| 9. Fique ligado no trânsito...                     | 14 | 3 | 3  | <i>Daora...</i>                              |
| 10. Brincando com o a-bê-cê...                     | 16 | 1 | 2  | <i>Gostei muito, tem que pensar muito...</i> |

**Fonte:** Elaborada pela autora.

As sugestões e críticas, tanto das pessoas discentes, quanto do professor mediador, foram levadas em consideração para a reformulação das atividades propostas. Pelas opiniões favoráveis, também registradas nas fichas, acredita-se que os resultados da aplicação podem ser considerados animadores.

## Considerações finais

Para as considerações finais deste texto, cita-se uma das observações do professor mediador em relação à Atividade 2, na qual as crianças deveriam pintar as cinco regiões no mapa do Brasil. Ele observou que algumas delas não queriam pintar para não “errar” as regiões. A atividade, que deveria ser prazerosa, gerou uma certa tensão pelo receio de mostrar “erro” na pintura.

Antes de mais nada, vale registrar os agradecimentos ao professor em questão pelas valiosas observações, provenientes da competência, cuidado e respeito com os quais conduziu o trabalho de aplicação e avaliação do material didático.

A aplicação das atividades em sala de aula foi fundamental para mostrar o que funciona ou não em todos os aspectos, desde a escolha dos itens lexicais que sejam politicamente corretos até o ajuste da configuração do conteúdo à página, passando pelo esclarecimento das instruções.

Dizendo o mesmo nas palavras de Moita-Lopes (2006, p. 23): “é preciso que aqueles que vivem as práticas sociais sejam chamados a opinar sobre os resultados de nossa pesquisa como sendo válidos de seus pontos de vista: uma dimensão essencial em áreas aplicadas”.

Voltando ao receio de “errar” a pintura das regiões, na Atividade 2, o professor mediador recomenda, em suas observações, que se faça um trabalho com a disciplina de Geografia ou uma preparação prévia das regiões antes de passar à pintura propriamente dita. São sugestões valiosas que já foram incorporadas à versão docente do material.

Quando ele e eu nos reunimos para conversar sobre os resultados da aplicação, entendemos que o receio de “errar” a pintura das regiões talvez evidencie também que seria interessante que as crianças passassem a entender o “erro” não como algo a ser evitado, mas como uma etapa ne-

cessária da aprendizagem; que pudessem ver o “erro” como uma região lúdica e criativa no imenso mapa da seriedade; que possam entender a existência de muitas respostas certas para uma mesma pergunta, nem que seja “Como você chama essa galinha?”.

## Referências

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Sorriso da linguagem**: brincadeiras e jogos para o ensino de língua portuguesa. São Paulo: Loyola, 2009.

ANTUNES, Irlandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ARAÚJO, Denise Lino de. **Enunciado de atividades e tarefas escolares**: modos de fazer. Olinda: Livro Rápido, 2014.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (Org.). **Documentos 7**: ALiB: 20 anos de história. Salvador: Quarteto, 2017.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Que traçados faz o léxico do Nordeste? (Considerações a partir do Atlas linguístico do Brasil). In: LOPES, N. S.; OLIVEIRA, J. M.; PARCERO, L. M. J. (Orgs.). **Estudos sobre o português do Nordeste**: língua, lugar e sociedade. 1ed. São Paulo: Blucher, 2017, p. 13-26.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (Org.). **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (Org.). **Atlas linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014. 2v.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. (Org.). **Documentos 3**: projeto atlas linguístico do Brasil. Salvador: Vento Leste, 2012.

MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

RICHARDS, J.C. The role of vocabulary teaching. **TESOL Quarterly** **10**, Michigan, 1(1976), p. 77-89.

# BRINCADEIRAS INFANTIS NO ESTADO DE SÃO PAULO: UM ESTUDO DIATÓPICO E LÉXICO- SEMÂNTICO DE DENOMINAÇÕES PARA O ‘LENÇO-ATRÁS’

*Beatriz Aparecida Alencar*

## **Introdução**

Os jogos e brincadeiras infantis estão presentes nos diferentes momentos da história da civilização, mesmo em tempos em que os entretenimentos não eram compreendidos como atualmente. Segundo Ariès (1986), na Antiguidade, as brincadeiras eram praticadas pelas sociedades com a finalidade de aproximação. Porém, progressivamente, os entretenimentos passaram a ser recriminados por parte de moralistas e da igreja, enquanto uma maioria permanecia a desenvolvê-las como uma forma de unir a comunidade em seus ritos. Ou seja, os momentos de lazer e distração foram fundamentais para a evolução dos diferentes grupos sociais e esses valores foram se modificando no decorrer do tempo e passam a documentar particularidades de épocas e da própria humanidade. Esta situação também se reflete no modo de nomear os diferentes elementos que compõem as etapas das vidas das pessoas, visto que “[...] o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nome aos referentes, o homem os classifica simultaneamente” (Biderman, 1998, p. 91).

Tendo em vista a relação indissociável entre sociedade, cultura e léxico, este estudo busca discutir os dados registrados na tese *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo* (Alencar, 2018) no que se refere às respostas obtidas para a pergunta “Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás

de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair? Sendo assim, este estudo discutirá dois pontos contraditórios sobre a questão assinalada: as denominações mais produtivas para a pergunta em questão e a ausência de respostas para o referente buscando ampliar o debate sobre essa perspectiva.

Além disso, este trabalho tem como objetivos específicos: i) discutir o processo de validação das denominações obtidas e possíveis motivações no processo de nomear a brincadeira, bem como a relação estabelecida entre a canção e os comentários fornecidos pelos informantes; ii) cotejar os dados com outros estudos concluídos nas localidades assinaladas e/ou adjacentes como: 1) atlas linguísticos: do Paraná (Aguilera, 1990); de Minas Gerais (Ribeiro et al, 1977); Topodinâmico do Oeste de São Paulo (Santos-Ikeuchi, 2014) e 2) pesquisas dialetais: D' Anunciação (2015) e Santos (2016), com intuito de verificar a produtividade das denominações para “lenço-atrás” em áreas próximas ao território paulista; iii) elencar e comparar as denominações validadas em diferentes pesquisas que englobam os territórios vizinhos e/ou tratem de brinquedos e brincadeiras infantis em diferentes regiões do Brasil.

Para tanto, este estudo pautou-se em pressupostos teóricos da Dialetologia (Cardoso, 2010), da Lexicologia (Biderman, 1998), da Semântica (Coseriu, 1979; Pottier, 1968) e da Etnolinguística (Sapir, 1969).

Quanto aos elementos que serão utilizados como base deste estudo, cabe informar que a Tese de Doutorado *O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo* (Alencar, 2018)<sup>1</sup> foi produzida a partir de dados coletados no interior do referido estado pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

---

<sup>1</sup> A Tese de Doutorado foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da professora Dra. Aparecida Negri Isquerdo.



O projeto em questão tem como objetivo mais amplo descrever a língua portuguesa falada no Brasil nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical, morfosintático, pragmático e metalinguístico<sup>2</sup> e se fundamenta nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial.

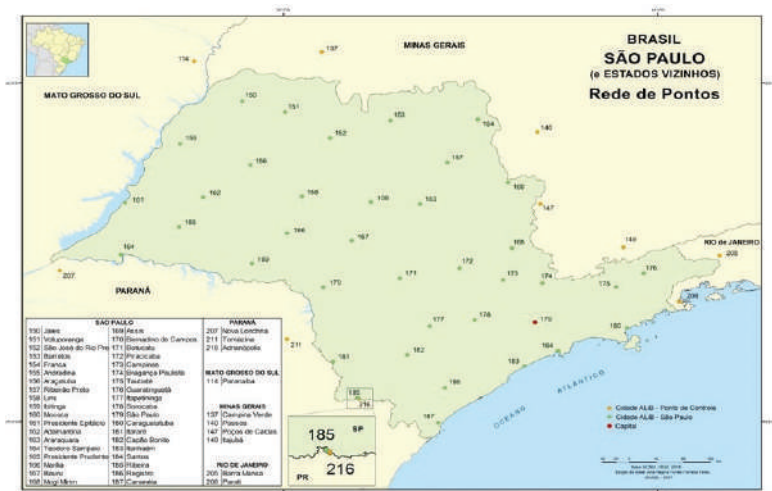
Dessa forma, a metodologia utilizada neste estudo prevê três procedimentos fundamentais. São eles: i) a rede de pontos (localidades a serem pesquisadas); ii) os informantes (selecionados de acordo com um perfil pré-determinado); e iii) o questionário linguístico (norteando a realização dos inquéritos).

Em relação à rede de pontos, o estudo considerou os 37 pontos de inquéritos do interior do estado de São Paulo e foram acrescentadas 10 localidades denominadas de área de controle. Esse procedimento metodológico foi proposto por Ribeiro (2012) na Tese de Doutorado *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do falar baiano*. Neste estudo, o exame dos dados documentados na área de controle tem como objetivo verificar o comportamento linguístico dos falantes de espaços geográficos próximos à região selecionada para a pesquisa, no caso o estado de São Paulo, no que se refere às respostas fornecidas para a pergunta em análise. Sendo assim, foram incluídos: um ponto de inquérito do estado de Mato Grosso do Sul, quatro de Minas Gerais, três do Paraná e dois do Rio de Janeiro. Na Figura 1, é possível visualizar a rede de pontos do estudo em questão.

---

<sup>2</sup> Informações obtidas no site do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (objetivos). Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/objetivos>. Acesso em: 15 maio 2023

**Figura 1:** Brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo (rede de pontos)



**Fonte:** Alencar (2018, p. 574).

Ainda, cabe destacar as informações referentes ao perfil do informante. No Quadro 1 é possível ver de forma resumida as particularidades dos informantes investigados:

**Quadro 1:** Distribuição dos informantes da pesquisa conforme perfil

| Variáveis sociais    |                            | Total de informantes |
|----------------------|----------------------------|----------------------|
| Faixa etária         | F1: 18-30 anos             | 94                   |
|                      | F2: 50-65 anos             | 94                   |
| Sexo                 | Masculino                  | 94                   |
|                      | Feminino                   | 94                   |
| Grau de escolaridade | G1: fundamental incompleto | 188                  |
| <b>Total</b>         |                            | <b>188</b>           |

**Fonte:** Elaboração da autora com base nos dados do Projeto ALiB.

De acordo com o Quadro 1, nota-se que o *corpus* foi constituído pelas respostas fornecidas por 188 entrevistados das localidades pesquisadas, sendo divididos em grupos de homens e mulheres de duas faixas

etárias, com Ensino Fundamental incompleto, contabilizando quatro informantes por localidade.

Quanto à pergunta analisada, ela integra, juntamente com mais doze perguntas, a área semântica dos Jogos e Diversões Infantis, do Questionário Semântico-lexical do Projeto Atlas Linguístico do Brasil - QSL (Comitê Nacional do Projeto ALiB, 2001, p. 34).

De forma geral, muitos estudos têm sido realizados com os dados relacionados aos Jogos e Diversões Infantis e a área semântica vem se apresentando como bastante frutífera no que se refere à contribuição para a descrição da língua portuguesa. Por sua vez, observamos comportamento bastante interessante na pergunta em questão nos pontos de inquéritos investigados já que, por um lado, esta atividade é ainda conhecida por pessoas de diferentes faixas etárias com nomes diversificados e, por outro lado, pontua-se que é uma das respostas consideradas pouco produtivas nos trabalhos dialetais, considerando o universo dos brinquedos e brincadeiras infantis devido ao alto número de abstenção de respostas. Este comportamento será discutido no próximo tópico, bem como as denominações produtivas para a pergunta selecionada.

Em termos de estrutura, além desta Introdução, o trabalho organiza-se em três tópicos: Apresentação dos dados e discussão inicial; Análise diatópica das denominações para “lenço-atrás” e Reflexões sobre a validação das respostas e possíveis motivações, seguidas pelas considerações finais e as referências.

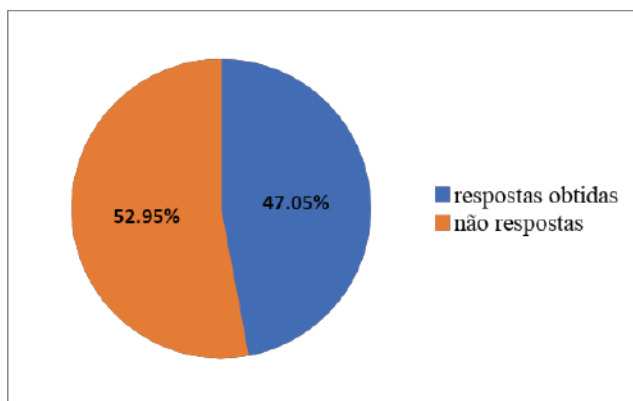
## **2. Apresentação dos dados e discussão inicial**

A brincadeira do “lenço-atrás”<sup>3</sup> é uma atividade realizada em grupos de crianças que podem executar de formas um pouco distintas o divertimento e, muitas vezes, com canções diversificadas, a depender do

modo como a brincadeira se realiza e da região em que é conhecida. De forma genérica, as crianças costumam ficar dispostas em círculos e sentadas no chão em boa parte do desenvolvimento da brincadeira. Entre os nomes conhecidos, destacam-se os seguintes: corre-cotia, lencinho, lencinho branco, lenço na mão, que lenço (Friedmann, 2014, p. 55).

Em relação aos dados investigados neste estudo, apontamos alguns aspectos relacionados ao resultado da coleta de respostas à pergunta. Primeiramente, os dados obtidos revelam que ela foi pouca produtiva em termos de registros de nomeações, alcançando mais de 50% de abstenções de resposta, sendo apontada por muitos informantes como uma brincadeira desconhecida ou que era lembrada, de modo remoto, mas sem saber o nome específico da diversão. Na sequência, verifica-se o quantitativo de não-respostas registradas à questão 164/QSL/ALiB na área investigada (veja o Gráfico 1).

**Gráfico 1:** Percentual de respostas e de não-respostas para a questão 164/QSL/ALiB



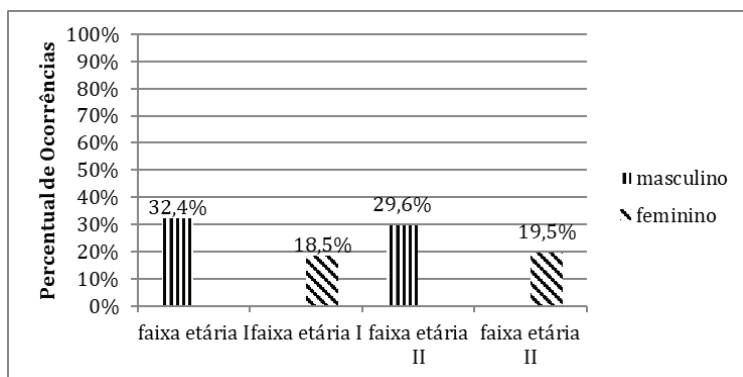
**Fonte:** Alencar (2018, p. 318).

---

<sup>3</sup> Lenço atrás” será indicada entre aspas ao tratarmos da brincadeira.

Ainda em relação à ausência de respostas obtidas para a questão, informa-se que a maior abstenção foi registrada nos inquiridos dos informantes do sexo masculino (62%), conforme pode ser visto no Gráfico 2:

**Gráfico 2:** Percentual de não-respostas para a questão 164/QSL/ALiB considerando as dimensões diassexual e diageracional



**Fonte:** Alencar (2018, p. 319).

Além do maior número de respostas fornecidas pelas informantes do sexo feminino, nota-se que as denominações para nomear a brincadeira também se tornam menos proferidas pelos informantes mais jovens. Esses percentuais podem apontar para uma provável ausência dessa brincadeira no cotidiano das crianças, o que pode indicar certo desconhecimento sobre esse entretenimento pelas gerações atuais.

Ainda no que tange ao baixo número de respostas obtidas, ressaltamos que a situação se repete em outros estudos sobre o léxico de brinquedos e brincadeiras infantis de outras regiões do Brasil, respectivamente considerando o falar baiano, amazônico, fluminense, nordestino, paulista e o estudo sobre o falar sulista. Veja a tabela produzida por Ribeiro e Isquero (2022) em publicação recente.

**Tabela 1:** Demonstrativo de percentual de validação *versus* não validação de respostas para a questão 164 QSL/ALiB nos estudos sobre os falares das regiões dialetais brasileiras (NASCENTES, 1953)

| Áreas dialetais consideradas                          | Respostas |             |
|---|-----------|-------------|
|   | Válidas   | Não válidas |
| Falar Baiano (RIBEIRO, 2012)                          | 19,60%    | 80,40%      |
| Falar Amazônico (PORTILHO, 2013)                      | 20,00%    | 80,00%      |
| Falar Fluminense (SANTOS, 2016)                       | 16,2%     | 83,80%      |
| Falar Paulista <sup>4</sup> (ALENCAR, 2018)           | 45,60%    | 54,40%      |
| Falar Nordestino (SANTOS, 2018)                       | 5,00%     | 95,00%      |
| Falar Sulista <sup>5</sup> Região Centro Oeste (2022) | 23,64%    | 76,36%      |
| Falar Sulista Região Sul (2022)                       | 42,55%    | 57,45%      |

**Fonte:** Ribeiro e Isquerdo (2022, p. 179).

Ao analisar a tabela é possível identificar que os maiores percentuais de validação de respostas ocorrem nos falares paulista e sulista. Segundo as autoras: “destacam-se o Falar Paulista (Alencar, 2018) com aproveitamento de 45,60% das ocorrências e o Falar Sulista (Região Sul), dados estudados para este trabalho, com 42,55% de produtividade” (Ribeiro; Isquerdo, 2022, p. 179).

<sup>4</sup> Reproduzo aqui nota de rodapé incluída na tabela 01: “Alencar (2018), assim como Romano (2015), com base nos resultados de suas pesquisas como Tese de Doutorado, advogam a existência de um Falar Paulista no Estado de São Paulo com características distintas das demais unidades da Federação contempladas pela divisão do Falar Sulista (Nascentes, 1953)”.

<sup>5</sup> Reproduzo aqui nota de rodapé incluída na tabela 01: “O Falar Sulista (Nascentes, 1953) engloba parte do Estado de Minas Gerais, não contemplado neste estudo. No estudo ampliou-se a área do Falar Sulista contemplando toda a região Centro-Oeste (parte do Território incharacterístico (Nascentes, 1953)”

Ainda observando o baixo número de respostas para a pergunta 164 QSL/ALiB, concordamos com Santos (2020, p. 13), que alerta que “[...] para o estudo dialetal, o não dado é um material de pesquisa fundamental, pois fornece perspectivas diversas para investigações futuras sobre a língua falada”. Esse ponto de vista é digno de atenção e reforça a importância de analisarmos com maior cuidado as não-respostas neste tipo de pesquisa.

Outra consideração em relação a essa brincadeira é o fato de que os entrevistados indicaram várias denominações como resposta, dentre as quais alguns nomes que não fazem referência direta à brincadeira apresentada, como é o caso de *balança-caixão* e *passa-anel*, nomes recorrentes que poderiam se referir a outro entretenimento.

Por fim, nos debruçaremos aqui sobre as denominações cartografadas em Alencar (2018). Haja vista as respostas produtivas documentadas no trabalho analisado para a pergunta 164 QSL/ALiB, “Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço que deixa cair atrás de uma delas e esta pega a pedrinha, a varinha, o lenço e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?”, os dados resultaram em 89 ocorrências, sendo a resposta lenço-atrás a mais produtiva. Na sequência, o Quadro 2 indica o rol de variantes lexicais e respectivos agrupamentos realizados<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Para fins de computação da frequência, foram realizados agrupamentos que, em sua maioria, foram estabelecidos considerando os aspectos lexicais, fonéticos, morfológicos e processos associativos.

**Quadro 2:** Agrupamento de variantes que nomeiam "a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar as outras"

| <b>Variantes lexicais</b>                  | <b>Itens agrupados</b>  |
|--|---|
| <b>Lenço-atrás</b>                         | Brincar de lenço, brincadeira de lenço, corre atrás do lenço, corre-lenço, corrida do lenço, lenço-atrás, lenço-escondê, joga lenço/joga-lencinho, lenço que corra, lencinho branco/lenço branco, lencinho cor-de-rosa, passa-lenço, lencinho |
| <b>Corre-cotia</b>                         | Corre-cotia   |
| <b>Pato choco</b>                          | Pata choca, pato choco, patinho feio  |
| <b>Ciranda</b>                             | Ciranda, roda ciranda, brincar de roda, roda-roda   |
| <b>Esconde-varinha</b>                     | Esconde-varinha   |
| <b>passa-passa</b>                         | Passa-passa   |
| <b>Queimada</b>                            | Queimadinha, vai queimá   |
| <b>Ovo choco</b>                           | Ovo choco, bota ovo   |
| <b>Denominações com ocorrências únicas</b> | Serra-serra, põe-atrás, Maria-cega, gato e rato   |

**Fonte:** Alencar (2018, p. 306).

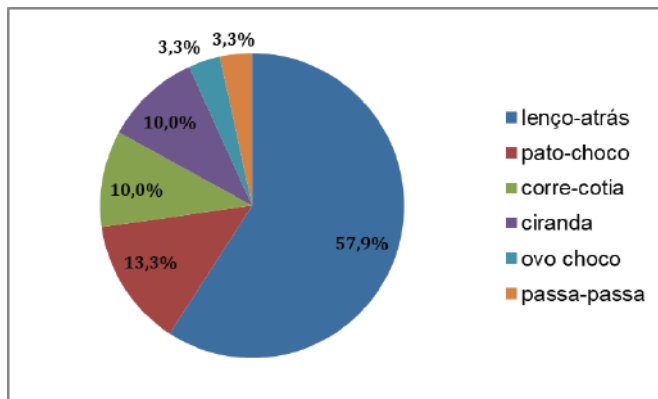
De acordo com a produtividade dos dados registrados no estudo, a denominação *lenço-atrás* (57,9%) foi a mais produtiva no interior de São Paulo<sup>7</sup> seguida por *pato-choco*, *corre-cotia*, *ciranda*, *ovo choco* (3,3%) e

<sup>7</sup> Na capital, a variante formada pela base lenço foi a única denominação produtiva.



*passa-passa*<sup>8</sup>. Veja no Gráfico 3 os percentuais de ocorrências relativas às variantes lexicais em análise.

**Gráfico 3:** Produtividade das denominações para brincadeira do “lenço-atrás” no interior de São Paulo

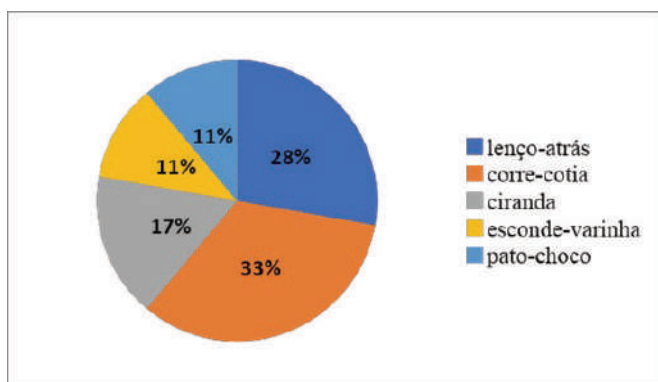


**Fonte:** Alencar (2018, p. 307).

Por sua vez, na área de controle, *corre-cotia* foi mais produtiva que lenço-atrás, no entanto, com valores percentuais bastante próximos, como atesta o Gráfico 4, na continuação.

<sup>8</sup> Ainda acrescidas a essas respostas, ocorreram cinco agrupadas como ocorrências únicas. Elas fazem referência aos entretenimentos infantis, porém, não aparentam ser a diversão especificamente contemplada pela questão 164/QSL/ALiB.

**Gráfico 4:** Produtividade das denominações para o “lenço-atrás” no conjunto da área de controle



**Fonte:** Alencar (2018, p. 309).

Conforme os dois últimos gráficos, notamos a alternância entre *lenço atrás* e *corre-cotia* entre as denominações mais produtivas. Também observamos as ocorrências de *pato choco* nos dados do estado de São Paulo e da área de controle. Na continuação, são discutidos os dados diatópicos levando em conta as denominações mais produtivas no estudo em questão.

### 3. Análise diatópica das denominações para “lenço-atrás”

De acordo com os dados visualizados nos gráficos, nota-se que a denominação *lenço-atrás* é a mais produtiva no estado de São Paulo, ocorrendo na maioria das localidades investigadas. Considerando os dados desse estado, o Quadro 3 resume as ocorrências das denominações mais produtivas para a pergunta em questão conforme as mesorregiões do estado de São Paulo.

**Quadro 3:** Denominações produtivas no interior do estado de São Paulo

| VARIANTES                   | Lenço-atrás | Corre-cotia | Pato choco | Ciranda | Passa-passa | Ovo |
|-----------------------------|-------------|-------------|------------|---------|-------------|-----|
| Araçatuba                   | X           |             |            |         |             |     |
| Araraquara                  | X           |             |            |         |             |     |
| Assis                       | X           |             |            | X       |             |     |
| Bauru                       | X           |             | X          | X       | X           |     |
| Campinas                    | X           | X           |            |         |             | X   |
| Itapetininga                | X           |             | X          |         |             | X   |
| Litoral Sul Paulista        | X           | X           |            | X       |             |     |
| Macrometropolitana Paulista | X           | X           |            |         |             |     |
| Marília                     | X           |             |            |         |             |     |
| Metropolitana de São Paulo  | X           | X           |            |         | X           |     |
| Piracicaba                  |             |             | X          |         |             |     |
| Presidente Prudente         | X           |             |            | X       |             |     |
| Ribeirão Preto              | X           |             |            |         |             |     |
| São José do Rio Preto       | X           | X           |            | X       |             |     |

**Fonte:** Elaboração da autora.

Haja vista os registros de *lenço-atrás*, nota-se maior quantitativo de ocorrências na região central do estado e sua ausência está localizada em algumas mesorregiões paulistas, como Ribeirão Preto, Piracicaba, Campinas e Vale do Paraíba Paulista. Por seu turno, o item lexical *corre-cotia* foi mais produtivo na região do Litoral Sul Paulista e na Metropolitana de São Paulo (dois registros), nas demais localidades paulistas em que ocorreu foi mencionada por apenas um informante por mesorregião.

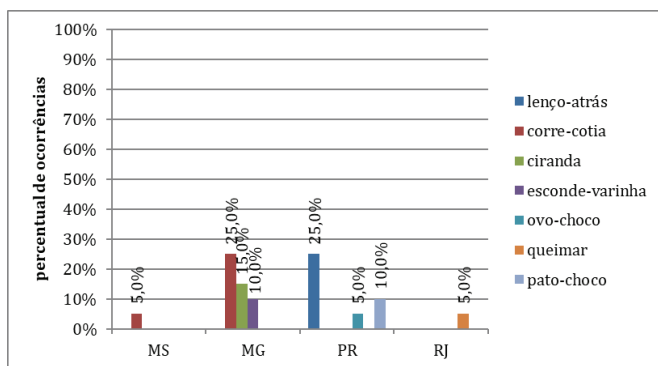
No que se refere ao item lexical *pato choco*, este foi registrado apenas em três mesorregiões paulistas: Bauru, Piracicaba e Itapetininga. Apesar de documentado em poucas localidades, ele foi fornecido por mais de um informante em Bauru (ponto 167), Piracicaba (ponto 172) e Ribeira (ponto 185). Entre as denominações consideradas produtivas no estudo, ainda se indica *ciranda*, que ocorre em diferentes mesorregiões do estado de São Paulo, porém, foi mencionada apenas uma vez em cada mesorregião.

Quanto ao item lexical *ovo choco*, ele foi fornecido como resposta nas mesorregiões paulistas de Campinas e Itapetininga, respectiva-

mente, nas localidades de Campinas (ponto 173) e Ribeira (ponto 185). Passa-passa, por seu turno, foi documentado nas mesorregiões de Bauru e Metropolitana de São Paulo, nas localidades de Botucatu (171) e Santos (184).

Tendo em mente os dados da área de controle, o Gráfico 5 indica as ocorrências de cada uma das denominações por estado e o percentual de produtividade das denominações obtidas na área assinalada.

**Gráfico 5:** Produtividade das denominações para o “lenço-atrás” segundo a unidade da federação/área de controle



**Fonte:** Alencar (2018, p. 309).

Verifica-se, ao examinar o Gráfico 5 que a pergunta foi mais produtiva no Paraná e em Minas Gerais, pois gerou maior número de respostas e, conseqüentemente, de denominações. De modo detalhado, observa-se que *lenço-atrás*, *pato-choco* e *ovo-choco* só foram indicadas por informantes das localidades do estado do Paraná; *corre-cotia* foi fornecida em Mato Grosso do Sul, *ciranda* e *esconde-varinha* foram registradas apenas em localidades mineiras e *queimar* foi registrado no Rio de Janeiro.

Ainda neste estudo, foram apontadas como ocorrências únicas as denominações indicadas no Quadro 4 acompanhadas de localidade/número do ponto e o perfil do informante que mencionou a variante:

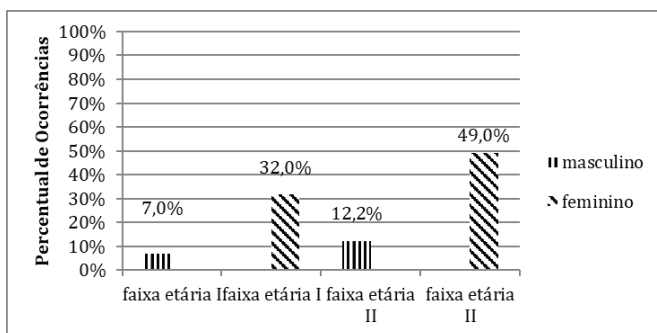
**Quadro 4:** Variantes com ocorrências únicas para a pergunta 164/QSL/ALiB, segundo a localidade e o perfil dos informantes

| RESPOSTA ÚNICA | LOCALIDADE – Ponto  | PERFIL DO INFORMANTE    |
|----------------|---------------------|-------------------------|
| Gato e rato    | Votuporanga-151     | Mulher, faixa etária I  |
| Maria-cega     | Ibitinga – 159      | Homem, faixa etária II  |
| Põe-atrás      | Caraguatatuba – 180 | Mulher, faixa etária II |
| Serra-serra    | Andradina – 155     | Mulher, faixa etária I  |

**Fonte:** Alencar (2018, p. 317).

Levando em conta a variação social das denominações produtivas, destacam-se os nomes cuja estrutura contém o formante lenço, como é o caso do agrupamento *lenço-atrás*. Essa denominação foi mais produtiva entre os informantes da faixa etária II, do sexo feminino, conforme atesta o Gráfico 6.

**Gráfico 6:** Realização das unidades léxicas agrupadas como “*lenço-atrás*” considerando as dimensões diasssexual e diageracional



**Fonte:** Alencar (2018, p. 319).

Ainda em relação aos aspectos sociais, informa-se que *corre-cotia* e *ciranda* foram mais produtivas na faixa etária I. Algumas denominações, como: *pato-choco*, *passa-passa*, *esconde-varinha*, *queimada* e *ovo choco*, evidenciam regularidade de registros quanto ao sexo dos informantes (50% para cada). Já em relação à faixa etária, o quadro foi outro: i) *pato-choco* alçou a mesma produtividade nas duas faixas de idades; ii) *passa-passa* e *queimada* foram produtivas apenas da faixa etária II e iii) *ovo choco* e *esconde-varinha* foram indicadas apenas por informantes da faixa etária I. Por sua vez, as denominações com ocorrências únicas foram mais produtivas entre as informantes do sexo feminino (60%) e da faixa etária I (60%). Tendo em vista os dados apontados, verifica-se que as variantes registradas como nomeação da brincadeira contemplada pela pergunta 164/QSL/ALiB foram mais produtivas entre as mulheres.

Na sequência, discutem-se as relações estabelecidas para validação das respostas e reflexões acerca do tema.

#### **4. Reflexões sobre a validação das respostas e possíveis motivações**

Para fins de validação das respostas, as variantes fornecidas foram agrupadas segundo processos associativos observados quando da obtenção das respostas e também por motivação do próprio texto da pergunta. Tendo em vista a pergunta selecionada, foram realizados três agrupamentos, respectivamente, brincadeiras de modo geral, objetos mencionados e ação desempenhada no ato de brincar. Veja o Quadro 5.

---

<sup>9</sup> Outros objetos para além do lenço, é o caso de *varinha* e *ovo*, ambos relacionados a um verbo que indica uma ação (esconder) e (chocar).

<sup>10</sup> Ação que pode ser utilizada na brincadeira, no caso: *passa-passa*.

**Quadro 5:** Distribuição das denominações para “lenço-atrás”, segundo a motivação da pergunta

| Pergunta  | Classificação | Característica   | Denominações   |
|---|---------------|--|--|
| Como se chama uma brincadeira   | Brincadeiras  | Qualquer tipo de brincadeira (caráter geral)                               | Corre-cotia<br>Ciranda<br>Bobinho<br>Passa-anel<br>Queimadinha<br>Pato choco |
| [...] enquanto uma outra vai passando com uma pedrinha, uma varinha, um lenço | Objeto        | Qualquer objeto usado na brincadeira enquanto as crianças ficam em círculo | Esconde-varinha <sup>9</sup><br>Ovo choco<br>Lenço                           |
| [...] Pega o objeto - e sai correndo para alcançar aquela que deixou cair?    | Ação          | Ação passível de realização durante a brincadeira solicitada               | Passa-passa <sup>10</sup>  |

**Fonte:** Alencar (2018, p. 321).

Tendo em conta os agrupamentos do Quadro 5, especificamente os elementos que fazem referência a objetos usados na execução das brincadeiras, destacam-se as denominações que tratam do item lexical “lenço”. Na sequência, no Quadro 6, visualizam-se algumas relações estabelecidas com esse item lexical.

**Quadro 6:** Distribuição das variantes formadas a partir do item lexical “lenço”, segundo a motivação ou possível associação realizada pelo informante

| Classificação | Processo associativo       | Denominação   |
|---------------|----------------------------|---|
| Lenço         | Ação + lenço<br>lenço+ação | Brincar de lenço, corre atrás do lenço, corre-lenço, jogar lenço, joga-lencinho, lenço que corra, lenço-esconde |
|               | lenço+lugar                | Lenço-atrás, lenço na mão,  |
|               | lenço+cor                  | Lencinho branco, lenço branco, lencinho cor de rosa   |
|               | lenço (geral)              | Corrida do lenço, brincadeira de lenço  |

**Fonte:** Alencar (2018, p. 321).

O Quadro 6 indica diferentes processos associativos com o uso do item lexical “lenço” que ora se relacionam com uma ação ou execução da brincadeira (ação+lenço ou lenço+ação), ora com um local em que está o objeto da brincadeira (lenço+lugar), ora ligados a alguma cor (lenço+cor) ou usados ainda de forma genérica (lenço geral).

Para a composição dos quadros e também para a validação das respostas ainda foram consultadas obras lexicográficas de diferentes épocas. Segundo Alencar (2018, p. 322), “[...] embora esse procedimento, em especial nessa pergunta, não tenha sido muito frutífero tanto considerando os dicionários mais antigos quanto os mais recentes<sup>11</sup>”. Sob outro ângulo, algumas obras mais genéricas e informações prestadas por informantes foram bastante proveitosas para a validação das denominações obtidas. Primeiramente, destacamos a obra de Friedmann (2014), que apresenta um rol de nomes para brincadeira, uma breve descrição e a menção de música acompanhando a atividade:

---

<sup>11</sup> Ao observar o trabalho produzido por Alencar (2018), verifica-se que as acepções apresentadas em sua maioria não fazem menção direta à brincadeira, o que demonstra que a consulta aos dicionários não foi determinante para a validação das denominações obtidas no trabalho. Essa percepção também foi defendida por Ribeiro (2012, p. 364) no estudo do falar baiano. Segundo a autora, “a pesquisa lexicográfica empreendida para reconhecer as definições sobre a atividade lúdica resultou consideravelmente reduzida [...]. O registro de chicotinho-queimado em dicionários de língua portuguesa, em geral, não traz a versão da brincadeira que se realiza em roda e que se pretende obter com a pergunta 164 (QSL). Outras obras e informações prestadas por parte do informante foram fundamentais para a validação desses dados.



## Quadro 7: Descrição da brincadeira do “lenço-atrás”

### Lenço atrás

(Corre-cotia, lenço, lencinho branco, lenço na mão, que lenço)

3 ou mais jogadores.

Ao ar livre.

Lenço.

Dispõem-se os jogadores em círculo, voltados para o centro e ligeiramente afastados uns dos outros. Escolhida por sorte, uma criança permanecerá fora do círculo e segurará um lenço. Dado o sinal de início, o jogador de posse do lenço corre ao redor do círculo com o fim de deixá-lo cair atrás de uma das crianças. Enquanto a criança corre, as do círculo, de olhos fechados, vão cantando:

“Corre cotia  
na casa da tia  
Corre cipó  
na casa da vó  
lencinho na mão  
caiu no chão  
moça bonita  
do meu coração  
posso jogar?  
Pode!”

Se a criança atrás de quem for deixado o lenço perceber que está ali, deverá apanhá-lo e sair correndo atrás do jogador que o deixou cair, procurando prendê-lo antes de ocupar o lugar vago. Se o perseguidor for preso ficará 'choco', indo para o centro do círculo, onde permanecerá sentado. O jogador que ficar de posse do lenço continuará correndo em torno do círculo e repetirá a ação inicial. O jogo termina com a substituição do primeiro corredor.

Observações:

- \* o jogador 'choco' voltará a ocupar um lugar no círculo quando for substituído por um companheiro;
- \* os jogadores deverão deixar o lenço sem tocar no companheiro;
- \* o jogador que avisar o companheiro da deixada do lenço, ficará 'choco',
- \* os jogadores que não perceberem a deixada do lenço também ficarão chocos.

**Fonte:** Friedmann (2014, p. 55-56).

Além da lista de nomes para a brincadeira, nota-se também a presença do “choco” na descrição do entretenimento infantil, o que também corrobora a validação de denominações como *ovo-choco* ou *pato-choco*. Ainda com a ideia da função desempenhada em “choco”, Alencar (2018, p. 327) aproxima outras denominações obtidas, como “[...] *bobinho e pato-choco*, ambos por serem compreendidos como ímenos espertos/ingênuos e, conseqüentemente, serem aprisionados durante a brincadeira”.

Em Friedmann (2014) ainda temos a referência à canção proferida pelas crianças. Essa situação se repete na escuta dos inquiridos do interior do estado de São Paulo. O Quadro 8 mostra quatro grupos de versos/trechos de canções proferidas pelos informantes quando do fornecimento de respostas para a questão 164/QSL/ALiB e comentários sobre as versões apresentadas.

**Quadro 8:** Versões da música cantada na execução da brincadeira “lenço-atrás” conforme informações prestadas pelos informantes

| VERSÕES          | DESCRIÇÃO   | TRAÇOS COMPARATIVOS /<br>DISTINTIVOS  |
|------------------|---|---|
| <b>Versão 01</b> | INF.- É, assim, oh, corre cotia na casa da tia, corre cipó na casa da vó, lencinho na mão caiu no chão, posso corrê? Pode! <sup>12</sup> (Sorocaba – ponto 178 – informante do sexo feminino, faixa etária I).  | Elementos comuns: corre-cotia (ação), lenço (objeto) e a casa da vó (local).  |
| <b>Versão 02</b> | INF.- É corre cotia... "corre cotia na casa da tia, corre cipó na casa na vó, eu tenho um cachorrim chamado Totó, ele é bonitim de uma perna só." (risos) Aí conta, né, de um, de dois, de três (Mococa - ponto 160 – informante do sexo feminino, faixa etária I). | Elementos comuns: corre-cotia (ação), lenço (objeto) e a casa da vó (local).<br>Acréscimo do cachorro Totó e suas particularidades na história. |
| <b>Versão 03</b> | “lenço que corre.” (inint) “corra já”. “Lenço que corre.” “Corre já” (Bernardino de Campos – ponto 170 – informante do sexo feminino, faixa etária II).   | Elemento comum: verbo correr (ação).<br>Ausência de animal e inserção de objeto. A ação é executada pela pessoa que está com o lenço.           |
| <b>Versão 04</b> | Pato choco, tá gorado! Pato choco, tá gorado! (Adrianópolis, ponto 216, informante do sexo feminino, faixa etária II).  | Sem semelhança com as demais versões e acresce a presença do animal pato e característica dos ovos.   |

**Fonte:** Alencar (2018, p. 327).

Ao compararmos as versões, verificamos elementos coincidentes tanto em Friedmann (2014) quanto nas versões indicadas pelos informantes. Verbos de ação, inserção de diferentes animais no fragmento parecem ser um traço comum às versões, exceto a 03, em que a

<sup>12</sup> A informante prossegue com a seguinte descrição da brincadeira: “daí joga o lencinho, daí a pessoa fala: quantas voltas? Deiz voltas, tem que corrê deiz volta daí ‘cê joga o lencinho”.

presença do animal é substituída pela de um objeto (conforme mencionado no texto da pergunta).

Além da referência às canções, as informações prestadas pelos informantes são ricas e trazem opiniões sobre a permanência ou não da brincadeira no cotidiano infantil de épocas mais recentes. Elencamos dois fragmentos retirados das entrevistas que apresentam diferentes pontos de vista<sup>13</sup>.

i) Informante que afirma que a brincadeira ainda está presente na atualidade:

“INQ. Vocês cantavam uma musiquinha?/

INF. Cantava e hoje as criança canta na escola tamém”  
(Mococa - ponto 160 – informante do sexo feminino, faixa etária I).

ii) Informante que afirma que a brincadeira não é mais comum na atualidade:

INQ- Brincou bastante?

INF- Nossa, e como!

INQ- Hoje em dia as crianças não brincam mais.

INF- Não (inint) (Sorocaba - Ponto 178, informante do sexo feminino, faixa etária I).

Ainda considerando as denominações validadas neste trabalho, selecionamos outros fragmentos de transcrição que contribuíram para o processo de validação. Veja o Quadro 9:

---

<sup>13</sup> Os dois fragmentos indicam pontos distintos em relação à existência da brincadeira, apesar de contraditórios. Optamos por incluir essa reflexão devido ao caráter particular da questão analisada.

**Quadro 9:** Nomes indicados e justificados pelo informante como denominações para a brincadeira relativa à questão 164/QSL/ALiB

| Denominação              | Fragmento   | Informante   |
|--------------------------|---|--|
| Serra-serra              | <p>INF.- Serra-serra.<br/>                     INQ.- Aí joga o lenço atrás de uma, aí tem que levantar e...<br/>                     INF.- E correno atrás dela.<br/>                     INQ.- E correr atrás dela. [...]<br/>                     INF.- Serra-serra.<br/>                     INQ.- Serra-serra?<br/>                     INF.- Isso. Que você senta num... é, sentado, porque esse é sentado... senta na rodela, na roda assim, aí se a pessoa pará no cê (?=você), não, parô na sua colega, aí sua colega sai correno atrás dele, aí ele senta no lugar e depois ela começa de novo, né?<br/>                     INQ.- É, é esse mesmo.<br/>                     INF.- É esse memo.<br/>                     INQ.- Serra-serra?<br/>                     INF.- Serra-serra (1).</p>  | Andradina (155) informante do sexo feminino, faixa etária I              |
| Ovo choco                | <p>INF.- Éh... ovo choco. Num sei, acho que é esse nome.<br/>                     INQ.- Ovo choco?<br/>                     INF.- É.<br/>                     INQ.- Aí ela dexa atrás de um, né? Aí o que esse um faz? Quando ele descobre...<br/>                     INF.- Sai correno atrás pra pegá</p>   | Campinas (173) informante do sexo feminino, faixa etária I.              |
| Patinho feio             | <p>INQ.- E? Como é que é?<br/>                     INF.- Uma que vai assim eh... põe um lencinho assim, aí vai bateno, patinho, patinho, patinho, patinho feio. Aí você vai correno, tem que sentá no lugar do outro, primeiro que ele, se não ele vai, "patinho feio, vai pro meio", é, essa brincaderinha eu lembro, dá creche.<br/>                     INQ.- E usa o quê? Um lenço, uma pedrinha?<br/>                     INF.- Tipo assim. Ou é um lenço, que 'cê vem correno assim atrás e põe. Ou então, ele vai bateno na cabeça, patinho, patinho, patinho, patinho feio, aí na hora que ele bater o outro levanta correno atrás dele. Ele tem que dá uma volta na roda, pode ficar zuano na cara dele, ficá correno, num pode sai da roda, né, aí ele tem que sentá no lugar da pessoa que tá correno atrás dele.<br/>                     INQ.- Brincou bastante, né?<br/>                     INF.- Brinquei, nossa! Essa brincadeira é gostosa.</p> | Bauru (167) informante do sexo masculino, faixa etária I                 |
| Passa-anel <sup>14</sup> | <p>INF.- É o... <u>passa lenço</u>, <u>passa anel</u>, né? INQ. É o passa-lenço então?<br/>                     INF. Lenço ou se é outro objeto. ... é o passa-anel</p>   | Bernardino de Campos (167) informante do sexo masculino, faixa etária II |

**Fonte:** Elaboração da autora com base nas audições dos inquiridos do Projeto ALiB.

<sup>14</sup> O informante indica que o nome da brincadeira é “passa-anel”, porém, o nome da brincadeira é condicionado ao uso do objeto, ou seja, ao alterar o objeto, pode haver mudança de nome.

Verifique que, nos trechos selecionados, em sua maioria, também são realizadas diferentes formas de associações no processo de validação das respostas. Um desses casos é o uso dos distintos objetos (lenço, anel, varinha), que parecem causar no informante uma possibilidade de combinação entre o objeto e um verbo, o que resulta em uma nova variante para denominar o solicitado na questão 164/QSL/ALiB.

Por fim, no processo de validação dos dados e das reflexões propostas neste estudo, trazemos um quadro proposto por Alencar (2018), que traz as denominações obtidas em três trabalhos realizados com dados do Projeto ALiB e que analisam a questão 164 do questionário semântico-lexical. Os trabalhos consultados foram:

- *Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano*, produzido como Tese de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística na Universidade Federal da Bahia por Silvana Soares Costa Ribeiro, sob orientação da profa. Dra. Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso, em 2012.
- *O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB* produzido como Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul por Danyelle Almeida Saraiva Portilho, sob orientação da profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo, em 2013.
- *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense* produzido como Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística na Universidade Federal da Bahia por Leandro Almeida dos Santos, sob orientação da profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro, em 2016.
- *O léxico dos jogos e diversões no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordeste* produzido como Dissertação de Mestrado

no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística na Universidade Federal da Bahia por Grazielle Ferreira da Silva Santos, sob a orientação da profa. Dra. Silvana Soares da Costa Ribeiro, em 2018.

Segundo Alencar (2018, p. 330), os trabalhos listados “demonstraram alto percentual de ausências de respostas e grande quantidade de variantes com poucas ocorrências”. O Quadro 10 traz uma síntese dos resultados dos trabalhos realizados com os dados do ALiB, acrescidas as denominações obtidas no estudo do *Léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo*, identificado no quadro como “falar paulista”.

No Quadro 10 alguns dados chamam atenção, entre eles o alto número de ocorrências únicas registradas, o uso de verbos indicando ação e, de forma particular, alguns nomes que se encontram duplicados, como: corre-corre (falar amazônico, 2013); roda-roda (falar fluminense, 2016) e serra-serra, no “falar paulista”<sup>15</sup>.

Ainda para fins de comparação, registramos as cartas que foram produzidas nos trabalhos dialetais em estudos próximos à localidade paulista e as denominações produtivas obtidas nesses estudos com intuito de realizar um breve comparativo com os dados cartografados para a brincadeira em questão nos respectivos trabalhos. São eles: i) os atlas linguísticos: de Minas Gerais (Ribeiro et al, 1977, s/p) e da Região Sul (Koch; Altenhofen; Klasmann, 2011), Topodinâmico do Oeste de São Paulo (Santos-Ikeuchi, 2014) e o estudo sobre o Falar Fluminense<sup>16</sup> (Santos, 2016). Veja o Quadro 11 que sintetiza as cartas produzidas nos trabalhos e as denominações cartografadas.

---

<sup>15</sup> Considerando a capital, ainda foram registradas as variantes: pega-pega e esconde-esconde.

<sup>16</sup> Falar Fluminense faz referência à dissertação de mestrado intitulada *Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense*, já identificada anteriormente. O trabalho é indicado no quadro devido à proximidade geográfica ao estado de São Paulo, buscando, assim, uma melhor visualização das informações das regiões limítrofes.

**Quadro 10:** Comparação entre as denominações obtidas para a questão 164 QSL/ALiB nos estudos sobre os falares das regiões dialetais brasileiras (Nascentes, 1953)

|  | <b>Falar Baiano (2012)</b>  | <b>Falar Amazônico (2013)</b>  | <b>Falar Fluminense (2016)</b>   | <b>Falar Paulista (2018)</b>  | <b>Falar Nordestino (2018)</b>  |
|--|---|--|--|---|---|
| <b>Denominações mais produtivas</b>        | Chicotinho-queimado<br>Ciranda<br>ciranda-cirandinha<br>Corre-cutia/la coxia<br>Roda  | Má cochila<br>Corre-cotia<br>Chicote-queimado/<br>Chicotinho-queimado<br>Cipó-queimado   | Corre-cotia<br>Chicotinho-queimado<br>Ovo-choco                                    | Lenço<br>Corre-cotia<br>Pato choco<br>Ciranda<br>Passa-anel<br>Esconde-varinha<br>Passa-passa<br>Bobinho<br>Queimada<br>Ovo | Batata quente<br>Brincadeira do lenço<br>Lenço atrás<br>Chicote-queimado<br>Queimado<br>Cipó-queimado |
| <b>Denominações com Ocorrências Únicas</b> | Berlinda<br>Brincadeira do grilo<br>Brincadeira do lenço<br>Camaleão<br>fogo queimô<br>Galho seco<br>Garrafão<br>Ovo choco<br>Queimado<br>Sapatinho atrás | Galinha choca<br>Galinha do vizinho<br>Ovo choco<br>Pira cola<br>Sapato da Mariquinha<br>Berlinda roda<br>Brincadeira de roda<br>Ciranda<br>Brincadeira do grilo<br>Brincadeira da garrafa<br>Gato e rato<br>Cai no poço<br>Pé de chinelo/<br>Pata cega<br>Corre-corre | Ovo-amarelinho<br>Galho-seco<br>Rabo<br>Roda-roda<br>Pega lenço<br>Maria Chiquinha | Serra-serra<br>Põe-atrás<br>Maria cega<br>Gato e rato<br>Pega-pega<br>Esconde-esconde                                       | Brincar de roda<br>Bombaquim<br>Alô bandeira<br>La cochia<br>Vovozinha                                |

**Fonte:** Ribeiro e Isquerdo (2022, p. 180) com base em Alencar (2018, p. 346)<sup>17</sup>.

<sup>17</sup> Quadro adaptado por Ribeiro e Isquerdo (2022) com a seguinte legenda/fonte: “Adaptação do Quadro 59 de Alencar (2018, p. 346), pelas autoras deste trabalho, com inclusão dos dados de Santos (2018, p. 174) – Falar Nordestino”.

**Quadro 11:** Quadro síntese sobre cartas produzidas e denominações cartografadas nos trabalhos dialetais

| Trabalhos/atlas  | Lenço-atrás          | Corre-cotia | Esconde varinha | Ovo choco | Denominações cartografadas   |
|--|----------------------|-------------|-----------------|-----------|--|
| Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais – carta 36 (Ribeiro <i>et al</i> , 1977, s/p)                           |                      |             | X               |           | Chicotinho queimado  |
| Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo – carta 084 (Santos-Ikeuchi, 2014, p. 303)                        | X <sup>18</sup> [18] |             |                 |           |  |
| Brincando no Falar fluminense (Santos, 2016, p. 164)   |                      | X           |                 | X         | Corre-cotia, chicotinho queimado e ovo choco                           |
| Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul - carta 309 – chicote queimado (Koch; Altenhofen, Klassmann, 2011, p. 711) | X                    |             |                 | X         | ovo-choco, ovo-podre, ovo, lenço-atrás-chicote-queimado, galinha-choca |

**Fonte:** Elaboração da autora.

O Quadro 11 identifica os trabalhos que geraram cartas para a brincadeira em questão nos trabalhos dialetais produzidos no interior de São Paulo ou nos estados limítrofes com essa unidade federativa. Nota-se que esses trabalhos geraram poucas cartas para a brincadeira do lenço-atrás e, mais uma vez, reforçam um baixo número de denominações cartografadas.

Por fim, após a reflexão proposta aqui sobre o processo de nomear a brincadeira “lenço-atrás”, salientamos que a perspectiva buscou exclusivamente discutir os dados referentes ao estado de São Paulo e tecer considerações sobre a temática dos brinquedos. Corroboramos o pensamento de Ribeiro e Isquerdo (2022) no que tange à ampliação dos possíveis mecanismos associativos, pois “consistem em frutos de uma re-

<sup>18</sup> Lencinho na mão e lencinho branco (ocorrências únicas).



flexão preliminar acerca do assunto, configurando-se como um possível caminho para a compreensão da rica diversidade de criações lexicais a exemplo da identificada em relação à temática aqui abordada” (Ribeiro; Isquerdo, 2022, p. 192).

### **Considerações finais**

Com base nos dados discutidos e na relevância do léxico de brinquedos e brincadeiras infantis, este estudo, que tratou sobre a descrição do léxico de jogos e diversões infantis e explorou a brincadeira “lenço atrás” na perspectiva espacial, teve como objetivos: discutir sobre as denominações obtidas para a pergunta 164/QSL/ALiB; refletir sobre possíveis motivações no processo de nomear a diversão; realizar algumas comparações sobre diferentes estudos que cartografaram dados sobre a brincadeira e tratar sobre o alto número de abstenção para a questão analisada.

No estudo sobre o léxico dos brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo, as não-respostas atingem 52,95% dos informantes, abstenção que se repete de forma ainda mais acentuada nos diferentes estudos realizados sobre os entretenimentos infantis com dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Muito provavelmente esses dados podem ser justificados pela “[...] realidade social do mundo moderno em que, por questões de segurança, a prática das brincadeiras infantis em espaços abertos como ruas e praças cedeu lugar para atividades recreativas em espaços fechados considerados mais seguros” (Ribeiro; Isquerdo, 2022, p. 178).

Ainda sobre os dados discutidos, conclui-se que, entre os perfis com maior grau de abstenção, estão os representados pelos informantes do sexo masculino, faixa etária I (32,40%). Em relação às denominações obtidas neste estudo, registram-se as respostas variadas associadas a no-

mes de brincadeiras, objetos ou ações executadas, além de se relacionarem, paralelamente, a elementos contemplados no texto da pergunta. Enfatizamos que as motivações, comentários e canções fornecidas pelos informantes foram fundamentais para a validação dos dados obtidos e que, por sua vez, as obras lexicográficas não foram fontes tão produtivas para esse processo.

Por fim, cabe informar que, na região selecionada para este estudo, entre as variantes mais produtivas, destacam-se as formadas a partir da base lenço, agrupadas, neste estudo, como *lenço-atrás*, dados esses que se diferem dos obtidos em outras regiões brasileiras analisadas, como é o caso de *chicotinho-queimado* (Ribeiro, 2012), *má-cochila* (Portilho, 2013), *corre-cotia* (Santos, 2016) e *chicote-queimado* (Santos, 2018).

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALENCAR, Beatriz A. **O léxico de brinquedos e brincadeiras infantis no estado de São Paulo**. 2018, 617 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/ UFMS, Três Lagoas, 2018.

ALTINO, Fabiane Cristina. **Atlas Linguístico do Paraná II**. 2007, 691f. 2 v. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ARIËS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1986.

AULETE, Francisco J. Caldas; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. **Aulete Digital**: Dicionário Contemporâneo de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2006. Disponível em: <<http://aulete.com.br/>>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Língua Portuguesa**, São Paulo, Humanitas Publicações/ FFLCH/ USP, n. 02, 1998, p. 81-118.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: áulico, anatômico, architectonico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.

CÂMARA CASCUDO, Luis. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Editora Global, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Geolinguística**: Tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Cartas Linguísticas. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: Questionários 2001. 2 ed. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.

FRIEDMANN, Adriana. A arte de brincar: brincadeiras e jogos tradicionais. Petrópolis: Vozes, 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002. 1 CD-ROM.

PORTILHO, Danyelle Almeida Saraiva. **O falar amazônico: uma análise da proposta de Nascentes (1953) a partir de dados do Projeto ALiB.** 2013. 155 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2013.

POTTIER, Bernard. *Presentación de la linguística: Fundamentos de una teoría.* Madrid: Ediciones Alcala, 1968.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Objetivos. Disponível em: <https://alib.ufba.br/content/objetivos>. Acesso em: 15 mai. 2023

RIBEIRO, José et al. **Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1977.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedos e brincadeiras infantis na área do Falar Baiano.** 2012. 752 p. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa; ISQUERDO, Aparecida Negri. Denominações para "corre-cutia", "lenço-atrás" e "chicotinho-queimado" na área do falar sulista (Nascentes, 1953) - Dados do ALiB. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade Aguilera; ALTINO, Fabiane Cristina Altino; RAMOS, Conceição de Maria Araújo (Orgs.). **Estudos dialetais brasileiros e europeus** [recurso eletrônico]: uma homenagem a João Saramago. Campo Grande: Ed. UFMS, 2022, p. 169- 194.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência.** Rio de Janeiro: Ed. Livraria Acadêmica, 1969.

SANTOS-IKEUCHI. Ariane Cardoso dos. **Atlas Linguístico Topodinâmico do Oeste de São Paulo.** 2014. 364f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SANTOS, Grazielle Ferreira da Silva. **O léxico dos jogos e Diversões no corpus do Projeto ALiB: visitando o Falar Nordestino**. 2018. 208 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2018.

SANTOS, Leandro Almeida dos. **Brincando pelos caminhos do Falar Fluminense**. 2016. 197 p. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, Leandro Almeida dos. As não respostas e as fronteiras dialetais brasileiras: possíveis caminhos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n.3, e 190, p. 1-19. Set-dez/20.

# A CONCORDÂNCIA VERBAL COM O PRONOME NÓS NA FALA MARANHENSE

Elimária Oliveira Lima<sup>1</sup> [1]

## Introdução

Para Espínola e Hora (2004), o fenômeno da concordância verbal (CV) é um dos campos mais abertos e intrigantes da pesquisa sociolinguística, tendo em vista que as normas estabelecidas pela Gramática Tradicional nem sempre correspondem ao seu uso pelo falante.

No que tange à primeira pessoa do plural (1PP), no falar brasileiro, encontramos ocorrências como **nós** *anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos)* e ocorrências como a **gente** *anda(mos)/escreve(mos)/vai(mos)*. Para Zilles, Maya e Silva (2000), apesar da intercambialidade entre as duas formas pronominais, as autoras argumentam que no fator concordância existe grande diferença entre a realização de *nós* e a *gente*. Este último quase sempre satisfazendo as regras de concordância, enquanto o primeiro realiza-se, predominantemente, sem obedecer a esse fator.

Dentre os pesquisadores que já desenvolveram estudos sistemáticos sobre a variação da concordância verbal no português brasileiro, destacamos Benfica (2016), com dados de fala do Espírito Santo, Rubio (2012), com amostra de São Paulo, Monguilhott (2009), com falantes de Santa Catarina, Carmo (2016), com dados da Bahia, entre outros.

Partindo do que Labov (2008 [1972]) chama de *Paradoxo Cumulativo*, que preconiza que, quanto mais se sabe sobre uma língua, mais se pode descobrir sobre ela e que ainda há muito por se investigar para

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com o apoio de Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

compreender a dinâmica e a sistematicidade do fenômeno linguístico da CV no português brasileiro, é que propomos expandir a análise da marcação de plural no sintagma verbal na fala maranhense, avaliando as dimensões linguística e social da variação.

Tendo em vista que este texto trata de uma pesquisa ainda em andamento sobre a CV de 1PP na fala maranhense, focalizamos unicamente o pronome nós, tomando como base os pressupostos da Teoria Variacionista propostos por Labov (2008 [1972]), com o objetivo de responder às seguintes questões: qual a frequência de uso da alternância da concordância verbal com o pronome *nós* na fala maranhense e como os grupos de fatores linguísticos e sociais atuam na variação?

A amostra é constituída por 12 entrevistas estratificadas a partir das variáveis sexo, escolaridade, faixa etária e localidade. Para a análise quantitativa, o processamento dos dados foi realizado eletronicamente empregando-se o programa computacional GoldVarbX e, após esta etapa, estes foram analisados qualitativamente a partir das variáveis linguísticas e extralinguísticas propostas. Para Gatti (2002) quantidade e qualidade não estão dissociadas na pesquisa, na medida em que de um lado a quantidade é uma tradução, um significado que é atribuído à grandeza com que um fenômeno se apresenta e, do outro lado, ela precisa ser interpretada qualitativamente, pois sem relação a algum referencial não há significação em si.

## **1. Quadro teórico-metodológico**

Para a construção deste capítulo utilizamos uma amostra constituída por doze inquéritos, sendo oito deles provenientes do banco de dados do projeto ALIMA (Atlas Linguístico do Maranhão) e quatro obtidos pela pesquisadora. Tal conjunto de dados encontra-se organizado na seguinte dimensão de estratificação: faixa etária (18 a 30 anos e 50 a 65

anos), sexo (masculino e feminino), escolaridade (Ensino Fundamental e Ensino Superior) e localidade (São Luís e Barra do Corda).

**Quadro 1:** Perfil dos informantes maranhenses

| Faixa etária/<br>Sexo<br>Escolaridade/<br>Localidade |            | 18 a 30 anos |          | 50 a 65 anos |          |
|--|------------|--------------|----------|--------------|----------|
|  |            | Masculino    | Feminino | Masculino    | Feminino |
| Barra do Corda                                       | Ens. fund. | 1            | 1        | 1            | 1        |
|  | Ens. sup.  | 1            | 1        | 1            | 1        |
| São Luís   | Ens. fund. | 1            | 1        | 1            | 1        |
|  | Ens. sup.  | 1            | 1        | 1            | 1        |
| <b>Total</b>   |            | <b>12</b>    |          |              |          |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Como mostra o Quadro 1, são analisadas quatro variáveis sociais. Além dessas, são analisadas também as variáveis linguísticas saliência fônica, tempo e modo verbal, explicitude do sujeito e paralelismo linguístico.

A análise estatística dos dados foi realizada através do programa computacional Goldvarb (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), que opera com grande número de dados permitindo o cruzamento destes para indicar os fatores mais relevantes no condicionamento da variação.

Apesar de na Sociolinguística Variacionista lidarmos com uma grande quantidade de dados de usos da língua, o que requer normalmente uma análise estatística, Guy e Zilles (2007) afirmam que as pesquisas nesta área não têm por objetivo fornecer números, mas identificar e explicar os fenômenos linguísticos variáveis presentes em determinada



comunidade de fala. Dessa forma, após a análise quantitativa dos dados, estes precisam ser analisados qualitativamente e interpretados a partir das variáveis linguísticas e extralinguísticas propostas pelo pesquisador.

## 2. Descrição e análise preliminar dos resultados

As variantes analisadas foram agrupadas em dois grupos: *nós* com concordância e *nós* sem concordância. Amalgamamos em um grupo as ocorrências de concordância padrão (*nós* + *-mos*, (conf. 01 e 02)) e não-padrão (*nós* + *-emo*, *-amo* (conforme 03 e 04)) tendo por critério a presença da marca de plural, e as ocorrências sem concordância (*nós* + 3PS (conf.05 e 06)) em outro grupo, dado o emprego do verbo no singular.

1 – **Nós temos** um amigo que trabalhou há muito tempo com minha mãe. (Informante 8, Feminino, 18 a 30anos, Ensino Superior, São Luís).

2 – **Nós somos** sete do segundo casamento da minha mãe. (Ø) **somos** dois homi e cinco mulher (Informante 1, Masculino, 18 a 30 anos, Ensino fundamental, São Luís).

3 –Desde a hora que **nós cumecemos** cunversá. (Informante 10, Feminino, 18 a 30 anos, Ensino Fundamental, Barra do Corda).

4 – **Nós combinamo** assim e assim em tal lugá. (Informante 12, Feminino, 50 a 65 anos, Ensino Fundamental, Barra do Corda).

5 – Pra nós, aqui **nóis chama** é sereno. (Informante 9, Masculino, 18 a 30anos, Ensino Fundamental, Barra do Corda).

6 – **Nóis sai** (Ø) seis e mēa, **chega** (Ø) onze hora da manhã. (Informante 9, Masculino, 18 a 30 anos, Ensino Fundamental, Barra do Corda).

## 2.1 A variável dependente

Segundo Labov (2008 [1972]), uma variável linguística é o ponto em que se igualam pelo menos duas formas da língua denominadas de variantes, ou seja, duas maneiras diferentes de dizer a ‘mesma coisa’. Variantes, por sua vez são as formas, as possibilidades linguísticas que disputam pela expressão da variável, neste caso, a desinência verbal (-*mos* ou  $\emptyset$ ) que acompanha o pronome de primeira pessoa do plural *nós*.

Na análise preliminar dos dados, obtivemos um total de 185 ocorrências do pronome nós, sendo 120 com concordância (desinência de primeira pessoa do plural) e 65 sem concordância (desinência de terceira pessoa do singular), correspondendo aos percentuais indicados na Tabela 1.

**Tabela 1:** Realizações da concordância verbal com o pronome nós na fala maranhense

|                       | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|-----------------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|                       | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Número de ocorrências | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Em relação à forma verbal de 1PP concordante com o pronome nós, com base nos resultados obtidos nesta pesquisa, bem como nos resultados encontrados por Foeger (2014) em Santa Leopoldina-ES e os encontrados por Rubio (2012) em São José do Rio Preto-SP com percentuais de 47,5% e 85,5%, respectivamente, é possível afirmar que o fenômeno se atesta como variável nas diferentes comunidades, com amplitudes maiores ou menores de emprego das formas verbais de 1PP.

### 3. Variáveis sociais

#### 3.1 Localidade

Scherre (2005) explica que para o entendimento do fenômeno da falta de concordância da pessoa gramatical entre o verbo e o sujeito as variáveis sociais são muito importantes, sobretudo o grau de escolaridade e o contraste rural-urbano. Considerando os aspectos sociais e geográficos das duas cidades estudadas, selecionamos o fator localidade como possível condicionador da alternância de uso dos pronomes de 1PP.

Ao controlarmos a variável localidade, obtivemos os seguintes resultados:

**Tabela 2:** Realizações da concordância verbal com o pronomes nós na variável localidade

|                | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|----------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|                | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| São Luís       | 84/92                       | 91,3 | 8/92                        | 8,7  |
| Barra do Corda | 36/93                       | 38,7 | 57/93                       | 61,3 |
| <i>Total</i>   | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Com percentuais bastante distintos entre as duas localidades – São Luís e Barra do Corda – fica evidente a importância desta variável no estudo da variação do fenômeno de CV. Em Barra do Corda o uso do nós sem o morfema de 1PP, dentro da própria comunidade, talvez não carregue o mesmo estigma que na capital, e por isso os falantes, entre os seus pares, não fazem essa substituição com a mesma frequência. Ou, talvez, a ausência da aplicação da concordância esteja relacionada à escolaridade, considerando que em Barra do Corda nossos informantes têm apenas até a 6ª série do Ensino Fundamental. Esse aspecto, no entanto, carece de

um estudo mais aprofundado, levando em consideração outros níveis de escolaridade ou um estudo de avaliação e percepção da aplicação da CV na comunidade de fala barra-cordense.

Com base nos dados preliminares, acreditamos que o uso do singular verbal com o pronome *nós* em Barra do Corda ancora-se tanto no vigor de ser a execução mais comum entre os menos escolarizados quanto na tendência rítmica predominante no português brasileiro de evitar o vocábulo proparoxítono.

### 3.2 Sexo

Segundo Labov (2003), homens e mulheres apresentam comportamento sociolinguístico distinto. Elas apresentam uma sensibilidade maior do que eles no que diz respeito às correções sociais e, por isso, tendem a optar pelas variantes linguísticas consideradas socialmente prestigiadas.

Almeida (1995), ao tratar sobre a variável *sexo*, afirma que as mulheres tendem a usar formas linguísticas socialmente aceitas, rejeitando as formas estigmatizadas de forma muito mais acentuada do que os homens o fazem.

**Tabela 3:** Realizações da concordância verbal com o pronome *nós* na variável sexo

|              | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|--------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|              | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Masculino    | 76/111                      | 68,5 | 35/111                      | 31,5 |
| Feminino     | 44/74                       | 59,5 | 30/74                       | 40,5 |
| <i>Total</i> | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Os resultados obtidos na fala maranhense para esta variável se mostraram bastante próximos, com diferença de apenas 9 pontos percentuais. Apesar da diferença não tão expressiva, os dados analisados vão de encontro ao que afirmam Labov (2003) e Almeida (1995), mostrando que os homens utilizam com maior frequência a desinência verbal de 1PP do que as mulheres.

### 3.3 Faixa etária

Segundo Moreno Fernández (1998, p. 47), “a idade dos falantes é um dos fatores sociais que com maior força e clareza podem determinar os usos linguísticos de uma comunidade de fala”. Para o autor, a idade condiciona a variação linguística com mais intensidade do que outros fatores sociais também importantes, como o sexo e a classe social. A idade, conforme o tempo transcorre, vai determinando e modificando os hábitos sociais dos indivíduos e as suas características, inclusive linguísticas.

**Tabela 4:** Realizações da concordância verbal com o pronome nós na variável faixa etária

|                    | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|--------------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|                    | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Ensino Fundamental | 84/149                      | 56,4 | 65/149                      | 43,6 |
| Ensino Superior    | 36/36                       | 100  | 0/36                        | 0    |
| <i>Total</i>       | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Conforme os dados da Tabela 4, observa-se que os percentuais indicam um maior uso da concordância com o verbo em 1PP na segunda faixa etária, 74,7%, enquanto a primeira apresenta percentual de 56,9%. Foeger (2014) observou esta mesma tendência na fala leopoldinense, numa escala gradual de realização da concordância verbal a faixa etária mais idosa apresentou maior percentual de uso da desinência de 1PP do que as mais jovens.

Tais resultados parecem indicar que as faixas etárias mais idosas são mais sensíveis às correções gramaticais.

### 3.4 Escolaridade

Para Votre (2017), a escola atua como preservadora de formas de prestígio e o nível de escolaridade desempenha um papel de destaque na configuração geral do domínio da língua padrão. Nesse sentido, podemos considerá-la como um segmento que provoca mudanças na fala e na escrita das pessoas, exercendo influência na adoção ou no abandono de determinada forma linguística.

**Tabela 5:** Realizações da concordância verbal com o pronome nós na variável escolaridade

|                    | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|--------------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|                    | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Ensino Fundamental | 84/149                      | 56,4 | 65/149                      | 43,6 |
| Ensino Superior    | 36/36                       | 100  | 0/36                        | 0    |
| <i>Total</i>       | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Conforme Vieira (1995), a não-realização da regra de concordância verbal no português brasileiro constitui um traço de diferenciação social de cunho estigmatizante que se revela com mais nitidez no âmbito escolar. Observa-se nos dados apresentados que os falantes maranhenses com Ensino Superior utilizaram exclusivamente a desinência de 1PP com o pronome *nós*. Por outro lado, os falantes com Ensino Fundamental aplicaram a mesma desinência apenas a 56% das ocorrências. Tais resultados evidenciam que a escolaridade possui, de fato, grande influência no uso da concordância verbal, de maneira que, quanto maior o nível de escolarização, maior a taxa de aplicação da desinência de 1PP com o pronome *nós*.

#### **4. Variáveis linguísticas**

##### **4.1 Saliência fônica**

A proposta da saliência fônica é a de uma gradação na diferença fônica entre as formas verbais de 3PS e 1PP. De acordo com Naro, Gorski e Fernandes (1999), a alta saliência é reconhecida quando há uma maior diferenciação fonética (*mudou/mudamos, foi/fomos, vai/vamos*) ou formas totalmente diferentes (*é/somos*); e a baixa saliência ocorre quando a saliência consiste somente na presença ou ausência do próprio *-mos* (*muda/mudamos, sente/sentimos*).

Conforme esperávamos, o nível 1 - casos em que a oposição entre as formas verbais de 1PP e 3PS se faz pela presença de verbo proparoxítono - demonstrou forte propensão à desinência de 3PS, apresentando percentual de 24% para uso de 1PP. Rubio (2012) aponta resultado parecido em sua pesquisa e destaca que no português brasileiro os falantes tendem a evitar o uso dos verbos proparoxítonos substituindo por verbos em 3PS.

**Tabela 6:** Realizações da concordância verbal com o pronome nós na variável saliência fônica

|   | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|---|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|   | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Nível 1: A oposição -V0-V- <i>mos</i> é átona em ambas as formas  | 6/25                        | 24,0 | 19/25                       | 76,0 |
| Nível 2: A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em uma das formas  | 9/39                        | 23,1 | 30/39                       | 76,9 |
| Nível 3: A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas   | 23/30                       | 76,7 | 7/30                        | 23,3 |
| Nível 4: A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas, e a terceira pessoa do singular mostra o ditongo com semivogal que não aparece no plural | 40/44                       | 90,9 | 4/44                        | 09,1 |
| Nível 5: A oposição -V0-V- <i>mos</i> é tônica em ambas as formas, e a tônica muda a vogal.   | 41/43                       | 95,3 | 2/43                        | 04,7 |
| Nível 6: Verbos no infinitivo   | 1/4                         | 25,0 | 3/4                         | 75,0 |
| <i>Total</i>  | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Quanto ao nível 2, há também o desfavorecimento do verbo de 1PP, com percentual de apenas 23,1%. Comparando esses dois primeiros níveis observa-se que houve uma diminuição do nível 1 para o nível 2 no uso da desinência de 1PP. Apesar de os resultados serem muito próximos do que imaginávamos, esperávamos que a medida que os níveis fossem crescendo aumentaria também a frequência de uso dos verbos de 1PP.



Mesmo o nível 2, apresentando uma diminuição do uso da desinência de 1PP se comparado ao nível 1, do nível 3 ao nível 5 há aumento gradual desses percentuais à medida que aumenta grau de saliência fônica entre as formas em competição. Quanto ao nível 6, que corresponde a verbos no infinitivo, apesar de termos encontrado poucas ocorrências, os resultados mostram que estes verbos também inibem a flexão no plural.

#### 4.2 Tempo e modo verbal

Considerando a forma expressa pelo verbo, procuramos saber quais tempos e formas nominais podem condicionar a variação da concordância verbal. Segundo Fernandes e Görski (1986), a desinência *-mos* de 1PP vem adquirindo função de morfema de Pretérito em oposição à desinência  $\emptyset$ , que apresenta função de Presente.

**Tabela 7:** Realizações da concordância verbal com o pronome nós na variável tempo e modo verbal

|                                    | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|------------------------------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|                                    | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Presente do indicativo             | 65/106                      | 61,3 | 41/106                      | 38,7 |
| Pretérito perfeito do indicativo   | 48/52                       | 96,0 | 2/50                        | 4,0  |
| Pretérito imperfeito do indicativo | 6/25                        | 24,0 | 19/25                       | 76,0 |
| <i>Total</i>                       | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

De acordo com a Tabela 7, observamos que os verbos em 1PP do plural apresentaram mais ocorrências nos tempos verbais do presente e do pretérito perfeito e os verbos em 3PS, no tempo verbal do pretérito imperfeito. Os resultados obtidos na fala maranhense vão ao encontro dos resultados obtidos por Foeger (2014) na fala leopoldinense, que também indicaram maior frequência de uso dos verbos em 1PP no pretérito perfeito, 99,7%, e menores percentuais nos tempos pretérito imperfeito, 0,4%, e presente, 40,4%.

O morfema *-mos*, como verificamos, aparenta estar se consolidando como marca de pretérito perfeito para desfazer a ambiguidade que há entre os verbos na 1PP nesse tempo verbal e no presente.

### 4.3 Preenchimento do sujeito

Para Bortoni-Ricardo (1985), sujeitos não preenchidos ou desinenciais apresentam maior frequência de verbos com marcas de 1PP, visto serem essas marcas não redundantes, já que não há, nesses casos, a presença formal do sujeito.

**Tabela 8:** Realizações da concordância verbal com o pronome *nós* na variável preenchimento do sujeito

|                        | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|------------------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|                        | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Sujeito preenchido     | 68/113                      | 60,2 | 45/113                      | 39,8 |
| Sujeito não preenchido | 52/72                       | 72,2 | 20/72                       | 27,8 |
| <i>Total</i>           | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

Conforme os dados da Tabela 8, as diferenças percentuais não se mostraram tão significativas entre os fatores sujeito preenchido e sujeito não-preenchido. Porém, os valores percentuais das categorias apresentadas demonstram maior influência do fator sujeito não-preenchido no emprego de verbo com desinência de 1PP.

Esses resultados vão ao encontro dos resultados encontrados por Rubio (2012) na fala paulistana. De acordo com o autor, a maior tendência de uso das formas de 1PP se dá devido à ausência do sujeito formal na oração do verbo, que torna a desinência verbal não redundante, diferentemente do que ocorre nos contextos em que o sujeito se realiza formalmente, na própria oração do verbo, por meio de um pronome pessoal.

#### **4. 4 Paralelismo linguístico**

De acordo com Omena (1996) e Lopes (1998), o paralelismo linguístico é entendido como a tendência de o falante repetir uma mesma forma em uma dada sequência discursiva, o que significa considerar que a escolha da primeira forma verbal condiciona os usos subsequentes, desencadeando, assim, uma série de repetições da mesma forma verbal.

Sendo esta uma variável que designa a repetição das estruturas linguísticas, buscamos verificar a manutenção de uma ou da outra forma verbal (-mos, Ø) pelo falante na sequência discursiva.

Os resultados encontrados na fala maranhense mostram que a realização isolada favorece o verbo em 3PS, enquanto todos os outros fatores favorecem o uso do verbo em 1PP. As frequências dos dois últimos fatores se apresentaram um pouco diferentes do que imaginávamos encontrar, esperávamos que o verbo anterior em 1PP favoreceria em maior percentual o *nós* com desinência de 1PP do que o verbo anterior em 3PS.

**Tabela 9:** Realizações da concordância verbal com o pronome nós na variável paralelismo formal

|                       | Nós com a desinência de 1PP |      | Nós com a desinência de 3PS |      |
|-----------------------|-----------------------------|------|-----------------------------|------|
|                       | Aplic./N                    | %    | Aplic./N                    | %    |
| Realização isolada    | 14/33                       | 42,4 | 19/33                       | 57,6 |
| Primeiro da série     | 37/50                       | 74,0 | 13/50                       | 26,0 |
| Verbo anterior em 1PP | 55/85                       | 64,7 | 30/85                       | 35,3 |
| Verbo anterior em 3PS | 14/17                       | 82,4 | 03/17                       | 17,6 |
| <i>Total</i>          | 120/185                     | 64,9 | 65/185                      | 35,1 |

**Fonte:** Elaborada pela própria autora.

## Conclusão

Neste trabalho analisamos a concordância verbal de primeira pessoa do plural na fala maranhense a partir dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista, considerando especificamente a variação da concordância verbal com o pronome *nós*.

Embora tenhamos desenvolvido uma análise parcial com base numa amostra ainda incompleta, o estudo aponta, assim como outros trabalhos realizados em outros estados, que o paradigma verbal no português brasileiro está sofrendo transformações e a presença ou ausência da concordância verbal ocorre de maneira sistemática e não aleatória, influenciada por fatores linguísticos e sociais. Para Mollica (2017), tanto as variáveis linguísticas quanto as não linguísticas não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

Cabe destacarmos alguns dos resultados mais relevantes, como a constatação de que, quanto maior o nível de escolarização, maior a taxa

de concordância e uma maior tendência de os falantes ludovicenses<sup>2</sup>[2] usarem os verbos em 1PP quando utilizam o pronome *nós*. Em relação às variáveis linguísticas, os falantes tendem a evitar o uso dos verbos proparoxítonos substituindo-os por verbos em 3PS e o morfema *-mos* aparenta estar se consolidando como marca de pretérito perfeito para desfazer a ambiguidade que há entre os verbos de 1PP nesse tempo verbal e no presente.

Acreditamos que o estudo desse fenômeno variável à luz da Sociolinguística Variacionista nos possibilitará conhecer não só qualitativamente como também quantitativamente como está ocorrendo a variação da concordância verbal de primeira pessoa no Maranhão e quais fatores linguísticos e sociais condicionam tal variação. O estudo também nos permitirá comparar os resultados encontrados na fala maranhense com os encontrados em outras regiões do país, situando a variedade maranhense no cenário nacional.

## Referências

ALMEIDA, Manuel. Gender in linguistic Change Progress. **Studia Neophilologica**. A Journal of Germanica nd Romance Languages and Literature, v. LXVII, n. 2, p. 229-35, 1995.

BENFICA, Samine de Almeida. **A concordância verbal na fala de Vitória**. 2016. 111f Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. The urbanization of rural dialect speakers. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

---

<sup>2</sup> Ludovicense é um dos adjetivos gentílicos para designar quem nasce ou está radicado em São Luís. Vem do latim ludovicus, relativo ao nome próprio Luís. O outro gentílico é são-luisense, no entanto, é mais comum se ouvir o termo ludovicense.

CARMO, Siméia Daniele do. **A variação na concordância verbal com a primeira pessoa do plural em comunidades rurais do semi-árido baiano**. 2016. 163 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

ESPÍNOLA, Sandra; HORA, Demerval da. O paralelismo linguístico e sua atuação no processo variável da concordância verbo-sujeito. **Revista da ABRALIN**, v. III, n. 1 e 2, p. 217-241, julh e dez, 2004.

FERNANDES, Eulalia; GORSKI, Edair. A concordância verbal com os sujeitos nós e a gente: um mecanismo do discurso em mudança. In: FREITAS, J. M de A.; MOTA, J. A. (Org.). **Atas do Simpósio sobre a Diversidade Linguística no Brasil**. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1986, p. 175-183.

FOEGER, Camila Candeias. **A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina/ES**. 2014. 166 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

LABOV, William. Some Sociolinguistic Principles. In: PAULSTON, Christina B.; TUCKER, G. Richard (Eds.). **Sociolinguistics**. The Essential Readings. Oxford/New York: B.Blackwell, 2003, p. 234-250.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, Célia Regina dos Santos. Nós e a gente no português falado culto do Brasil. **Delta**, v. 14, n. 2, p. 405-422, 1998.

MOLLICA, Maria Cecilia. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, C. M; BRAGA, M. L. (Org.) **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 27-31.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. **Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE**. 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Editora Ariel, 1998.

NARO, Anthony; GORSKI, Edair; FERNANDES, Eulalia. Change without change. **Language Variation and Change**. Cambridge, Cambridge University Press, n. 11, p. 197-211, 1999.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: OLIVEIRA e SILVA, M.; SCHERRE, M. (Org). **Padrões sociolinguísticos: estudos de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 1996, p. 311-323.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. 2012. 392 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. **Goldvarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. Department of Linguistics; Ottawa: University of Toronto, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Concordância verbal:** variação em dialetos populares do norte fluminense. 1995. 186f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Estadual Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à sociolinguística:** o tratamento da variação. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2017, p. 51-57.

ZILLES, Ana Maria; MAYA, Leonardo, SILVA, Karine. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. **Organon**, v.14, n.28/29, 2000, p. 195-219.



# ATLAS LINGUÍSTICO DA ROTA DOS TROPEIROS (ALRT): ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS, ESTRUTURAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

*Amanda Chofard*

## **Introdução**

Falar em Geolinguística é falar sobre atlas linguísticos, os quais caracterizam-se como o principal resultado das pesquisas deste cunho e proporcionam a compreensão de realidades linguísticas, bem como sua relação com aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais.

No Brasil, desde o início dos estudos geolinguísticos, objetivou-se construir uma mentalidade dialetológica no país, como defendia Silva Neto, cujos frutos vêm sendo colhidos ao longo das últimas décadas em que se constata grande crescimento no número de investigações. Nesse sentido, observa-se uma crescente na publicação de atlas, muitos deles desenvolvidos no âmbito de pós-graduação, cabendo aqui destacar os denominados atlas de pequeno domínio, os quais recobrem territórios menos amplos e, em geral, possuem instrumentos de coleta de dados que contemplam questões particulares à região ou comunidade investigadas (Silva; Romano, 2022), o que proporciona o conhecimento de inúmeras nuances existentes no português falado no país.

Isso posto, o projeto Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT), que está sendo desenvolvido como tese de doutorado vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), volta o olhar para o Tropeirismo e sua influência na Região Sul, levando em consideração os distintos processos migratórios, históricos e econômicos que contribuíram para a formação do

Brasil. Sendo assim, possui como principal objetivo constituir um banco de dados fonético-fonológicos, morfossintáticos e semântico-lexicais do português falado em diferentes localidades ao longo da denominada rota dos tropeiros, a fim de oferecer informações e dados, passíveis de comparação, para estudiosos e interessados nos estudos linguísticos. Já de modo específico, objetiva identificar variantes linguísticas indicadoras da existência de variedades linguísticas diatópicas e diastráticas associadas ao Tropeirismo na Região Sul; estabelecer diálogo com diferentes áreas do conhecimento com o intuito de compreender o acontecimento histórico em questão e sua influência na composição dialetal existente no Sul do Brasil, no que tange à língua portuguesa; e verificar em que medida as variáveis extralinguísticas (localidade, sexo, faixa etária, área habitacional e escolaridade) influenciam na escolha das variantes utilizadas pelos informantes no território em estudo.

O estudo aqui apresentado, diferentemente de outros atlas já elaborados, possui a característica de não partir de uma área geográfica específica, mas sim de um acontecimento histórico, a partir do qual se delineou a área investigada, evidenciando a importância do diálogo entre a História e a Geolinguística para uma melhor descrição de uma língua ou variedade. Portanto, tendo como base ambas as áreas do conhecimento, o ALRT se propõe a levantar um panorama geossociolinguístico do trajeto aqui enfocado, para o qual ainda não se tem estudo específico, no intuito de contribuir para uma melhor compreensão do português falado na Região Sul.

Sendo assim, neste capítulo, busca-se apresentar o ALRT no que tange aos aspectos teórico-metodológicos adotados para sua elaboração, incluindo a rede de pontos, o perfil dos informantes, os instrumentos de coleta de dados e a cartografia, do mesmo modo que sua estrutura e o atual estágio de desenvolvimento em que se encontra.

## **1 Aspectos teórico-metodológicos**

A elaboração de um atlas linguístico trata-se uma empreitada composta por diferentes etapas, nas quais é necessária a tomada de uma série de decisões que, por sua vez, devem estar assentadas em uma teoria. Nesse sentido, para o estabelecimento dos princípios e dos caminhos metodológicos delimitados para o ALRT, tomaram-se como base os pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística Pluridimensional (Thun, 1998), que unem a dimensão diatópica a outras dimensões socio-linguísticas, conferindo uma abordagem tanto no eixo horizontal quanto no eixo vertical (Bassi; Margotti, 2012; Thun, 2010; Altenhofen, 2013).

Além disso, ressalta-se que, tendo em vista a área elegida para investigação, a qual perpassa os três estados da Região Sul e São Paulo, e a existência de outros atlas já elaborados que recobrem o mesmo território ou parte dele, tomamos como base para as delimitações metodológicas o Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) e o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), assim como outros estudos de contato linguístico e de variação. Feitas essas considerações, passa-se à descrição dos componentes metodológicos do ALRT.

### **1.1 Território investigado e composição da rede de pontos**

O território investigado em questão integra uma particularidade do atlas, uma vez que seu estabelecimento não se deu por conta de características linguísticas específicas ou pelo interesse genuíno acerca dos usos existentes em certa área geográfica, mas sim a partir do acontecimento histórico-econômico do Tropeirismo, que se deu em terras sul-rio-grandenses, catarinenses, paranaenses e paulistas.

Nesse sentido, sabe-se que os tropeiros, com as idas e vindas para o comércio de muares, cujo objetivo final, em sua maioria, era o trabalho em Minas Gerais, trilharam diferentes rotas ao longo do tempo. Portanto, salienta-se que para o ALRT foi contemplada a rota conhecida como Caminho da Vacaria dos Pinhas (Brum, 1999), consolidada após a expulsão dos jesuítas e considerada a que perdurou por mais tempo.

Sendo assim, depois de conhecido o território abrangido e considerando a exequibilidade da pesquisa dentro do período doutoral, para a composição da rede de pontos, foi mensurada a densidade da área e se definido por três localidades por estado, perfazendo 12 pontos de inquérito. Para a escolha de cada um dos pontos, procedeu-se a estudos da região e das localidades por onde os tropeiros passaram, no intuito de compreender a história e a importância do acontecimento para o local, uma vez que o povoamento e a significativa influência tropeira foram critérios utilizados para estabelecer os pontos, os quais encontram-se ilustrados na Figura 1.

**Figura 1:** Mapa da Rota dos Tropeiros com destaque para os pontos de inquérito



**Fonte:** Adaptado de Gazeta do Povo (2013).

Dentre os 12 pontos de inquérito constam: no Rio Grande do Sul, Cruz Alta (ponto 1), Passo Fundo (ponto 2) e Vacaria (ponto 3); em Santa Catarina, Lages (ponto 4), Curitibaanos (ponto 5) e Maфра (ponto 6); no Paraná, Lapa (ponto 7), Palmeira (ponto 8) e Castro (ponto 9); e, em São Paulo, Itararé (ponto 10), Itapetininga (ponto 11) e Sorocaba (ponto 12).

## 1.2 Perfil dos informantes

Tendo em vista o caráter pluridimensional do ALRT, para a estratificação dos informantes, foram consideradas as dimensões diassexual, diageracional, diazonal e diastrática, além da diatópica.

Dessa forma, em relação à dimensão diassexual, foram considerados tanto homens quanto mulheres (masculino e feminino). Para a dimensão diageracional, visando à comparabilidade dos dados, seguiu-se o mesmo perfil etário do ALiB, contemplando duas faixas: I - 18 a 30 anos, II - 50 a 65 anos<sup>1</sup>. Sobre a dimensão diazonal, foi considerada a área em que o informante reside (rural e urbano), uma vez que, apesar de hoje a maior parte das pessoas viverem na zona urbana, o acontecimento aqui enfocado se deu em ambiente rural. Já no que tange à dimensão diastrática, optou-se por correlacioná-la à dimensão diazonal, dessa forma, definiu-se como escolaridade mínima o Ensino Fundamental I completo e máxima o Ensino Médio, para os informantes rurais, e, no mínimo, Ensino Médio incompleto e, no máximo, Graduação, para os urbanos<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Ressalta-se que, em alguns casos, devido à impossibilidade de localização de informantes com idade estabelecida nessas faixas etárias, houve flexibilidade de alguns anos, tanto para mais quanto para menos. Futuramente, maiores especificações poderão ser consultadas na versão final da pesquisa.

<sup>2</sup> A princípio, foi definido que os informantes rurais deveriam ter como escolaridade máxima o Ensino Médio Incompleto; contudo, pela impossibilidade de localizá-los em campo, optou-se por flexibilizar o critério, determinando o Ensino Médio completo como nível máximo.

Com essas estratificações, o atlas terá o montante de 96 informantes, sendo oito por ponto de inquérito, como ilustra o quadro a seguir.

**Quadro 1:** Perfil dos informantes

| Nº | SEXO   | FAIXA ETÁRIA            | ÁREA HABITACIONAL | ESCOLARIDADE                                     |                                    |
|----|--------|-------------------------|-------------------|--|------------------------------------|
| 1  | Homem  | Faixa I (18 a 30 anos)  | Rural             | E. Fundamental I completo –<br>E. Médio completo |                                    |
| 2  | Mulher |                         |                   |  |                                    |
| 3  | Homem  | Faixa II (50 a 65 anos) |                   |  |                                    |
| 4  | Mulher |                         |                   |  |                                    |
| 5  | Homem  | Faixa I (18 a 30 anos)  |                   | Urbano   | E. Médio incompleto –<br>Graduação |
| 6  | Mulher |                         |                   |  |                                    |
| 7  | Homem  | Faixa II (50 a 65 anos) |                   |  |                                    |
| 8  | Mulher |                         |                   |  |                                    |

**Fonte:** Elaborado pela autora.

### 1.3 Instrumentos de coleta de dados

Os instrumentos de coleta de dados, bem como sua elaboração, são fundamentais para as pesquisas geolinguísticas. Nesse sentido, sabe-se que, para a feitura de um questionário, é imprescindível recorrer a estudos já realizados no território investigado, pois eles auxiliam na construção de um material que de fato possibilita a obtenção de respostas que condizem à realidade linguística. Por isso, os questionários utilizados na coleta de dados do ALRT foram elaborados com base no ALPR, no

ALERS e no ALiB, englobando questões presentes neles e também novas produzidas pela autora.

Portanto, a partir dos dados já cartografados dos atlas que recobrem a Região Sul e de estudos complementares, foi possível o levantamento de questões que podem evidenciar as diferenças e similaridades entre os subfalares sulistas. Para tanto, determinou-se a aplicação de três questionários, a saber: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Morfossintático (QMS) e Questionário Semântico-Lexical (QSL), acrescidos de temas para discurso semidirigido, os quais contemplam atividades do cotidiano e, principalmente, questões de cunho mais etnográfico, voltadas à criação de equinos, muares e ao universo tropeiro, todas agrupadas por áreas semânticas.

Sendo assim, o QFF é composto por 57 questões que enfocam variáveis como:

- Rotacismo.
- /r/ em ataque e coda silábica.
- Monotongação.
- Ditongação.
- Realização de /äu/ no lugar de /õu/.
- /l/ em coda silábica.
- Realização das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica.
- Realização das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final.
- Realização das laterais palatais/ palatalização.

Para o QMS em específico, foi utilizado como base apenas o questionário do ALiB, sendo extraídas dele seis questões com foco em pronomes, adjetivos (grau comparativo) e flexão nominal<sup>3</sup>.

Já o QSL é o questionário com maior número de questões, perfazendo o total de 125, sendo dividido em dez campos semânticos:

- Partes do animal.
- Partes da montaria.
- Vestimenta.
- Alimentação e cozinha.
- Tipos de cavalos, asininos, muares e tropas.
- Objetos.
- Pelagens de cavalos.
- Funções e atribuições da tropa.
- Geografia e meio ambiente.
- Cultura e convívio.

No que tange aos temas para discurso semidirigido, elencaram-se questionamentos acerca do movimento tropeiro e, em casos de não produtividade, estabeleceu-se que a temática deve se voltar à vivência pessoal do informante. Ressalta-se que, como estratégia metodológica visando criar proximidade entre inquiridor e informante, a conversa proveniente desses temas foi delimitada como a primeira parte do inquérito.

---

<sup>3</sup> O ALERS também contempla pronomes e grau dos adjetivos, mas as questões utilizadas no QMS do ALRT são provenientes do ALiB.

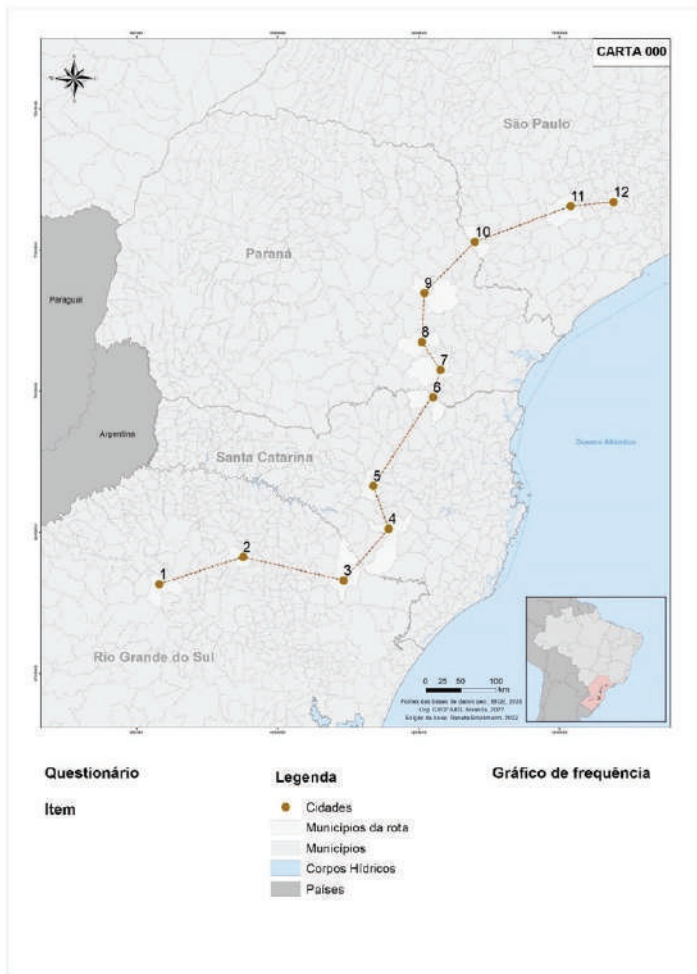


Por fim, cabe mencionar que, para a aplicação dos questionários, foi elaborado um álbum de figuras, bem como feito o uso de rélia a fim de obter o maior número de respostas e evitar possíveis dúvidas acerca do referente perguntado.

#### **1.4 Cartografiação**

Um dos primeiros passos para a cartografiação é a confecção de uma carta-base, atividade essa que foi elaborada por uma geógrafa competente, no intuito de se ter uma base cartográfica georreferenciada, que pode ser visualizada a seguir.

**Figura 2:** Carta-base



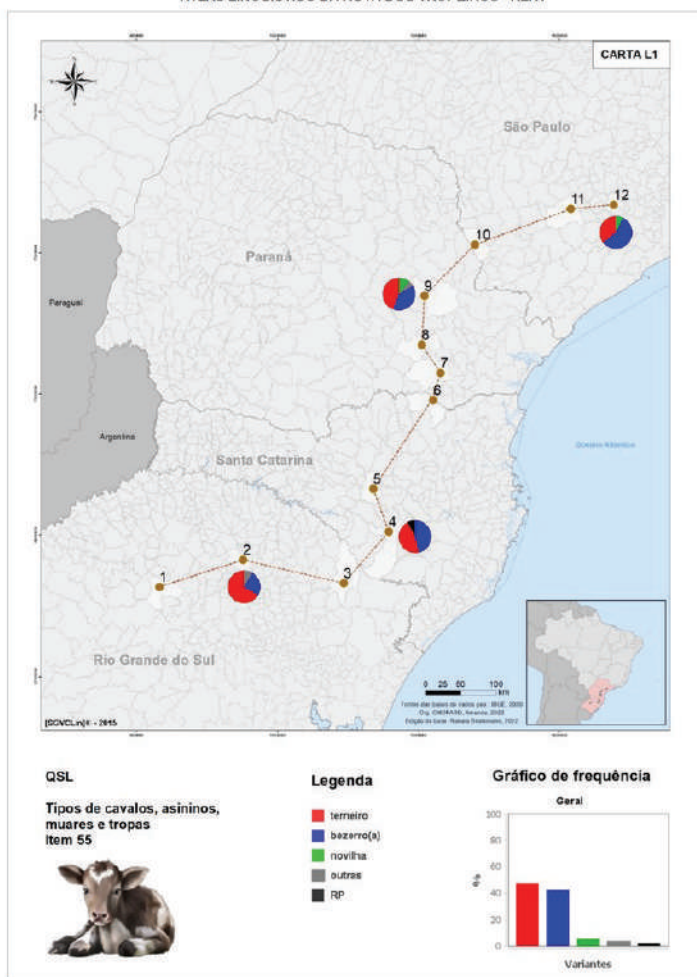
**Fonte:** Organizada pela autora e elaborada pela geógrafa Renata Brückmann (2022).

Para a realização da cartografia, definiu-se pelo uso do software SGVCLin - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas (Seabra; Romano; Oliveira, 2014), que possibilita, além das cartas, a geração de relatórios de produtividade sob diferentes perspectivas, os quais auxiliam na exegese dos dados.

Ademais, cabe mencionar que está prevista a elaboração de cartas monodimensionais diatópicas, assim como de cartas de arealidade e arealidade gradual, as quais trazem visões a partir de variantes selecionadas, possibilitando distintas visualizações acerca do modo como se distribuem no espaço geográfico.

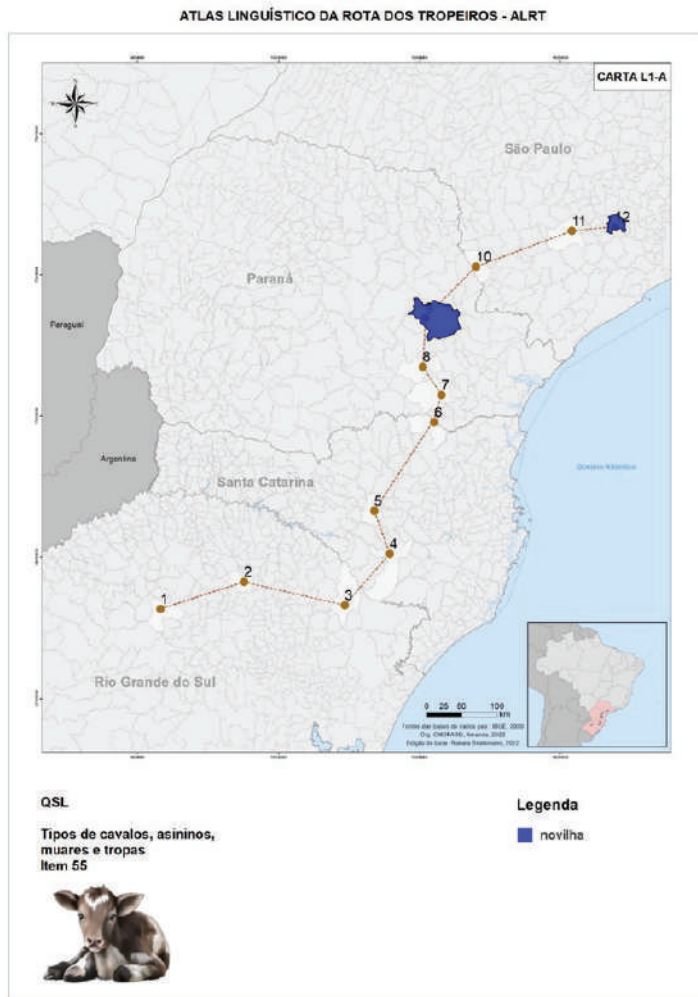
Para melhor entendimento, a seguir, consta uma carta experimental de cada um dos tipos mencionados, as quais apresentam dados prévios de quatro dos 12 pontos de inquérito.

**Figura 3:** Carta monodimensional diatópica



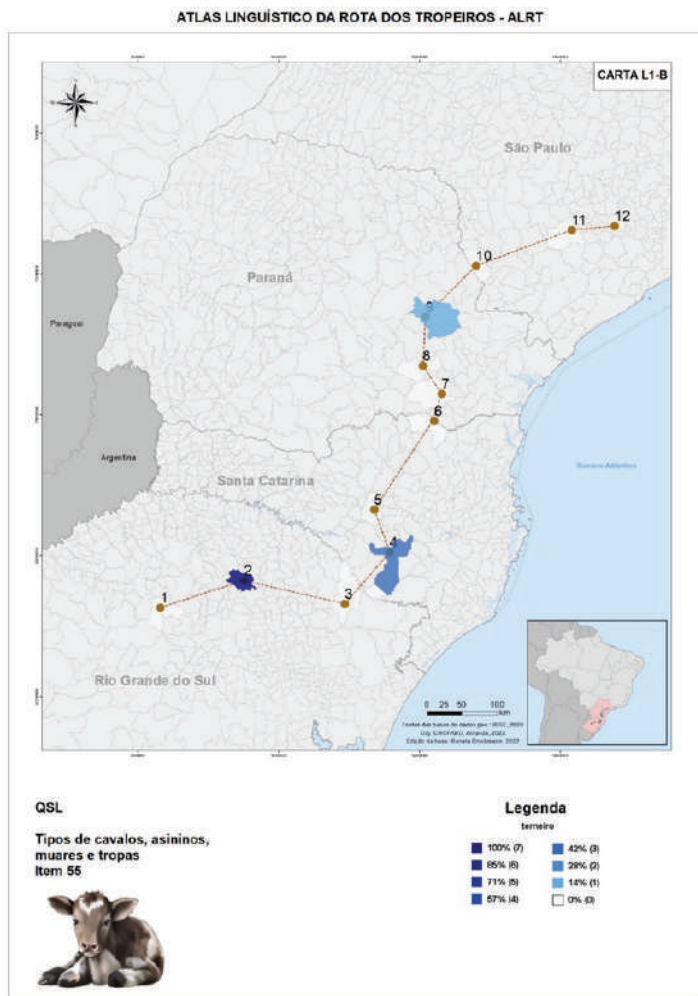
**Fonte:** Elaborada *ad hoc* pela autora.

**Figura 4:** Carta de arealidade



**Fonte:** Elaborada *ad hoc* pela autora.

**Figura 5:** Carta de arealidade gradual



**Fonte:** Elaborada *ad hoc* pela autora.

## **2 Estruturação**

Elaborado no âmbito de uma pesquisa do doutorado, o ALRT possui sua estrutura dividida em dois volumes.

No Volume I, desenvolve-se a parte teórica da tese apresentando uma contextualização histórico-linguística, tendo como foco o Tropeirismo. Na sequência, traz-se uma reflexão acerca da Geolinguística para além de um método dialetológico, bem como os princípios e caminhos metodológicos e a descrição de análise de alguns dos dados cartografados.

Já o Volume II abarca o conjunto de cartas que configuram o atlas propriamente dito, tendo, como já mencionado, cartas monodimensionais diatópicas, cartas de arealidade, cartas de arealidade gradual.

## **3 Desenvolvimento da pesquisa**

Na ocasião do VI Congresso Internacional de Dialetologia e Sociolinguística, a coleta de dados *in loco* estava concluída em dez dos 12 pontos de inquérito. Contudo, destaca-se que a pesquisa de campo foi finalizada em março de 2023 com a aplicação dos inquéritos em Itararé e Itapetininga, São Paulo.

No atual estágio de desenvolvimento da pesquisa, portanto, estão sendo concluídas as transcrições e revisões dos 96 inquéritos para, posteriormente, poder ser realizado o levantamento dos dados em planilhas Excel e elaborado o banco de dados no SGVCLin para a geração das cartas linguísticas e descrição e análise dos dados cartografados.

## Considerações finais

Este artigo apresentou o Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros trazendo um panorama de seus aspectos teórico-metodológicos, os quais se embasam na Geolinguística Pluridimensional e buscam levantar dados que evidenciem a realidade linguística do trajeto de uma das rotas percorridas durante o Tropeirismo na Região Sul do Brasil e parte de São Paulo.

Isso posto, destaca-se que desenvolver um atlas linguístico não se trata de uma empreitada fácil, pelo contrário, são inúmeras as etapas a serem percorridas e grandes os desafios a serem enfrentados, contudo, não maiores que o desejo por contribuir para a compreensão linguística do português falado no Sul do Brasil.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná** – ALPR. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norte@mentos**, Sinop, n. 12, v. 6, jul/dez. 2013, p. 31-52. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216>. Acesso em: 13 maio 2019.

BASSI, Alessandra; MARGOTTI, Felício Wessling. Um estudo geolinguístico nas capitais brasileiras das variantes lexicais para a brincadeira infantil amarelinha. In: ALTINO, Fabiane Cristina (Org.). **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina, Midiograf, 2012, p. 49-78.



BRUM, Nilo Bairros de. **Caminhos do Sul**. Porto Alegre: Metrópole, 1999.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**: questionário. Londrina: Ed. UEL, 2001.

GAZETA DO POVO. **Legado construído no lombo do cavalo**. 2013. [s.l.]. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/legado-construido-no-lombo-do-cavalo-47tpgoeb139yfap24k-tkwpkcu/>. Acesso em: 6 dez. 2020.

KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário S. (Orgs.). **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS**: cartas fonéticas e morfossintáticas. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232185/000816277.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 jan. 2022.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. **[SGVCLin]** - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira. O Atlas Linguístico do Brasil e os atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos. In: SILVA, Greize Alves da; ROMANO, Valter Pereira (Orgs.). **Tendências da Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 17-43.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes**. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich Jürgen (eds.). **Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation**. v. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 706-723.

# DESAFIOS À LINGUÍSTICA POPULAR NO ESPAÇO-TEMPO

*Marcelo Rocha Barros Gonçalves*

## Introdução

Intentamos neste breve ensaio apresentar um panorama da Linguística Popular (*Folk Linguistics* em inglês) nos termos em que propuseram Niedzielski e Preston (2003), Preston (2021) e Paveau (2018; 2020a). Trata-se de uma série de reflexões que tomaram assento num minicurso intitulado “Métodos em Linguística Popular: da dialetologia perceptual às práticas discursivas”, ministrado por ocasião do VI Congresso de Dialetologia e Sociolinguística (VI CIDS)<sup>1</sup>, realizado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), em novembro de 2022.

Naquela ocasião, apresentamos alguns cenários de pesquisas em Linguística Popular tomando como referência alguns textos “clássicos” como o de Henry Max Hoenigswald (ver Bright, 1966) ou mesmo o de Dell Hymes (1974). Boa parte da apresentação do minicurso dedicava-se à apresentação de resultados parciais das pesquisas que realizávamos al-gures, conjuntamente com o grupo de pesquisa LEEDIM<sup>2</sup> por conta do desenvolvimento do pós-doutoramento realizado entre 2020 e 2022 na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob a supervisão do professor Doutor Roberto Leiser Baronas.

Nossa perspectiva inicial, alocada numa Historiografia (da) Linguística (Gonçalves, 2021a), vislumbra apresentar de maneira panorâmica os principais pressupostos teórico-metodológicos do campo

---

<sup>1</sup> <https://cids.ufms.br/>. Acesso em: 16 jun. 2023.

<sup>2</sup> [http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta\\_parametrizada.jsf](http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada.jsf). Acesso em: 16 jun. 2023.

e suas relações com a Dialetoologia e a Sociolinguística, considerando a Linguística Popular *Fora do Templo* (Acharad-Bayle; Paveau, 2019), isto é, longe do *mainstream* de estudos linguísticos, em oposição portanto (ou pelo menos) ao que se convencionou chamar de *hard-science linguistics* (Yngve; Wasik, 2006).

Nos dias de hoje estas discussões estão inseridas nos seguintes Projetos de Pesquisa: (i) Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM), Chamada CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021, Processo: 408981/2021-0; e (ii) Abecedário Popular da Linguística Brasileira (1881-1922), EDITAL UFMS/PROPP Nº 6/2022, Protocolo Sigproj KZ5RJ.040222.

Apresentamos o texto conforme a seguinte organização de seções: na seção “O *Folk* no espaço-tempo”, discutimos algumas questões teórico-metodológicas do campo, com especial ênfase na Linguística Popular norte-americana; na segunda seção “Outras geografias” nosso foco está na explanação da Linguística Popular de linha francesa, discutindo a questão das práticas linguísticas realizadas por não especialistas. A terceira seção é dedicada à Linguística Popular no Brasil, evidenciando alguns cenários de pesquisa no país e, na última seção do ensaio, “Desafios à Linguística popular”, propusemo-nos a discutir e refletir sobre a validade deste campo de conhecimento para os estudos da linguagem de uma maneira geral.

## **1. O *Folk* no espaço-tempo**

Na Linguística pós-saussuriana, os primeiros investimentos nos dados populares estão comumente atribuídos aos trabalhos de Henry Max Hoengniswald (1915-2003), nas célebres comunicações da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) sobre os estudos em Linguística Popular (Bright, 1966). Vemos afirmações como estas em Paveau (2021, p. 16) e em Niedzielski e Preston (2003, p. 2). Hoengniswald

participou em 1964 da conferência sobre Sociolinguística da UCLA de uma “sabatina linguística” (Gonçalves, 2021b) na qual apresentou a possibilidade de uma agenda de pesquisa em estudos de Linguística popular.

Ao final de sua exposição, realizou uma crítica direta à posição de Bloomfield (1944) sobre os dados secundários e terciários, apontando para os interesses do campo que deveriam residir “*not only in (a) what goes on (language), but also in (b) how people react to what goes on (they are persuaded, they are put off, etc.) and in (e) what people say goes on (talk concerning language)*” (Bright, 1966, p. 20). Para Hoengniswald (ver Bright, 1966, p. 17):

There is a habit, in itself honorable, indispensable, and deeply ingrained, of discounting informants' pronouncements on their language. In extra-linguistic matters it is enough to understand that there must be a distinction between the ideal and the real culture, whereupon the investigator is free to study each separately or even jointly. In the case of language a past unhappy history has prevented that; the necessity to warn against confusing the facts of speech with the talk about speech has been too real to allow much serious interest in the latter. Thus it has come to pass that (I am told) there exists a sizeable body of information on popular belief concerned with plant life, weather, health, even social institutions and history; there is ethno zoology and ethno-medicine, and all these things have been subjected to study in their own right; but belief about language is different, although data are not wanting.

Naquela ocasião Einar Haugen (1906-1994) destacou o distanciamento de Hoengniswald à pesquisa de Leonard Bloomfield (1887-1949), em especial ao seu trabalho de 1944 intitulado *Secondary and Tertiary Responses to Language*, trabalho no qual é desenvolvida a “discussion of conventional popular statements about language” (Bloomfield, 1944, p. 45). Para Haugen (Bright, 1966, p. 21) “*Bloomfield's attitude to these reactions was definitely negative*”.

Por que Bloomfield descartou da pesquisa linguística as manifestações populares sobre a linguagem? Vejamos o que diz Bloomfield (1944, p. 45):

*On other than a scientific level, our culture maintains a loosely organized but fairly uniform system of pronouncements about language. Deviant speech forms in dialects other than the standard dialect are described as corruptions of the standard forms ('mistakes', 'bad grammar') or branded as entirely out of bounds, on a par with the solecisms of a foreign speaker ('not English'). The forms of the standard dialect are justified on grounds of 'logic'. Either on the strength of logical consistency or in pursuance of largely conventional authoritative rules, which constitute a minor tradition within the main one (for instance, the rules about shall and will), certain forms are theoretically prescribed for the standard dialect. When it is noticed that speakers of the standard dialect do not use these forms or use others beside them, these deviations are again branded as 'mistakes' or, less often, attributed to 'usage', which appears here only as a special and limited factor, mentioned doubtfully as interfering with more legitimate controls (Bloomfield, 1944, p. 45).*

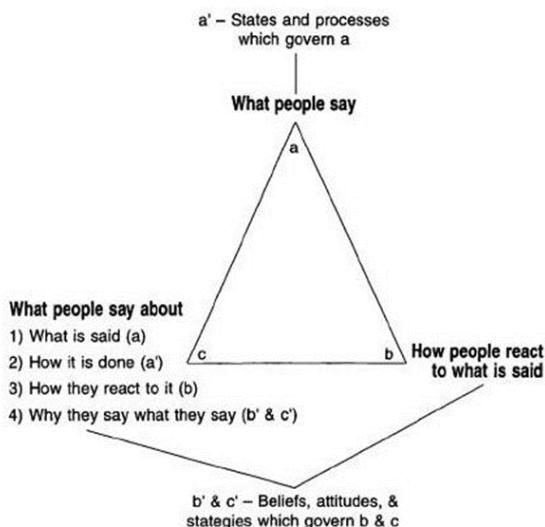
Para Bloomfield (1944), estes não linguistas são considerados muitas vezes como ignorantes ou selvagens em oposição aos especialistas e teriam pouco a contribuir para os estudos linguísticos *strictu sensu*. No original temos “*some ignorant people*” e “*savage*”, por exemplo, em oposição a “*professional student of language*” (Bloomfield, 1944, p. 45 e 48).

Anos mais tarde, Dell Hymes (1927-2009), que participou da conferência em 1964, foi um difusor das ideias de Hoengniswald sobre o trabalho em Linguística Popular. Hymes publicou em 1974 o *Studies in the History of Linguistics: Traditions and Paradigms* (Hymes, 1974), com um excerto dedicado à Linguística Popular. Já na década de 1980 o texto foi republicado como um capítulo dentro da coletânea *Essays in the History of Linguistic Anthropology* (Hymes, 1983). Para Hymes os dados da

reflexão sobre a linguagem produzida pelos falantes comuns deveriam ser integrados à pesquisa.

Ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, é publicado o *Folk Linguistics* de Nancy Niedzielski e Dennis Preston (Niedzielski; Preston, 2003), seguramente uma das mais relevantes publicações da Linguística Popular norte-americana. Em seu prefácio, os pesquisadores apresentam o modelo proposto para os estudos em Linguística Popular<sup>3</sup>, inicialmente elaborado a partir das três questões lá atrás propostas para o campo por Hoengniswald.

**Figura 1:** The place of Folk Linguistics in the general study language



**Fonte:** (NIEDZIELSKI; PRESTON, 2003, p. 26).

<sup>3</sup> No novo modelo, a mudança proposta, que se realiza na concepção de um continuum na base deste triângulo (de c para b à b1 para bn), reflete melhor a passagem de reações conscientes e comentários sobre a linguagem a reações totalmente inconscientes sobre a linguagem. Nestes termos, a Linguística Popular (por ventura as crenças, atitudes e estratégias dos falantes) estaria plenamente localizada no vértice b1.

Para Preston (2011, p. 15) “popular” nos estudos linguísticos indica que:

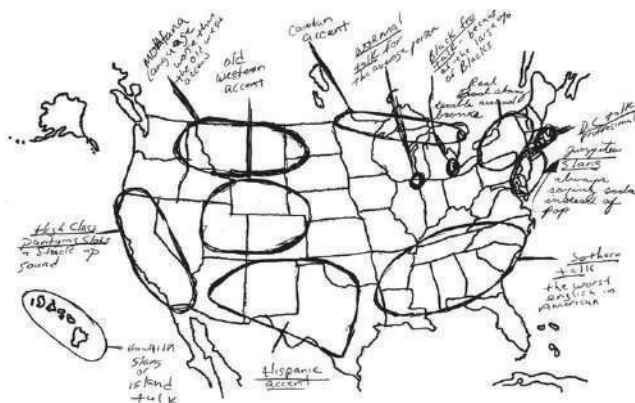
I also most emphatically use the term folk in folk linguistics to refer to all persons except academic linguists, just as linguists would be folk in a study of folk botany, folk chemistry, etc... I definitely do not use the term to refer to rural, marginalized, less educated, or romanticized (‘quaint’) groups. We’re all folk when we step into the world of traditional knowledge and ways of behaving outside our own technical training. Even then, folk knowledge may be at work when more subconscious modes prevail, although, as in the language attitudes of linguists, for example, they may be suppressed from overt comment or behavior by professional knowledge (Preston, 2011, p. 15).

Quanto às metodologias da Linguística Popular, especialmente do ponto de vista das técnicas de coleta e análise de dados, Preston (2011, p. 15) apontou para diferentes tipos de abordagem, caracterizadas como tradicionais, operacionais, experimentais e discursivas. Quanto às abordagens discursivas, Preston (2011, p. 34) centrou seus esforços sobre o conteúdo metalinguístico de uma conversa sobre a fala, revisando estratégias que poderiam revelar atitudes subconscientes - seleção de tópico em imitação, especificidade referencial em argumento, marcadores de discurso e perspectivas de tópico, dentre outras.

Nas abordagens de caráter operacional, Preston (2021) notabilizou o trabalho com mapas dialetais, estudando a distribuição geográfica dos dialetos de uma dada língua com base nas formulações dos próprios falantes. Neste tipo de pesquisa, o foco está centrado nas crenças dos falantes sobre as áreas dialetais e os mapas “desenhados” à mão por eles seriam importantes caminhos para estudar este variado conjunto de crenças (Niedzielski; Preston, 2003, p. 46). Para ilustração:



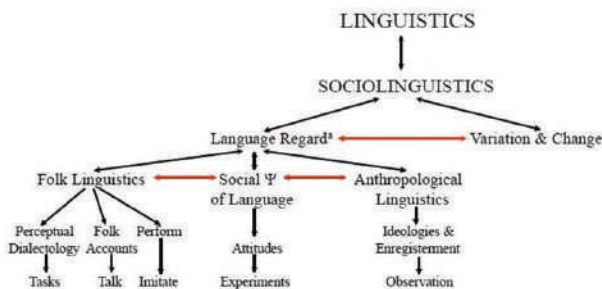
**Figura 2:** Mapa das áreas de fala dos EUA de um jovem de Chicago



**Fonte:** (Niedzielski; Preston, 2003, p. 59.)

Mais recentemente, por ocasião da oferta de um mini curso no II Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular (II SIELi-Pop)<sup>4</sup>, no qual se explanou sobre as relações entre a Linguística Popular, a Sociolinguística e a Dialetolegia Perceptual, Preston (2023) propôs o seguinte diagrama arbóreo sobre o campo de pesquisa:

**Figura 3:** Folk Linguistics



**Fonte:** (Preston, 2023).

<sup>4</sup> Ver <https://www.even3.com.br/2sielipop/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

Nesta proposta (Preston, 2023), a Linguística Popular é um campo de pesquisa integrado à área de atuação da Sociolinguística e guarda relações com a Sociologia da Linguagem e a Antropologia Linguística.

## 2. Outras geografias

Ocorre que há outras geografias, além da norte-americana, nas quais os estudos em Linguística Popular ganharam destaque. Paveau (2008), na revista francesa *Pratiques*<sup>5</sup>, estabeleceu ao menos três domínios para a Linguística Popular (Paveau, 2020, p. 16-17): o domínio anglo-saxônico da *Folk Linguistics*, o da *Volkslinguistik* ou *Laienlinguistik* no contexto germânico e o domínio francês e francófono da Linguística Popular.

Inspirada na oposição que propôs Brekle (1984) entre práticas languageiras e práticas linguísticas no âmbito da Linguística Popular, Paveau (2018) organiza o campo de estudos estabelecendo quatro tipos de práticas linguísticas realizadas pelos não especialistas, não linguistas ou simplesmente linguistas populares. A Linguística popular se ocuparia, assim, das práticas linguísticas e não das práticas languageiras. Paveau (2020b) distingue as primeiras, que sempre envolvem uma atividade metalinguística, das segundas, que se referem meramente ao uso da língua.

Por ocasião do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)<sup>6</sup>, Gonçalves (2021b, p. 10) sintetizou o trabalho de Paveau (2020) com as práticas linguísticas conforme o seguinte quadro:

---

<sup>5</sup> Ver <https://journals.openedition.org/pratiques/1171>. Acesso em: 23 abr. 2021.

<sup>6</sup> <https://interab12.abralin.org/>. Acesso em: 26 maio 2023.



nam como crenças que incitam determinadas ações. Segundo Paveau (2020b), as práticas linguísticas podem ser de natureza descritiva (ex: os léxicos especializados dos grupos sociais, das tribos, etc. que circulam nas redes de comunicação); normativa (ex: enunciados que seguem a fórmula do *apêndice probi* “dizer” vs “não dizer”, como “gente” vs não “jente”); intervencionista (ex: usar o neologismo “sextar” para anunciar o fim de semana que se aproxima, criando um verbo que se encaixa no paradigma da primeira conjugação, a mais produtiva no sistema gramatical do português) e militante (ex: dizer “homossexualidade” e não “homossexualismo” ou dizer “escravizado” e não “escravo”).

Nesta proposta, além das práticas descritiva, normativa, intervencionista e militante, há também uma sugestão para a constituição destes sujeitos (não) linguistas num gradiente que percorre do linguista profissional (nós) até aos não linguistas, passando pelos revisores e redatores, escritores, ensaístas, pelos ludolinguistas, pelas crianças (Paveau, 2020b; De Oliveira Bonermann; Cox, 2019). Existem, assim, dois polos que representam os extremos teóricos: de um lado, o linguista “estudado”, “científico”, que manteria os saberes “exatos”; e, de outro, o linguista espontâneo” (Paveau, 2018, p. 9-10).

### **3. Linguística popular no Brasil**

Não obstante a publicação de Paveau em 2018 (Paveau, 2018), no Brasil é mais recente a chegada do que chamamos de Linguística Popular como campo de pesquisa em Linguística em comparação às outras geografias, como a norte-americana e a francesa.

No contexto brasileiro (Paveau, 2020, p. 7), a linguística *folk* não figura ainda como um campo de investigação oficialmente consolidado para as associações científicas de Linguística no Brasil e mesmo dentre as agências de fomento à pesquisa no país. Neste ano de 2023, contudo,

foi criado o Grupo de Trabalho (GT) em Linguística Popular na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

De qualquer maneira, podemos destacar aqui alguns esforços de pesquisa em Linguística Popular no Brasil, como é o caso do Projeto “Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM)”, aprovado na chamada CNPq/MCTI/FNDCT N° 18/2021 - Faixa B - Grupos Consolidados; e o projeto “Abecedário Popular da Linguística Brasileira (1881-1922)”, aprovado no EDITAL UFMS/PROPP N° 6/2022 - PROJETOS DE PESQUISA.

É preciso reconhecer também uma sequência de publicações, muitas vezes organizadas na forma de livros e dossiês em revistas científicas, que indicam uma produção mais intensa nos últimos anos. Considerando as produções mais recentes, vemos um investimento em abordagens discursivas que analisam o dado linguístico popular em circulação, especialmente em *midiums* digitais, com enfoque em práticas linguísticas descritivas, militantes e identitárias. São bons exemplos deste investimento as recentes publicações de Baronas, Conti e Gonçalves (2021) e Baronas, Gonçalves e Santos (2021).

A Linguística popular brasileira, para além de trabalhar no *continuum* proposto por Paveau (2018; 2020), isto é, num mirante anti eliminativo entre linguística científica e linguística leiga, busca compreender por um lado como os conhecimentos metalinguísticos (metaenunciativos, metadiscursivos) são construídos pelos sujeitos e, por outro, como esses conhecimentos são (co)partilhados pelos membros de uma determinada comunidade.

#### 4. Desafios à Linguística popular

O primeiro comentário que gostaríamos de destacar aqui diz respeito a uma objeção ao que se poderia designar como antiga à Linguística Popular, questão talvez central da própria constituição do campo: a questão do dado em Linguística. Esta objeção consiste, dentre outras razões, na recusa do dado popular, seja porque ele é coletado/proferido por um não especialista, seja porque ele é desprovido de um vocabulário adequado (metalinguagem) para *comentar* sobre a linguagem. Esta repulsa, já feita por Bloomfield na década de 1940 e por Labov quando da própria “sabatina” com Hoegninswald em 1964, é glosada por Niedzielski e Preston (2003, p. 3) como a pobreza do dado (*impoverishment of data*).

Esta objeção blomfieldiana-laboviana indica uma espécie de repulsa epistemológica do dado popular, desalinhando-o do fazer ciência tradicional, *hard, maistream*, dentro do templo. Para esta corrente epistemológica, os dados linguísticos valorizados são aqueles chancelados por uma teoria linguística, independentemente de esses dados serem engendrados por um “falante ideal”, uma espécie de *avatar avant la lettre*, completamente asseptizado da sociedade que o constitui.

Os resultados, todavia, indicam que, na Linguística Popular, eles podem contribuir sobremaneira não só para uma discussão específica da relação entre a Sociolinguística e a Dialetoлогия – e suas relações com o campo discursivo, como também para uma discussão mais ampla dentro de uma teoria geral dos estudos da linguagem ou mesmo para as humanidades em geral, como é o caso da Antropologia e da Sociologia, por exemplo. Preston (2023) e outras contribuições indicam uma riqueza neste sentido, como é o caso de Koops, Gentry e Pantos (2008) e Albury (2021).

O segundo comentário (ou questão), observado a partir das diferentes práticas linguísticas, indica no Brasil a desperiferização dos sujeitos falantes brasileiros, apontando para os nossos temas, nossas “causas”.

A Linguística Popular, ao trazer para o centro do debate os metadisursos das pessoas comuns sobre a sua língua e a língua dos outros e, além disso, como esses saberes são partilhados pelos membros de uma determinada comunidade, coloca os sujeitos produtores desses discursos como coparticipes na produção do conhecimento. Entendendo esse último como a possibilidade concreta de uma mudança social. Esses sujeitos não são mais objetos do conhecimento (a sua língua em diferentes níveis e funções), mas sim os coautores desse conhecimento, cujo objetivo primeiro não é descrever, explicar ou interpretar o funcionamento linguístico, mas, por meio de suas práticas linguísticas, mudar a sociedade.

## Conclusão

Por fim, gostaríamos de destacar que a pergunta que muitas vezes se faz acerca desse campo de conhecimento é a da sua validade: o conhecimento em que se baseia a Linguística popular ou que produz é objetivo e digno de ser considerado pela Linguística científica?<sup>7</sup> Essa questão é essencial e foi feita entre outras vezes por Paveau (2008). No entanto, esse tipo de questão epistemológica eclipsa outra, talvez a mais importante: para que serve a Linguística Popular? Ela desempenha um papel importante na sociedade? Ou será mais um domínio/subdomínio nos estudos linguísticos, alheio a tudo o que se passa na nossa sociedade?

Entendemos que, para além de trazer para o centro do debate todas essas importantes questões, que supostamente estariam resolvidas no âmbito da Linguística científica, a Linguística Popular permite controverter o conhecimento produzido pelas ciências da linguagem, ou seja,

---

<sup>7</sup> Ver no livro *Linguística popular, práticas, proposições polêmicas: homenagem a Amadeu Amaral*, o capítulo intitulado “Linguística Ingênuas” de autoria de José Borges Neto (Ver Baronas; Cox, 2020).

mostra por um lado que a especialização não é o único critério que deveria ser levado em conta para que um saber seja aceito como válido ou não e, por outro, que os dados produzidos pelos linguistas populares, apesar das dificuldades de serem coligidos objetivamente, além de virem antes dos dados dos linguistas, são muito numerosos e riquíssimos e podem proporcionar à própria Linguística a elucidação de diversos fenômenos nos mais variados níveis de análise linguística.

## Referências

ALBURY, Nathan. Como os métodos da Linguística Popular podem fundamentar a Sociolinguística crítica. In: BARONAS, Roberto Leiser; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros; SANTOS, Júlio Antonio Bonatti (Orgs.). **Linguística popular**: contribuições às ciências da linguagem. Araraquara: Letraria, 2021, p. 79- 110.

BARONAS, Roberto; COX, Maria Inês Pagliarini (Orgs.). **Linguística Popular/Folk Linguistics**: Práticas, Proposições e Polêmicas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

BARONAS, Roberto Leiser; CONTI, Tamires Cristina Bonani; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros. **Linguística Popular/Folk Linguistics-Saberes linguísticos de meia tigela?** Campo Grande, MS: Editora da UFMS, 2021.

BARONAS, Roberto Leiser; GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros; SANTOS, Júlio Antonio Bonatti (Orgs.). **Linguística popular**: contribuições às ciências da linguagem. Araraquara: Letraria, 2021.

BARONAS, Roberto Leiser et al. Linguística popular: da contínua necessidade de integração e de precisão (Folk linguistics: the continuing need for integration and precision). **Estudos da Língua (gem)**, Vitória



da Conquista, v. 19, n. 2, p. 5-8, 2021.

BREKLE, Herbert E. La "linguistique populaire": est-elle un objet possible d'une historiographie de la linguistique ?. In: **Archives et documents de la Société d'histoire et d'épistémologie des sciences du langage**, Paris, Première série, n. 5, 1984, p. 47-59. Doi: <https://doi.org/10.3406/hel.1984.3341>. Acesso em: 11 set. 2021.

BRIGHT, Willian. (org.). **Sociolinguistics**. Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference. Haia-Paris: Mouton, 1966.

DE OLIVEIRA BONERMANN, Neila Barbosa; COX, Maria Inês Pagliarini. Mário de Andrade: Um (socio) linguista folk. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 4, p. 4271-4284, 2019.

GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros. A Linguística Popular e a Historiografia Linguística. **Revista da ABRALIN**, Aracaju, p. 609-620, 2021a.

GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros. Sobre a linguística popular de Mário de Andrade. **Cadernos de Linguística**, Campinas, v. 2, n. 4, p. e490-e490, 2021b.

GONÇALVES, Marcelo Rocha Barros; PIRES, Livia M. Falconi. Amadeu Amaral e a questão da identidade: uma pequena homenagem ao centenário d'O Dialeto Caipira (Amadeu Amaral and the question of identity: A small homage to the centenary of O Dialeto Caipira). **Estudos da Língua (gem)**, Vitória da Conquista, v. 19, n. 2, p. 119-137, 2021.

HYMES, Dell. **Studies in the History of Linguistics: Traditions and Paradigms**. Bloomington: Indiana University Press, 1974.

HYMES, Dell H. **Essays in the history of linguistic anthropology**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, p. 1-430, 1983.

KOOPS, Christian; GENTRY, Elizabeth; PANTOS, Andrew. The effect of perceived speaker age on the perception of PIN and PEN vowels in Houston, Texas. University of Pennsylvania, **Working Papers in Linguistics**, v. 14, n. 2, p. 12, 2008.

NIEDZIELSKI, Nancy; PRESTON, Dennis R. Folk linguistics. Local: Walter de Gruyter, 2003.

PAVEAU, Marie-Anne. Les non-linguistes font-ils de la linguistique?. Une approche anti-éliminativiste des théories folk. **Pratiques**. Linguistique, littérature, didactique, [s.l.] n. 139-140, p. 93-109, 2008.

PAVEAU, Marie-Anne. Linguística folk: uma introdução. BARONAS, Roberto Leiser; CONTI, Tamires Cristina Bonani; COSTA, Julia Lourenço (Orgs.). **Linguística folk**: uma introdução. Araraquara: Letraria, 2020a.

PAVEAU, Marie-Anne. Novas proposições sobre a Linguística Popular: metadiscursos militantes e crianças-linguistas. In: BARONAS, R.; COX, M. (Orgs.). **Linguística Popular/Folk Linguistics**: Práticas, Proposições e Polêmicas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020b.

PAVEAU, Marie-Anne; DA SILVA ESTEVES, Phellipe Marcel. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. Policromias - **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 21-45, 2018.

PRESTON, Dennis R. Methods in (applied) folk linguistics: Getting into the minds of the folk. **AILA Review**, [s.l.], v. 24, n. 1, p. 15-39, 2011.

PRESTON, Dennis R. Métodos em Linguística Popular (aplicada): o que pensa o povo? (Methods in (applied) folk linguistics: getting into the minds of the folk). **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 9-42, 2021.

PRESTON, Dennis R. **Dialetologia sem sociolinguística em seu cerne é uma relíquia**. Palestra, II Seminário Internacional de Estudos em Linguística Popular (SIELIPOP). São Carlos, SP, 2023.

YNGVE, Victor; WASIK, Zdzislaw (Ed.). **Hard-science linguistics**. London: A&C Black, 2006.

## **Minicurrículo dos autores**

Alba Valéria Tinoco Alves Silva

Doutora em Literatura Brasileira (UFBA, 2008), é professora associada da UFBA. Ensina na graduação e no PROFLETRAS, Produção de material didático. Tem projeto de pesquisa na área de Léxico e Ensino e na área de Humor. É autora de Deus e o diabo no humor das mulheres (EDUFBA, 2015) e co-autora de A história do Bicho-Folhagem (Prêmio João Ubaldo Ribeiro, CARAMURÊ, 2022). albavaleria99@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/0349420630031629>.

Amanda Chofard

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente, possui interesse na área de Sociolinguística e Dialetoleologia, desenvolve investigações vinculadas ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), principalmente no que tange aos estudos lexicais, e ao corpus coletado in loco pela pesquisadora para a elaboração do Atlas Linguístico da Rota dos Tropeiros (ALRT).

Ana Paula Silva

Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Londrina, Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Atua como Editora na Revista Boitatá e realiza pesquisas em Sociolinguística Variacionista com enfoque em Norma Culta e Identidade.

Andérbio Márcio Silva Martins

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (2011). Professor de Linguística na Universidade Federal da Grande Dourados, no curso de Licenciatura Intercultural Indígena – *Teko Arandu* e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Suas principais áreas de atuação e pesquisa são: Linguística Histórica, Linguística Descritiva e Ensino de Línguas Indígenas. Atualmente desenvolve pesquisas sobre as línguas Kaiowá e Guarani Ñandéva, ambas faladas na região sul de Mato Grosso do Sul.

Beatriz Aparecida Alencar

Professora do Instituto Federal de Mato Grosso do Sul e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutora em Letras pela UFMS-CPTL. Ministra aulas de Língua Espanhola (Centro de idiomas e Ensino Médio), Comunicação Linguística (Graduação) e Abordagens Pedagógicas (especialização lato sensu). Atua nos seguintes temas: Geolinguística, Dialetologia, Léxico e Atlas Linguísticos. Email: [beatriz.alencar@ifms.edu.br](mailto:beatriz.alencar@ifms.edu.br).

Camila Barili

Doutoranda em Letras, na área de concentração de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa Sociolinguística, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com projeto de tese sobre usos da língua de imigração talian na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul. É professora na rede pública de ensino, com ênfase em Língua Portuguesa. Possui experiência em ensino de Língua Inglesa e Língua Portuguesa como Língua de Acolhimento.

Elimária Oliveira Lima

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bolsista de doutorado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPE-MA). Integra a equipe de auxiliares de pesquisa do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua-PEUL (UFRJ) e é membra do Grupo de Pesquisa Langage & Catharsis (IFMA), na linha de pesquisa Sociolinguística. E-mail: elimarialima20@gmail.com.

Elisa Battisti

Professora associada do Instituto de Letras da UFRGS no Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária. Tem pós-doutorado em Fonologia pela Vrije Universiteit - Amsterdam e no Meertens Instituut. É docente e orientadora de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras na linha de pesquisa Fonologia e Morfologia e na linha de Sociolinguística. Desenvolve pesquisa principalmente sobre variação linguística como prática social e fonologia do português brasileiro.

Jamille Cardoso e Cardoso

Graduada em Letras - Língua Portuguesa (licenciatura) pela UFPA. Integrou o Protejo de Pesquisa Cartografia da Palatalização (2017 - 2019), desenvolvendo pesquisas de variação fonética no Brasil, seguindo os pressupostos teórico-metodológicos da Geossociolinguística. Especialista em Educação Especial e Inclusiva pela FAM em 15.12.2022. Mestranda em Estudos Linguísticos pelo PPGL/UFPA. Integra o Projeto Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm).

José Ribamar Mendes Bezerra

Professor Associado II da Universidade Federal do Maranhão, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras-Mestrado Acadêmico, no Curso de Graduação em Letras-Licenciatura e como Coordenador do Curso de Licenciatura em Letras/Português, na modalidade a distância. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Atlas Lingüístico, trabalhando, principalmente, com os seguintes temas: linguística, neurolinguística, língua portuguesa, língua falada e pesquisa.

Marcelo Rocha Barros Gonçalves

Possui graduação (1999), mestrado (2002) e doutorado (2012) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Atualmente é professor Associado do Câmpus de Coxim da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Câmpus de Três Lagoas.

Marcia Meurer

Possui doutorado em Letras, área de concentração Estudos da Linguagem, na linha de pesquisa da Sociolinguística, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2022). Professora Adjunta de Língua Portuguesa no Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão, Campus Balsas. Sua área de interesse na pesquisa é a variação regional do português brasileiro, com ênfase nos contatos linguísticos entre línguas e variedades ligadas aos temas da migração, colonização e história.

Neusa Inês Philippsen

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo - USP, pós-doutora pela Universidade de São Paulo - USP - e pela Universität Augsburg - Alemanha. Professora adjunta da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop, atuando nos programas de pós-graduação stricto sensu do Mestrado Acadêmico em Letras (PPGLEtras) e do PROFLETRAS. Tem experiência nas áreas de Letras/Linguística, com ênfase em Sociolinguística/Dialetologia. E-mail: neusa.philippsen@unemat.br.

Oséias de Queiroz Santos

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT); Mestre em Letras pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Graduado em Letras/Libras (Licenciatura) pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor EBTT de Letras/Língua Portuguesa/Libras do Instituto Federal do Maranhão (IFMA). E-mail: oseiasqueiroz5@gmail.com.

Regiane Coelho Pereira Reis

Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina e mestre em Letras/Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua na área de Linguística e Língua Portuguesa, com ênfase em Dialetologia, Geolinguística, Sociolinguística, Lexicologia, Lexicografia e Análise Textual.



Renan do Socorro dos Santos Borges

Mestre em Letras pelo Mestrado Profissional em Letras - UFPA (2023). Professor EBTT de Língua Portuguesa no IFPA Campus Altamira, integrando o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). Tem interesse na interface Léxico/Lexicografia e ensino de língua materna. E-mail: renanborges100@gmail.com.

Romário Duarte Sanches

Professor Adjunto da Universidade Federal do Amapá, com doutorado e mestrado em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará. Especialização em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Letras - PPGLET/UNIFAP. Desenvolve pesquisas nas áreas da Dialetologia, Sociolinguística e Contato Linguístico com foco no português brasileiro e português indígena (Karipuna do Amapá).

Este livro foi editorado com as fontes Crimson Text e Montserrat.  
Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>



ISBN 978-85-7613-697-2



 editora  
UFMS